QUADROS HISTORICOS

DE

PORTUGAL.

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO,

Bacharel Formado em Direito, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade Juridica da mesma Cidade, da Sociedade Litteraria Portuense, do Instituto Historico de París, da Academia Real das Sciencias e Bellas-Lettras de Rouen, da dos Ardentes de Viterbo, e da Arcadia de Roma.

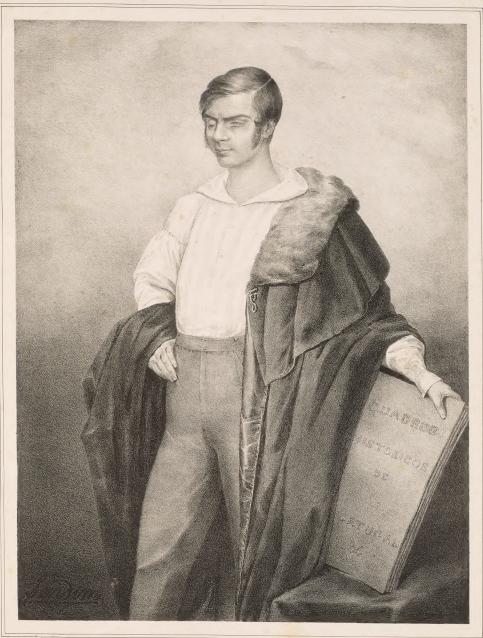
> Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
> Fantasticas, fingidas, mentirosas,
> Louvar os vossos, como nas estranhas
> Musas, de engrandecer-se desejosas.
>
> CAM. LUS. C. I.

LISBOA.

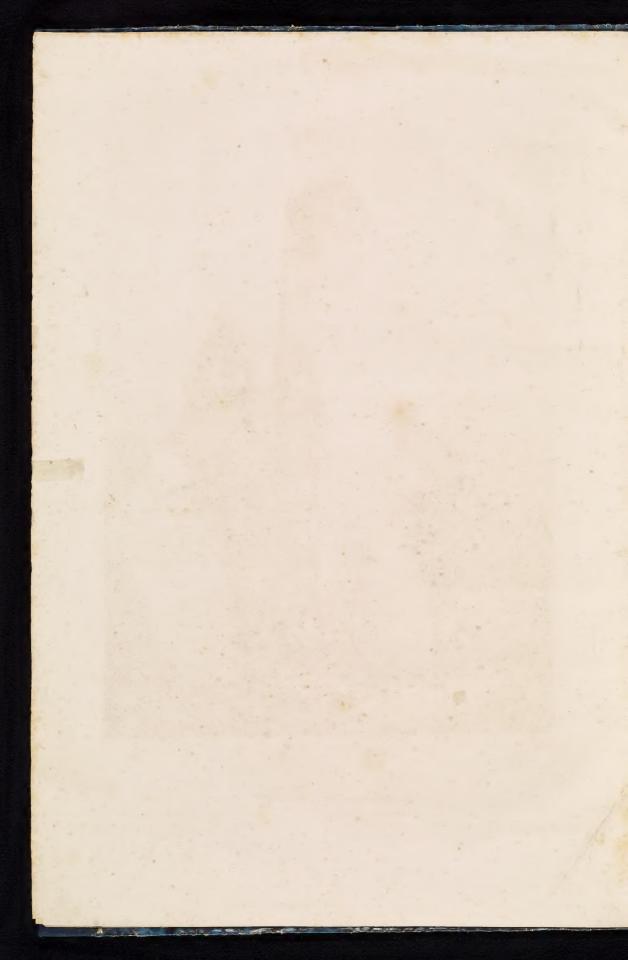
NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

RUA NOVA DO CARMO N.° 39 — D.

—

1838.

Lendim, de vista delineou e lith. — Off. Lith. de M.el Luiz, Rua Nova dos Martyres N.o 12

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

NASCEU EM LISBOA A 26 DE JANEIRO DE 1800.

PROLOGO.

ENTRA o anno de 1838 triste, carrancudo, mal assombrado; a carga dos maus annos defunctos o assoberba; sae como espavorido d'entre ruinas; multidão de caminhos e veredas desconhecidas se lhe presentam; a lanterna da esperança se lhe apagou na noite passada; perdeu a innocencia, seguro bordão do peregrino; e a nevoa de Deus lhe cerra todo o horisonte.

Onde ha ahi homem que, ao amanhecer do anno novo, se não assente uma hora juncto a esse outro marco de legua na estrada da vida, a ajustar contas com o passado, e a considerar por onde cortará ao longe o caminho que o aguarda? se pelas serras bravas e inhospitas, que divisa, se por valles de abundancia e verdura, que se lhe escondem! E esta hora de pausa, que bem houvera de ser para descanço, toda he repassada de tristeza, porque do espaço caminhado por nossas jornadas, raro trazemos, para brindar a pedra milliaria, uma flôr de algum apreço, quando de sobra vem as ramas de cipreste. E se isso he no que toca aos desabrimentos do mundo e fortuna para comnosco, peor he ainda a amargura de cuidar no como nós proprios nos houvemos para com os nossos semelhantes lesando-os, empecendo-lhes, ou quando menos disservindo-os, e certo desbaratando o maior dom de Deus, o thesouro dos thesouros, o tempo; matando o tempo, que nos podia fazer immortaes, e enterrando, sem remordimento da consciencia, a unica moeda com que homem póde comprar o proveito de outrem; condição solemne, com que a todos nos foi dada a vida.

Entrados assim a estreitas contas comnosco, determinámos aproveitar o novo anno em alguma obra de utilidade. Homens de mais vulto e forças, dotados de mais poderoso ingenho, e levantados mais alto, a si tomem, que lho não invejamos, o fundir e cunhar a seu gôsto os annos que hão de vir, calcular a torrente dos acontecimentos, resistir-lhe ou ajuda-la, encana-la, torcê-la, ou pôr-lhe diques; presumam poder, elles a quem essa mesma torrente arrasta, o que só cabe na alçada do genero humano e do tempo colligados, ou mais propriamente, o que só a Providencia póde: nós para o futuro não temos palavra alguma, e oxalá nem idéa tiveramos! Dos ermos do passado instituimos arrancar as pedras para um edificio, que hoje começaremos, dedicado ás Glorias, e portanto ás Saudades Portuguezas. Não será monumento grande, como cumprira, mas sim um abrigo, um refugio qualquer para os pensamentos affligidos de males, e atormentados de receios; uma sala de pinturas, com que quebremos os olhos a estrangeiros que, desprezando o que somos, se não lembram do que hemos sido; um como museu pompeiano, que nos diga: "Romanos fomos um tempo; e eis aqui aos olhos do sol as joias de que usavam nossos avós, emquanto lava de vulcão não submergiu tudo."

Rica mais do que nenhuma he nossa Historia: vão por ella os varões e feitos memorandos tão densos e apertados que, antes do que procura-los, nos será fadiga estremar d'entre elles os insignissimos. Com a historia inteira, qual e quanta he, nem a nossa penna se atreve, nem menos se atreveria a mór parte dos espiritos para quem vamos escrevendo: a tanta debilidade são chegados os estomagos e vontades dos que n'esta era lêem, que as lettras se lhes hão de dar coadas por quartos e meias horas, como fio d'arêa de ampulheta, e o mantimento da alma partido em pequeninos, disfarçado no sabor, e delido em espiritos de muita invenção. Houve livros, houve bibliothecas, houve uma grande gloria, e então houve estudos no mundo: ha hoje só folhas na arvore da sciencia, chamam-lhe Jornaes; toda ella se desata n'esse viço, todo o ar vai cheio do seu murmurinho, do qual hei medo não sirva só para aturdir e adormentar: verde he que alardea esperanças, mas quando e qual virá o fructo, de que nem ainda flor se enxerga que desabroche! D'estas folhas quer a moda, e já talvez a razão da necessidade, nos alimentemos, ainda que de si tão pêcas e mesquinhas, que a primavera de sua duração raro passa de um dia, apoz o qual se despegam, e sêccas, e confusas com tanto redemoinho de outras, se vão cair onde mais olho de homem as não descubra. Punham os antigos seus feitos e seus nomes em monumentos com que os annos se não atrevessem; confiâmolos nós a folhas! Assim correm as cousas: assim corram embora!

Emquanto pois outros escriptores, rebaixando por ventura suas almas bem nascidas, ahi vão talhando e dispartindo em fragmentos as theorias da moral, da philosophia e da politica, as noções e principios das sciencias e das artes, forcejaremos nós trazer, para espectaculo dos ociosos, os sujeitos e exemplos de melhores eras: arrancando-os das entranhas de sua colossal historia, faremos como os moradores do Egypto, que dos calados seios das pyramides traziam as coroadas mumias de seus avós, a reprimir com sua presença as sobejidões dos festins, com suas linguas mudas a prégar desenganos e sabedoria. Sairá a obra digna d'elles? não cuidamos; que a elles e a nós nos conhecemos de sobra. Será recebida e agazalhada de Portuguezes? sim o será, que ainda tanto os não degenerou a má fortuna, que se não prezem, como bem he razão, do nome de Portuguezes, nem por ora a nova philosophia, mercê de Deus, cuspiu, escarneceu e queimou a arvore genealogica dos povos como as das familias: pobre philosophia! como se por umas e outras se não empenhassem as mesmas razões de geral utilidade!

Para não desmerecermos o público favor, que o prestadio de nosso commettimento nos afiança, quizeramos poder lustrar, com todos os primores das artes e do estilo, obra que assim he rica de seu sujeito; resistem aos bons desejos, por uma parte a escaceza de nosso ingenho, e por outra a dos tempos, que para obras uteis se empeoram de dia a dia, á conta do grande numero das más e pessimas, em que estas definham e morrem afogadas. Comtudo faremos quanto em nós for por que a escriptura sáia grave, conceituosa ou florida, casta, suave e poetica, e sempre portugueza, como a requer portuguez assumpto, e tal que accommodando-se ás varias materias, lhes conserve, quanto possa, as naturaes côres, espirito e vida.

Ir-nos-hemos á ventura pelo reino da historia, como cavalleiro vagabundo, de coração sempre feito para passar das batalhas ás canas e torneios, de romper lança em favor da innocencia, a seroar conversador entre boa gente á fogueira aldeam; não recusando nunca, onde a occasião o requer, agora fadigas, agora desenfadamento de trovas e cantares, ja peregrinação ao templo remoto da romaria, ja tambem espairecer á sombra e entre amenidades.

Isto certo promettemos nós a pais e mãis, a educadores moraes e litterarios, e a quantas almas antigas escaparam do moderno diluvio, que por todas nossas paginas podem deixar recrear-se á vontade os olhos e animos da gente moça, que, se tambem temos andado pelos novos territorios da republica das lettras, nem lhes trouxemos de lá as modas extravagantes, nem (e muito menos ainda) vimos tocados de sua peste. Do estilo e conceito com que hemos de escrever, não he mister mais fallar, a obra o dirá; mas do estilo e conceito de que fugimos, alguma cousa será razão que aqui explanemos; e valha, se podér, por desculpa aos que por isso nos houvessem de taxar de acanhados. Faremos por ser justos.

A actual litteratura (onde a ha), em desconto de seus outros grandes peccados de scepticismo religioso e, o que mais forte e indesculpavel he, de scepticismo moral, tem introduzido e refinado muito conhecimento de relações das partes e individuos do mundo entre si; e d'ahi nos tem espremido para o coração uma quinta essencia mui pura de interesse e affecto universal, misturada com uma decima essencia subtilissima de egoismo esterilisador (não sei como diga, para que a entendam, a verdade que me abafa). Depois que a Musa se chrismou em Natureza, e largou por velhos os graves cothurnos, e fidalga palla do seu tempo; depois que se fez cosmopolita, liberal e plebea, prestes para tudo, para banquetes de cynicos sobre a lama ou nas tabernas, para a adoração profunda do Eterno; para dançar nua com as prostitutas, ou voar pelos alcantis e espinhos de todas as difficuldades ao cume de todas as virtudes; depois que disse na sua nobre ou delirante ambição « Tudo he meu » e cravou no meio do mundo espantado bandeira livre de conquistadora que, remontando pelos ceos, vai tremular por cima da cabeça de Deus; depois que olhou para o espectro do Passado, e lhe cuspiu na face, e riu; para o embrião do Futuro, e lhe atirou veneno, e riu; e disse ao Presente « Dança ao redor de mim, porque eu te abri o magestoso manancial de todas as dores impias » — e riu; levantou-se entre todos seus ministros uma grande confusão, porque se ouviram os gemidos do Porvir, os lamentos do Passado, as blasfemias do Presente. Uns, almas generosas nascidas para amar, disseram « Nós procuraremos salvar tudo isto pelo amor. » Outros, almas indomaveis, nascidas para o triumpho, disseram « Nós assignalaremos as rodas do nosso carro sobre estes tres cadaveres de Tempo. » E a Poesia lhes disse « Ide » e os bafejou a todos. O povo, que só das palavras alheas compõe a sua sabedoria, corre aos theatros a aprender como se consumma, explica e defende o adulterio, o incesto, a traição, o perjurio, o parricidio, o fratricidio, o infanticidio, o regicidio, o deicidio, horrores que o grande Solon nem quizera se julgassem possiveis, para lhes prevenir penas em suas leis; palavras de agouro e maldição que, semelhantes ás que uma antiga religião defendia, nunca haviam de sair de humanos labios. O mesmo povo abre livros, e n'elles se encontra com os mais formosos quadros de toda a imaginavel brandura. Por um ouvido, um demonio lhe sopra como se embotam os punhaes, para que a ferida seja mais vagarosa; como se farpam, para que mais doa; como se hervam, para que não sare; por onde se ha de embeber, e quanto sangue ha de manar, quantas fibras descozer-se, quantos gemidos e arrancos ouvir-se, com que gestos, com que sorrisos e palavras se ha de desesperar a agonia, como he que o pé se lhe ha de pôr sobre os olhos para que não veja o ceo. No outro ouvido, um Anjo lhe insinua que a felicidade toda assenta na paz interior, a paz interior na virtude, a virtude no amar sempre a todos e a tudo, no amar sem outro fim senão o proprio amar. Apparecem á porfia os sophismas do parricidio nos *Salteadores* de Schiller, e os extremos da affeição a um pobre cão no *Jocelyn* de Lamartine; os horrores de uma *Justina*, e as piedosas magoas de um *Leproso d'Aoste*; *Catharina Howard* e as *Prisões* de Pellico. Que digo? o mesmo livro, e quasi o mesmo momento, muitas vezes abrange e combina estas repugnancias: o famoso monstro litterario intitulado *Nossa Senhora de Paris*, por Victor Hugo, he um libello diffamatorio e infernal contra a natureza humana, e junctamente um Evangelho de amor materno. He a luta perpétua do Bom e do Mau Principio: são os dois extremos do homem, nefandamente amarrados entre si pelo genio do homem; imagem d'aquelle supplicio, inventado por um antigo rei da Italia, o despresador dos Deuses, como lhe chama Virgilio, o vivo abraçado com um cadaver, ligados todos seus membros quentes e palpitantes com os

membros hirtos e gelados de um cadaver, os labios que respiram e gemem pregados n'uns beiços mudos que exhalam morte, e os olhos que vêem sobre dois globos que olham sem ver. Esta he a incomprehensivel, a espantosa litteratura da nossa idade! Oh quem soltasse este vivo, por que o contacto d'este defuncto o não contaminasse! oh quem enterrasse este morto, porque a presença d'este vivo lhe não aggravasse a condemnação! Homens innovadores, sublimes, infernaes, romanticos, algozes do coração, da alma e da fé, que resplandeceis na vossa gloria como Satanaz em seu throno de fogo, eu escriptor desconhecido do mais pequeno recanto do mundo; eu, cujas galas poeticas são tão mesquinhas, que por minhas mãos as rasgo sem dó; eu vos despréso, e por uma fama sete vezes mais alta do que a vossa, por thesouros sete vezes mais fartos do que vos rendem as vossas frases magicas, não quizera ser o que sôis; que se assim como inventastes um veneno infallivel para cada virtude, não inventastes outro para a vossa propria consciencia, temerosa tem de ser a vossa ultima hora na vida.

Traz o gôsto me deixava agora ir de foz em fóra, sem reparar em que era isto, como diz o meu Luiz de Sousa, um *esgrimir no ar*, *dar golpes em vão*, *e emfim fallar com um penedo.* Outro dia e n'outro logar entraremos a contas, que citados ficam, e são horas de nos virmos recolhendo. — E a que era (murmurando está ja ahi a crítica) dissertação de poetica em prefacio de prosas? Com duas respostas acudo por mim. Uma: que se as reflexões que encetava contém verdade, verdade de consciencia, verdade para uso de escriptores, em nenhuma parte se lhes ha de negar cabida, e cumpre evangelizar a razão, como S. Paulo mandava prégar a fé, opportuna e importunamente; e que, pois o caminho do discurso me trouxe, não sei como, a passar pelo vallado d'este largo campo, não podia ser mal que por elle estendesse os olhos. Segunda: que ja hoje em dia me está parecendo não haver essa differença da poesia á prosa. A liberdade e igualdade que, para nivelar a face da terra, vão apagando a figura e pulverisando o ser proprio de tantas cousas, ja invadiram e senhoream a litteratura. A eloquencia e poética são escholares de S. Simão, junctaram em commum os seus haveres, e fizeram mais, que se transubstanciaram uma na outra. A prosa, que na jerarchia das ideas era o povo, levantou-se, e metteu em si todas as nobrezas, todas as licenças e arrojos, luxo e fasto, desenvoltura, amor á mentira, e consciencia larga de Senhores. A poesia, que era na ordem das ideas a aristocracia e monarchia, porque o Genio he verdadeiro Grande e verdadeiro Rei por direito divino, desceu, e ja consente em sua linguagem as pequenezas, os plebeismos, a infima conversa, o escrupulo de circumstancias nos factos, o rigor dos algarismos nas datas. Com esta revolução e confusão de propriedades, tem cada uma os bens e os males, os prós e os contras de ambas. Se pois a prosa he poetica, e a poesia prosaica, não se estremando senão pela igualdade ou desigualdade das linhas, deixemos ficar onde estão as reflexões que se leram.

A mãos experimentadas e mestras se fiou o cuidado de representar á vista, por via do desenho em pedra, os mesmos rasgos a que a penna se aventurar, para que aos incuriosos entre pelos olhos, como costuma, a cubiça da lição, aos applicados se firmem melhor na memoria os successos, não já relatados e lidos, senão vistos e presenceados. N'esta parte prometteremos largo, e mais afoutos que no tocante á obra de nossa penna: cada painel, sobre ser rico de seu escolhido assumpto, e formoso e cabal como cousa ja do Sr. Mauricio José Sendim, ja do Sr. Antonio Manuel da Fonseca, terá de mais o merito mui particular de estudada e escrupulosa exactidão em tudo o que possivel fôr de architectura, vestidos, armas, utensis e mais costumes: amplissimo trabalho este, para o qual não basta revolver copiosas bibliothecas, mas se necessita muito comparar, muito ouvir, muito discorrer, e alguma vez não pouco adivinhar; por onde nos vangloriamos que, posta a mão ultima ao nosso longo trabalho, haveremos tambem dado a Portugal a collecção, que ainda lhe faltava, de suas antiguidades, deduzindo-se e transformando-se successivamente pelo fio dos tempos.

Oh que bem nos cançaremos nós de escrever e de pintar, primeiro que esgotemos todas as gloriosas memorias d'este mimoso, fecundo, abençoado e bem invejado canto do mundo, que a tantas e tão remotas provincias d'elle deu e tirou reis, venceu e avassallou mares, estendeu as bandeiras de suas quinas, por uma parte alem da Aurea Chersoneso e ultimo Oriente, por outra até ás regiões encantadas e infinitas do Occidente austral, amansou povos feros, estendeu o commercio, dilatou a fé, e quasi não deixou parte no orbe onde não chegasse um resplandor de sua gloria, um echo das façanhas de paz e de guerra, com que seus filhos o afamaram.

Tal he a tenção e traça d'esta Obra. Moveram-nos a ella amor da patria que foi, dó da patria que he, sollicitude dos que n'ella virão depois de nós. Repitamos, que nunca o repisar taes ideas será demasiado: desencravado o mundo moral dos polos em que girou tantos seculos, revolvendo-se como em vertigem por espaços novos e desconhecidos e por entre luzes e trévas estranhamente misturadas, anceando sacudir de sobre si, como frenetico, todos os restos do passado, para se revestir de um porvir todo novo, sobrenadaremos nós, emquanto podermos, na assoladora e caudal corrente das novas cousas, alçando ainda com a mão fóra da agua, por que se não afoguem no esquecimento, os nossos Lusiadas, as lembranças, ao menos escriptas, de nossas magnificencias. Quadros formosos da Historia ornem sequer a nua e estremecida Casa Portugueza. Deu o tempo cabo dos tropheos, dos sceptros conquistados, do ouro tributario, das armadas que o traziam; desbaratámos nós costumes puros e castos, união de irmãos, vida de remanso e folguedos: pois gozemos ainda por este modo, como os mortos nos Elisios dos antigos poetas, umas imagens e simulachros vãos dos bens que se ja possuiram: aos dias turvos da realidade vá furtando a memoria algumas horas, e as doure.

Que Portuguez nos desagradecerá as piedosas diligencias? A todos elles appareçam bem vindas, como estreas do Anno novo, estas pinturas. Grandiosas são, porque representam homens que o foram; nossas, porque d'elles houvemos os nomes, o sangue e os bens; poeticas, porque tem maravilhas como as fabulas, e ainda algumas flores fabulosas, das que por si nascem em todas as ruinas antigas, luxo de cuja mór parte não as despojaremos, porque não somos dos que folgam de limpar do musgo dos seculos o marmore dos edificios anciãos, para que alvejem como o casal a que se hontem poz a mão ultima; moraes são emfim, e melhor em principio o houveramos posto; moralissimas são, porque desde o começo até aos nossos dias ainda a terra de Portugal se não tinha emancipado do espirito, e o Ceo apparecia sempre formando a parte mais bella e pura dos seus paineis. — Costume era do homem que sommou em si todas as glorias antigas e modernas, alargar muitas vezes seu pensamento immenso na lição de nossos fastos, e recommenda-los como aquelles que melhor exhalavam por todos os poros heroismo inspirador: bem era digno Napoleão de amar assim a Historia Portugueza; para banhar com delicias tamanha alma, era preciso um mar de gloria. Mas, quando nós mesmos prégamos e recommendamos a nossos irmãos e filhos os feitos de nossos antepassados, não he só, nem he tanto á conta do espirito bellicoso, como á conta do espirito moral e verdadeiramente christão, que nos desvelamos. Via elle na campa historica d'este povo, gravada de trophéos e epitafios honrosissimos, a pedra mais propria para afiar espadas a vencedores: namora-nos a nós a fragrancia pura, o cheiro, di-lo-hei, de casta santidade, que debaixo d'ella está saindo, exhalação balsamica do mundo velho, remedio milagroso, se o ha, para nos curar da corrupção e lepra que nos mata. Sim, este tempo he um grande tempo; grandes cousas tem feito e cousas ainda maiores nos promette: quem o negará? mas quem negará tambem que este seculo de grande cabeça e grandes mãos, he um seculo sem coração? que todo o seu trabalhar he terrestre? que a felicidade fisica e material, se a essa cabe nome de felicidade, que a vida positiva e a exterior se engrandecem e aperfeiçoam? que a sociedade aprendeu arithmetica e economia? que ás precisões naturaes e ainda a muitas imaginarias se acode com mais apurados meios e mais regalos? que para todos se dizem abertos os caminhos da fortuna? que todos podem concorrer, cada um segundo a sua vontade ou capacidade, para o arranjo da ordem publica e dos destinos mundanos e transeuntes de todos? Mas he o portuguez d'hoje mais contente comsigo, mais composto com o seu estado, que o portuguez d'ha duzentos annos, d'ha cem annos, d'ha trinta annos? Não me responderão labios, ou affirma-lo-hão; mas lá está em todos os corações uma voz de consciencia que murmura: « não. » Pois que falta, perguntaria eu a essas mesmas consciencias, que falta para que tão suadas fadigas d'esta geração produzam uma sombra de contentamento, que seria ao menos um simulachro de felicidade? falta a espiritualidade, sem a qual todos os commodos e bens são flores sem fragrancia nem virtudes; servirão para coroar a vida nos dias de festa, servir-lhe-hão para leitos de regalo, porem não para a enlevar interiormente, nem para a curar em suas enfermidades. Vivemos n'um mundo, na praça dos comicios, nos tribunaes, nos campos de batalha; na familia não vivemos: derramamo-nos pelos outros; não entramos em nós: matamo-nos sobre o que a fortuna dá ou tira, e rimos do thesouro intimo para o qual a fortuna não tem chave, nem a alhea malicia alavanca com que o arrombe: debruçamo-nos e estiramonos, quando muito, para a posteridade; mas não sabemos desenlear do tempo um só pensamento que remonte o vôo a um estado de permanencia, a um estado sublime e infinito para que fomos creados, pois he instincto procura-lo até dentro na vida onde elle não cabe. He um grande tempo este nosso, e brotará tempos ainda maiores; mas um tempo de felicidade não o he! Está ahi composto um painel de muitas formosuras, mas são mortas como as boas obras sem a fé: imaginai-as cercadas da crença que em nossos velhos sobrava; derepente realçar-se-hão todas, como os primores d'um painel, apenas se embebe nos reflexos da moldura dourada.

Os que dizem que a liberdade he tudo, mentem ou deliram, como já bom ingenho lhes declarou. Não he a liberdade mais do que um meio para um fim de felicidade temporal, como tambem não he senão meio a religião para outro fim de felicidade perpetua. Ora, assim como não ha separar no individuo o homem material do homem moral, e por mais que se aguecem os falsos philosophos, nunca lograrão convencer a consciencia humana para um brutal materialismo, cumpre forcejar por entretecer estes dois meios, Religião e Liberdade, que tão maravilhosamente se combinam entre si, para que essas duas felicidades se travem igualmente e se fortifiquem, segundo a sua natureza, uma pela outra. Cultivemos esta idade fecundissima, mas lembremo-nos que não somos chamados a lavrar e semear n'um mundo sáfaro e baldio: sobeja terra para a seara que nos ha de alimentar, para o pasto dos rebanhos que nos hão de vestir, para os bosques de que nos hão de sair navios e palacios, para os caminhos que nos hão de sociar; para que he preciso demolir o templo, onde o espirito se refrigera do cançasso do corpo, e derrocar os monumentos onde as eras se assentavam a relatar suas mocidades ou a doutrinar a multidão? — *Lisboa: 1 de Janeiro de 1839.*

COM AS ESPADAS NUAS E ALÇADAS PROCLAMAM OS PORTUGUEZES EM LAMEGO

A [illegible] MONARCHIA.

D. AFFONSO HENRIQUES.

PRIMEIRO REI DE PORTUGAL.

— —

CORTES DE LAMEGO.

> . . . . Os animos da gente
> Portugueza inflammados, levantavam
> Por seu Rei natural este excellente
> Principe, que do peito tanto amavam.
>
> CAM. LUS. C. III.

Com rudes, ainda que desveladas mãos, somos vindos a levantar edificio de glorias, que todo e em tudo devêra de ser primo, se não unico. Sobram para a obra os materiaes, fallece o tempo e a área assignalada para a edificação: mas nem o amor vê contrastes, nem com difficuldades se hão de acobardar animos resolutos. De Portuguezes foi sempre, ensinados por seu primeiro Rei, commetter os feitos com o coração, e não tomar o pezo ás victorias senão depois de havidas. Aberto está o alicerce, que este são para qualquer obra as boas vontades de quem a ha de fazer, e d'aquelles para quem se trabalha: lancemos ja n'elle, como moeda rica, sobre a qual irá crescendo depois a fábrica, um nome de Rei, tão Rei na fortuna e no coração, que a nenhum quer antigo, quer moderno, conceda vantagem. Este he o Senhor D. Affonso Henriques, Principe de esclarecida estirpe; favorecido da natureza com singular estatura e forças, clara denuncia do muito para que era nascido; não menos mimoso da Providencia que, sobre havê-lo prendado com alma tão gigante como o corpo, e atado a fortuna aos copos da sua espada, se aprouve de lhe ornar o quasi seculo da sua vida com tantas e tamanhas maravilhas, que não sem razão lhe dessem o nome de Santo os historiadores, e a posteridade lho confirmasse, festejando e invocando suas reliquias. Não nasceu Rei, senão maior do que Rei, como aquelle que de si mesmo havia de brotar a realeza: não tomou do berço a purpura, mas tingio-lha a victoria com sangue de infieis: não achou feito o sceptro, que de sua lança robusta lho houve de lavrar sua mesma virtude: não alardeava eras o seu throno, mas estreou-o elle, e no estrea-lo lhe imprimiu veneração que ainda hoje dura; throno a que lançou por fundamento o ferro de mais de trinta espadas de reis vencidos, como do ouro de mais de trinta coroas fundiu a sua.

Não he instituto nosso escrever sua vida, que não sabemos ousar com a escriptura o que elle logrou conseguir com as obras, isto he, abranger em pequenino espaço o infinito. Como dos Estados do grande Alexandre se formaram muitos reinos famosos, assim em muitas historias illustres se podéra dispartir a historia d'este Varão, em quem, porque nos podessemos gloriar de avantajados a Romanos, com tão melhores auspicios começou nossa monarchia, que em um rei unico nos deu a Providencia o que em Roma custou a caber em dois; a alma bellicosa e indómita de Romulo, o coração piedoso e pacífico de Numa. Lidou Romulo em guerras de conquistador toda sua vida; cerrou Numa as portas ensanguentadas de Jano, para abrir a seu povo as dos outros Numes da paz e da abundancia: de louro e oliveira viveu sempre coroado Affonso. Batalhava nos campos? era para a Fé e para Deus: orava nos templos que fundou? era para pedir e grangear novas victorias. E tão travados andavam em seu sujeito o sacerdote e o soldado, o exterminador e o restaurador, que maravilhados e confusos os animos, não acertavam differença-los. Romano, houvéra sido relatado no numero das Divindades Indígetes: Christão e Portuguez, como podia a imaginação de seu povo deixar de o cercar de uma nuvem de poesia e resplendores celestes?

Muitas historias poderam avultar da sua, dissemos nós, e com razão. O narrador de façanhas militares, cançaria escrevendo tantas batalhas: a de Guimarães seu berço; a sanguinosa e decisiva de Valdevez, que lhe submetteu o senhorio de Portugal; a recuperação de Trancoso; a defeza gloriosa de Coimbra; a tomada e retomada de Leiria; o rendimento de Torres Novas; a jornada incrivel e milagrosa de Ourique; Santarem, a guerreira, forçada e levada n'uma noite; Sacavem, a quem a espada varreu de Mouros e desassombrou de seu temeroso castello, para abrir o passo á conquista de Lisboa, conquista que por si só está offerecendo uma cabal e magnifica epopéa; as luas mouriscas em breve praso eclipsadas em quantas villas e castellos desde Lisboa até Leiria alardeavam ufania; a poderosa Alcacer do Sal, gentilmente firme contra um cerco porfioso, e mais gentilmente rendida aos pés da cruz; Béja humilhando a soberba de suas muralhas e torres; Cezimbra, que emvão se defende; el-rei de Badajoz poderoso, Palmella e seu castello inexpugnavel, pasmado do pequeno numero que os vence; Evora, nobre façanha de Giraldo sem pavor; Moura, Serpa, Alconchel, Coruche, e a cidade d'Elvas arrebatadas na corrente das victorias; tantas asperas lides com el-rei de Leão; a traição da Fortuna ás portas de Badajoz, Affonso pela primeira e unica vez captivo, mas de seu inculpado revez tirando por suas virtudes com que melhor ao diante se afamasse; o destroço e morte do capitão arabe Almoleimar, dos reis Alboazem de Tangere, e Albaraque de Sevilha, quando o Rei ancião, saltando de seu carro, combateu, a pé, e peito por peito, como soldado; e outras galhardias, ja do Infante seu filho, ja de seus capitães, que em todos ressumbra o valor quando nos reis o ha: a entrada por Andaluzia até Sevilha, com grande desbarate dos Sarracenos; a derrota do filho do imperador de Marrocos perante os olhos de Abrantes; destruição de Radavam; Fuas Roupinho vencedor em terra, e duas vezes vencedor no

mar, como quem abria ja, com este primeiro exemplo de navaes triumphos, o caminho aos que mais tarde se deviam de colher por tanto mundo; e emfim a grande e temerosa batalha em que os nossos Capitães, Principe e Rei arrancaram com poucas mãos a mais fastosa palma de guerra que nunca se viu, defendida, segundo he fama, por centenares de mil homens do Miramolim de Marrocos, e de treze reis mouros seus vassallos e alliados. — Em todos estes rasgos, sem medo podia o escriptor derramar sua admiração, porque, ainda que o tempo, como costuma, engrossasse depois os successos, encarecendo por uma parte, por outra attenuando o numero dos pelejadores, sempre comtudo fica certo que, sem extremadissimo valor e muita constancia, se não podiam tomar terras guardadas por filhos seus, e bellicosos como os Mouros; postas em paiz que, por sua fertilidade e temperada condição, muito era para amores de seus donos; fortificadas com todos os meios que a sciencia d'aquelles tempos ensinava, e por tal arte que ainda hoje duram e irão adiante assombrar outras gerações; mais fortificadas ainda pelo odio religioso que, nos Mahometanos accommettidos, não devia ser menos poderoso que nos Christãos accommettedores; e, o que mais he, tomadas sem o soccorro das artilharias, que ainda então não eram, e tendo os peitos e os pulsos dos combatentes de voar ao alto das muralhas, onde hoje mandamos voar as balas e bombas.

O historiador ecclesiastico, houvera de referir fundações, inda hontem desmesuradamente prodigiosas, solidão hoje, amanhã ruinas, para o futuro saudades, que assim he o theor do humano espirito: o votivo convento de Alcobaça, cuja fábrica foi cançando as fôrças, sem cançar as vontades de tantos reis e principes, e cuja dotação, tão ampla como os horisontes, só foi menor que o coração de Affonso: o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que elle fundou e dotou não só para joia e espiritual reparo de sua côrte, que então era n'aquella cidade, mas para retiro de seus religiosos pensamentos, para commercio com Deus nas horas em que repousasse de bemfazer aos homens, e emfim para leito ultimo onde esperava dormir no Senhor: o de S. Vicente de Fóra em Lisboa, sumptuoso relicario do Santo Martyr (de cujos corvos e navio deu armas á cidade), e jazigo, que depois havia de ser, de tantos principes e reis seus successores: e com estas, quantas outras fundações, restaurações, dotações e grossas esmolas a Conventos, a Igrejas, a Collegiadas! Restaura as Cathedraes de Lamego, Viseu, Evora e Lisboa, e lhes põe os primeiros Bispos. Querendo emfim imprimir em obras suas as duas diversas naturezas de que a sua se compunha tão avantajada, cria ou introduz, melhoradas e engrandecidas com rendas e favores, as Ordens, ao mesmo tempo religiosas e cavalleiras, dos Templarios, de Avis, da Ala, de S. João, e de Santiago; Ordens, cujos claustros fossem quarteis e fortalezas, e as trincheiras e campos templos de oração; sublime enlace das duas mais sublimes milicias, a dos christãos e a dos heroes, dos conquistadores e dos martyres; arvore extraordinaria, que só um seculo de fé podia produzir, e só eras de fé podiam manter, porque na terra sustentava a raiz, emquanto a melhor parte de sua florecencia e fructos erão no ceo. Oh que grande era a alma de Affonso! Disséreis que no mundo e na vida não cabia sem se estender de continuo para fóra d'elle e d'ella, para a eternidade! E que bem que tremulava em mãos de Alferes seus a bandeira (que ainda ao menos possuimos)! não flores, não aguias, não leões coroados, mas o emblema da redempção, hasteado na lança das batalhas!

O Publicista, o Economista politico, o Antiquario, o Genealogico, em summa todo o genero de letrados, achariam, para compilar fartos volumes, o nascimento da Monarchia; titulos de sua independencia e dominios; a interior organisação do Estado; o influxo moral, espiritual e temporal da sua sujeição a Roma; a verdadeira indole da Nobreza e Clero d'aquelles tempos, o que valiam e cabiam com o Rei, o que pezavam ou serviam ao Povo; as diversas Magistraturas e sua força; as leis civis, criminaes, militares e canonicas, suas fontes e philosophia — qual o systema dos tributos, a condição da agricultura, e o começo ou o estado das artes; as moedas e interior commercio do reino: os trajos e costumes; o que dos Mouros conterraneos, quer em paz, quer em guerra, quer depois em servidão e recebidos no tracto domestico, se deveu tomar de genio, de usanças, de modas, de festas, de sciencias, de superstições e de lingua; as fundações de villas e castellos: — as raizes ou ja troncos de tantas familias, que ainda hoje permanecem, veneração grande por natural e íntimo consenso; emfim a multidão de homens celebres que n'aquelle reinado floreceram. Obras estas montanhosas, e fadiga de largos dias e noutes para quem as houvesse de rematar, pelo que se havia de entranhar, com luz frouxa muita vez e incerta, pela mina dos documentos de côrtes, foraes, escripturas de doações e fundações, cartas, testamentos, fragmentinhos poeticos, livros arabes, chronicas e historias nacionaes e estrangeiras. E de nenhum ulterior reinado seria mais para folgar se commettessem e levassem a bom fim taes investigações, do que d'este, porque d'esta serra escondida de antiguidade, que nos lá fica entre os seculos onze e doze, corre a fonte de muita parte do nosso ser pelos tempos adiante.

Recuâmos nós encolhidos, de tanta immensidade: fitar-nos-hemos em sós alguns quadros. Razão nos pareceu tomar, para primeiro, que de sua historia offerecessemos, o que ahi se descobre.

Ja pela famosa batalha de Valdevez, e não sabemos se por algumas posteriores, era o poder de Affonso bem seguro em muitas e boas terras de Portugal. A justiça do ceo, manifestada pelas armas, tinha destramado, antes cortado para sempre, as intrigas ambiciosas da Rainha D. Tareja. El-Rei de Leão e Castella embainhava, para descançar, a espada vencida; e todo o norte nos repousava desassombrado de medos de Hespanha. A espada do vencedor, que nunca soube entrar em bainha, fôra continuar victorias no sul. A milagrosa jornada de Ourique, onde, com só treze mil Portuguezes, desbaratára quinze regulos, cinco reis seus superiores, e Ismar cabeça de todos, o tinha saudado ja Rei, por acclamação unísona de seus soldados e capitães. Era isto bastante para a fôrça, não o era para a razão: com os que o victoriaram monarcha podia sustentar o titulo, mas não o conservaria se não fosse á boa mente de todo o seu povo. Era no remanso da paz e apoz uma deliberação madura, e com a maxima liberdade de votos, que elle entendia poder-se tornar valioso um nome que o lisongeava, porque para elle era synonimo de Pai, mas que só lhe tinha resoado aos ouvidos entre estrépito de tambores e clarins. Deus que inspire o Povo, e o Povo que decida, que só assim se fazem os primeiros Reis.

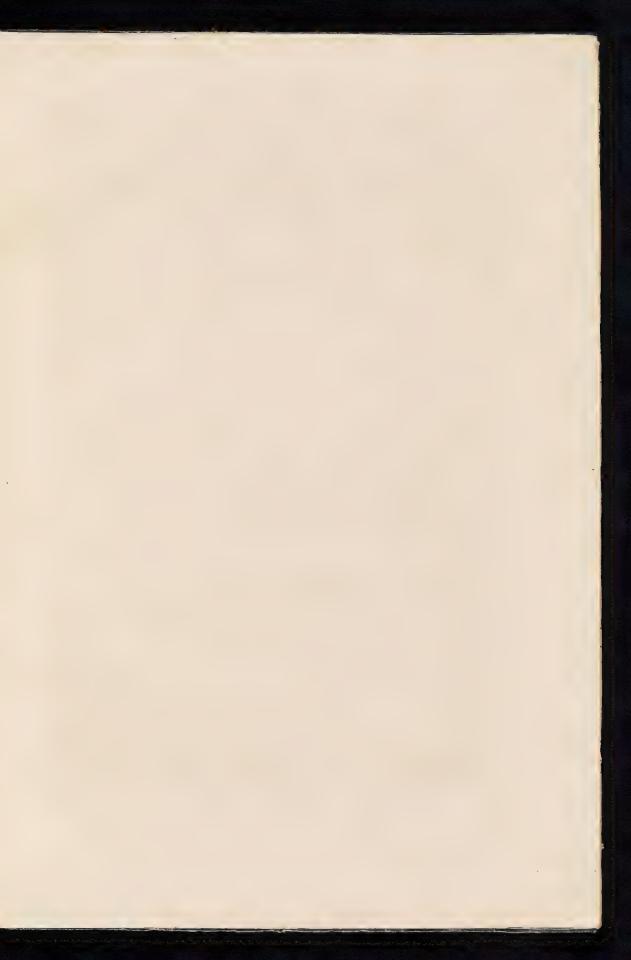
Na Igreja de S. Maria de Almacave em Lamego, se congregam com a maior pompa que o tempo consentia, e com toda a que requeria o presente caso, pelo Clero, o Arcebispo de Braga e os Bispos de Vizeu, do Porto, de Coimbra e de Lamego, alguns dos quaes das mãos de Affonso deviam ter recebido o baculo e o rebanho christão; e grande multidão de Abbades, Clerigos e Monges, que a elle ou a seu Pai deviam casas, doações e esmolas. Por parte da Nobreza, os que a tinham ganha á ponta da lança, ou nas conquistas do Conde D. Henrique, ou nas suas proprias façanhas, e que para o futuro se deviam ainda grandemente illustrar; os Officiaes de sua casa, e chegados á sua Pessoa, que bem he de adivinhar quaes seriam. E por parte do Povo, os *Procuradores da boa gente*, cada um por suas cidades e villas. Toma Affonso logar no Throno, mas sem nenhuma insignia de Rei: ao lado, e mais abaixo, lhe está Lourenço Viegas, seu Procurador. Invocada a Trindade Santissima, « Eu Affonso (diz em pé o Principe), eu Affonso, filho do Conde Henrique e da Rainha Tareja, neto do grande Affonso, Imperador das Hespanhas, e por mercê de Deus, pouco ha levantado a Real Throno: ja que Deus me ha concedido repousar, e nos deu victoria dos Mouros nossos contrarios, e pelo tanto ja podemos agora tomar algum fôlego; por que não viesse a succeder fallecer-nos depois o tempo, vos convoquei a vós todos, quantos aqui sois. » — N'este passo os nomeou do primeiro até ao ultimo, começando pelo Arcebispo de Braga; e sentou-se no solio.

Levanta-se Lourenço Viegas, e diz: « O Senhor D. Affonso, ja Rei por vós acclamado em Campo de Ourique, vos congregou para haverdes de ver as Lettras do Padre Santo, e declarar se sois contentes com ser elle Rei nosso, conforme n'ellas o appellida Sua Santidade. » — « Queremos que seja Rei nosso » clamaram todos a uma voz. — Proseguiu o Procurador: « Como quereis que seja Rei? elle e seus filhos, ou só elle? » — E todos responderam: « Elle, em quanto vivo for, e depois que nos fallecer, logo seus filhos. » — « Pois que assim o quereis, accrescentou o Procurador, dai-lhe vós outros a insignia. » — Ao que todos acudíram: « Em boa hora lha demos, e vá em nome de Deus »

Levantou-se o Arcebispo de Braga, e tomando das mãos do Abbade de Lorvão uma boa coroa de ouro, toda resplandecente de pedraria, presente que ao mosteiro haviam dado os reis Godos seus primeiros donos, a cingiu, ajudado de todos os mais, na cabeça d'El-Rei. E El-Rei, surgindo outra vez, com a mão cerrada no punho da espada nua, companheira que nunca o desamparára em guerra (ficou guardada para reliquia, e ainda a não destruimos nós), disse: « Seja Deus bemdito, que assim me ajudou! Com esta vos livrei, e venci a nossos inimigos; e vós sois os que me heis levantado por vosso Rei e companheiro. E pois que assim he, e vos praz, Mando que se façam leis, por onde nossa terra se logre de boa paz. » — E todos responderam: « Assim o queremos, Senhor Rei, e praz-nos constituir comvosco leis, segundo melhor vos parecer: nós todos, com os nossos filhos e filhas, netos e netas, ja d'aqui nos temos á vossa obediencia. »

Chamou El-Rei para logo os Bispos, Nobres e Procuradores, e fizeram junctos as Leis ácerca da herança do reino. Leu-as Alberto, Chanceller d'El-Rei, a todos; e todos disseram: « Boas são, justas são; queremo-las por nós, e por toda nossa descendencia, depois de nós. » —

Disse então mais o Procurador d'El-Rei: « O Senhor Rei me manda que vos pergunte se quereis que se façam leis da Nobreza e Justiça! » — E todos responderam: « Em boa hora se façam, que nos praz, e vá em nome de Deus. » — Como se fizeram umas e outras, e as leu separadamente o Chanceller Alberto; de cada uma das vezes, tendo-as bem ouvido, clamaram todos á uma: « Boas são, justas são; queremo-las por nós, e por toda nossa descendencia, depois de nós. » —

E disse por derradeiro o Procurador d'El-Rei Lourenço Viegas: « Quereis que o Senhor Rei vá ás Còrtes d'El-Rei de Leão, ou lhe pague tributo, ou a alguma outra pessoa, afóra o Senhor Papa, que o appellidou Rei? » — A esta voz surgiram todos, e com as espadas nuas e alçadas, gritaram: « Lívres somos, nosso Rei he livre, só ás nossas mãos devemos a nossa Liberdade: e qualquer Senhor Rei, que em tal consentir, morra por ello; e se ainda não for Rei, nunca em nenhum tempo possa vir a reinar sobre nós. » — Aqui El-Rei coroado, se ergueu outra vez, e floreando na direita a espada nua, disse para todos: « Quanto hei lidado por vossas Liberdades, assaz o sabeis vós. Por testemunhas vos tomo, e por testemunhas a este meu braço e espada; se alguem em tal consentir, morra por ello; e a ser filho ou neto meu, não reine. » —Todos disseram: « Boa palavra, morrerão: Rei, que em alheio dominio consentir, não será de nós soffrido uma só hora no throno. » — Ao que El-Rei poz remate, com dizer: « Assim se faça. »

ASSIM DESEMPENHA D. EGAS MONIZ A SUA PALAVRA.

D. EGAS MONIZ.

> Vendo Egas que ficava fementido,
> (O que d'elle Castella não cuidava)
> Determina de dar a doce vida
> A trôco da palavra mal cumprida.
>
> Cam. Lus. C. III.

I.

A VIRTUDE e a fortuna, a piedade e a valentia houve-as no mundo em todos os tempos, porem mal avindas entre si, derramadas e solitarias. N'uma era, e talvez unica, permittio a Providencia que se congregassem em logar seu, digno de as receber: este logar foi Portugal, foi aquella era o comêço da Monarchia Portugueza; a qual, semelhante áquella Deusa, de gentios fabulada para Nume de valor e sabedoria, como que brotou da mente divina, ja adulta, ja armada, virgem casta e formosa, sempre cubiçada, e sempre livre, e sempre triumphante. Que muito não sería para folgar (antes para gemer) se podessemos nós agora, a cabo de setecentos annos revolvidos, recompor inteira, aviventar com o estilo, concertar e ataviar de todas suas circumstancias aquella veneranda sociedade e vida exforçada, christã, e gloriosa de nossos maiores! mas tão cerrada e cega caío ahi a nevoa da ignorancia e descuriosidade de antigos, que do Portugal, como do resto da Europa d'esses tempos, enchergamos os principaes feitos, no demais rastreamos probabilidades e conveniencias; e como o esculptor antigo, por estudo de proporções e harmonias cinzelamos completo o animal, de que não vimos senão a garra. Muito para aquem ou para alem alumia e brada a historia: ahi porem balbucia apenas, e tropeça, e estende os braços pelas trevas: verdade he que em quasi tudo o que topa, palpa grandezas e formas colossaes, que ora são a columna robusta do templo, ora o peito de aço de um gigante cavalleiro, outr'ora um sceptro que sem mão valia a sustentar-se firme em pé com o proprio pezo. Quiz Deus que d'esses dias maravilhosos, ainda que rudes e semi-barbaros, soubessemos alguma cousa para nos encendermos no amor de muitas virtudes, mas não lhe approuve que tudo soubessemos para não esmorecermos de ver a nossa pequenez.

Acclamado deixámos ja, e confirmado Rei primeiro de Portuguezes o verdadeiramente Alto e verdadeiramente Poderoso Senhor D. Affonso Henriques. Por ahi nos pareceu começar, ainda que outra cousa nos estivesse requerendo a razão dos tempos. Ja temos seguro e famoso o reino pelo Rei, vejamos agora, seguro e famoso o Rei pelo valído. Grande e mui grande estranheza he ja esta, e muito para ser notada e estudada de valídos e reis como he notada e sabida do entendimento e experiencia dos reinos. Não foi D. Egas Moniz um valído com seu Rei como os outros valídos, nem Affonso um Rei com o seu valído como os outros Reis: uso he dos Principes escolher para privados seus os com quem melhor conformarão na idade e inclinações, e muitas vezes nos vicios e desmanchos; inspirar-lhes ou intimar-lhes os conselhos e arbitrios que lhes hão de dar; levanta-los e engrandece-los por vaidade ou interesse proprio; quebra-los e destrui-los na primeira hora de revez da fortuna, ou como victimas de propiciação, ou por despeito, ou porque n'outro rosto que respondeu ao seu surriso, n'outros olhos que namoraram os seus, vislumbraram mais condescendencias, mais ardis, ou mais determinadas afoutezas para bem servir. Este foi e será sempre, inda mal, o uso dos Principes: o dos cortezãos he rastejar, torcer-se, insinuar-se para romper chegar e subir; tomar todas as cores e figuras de agradar; desatar-se em lisonjas e promessas; immolar a justiça ao proveito, a consciencia ao gôsto, o Estado ao Imperante, e o Imperante, em convindo, ao egoismo proprio. He um tráfico mutuo de mentira, em que um finge respeitar a soberania, o outro o talento ou a virtude, e um a outro se desprezam com razão, porque um e outro são instrumentos em mãos refalsadas. Quasi sempre a historia dos mimosos dos potentados vai cerrar-se n'um capitulo de desenganos, e ás vezes de sangue: quasi sempre tambem a vida dos monarchas, se se estende e mette pela velhice, acaba em dias de solitarios arrependimentos. E comtudo de tão repetidos exemplos nada tomam os que mais importára que os soubessem, e só os estudam e decoram os que d'elles não tem que fazer, que são os povos: e d'ahi vem o descredito dos Grandes, as murmurações surdas, depois os clamores, depois as tempestades; e os thronos de seculos desabam, e á tyrannia succede muitas vezes a licença, e outra tyrannia nova, ou muitas tyrannias. — Pasçamo-nos, para instrucção nossa, edificação de nobres, e gloria da patria, nas saudosas memorias que o tempo nos deixou d'este Cavalleiro *honrado e bemaventurado*, segundo o appellidam as historias; cuja prosapia esclarecida se alonga e some pela noute dos tempos; cuja descendencia se perpetuou até nós, creando ou melhorando quantas fidalguias existem nas Hespanhas; e que, em meio de tantos ascendentes e descendentes gloriosos, ainda avulta mais por virtudes do que por sangue, pela alma do que pelo nome, pelo que fez e foi do que pelo que a fortuna foi e fez com elle; e ver-se-ha, quando lhe houvermos recopilado as principaes excellencias, como parece tê-lo a Providencia concebido, talhado, e posto de sua mão juncto ao throno nascente de um Rei tão seu como Affonso, e em terra tão sua como Portugal!

II.

Quaes fossem remotissimamente os ascendentes de D. Egas Moniz; nem os historiadores concordam, nem he ponto facil de averiguar, nem que o ommittamos faz isso nada ao nosso proposito. Ou da Gascunha procedesse a sua estirpe, como querem muitos, ou segundo melhor nos contenta acredita-lo, fosse ja ella portugueza de tempos antiquissimos, sempre para todos fica fóra de dúvida terem sido seus maiores gente de muita conta por geração, virtudes e exforço. Ainda o Conde D. Henrique, pai que depois foi d'El-Rei D. Affonso, não era vindo a Portugal guerrear mouros, e tomar-lhes terras para accrescentamento de dote de sua mulher D. Tareja e senhorio seu, quando ja de tres gerações dos Gascos ou Gastos, que de um ou de outro modo appellidam as chronicas a esta familia, se faz gloriosa menção. Terceiro avô do nosso Cavalleiro fôra aquelle valoroso D. Moninho Viegas, que em tempo de D. Ramiro III de Leão, pelos fins do seculo X, entrára a barra do Douro com uma armada de aventureiros que da Gascunha trazia: apossou-se do Porto então destruido, restaurou-o, e lhe poz por bispo um irmão seu D. Sisnando; e continuou accomettendo e rendendo os mouros largamente senhores das terras ao norte do rio, d'onde a elle lhe veio o senhorio, e a seus descendentes ao diante, juncto com o mesmo senhorio, o appellido *de Riba do Douro*. Um dos filhos d'este capitão (ja se chamou, como o nosso, Egas Moniz) accrescentou o herdado lustre das armas com o esmalte de sangue real, casando com D. Toda Hermigues Alboazar, bisneta de outro mais antigo D. Ramiro, Rei de Leão. Nasceu d'este consorcio D. Hermigio Viegas, que no patronímico de ambos seus nomes, está descubrindo ambas suas nobilissimas linhagens: e he este o pai de D. Moninho Hermigues, de cujo casamento com D. Moninha Dona Ouroana nasceu o grande D. Egas Moniz. — Que arvore genealogica tão alterosa e vasta para quem a podesse toda abranger desde as pontas dos infindos ramos, que ainda em nossos dias florescem, até ás grandes raizes, enredadas entre as ruinas das idades! Que venerando todo não formaria, quando na curtissima parte que d'ella ahi agora enxergámos pendem mitras, espadas de conquista, coroas; e não quaesquer coroas, senão da mais fina nobreza, da raça Goda, da raça de Pelagio, e Rodrigo!

Impõe a nobreza hereditaria obrigações grandes: não as entendem os que a não tem, por isso a motejam. Um nome afamado por avós he onerosa herança que, se dá em mãos que se não queiram infamar desbaratando-a, nem os respeitos, nem as riquezas tão invejadas a compensam. A todos incumbem deveres da natureza e da sociedade: mas ao grande incumbem demais os deveres da fidalguia. A vida do plebeu tem juizes contemporaneos, a do nobre tem alem de juizes contemporaneos, juizes no futuro, que lhe hão de tomar contas quando ja se não possa defender, e juizes terriveis dentro nas pedras dos monumentos carregados de brazões de virtude e exforço. He o bom nobre (embora pêse a philosophos sem pai, e o que peor he, a philosophos sem philosophia) he o bom nobre homem superior ao vulgo; assim como o máo nobre (embora lhe pêse a elle) he menos que o vulgo, e tanto mais pequeno de si, quanto maiores eram as pompas que lhe deixaram, porque só por essas he que o mundo os ha de medir. —Tudo isto alcançou certamente aquelle subtilissimo animo e magnanimo coração de D. Egas, o qual em todos os lances de sua vida fez sempre tanto, que muito mais pagou a seus progenitores do que lhes devia, e muito mais emprestou a seus netos do que estes lhe poderão nunca pagar todos junctos.

Antes de nascido, e ainda muito antes de gerado D. Affonso, começaram os serviços que a elle e ao futuro reino fez D. Egas. Quando por terras de Portugal mourisco vinha entrando com a espada dotal em punho o valoroso Conde D. Henrique, ja, como quem sem o saber alargava casa para tamanho hospede, lidava, vencia e desapossava infieis o bom D. Egas, imitador certamente e companheiro das façanhas pater-

nas. — Largo mar de Mourisma trasbordou de Africa sobre a antiga Lusitania e Hespanha. Diffusamente esvoaçam por todos os ares, nas planicies, nos outeiros e nas serras, nas mesquitas, nos Paços, nas alcáçovas, nas muralhas, nos castellos, os estandartes do crescente, que um Profeta victorioso e conquistador parecêra fadar á victoria e á conquista; e o solo que defendido de antigos Lusitanos, tanta vez engolíra os esquadrões do Povo-rei, e as aguias do Capitolio, voadoras impunes de todos os ceos, como que endurecêra sobre tão magnifica sepultura; deixava-se pisar dos pés altivos do soldado Agareno, pascer dos seus cavallos da Arabia, sulcar dos seus bois de Barberia, opprimir-se de seus baluartes eternos, affrontar-se de suas ruas serpeadas e estreitas, furar-se para suas estradas subterraneas, minar-se para dar ouro aos cabos dos alfanges, ao recamo dos turbantes dos régulos, á compra das captivas formosas, ás arrecadas e braceletes das concubinas: emfim, este solo, tão senhoril outr'ora, dormia somno de cançado ao som do pregão nocturno do almoaden no alto das mesquitas, dos cantos de *Salá*, dos açoutes dos christãos escravos, dos alaudes e trovas dos namorados por baixo das gelozias dos harens, e dos suspiros e das penas d'aquellas rivaes esposas de um só marido. — Este era o paiz que nós habitâmos, onde de uma era de vergonha nos manaram saudades deliciosas: tanto póde a convivencia até de inimigos! saudades semeadas na linguagem, saudades nos arruinados monumentos que assignalam o territorio como cicatrizes em costas de escravo liberto, saudades em festas e usos, e até saudades de avareza e de amor nos sonhos dos thesouros sotterrados, no apparecimento das formosas mouras encantadas, que ainda vem juncto de nossas fontes alisar com pente de ouro as tranças negras, ao primeiro raio da manhã santa do estio. Era aqui a casa grande de prazer e espaçoso jardim da Mauritania: com ferro a haviam comprado, por todo o ouro a não houveram vendido. E se abundassem por cá os palmares; se pelas charnecas se visse atravessar o camelo; se a calada da noute se quebrasse ao longe com os ruidos do leão ou da hyena; se um quasi nada mais quentes bafejassem as virações, cabal lhes sería a illusão da patria, que ja por tantos outros modos o era sua. — Como ilha rasa por entre ondas, que de perto e de longe por toda a parte lhe murmuram destruição, lá se descobre para o norte uma porção de boa terra christã liberta: desde as frescas varzeas do Mondego se estende, e corre até para alem das alcantiladas ribas do Douro: da visinha Galisa lhe veio nome a toda ella: he a terra de Gessen alumiada do ceo no meio de todo o Egypto anoutecido. — De sua politica organisação pouco ha saber: parece comtudo a quem agora as vê de longe, que muito por essa parte se deviam de assemelhar a Sociedade Christã e a Mourisca. Uma e outra são complexos de varios e distinctos senhorios, sujeitos lá a seus régulos, cá a seus Consules ou Condes e Ricos-homens: os régulos mahometanos governados para um fim geral de segurança e conquista por um cabeça que reside em Africa; os Consules ou Condes e Ricos-homens governados para um fim geral de conservação e conquista por outro cabeça em Leão: os primeiros unidos em um só espirito, o do Alcorão, os segundos unidos em um só espirito, o do Evangelho: uns e outros provavelmente feudatarios a quem de sua mão os tinha e conservava, mas gosando-se de pleno dominio, e por ventura absoluto, em seus estados, que isso nos dá a cuidar a bellicosa, e necessariamente mui bellicosa, indole de todos esses povos. Os exercitos das grandes nações são de soldados, os troços armados dos povosinhos são de leões, porque só estes combatem por si, pela familia, pelo amor, pela amisade, pelo altar, pelas arvores, pelo rio, pela patria que inteira conhecem. E tudo isto assim devia de correr n'aquella era, mui outra em tudo d'esta nossa, porque eram ainda então povos, os que deviam ao depois ser nações: a força e a fortuna ainda não tinham decidido a questão de qual dos dois estandartes prevaleceria, para nascerem á sua sombra as leis, uma ordem geral, um systema completo e permanente. Era um espectaculo afflictivo aquelle, até visto atravez do nevoeiro de tantos seculos. Duas grandes sociedades humanas, assistidas ambas de grandes fados, vivificadas de grande fé, mas com todos seus membros ainda soltos ou mal seguros, e comtudo luctando arca por arca, e escorrendo em sangue, e disputando-se a base em que uma só cabia e uma só havia de ficar de pé, triumphadora, colossal, rodeada por magnificencia dos despojos mortos de sua inimiga!

Era pois D. Egas Moniz, ja ao tempo que em terras de Portugal se vinha estreando o Conde D. Henrique, varão n'ellas famoso em paz e guerra; senhor de muitas, ou por elle resgatadas ou por seus pais; sujeito ao mesmo Rei de Leão que enviava o novo Conde, mas obedecido e amado como rei elle mesmo de seus povos.

Como se passassem os annos de sua puericia não no-lo diz a historia, mas bem o entendemos nós pelo mais e muito que de sua vida alcançâmos. Não se herdará com o sangue o valor, mas herda-se muitas vezes com o nome e exemplos domesticos: de berço enramado de louros antigos e recentes havia de se levantar quem ja brincasse com as armas. Era isso de mais a mais necessidade: havia terras suas para defender e alargar, visinhos e alliados para os ajudar e acudir-lhes, porque de seus dominios até Coimbra ou alem corriam senhorios de Christãos. E ainda mais, guerreiro e lidador, como era o seu senhor de Leão e Castella, muitas vezes lhe sería forçado, antes gôsto, soccorre-lo, e ir com seu pendão e caldeira, engrossa-lo contra os communs adversarios, como nos consta que por vezes aconteceu com outros cavalleiros e senhores portuguezes de seu tempo, que não era D. Egas para dormir onde e quando outros batalhavam para accrescentamento da fé, e honra propria.

Nobilitada como quer que seja a sua infancia e adolescencia, sabemos que fôra desde logo a sua familia, d'entre todas a mais esclarecida de Portugal, a que mais particularmente privou com o hospede francez, valoroso genro do Rei Castelhano. Do pai Moninho Viegas nos consta haver sido official de sua Casa, com um dos mais honrados officios, ou o mais honrado que se podia desejar, que era o de Mordomo Mor. Dera a fama de ambos logar á mutua estima; o conhecimento e tracto de perto o deu para a intimidade; fraternidade de boa cavalleria os prendeu para sempre. E que ja então muito houvesse D. Egas campeado e vencido parece não haver dúvida, porquanto ja saem mais por largo seus dominios, por Cresconhe, Resende, e S. Martinho de Mouros; ja o Castello de Lamego se reconhece por seu vencido, senhorio que por sua morte passará a seu filho Sueiro Viegas. Da tomada d'este castello e cidade nos praz fazer aqui alguma memoria.

Não faltavam na porção de Portugal que ja era nossa, partes moradas e ainda regidas de mouros; como tambem no resto do paiz mouro outras havia de christãos. Consentiam uns e outros n'estas encravações mutuas, medeante todavia conhecença de senhorio e vassallagem. Requeria-o a boa politica, porque melhor vence o amor que a força; porque era justo premiar com paz os que á boa mente se rendessem; porque para povoar tudo de gente propria nem uns nem outros seriam ainda em cópia que bastasse; e porque emfim onde tanto vacilava todos os dias a fortuna, temeridade sería semear no dia de prosperidade rigores, que lá ao diante em dia escuro se podessem colher com arrependimentos. Governava pois em Lamego, com venia e boa paz dos nossos, o régulo Echa Martim, tributario e vassallo do Conde. Correndo o anno de 1102, rebellou-se, saindo-se com gente armada pelas visinhas terras descuidadas de tamanha insolencia. Chega a noticia a Guimarães: grande era, e maior a figuravam as lastimas dos fugidos. Manda o Conde para logo junctar sua gente, D. Egas se lhe apresenta de improviso com a sua (era sempre nos apertos o primeiro). Partem; dão com os inimigos em um valle juncto ao mosteiro de Arouca, então da Ordem Benedictina. Deviam-se ir estes ja de tornada para sua terra, grossos com as tomadias, embaraçados com a multidão de captivos; e bem que o feito que a seu salvo acabavam, lhes podesse dar animos, lembravalhes a vingança provavel. Não ha colhêr ladrões desapercebidos: caminhavam em boa ordem e som de guerra, prestes para pelejar, mas com as bagagens, prisioneiros, e mulheres em seguro: todas estas cousas tinham então pelas asperezas altas de um monte, de que ha muitos no sitio, e no recôsto da serra a gente de batalha, só com suas armas. Chegados o Conde e D. Egas ao valle por onde corre o rio Alarda ou Arnaldo, como hoje se chama, e dando vista de quem vinham buscando, pararam a concertar como melhor os accommetteriam. Era gente victoriosa, tinha entre suas mãos e á mercê muitas vidas christãs, favorecia-os o posto, que pelas costas os guardava como muralha, e pela fronte difficultava, por agro e empinado, a subida a quem os houvesse de investir. Propõe D. Egas o seu arbitrio: parte-se do Conde pelo silencio da noute com um par de companhias; rodea a serra, embosca-se juncto ao campo dos captivos e bagagem. Entre as mulheres se achava ahi Axa Anzures, de todas as do régulo Echa Martim a que elle mais amava e estremecia. Ao alvorecer da manhã dá subito o Conde sobre os mouros de rosto, com grande estrondo de grita, trombetas, e tambores, que se vai temerosamente repetindo e retumbando pelos echos das serras. Acodem todas as forças ao conflicto: rompe da cilada D. Egas, colhe o largo e rico depósito, a Rainha Axa, muitas mulheres e filhas de outros mouros, restitue a liberdade aos christãos; e quando mais acceso andava o combate pelas fraldas do monte, (foi uma das mais bem feridas batalhas d'aquelles tempos) precipita-se com o seu troço, como rochedo de rondão pela serra abaixo, sobre as espaldas dos infieis. Fizeram estes maravilhas com a desesperação: todo o ar he alarido, toda a terra bebe sangue. Amanheceram pelejando para a victoria, presentiram-na falseada, e não cederam: viram-na perdida, e pelejaram não menos galhardos o resto do dia para a morte. Essa a tiveram em grande numero, e por bem cavalleiras mãos. O resto pagou com o captiveiro a aleivosia, entrando n'esta conta o proprio valoroso Echa. E se o perder ao mesmo tempo throno, esposa, riquezas, gloria e liberdade, com alguma cousa se podia consolar, foi D. Egas o seu vencedor; quasi um dia inteiro brigou corpo por corpo com D. Egas; foi D. Egas o que lhe chamou seu captivo. Ainda melhor: toda a fortuna que n'essa hora se lhe dissipava, na seguinte lhe voltou inteira, avantajada e mais segura. Convertido pela mansidão dos christãos, e generosidade dos Portuguezes, requeridas e tomadas para si e para Axa Anzures as aguas do baptismo, Echa recupera a liberdade, a mulher, o throno, e ganha nas pessoas de seus vencedores, braços que lhe acudam e o salvem quando os visinhos mouros, agora seus contrarios, o houverem de pôr em apêrto. Com isso contava, e como era fiar em Portuguezes, isso lhe saío. Mas o que ahi narram as historias não faz ao nosso proposito. Ommittindo o que em seu favor se pelejou, até que desceu por vontade sua do throno, preferindo-lhe a bemaventurança do viver privado, só apontaremos que foram os seus Estados repartidos por nossos Capitães, que mais se tinham ácerca d'elles assignalado, donde ficou a D. Egas por melhor quinhão o senhorio do Castello de Lamego, e das terras entre Balsamão e Barosa, e muitas outras até quasi ao rio Távora.

Melhorada em dominio, igualmente se melhorou a Comarca em mo-

radores: devolvem-se as mesquitas em templos, convida D. Egas povoadores christãos dos seus de Entre Douro e Minho; funda-lhes logares; e entre elles, como entre filhos, vem recobrar-se, fazer justiça e dar exemplos de piedade e virtudes, todas as vezes que descançava a guerra: o que mais temido fôra n'ella era então na paz o mais amado. Bello he de imaginar este varão, que por si só ennobreceria o seu seculo, este que em historia de Romanos lhe houvéra accrescentado lustre, rusticando agora entre lavradores, madrugando para sentenciar como os patriarchas d'outro tempo nas querellas e desavenças dos visinhos; e gosando-se das horas merecidas de ocio para crear filhos que se poderem o excedam; ceifando abundantemente os fructos da terra para os ir com sua mulher depôr diante do altar ou debaixo do tecto dos pobres e enfermos; derramando a actividade de sua alma benefica e piedosa por tudo o que o cérca, e trasbordando-a pelo futuro ao longo; recebendo talvez á sua lareira nos serões familiares e cordiaes entre os humildes da aldêa, e os senhores e grandes de seu sangue ou amisade, o pai de uma dinastia, educando-lhe no filho um grande homem e um grande rei; amamentando, embalando e doutrinando, se he licito dize-lo, a Monarchia Portugueza na casta e callada sombra de sua casa, onde nada reluz senão as armas com que por ella acodirá em resoando Allá de mouros, ou Santiago de Leonezes.

Aqui se nos abria diante da vontade largo campo á escriptura; mas sôbre fazerem-nos fôrça as razões que ha para a brevidade, fallece-nos a penna de Fenelon. Livro de ouro sería, melhor que o seu para educação de principes, o que fantasiasse pelas cousas d'aquelle tempo sabidas, e pelas notorias indoles do mestre e do alumno, a historia da sua inteira doutrinação no pertencente á guerra, á paz, e á piedade, onde com os varios successos apontados das historias, se entresachassem ramos fructuosos de apurada philosophia, aformoseados com muitas flores viçosas do dizer; que demonstrasse com plena luz esta util verdade, que sempre se julga mal uma era no tribunal de outra era; que differem entre si os seculos todos em rosto e indole; que nenhum d'elles se faz nem se muda a seu sabor, senão que aquillo que he, o he por necessidade e pendor incontrastavel das cousas; que alma nenhuma vale a anticipar um só dia na natureza; e que lá onde nós hoje condemnâmos demasias de espiritualidade, amor da guerra excessivo e por ventura feroz, partilha desigualissima de direitos entre os homens, lá se era e se fazia tudo isso fadadamente, como fadadamente se he e se faz hoje o diverso ou o contrario; e que se houvermos de condemnar essa antiga gente pelo que de nós differia e devia differir, ja nos havemos de resignar a que nossos netos nos condemnem, e Deos sabe se com mais razão, porque não nascemos ja de noute, senão em dia de boa luz. Se d'aquellas religiosas guerras motejarmos, lá virá, quando o universo der mais um passo, quem moteje das nossas guerras civis e politicas, e dir-se-ha debalde — *era pela Liberdade* — como debalde se diz hoje — *era pela Fé*. — N'este cume alto, sobranceiro ás ondas do tempo, he que se havia de assentar um ingenho grande, que de olhos fitos no semigasto cadaver d'aquelle seculo, se propozesse retrata-lo vivo. Nós, que não podêmos vingar tamanha altura, espreitaremos timidamente para dentro d'esta casa, onde sem rumor, entre um velho e um minino, se estão preparando tamanhos futuros.

III.

— "Senhor, verdes são os vossos annos, porem madrugou-vos a razão. Erráreis se a vós o attribuisseis; muito mais gravemente erráreis, se o attribuisseis ás minhas diligencias: de cima se vos accendeu essa luz para alumiardes a terra, que de vós está esperando salvação. Deus vos concedeu, Infante, a agra fortuna de nascerdes em tempos de tantos trabalhos e novidades, que antes da barba vos pungir ja podesseis ser velho pela experiencia. De valorosos derivou quanto sangue vos anda nas vêas, para que vos chegassem os animos de ousar até onde vos alcançasse o entendimento: e fôrças e corpo vo-los deu de gigante, e com assignalada maravilha vos desenlcou da enfermidade que na infancia vos condemnava a nunca serdes cavalleiro, para que até onde se estendessem em vós os brios, vos não desamparasse o poder do vosso braço. Incriveis, não só gloriosas, são as historias de vossa casa, de boa parte das quaes foram testemunhas estes olhos com que no rosto vos estou vendo ressumbrar a heroicidade hereditaria. Das de vosso Pai não direi, tive n'ellas parte, não o ouso; todas as linguas e toda a terra vo-las pregoarão. Menos direi do Imperador vosso Avô, Principe summo entre todos os das Hespanhas, que do claustro, onde santa corrêra a sua creação, saío com sabedoria para o throno, e para o campo com benção de victoria. Verdade he que essa muita sabedoria e essa benção se lhe perderam a final; o que inimigos não tinham podido, poude-o elle contra si; o que odios não acabaram, acabou-o uma affeição amorosa; fez mais uma só moura que muitos exercitos de mouros. Ponde n'isto os olhos, Infante; he ja segundo Sansão que por namorado de uma infiel caío e se perdeu. Assim que, até no occaso tenebroso de sua vida, vos está dando uma grande lição do que se ha de evitar, quem em todo o demais d'ella vos deixou os exemplos que sem falta haveis de seguir. Vós, que ao mundo viestes com sangue d'elle, tomareis de seus annos viçosos a prudencia e bom conselho, a constancia e determinação nas armas: de suas cãs não tomareis nada, se não for argumento para lastimardes sua cegueira, e razão dobrada para vos nunca ensoberbecerdes das virtudes ou felicidades que Deus vos emprestar, que onde e quando mais seguras parecem, ahi muitas vezes se perdem miseravelmente. Como elle vivereis, e se Deus ouve as minhas orações, e vossas mostras não mentem, não vos sobrevivereis como elle. Chora o povo quando sepulta principes virtuosos, e espanta-se, porque a virtude lhe parecia dever ser immortal. Isso foi em Astorga, ao fallecer de vosso Pai, isso em Braga, quando mais tarde trasladámos para lá as suas reliquias: não só anciavam todos vê-lo, senão que, olhando-o depois de tanto tempo, não acabavam de entender como ja ali não apparecesse nem resto de tamanho espirito. Quando porem a alma de quem governa se aparta d'elle, e a terra se sente ainda senhoreada de um defuncto coroado, ahi não se chorará por se não ousar, mas todas as orações caladas da noute vão pedir a Deus que se abra uma sepultura; e terrivel e poderosissimo he o suspirar nocturno de um povo. E não haveis de cuidar, Filho e Senhor meu, que possa nunca um Soberano deslisar da perfeição, a que mais que ninguem he obrigado, sem que logo seja isso sentido de sua grei. São os Paços Reaes em parte d'onde tudo senhoream, mas tambem onde tudo os está observando. Embora se lhes tomarão de guardas as entradas; transparentes são as paredes, transparente a purpura, transparente o peito e a cabeça do Senhor: contam-se-lhe as passadas, aponta se-lhe para o coração, vê-se-lhe e conhece-se-lhe a alma. Quem ahi quizer dormir ha de entender que nos proprios sonhos o espreitarão dois olhos que nunca se cerram, um lá de cima, outro do povo: ha de muitas vezes lembrar-se do que raro lembra a quem muito póde, que ha um tribunal terrestre, mas venerando e permanente, onde, ainda quando nem labios ousam mover-se, se estão julgando, sentenciando e punindo os que se cuidam arbitros absolutos de vida e morte. Esta verdade vos encommendo eu sobre todas; temerosa he, mas salutar mais que nenhuma. Se me ordenára Deus abrir escola a reis, n'isto, n'isto cifraria eu toda sua doutrina, — que ha nos ceos uma justiça, na terra um entendimento, e no sacrario do peito a Lei moral, livro que falla, e que ninguem vale a abrochar.

"Emquanto ora leva as redeas do Estado a Rainha vossa Mãi, cabe a vós preparar-vos com o estudo das cousas e homens de vosso tempo para quando lhe hajaes de succeder. Não he no mar e nos temporaes que o piloto ha de aprender as estrellas, as costas, os parceis, e a maneira de contrastar ventos e ondas, senão em terra e horas de ocio. Assim como haveis de velar as armas antes que por vossa mão vos armeis cavalleiro, assim antes que entreis a reinar vos aparelhai ja desde aqui com o bom proposito e animo determinado. N'estas terras onde vosso Pai fez tanto, sendo estrangeiro, nascestes vós, e ja por isso he razão que esforceis para o excederdes. Isto vos deixou elle encommendado, e isto lhe havia eu promettido quando, ainda antes que viesseis á luz, lhe pedi e alcancei vos houvesse de confiar alumno ao meu amor e experimentada fidelidade. Filho, pois que como a filho vos amo, e essa licença me dão a amisade de vosso Pai, as minhas cãs, os extremos com que dos peitos de vossa ama vos tomou logo para seus braços minha mulher, a veneração com que sempre nos heis tractado, o uso de vos ver brincar e crescer debaixo d'estes nossos tectos, a fraternal amisade com que vos haveis com meus filhos, e as esperanças que me daes de que sempre os honrareis como vosso Pai me honrou a mim; Filho, mal ereis vós entrado na vida por porta que vos abriu o Anjo da Guarda de Portugal, quando d'ella saía coroado de laureis, porem murchos, vosso Avô, e logo apoz, vosso Pai que até o limiar da eternidade chegou armado. Ao ultimo suspiro do primeiro seguiu-se rebate de guerra entre principes christãos, soltura de ambições encontradas, ousadias de inimigos, mouros d'aquem e d'alem mar: uma guerra de muitas guerras composta incendiou as Hespanhas. Com a falta do segundo deveram-se nos infieis dobrar brios e esperanças. Mais que nunca se carecia de ver entre nós lança em braço esforçado, e via-se apenas um sceptro vacillar em punho de mulher. Em perigo vai a vossa herança: a fortuna, que ainda aos mais felizes vende, não dá, quando ao cabo da vida do Senhor Conde lhe alargava os dominios por Galiza, com ferro arabe lhos cerceava pelo sul. O principe Sairi nos expugnou cidades e villas, uma e outra margem do Tejo largamente. Que olhos cessarão de chorar a muita flor da esforçada cavalleria, que ahi pereceu pela Cruz e terra nossa! Eram esses damnos annuncios de outros maiores que logo haviam de ensombrar o comêço da carreira da Senhora Rainha D. Tareja. A's tres causas da boa fortuna mahometana, que eram vosso Pai no sepulchro, no throno vossa Mãi, e vós no berço, outras tres accresciam não menos mal agouradas; os bons successos ja contra nós havidos pelos mouros nos ultimos dois annos de vosso Pai, o recente crescimento de poderio que as discordias christãs de Hespanha lhes haviam facilitado, e a presença de Aly Aben Texefim Imperador de todos os arabes de Africa e Hespanha, capitão sagaz e valoroso, que em nosso paiz por mais pequeno determinou encetar a conquista geral d'estas partes. Foi-nos com grande crueldade destruida a comarca de Coimbra, pouco antes ameaçada emvão por el-rei Brafimi; muitos portuguezes nobres lá caem juncto a Miranda passados á espada; o castello de Santa Olaia poderosissimo com todos seus defensores desaba arrazado pelos fundamentos; o de Soure e suas visinhanças ardem por nós mesmos entregues ás chammas, para que os barbaros, não achando senão cinzas e ruinas, os desamparassem antes ás feras; a Rainha foge espavorida e salva-se a custo em Coimbra, onde com os seus barões resiste ainda a bravo cêrco. Lisboa (ja ereis chegado a lume de razão, não vos deverá ter esquecido, nem muito ha que todos nós o deplorámos, jurando uma vingança que Deus nos dará por

vossas mãos) Lisboa, a muito forte e antiga Lisboa, assediada de um mar immenso de ondas de ferro, e entrada, e captiva, e desbaptisada; d'ahi a assolação e a morte campeando senhorilmente por todas as cercanias e até ao largo, pelos povoados e campanhas, pelos homens, pelas searas, pelos gados e fructos, até pelas pedras, resistindo apenas ao estrago um ou outro castello inexpugnavel para mais longas agonias de valorosos. Assim que o que era nosso por herança, por posse, por conquista, e por sêllo que lhe nós pozéramos de sangue, tudo isso jaz hoje de barbaros, e o Mondego he a orla ultima do nosso mundo, cuja ancia de se dilatar mal a podia conter ainda ha pouco a barreira do Tejo. Mas virão por vós dias, que muito para alem o alargaremos, retomada e vingada toda a terra christã. Estenda-me o Senhor Deus a vida, para que eu possa com meus filhos ajudar-vos nas façanhas que ja estou prevendo; que se diga sobre o nosso sepulchro: « Com D. Affonso pelejaram pela fé, pela fé perceceram e pela patria; e por seus e martyres os chorou D. Affonso! »

« Senhor, de muitas partes se compõe o officio de quem governa, porque de muitas diversas cousas depende a bemaventurança do povo. Ser só valoroso, ou só justiceiro, ou só cultivador, ou só espiritual muito he, e será bastante para subditos, para imperantes he só parte. A cada uma d'essas diversas cousas e de muitas outras haveis de dar inteiro o vosso animo: para bem regerdes a multidão, haveis de ser muitos homens n'um só homem. Duas porem são, d'entre todas, as apertadissimas necessidades d'este nosso tempo; a guerra libertadora das gentes, e a religião, santificadora da guerra não menos que da paz. Virão eras para os vossos descendentes em que se pouze e se folgue, em que se estudem sciencias e se aformosêe a terra: virão eras, praz-me crê-lo, em que seja aqui uma nação; mas este seculo nosso veio mandado adiante rude e ferrenho para suar e preparar caminho, pousada e cama a seus irmãos mais novos, e nós todos somos os instrumentos da dura arroteação que Deus lhe metteu nas mãos. Invadido e em parte senhoreado jaz o nosso Occidente dos filhos innumeraveis de Mafoma: Asia os vomitou sobre Africa, Africa sobre nós. Cobre gente de Europa, vencedora (porem com mais direito, e mais santamente vencedora), o Oriente, lá d'onde do sepulchro de Christo alvoreceu fé para todo o mundo. Em terra não sua, e que os não quer, moram aqui os barbaros: moramos nós lá em terra nossa, mas que nos não quer a nós. Mares de sangue nosso e d'elles misturado custaram lá e cá estas conquistas, uma piedosa, outra impia; ambas temerarias, ambas repugnantes ás indoles dos homens, e das terras, e das cousas; e ambas, se me não engano, para se perderem em lhes chegando a sua hora. Ainda que dois estandartes, tão diversos como o Alcorão e o Evangelho, pareçam dever augurar diversos fados, vencerá cada povo no que podér chamar sua patria, e extermina-lo-hão da alhêa. Pelo que, Infante, muito vos encommendo que não imiteis n'isto o exemplo de vosso Pai; que vos não deixeis levar como elle de cega piedade, para irdes pelejar na Syria contra aquelles mesmos que aqui tendes ás vossas portas. Embora venha outra eloquencia como a do Santo varão Pedro Heremita prégar segunda cruzada; outra auctoridade como a do Santo Padre Urbano II; outro incentivo tão poderoso como o chamamento de todos os melhores cavalleiros e mais devotos animos de França, Alemanha e Italia: resisti vós, lembrado de quão poucos d'estas nossas partes acompanharam o Heremita capitão, sendo que não faltava n'elles o espirito que por todos os outros reinos creava e accendia exercitos; lembrado da miseravel destruição que devorou pelo caminho numero innumeravel d'esses mais aventureiros que peregrinos, castigo certo dos que ousam (e essa he a maior parte) cozer no hombro a cruz vermelha, sem a levarem de fogo no coração; lembrado de que ao Levante só irieis lidar por exterminar infieis, emquanto aqui, exterminando infieis da mesma seita e raça, despejaes e purificaes terra para vossa gente e descendentes: se lá emfim jaz o sepulchro do redemptor, jazem cá as reliquias de tantos martyres desde o apostolo Santiago, que fica sendo este solo como uma grande ara, aonde não menos será santo e suave o morrer victima. Vêde como o vosso parente Callixto II, Pontifice que Deus guarde, acode com poderosos auxilios a seu sobrinho e primo vosso, D. Affonso VII, successor de vosso Avô! e não só lhe abençoa, senão que lhe multiplica as armas para se desafrontar dos mouros visinhos. Pelo tanto vos repito, segui a religião, mas pelo caminho da prudencia; e entendei que no que ao mundo traz e ameaça damnos não se serve ao ceu, nem se trabalha pela eternidade.

« E pois que viemos a fallar do Successor de S. Pedro, procurarei imbuir ja desde aqui o vosso animo tenro em outra verdade, que o tempo e vossa razão lá para o diante acabarão de vos provar; e he, que ao Pontifice da Igreja de Deus deveis sempre tributar com o vosso povo vassallagem de bons subditos e amor de bons filhos. Entendo eu bem que não constituiu Deus a S. Pedro vigario seu no temporal: tambem vos não dissimulo que a barquinha d'aquelle pescador de almas, no engolfar-se pelo mar dos seculos, se esqueceu do manso porto donde vinha e da divina praia para onde caminhava, e appareceu a miude transformada em navio de corsario: e quasi todo o seculo passado, cuja derradeira parte ainda eu presenciei, foi tecida de muitos escandalos e vergonhas, que infamaram perante o mundo a cabeça da christandade: o Principe dos Apostolos tornou a ser muitas vezes martyrisado em Roma pelos seus successores. Mas sobre esses mortos pessimos caío a absolvição da campa; e oxalá que as chaves da eterna porta, de que em vida não curaram, as não achassem enferrujadas quando para si a quizessem abrir! No ultimo quartel do seculo porem, comquanto essencialmente se não melhorassem as cousas no espiritual, desenvolveu se e encorpou-se, e vai ainda crescendo um pensamento mui vantajoso á ordem do mundo, segundo os tempos. Hildebrando, varão temperado de altivos animos, sagacidade e constancia, e por mui vezado aos negocios conhecedor dos homens, e por conhecedor dos homens capaz de reger o mundo, soube alçar-se ao throno de Deus no anno de 1073: foi esse Gregorio VII: e o pensamento grandioso de universal monarchia que o sempre tentára, determinou de o pôr de uma vez por obra. Eis aqui o seu simbolo de fé terrestre: — « Entre os homens que iguaes nasceram, e hão mister de desigualdade para se governarem, nenhum podêr nascerá legitimo, se de cima lhe não caír semente. Só o que de tudo he Senhor póde conferir senhorio, e só aos que por elle regerem será devida vassallagem. O interprete de Deus he o seu Pontifice. Na Cadeira, unica aonde se não erra, habitam os seus oraculos. Toda a terra me será sujeita a mim e a meus successores; todos os Principes serão servos nossos: o nosso cajado de pastor aqui o cravâmos fundo para que lance raizes na terra de Roma, reverdeça, dê sombra ao orbe: só de ramos seus se cortarão sceptros incorruptiveis. Arvore que para todos he, de todos será mantida: tributárias nos serão todas as gentes. Não ha mais que uma só verdadeira justiça, que em Deus reside e de Deus emana: aqui será o tribunal para onde de todos os outros se appelle, e d'onde se não appelle para nenhum. » — E em doze annos que governou assim o manteve, a despeito de innumeraveis contrastes, resistencias, tempestades, que em vez de o quebrantarem o endureciam para resistir. Tinha por si um Codigo de amplos e sobejos direitos que na Igreja se introduzíra; tinha a grande fama de sua concertada vida e recto interior; tinha sôbre tudo a varonil constancia do querer, para a qual não ha impossiveis. Esta obra, temerariamente fastosa, não morreu com elle: todos seus descendentes, bons e maus, fortes e fracos, a tem ido sempre mantendo e accrescentando. Por onde Roma, que em pagã ja fôra a senhora das gentes pelo ferro, hoje christã o torna a ser pela palavra: e a terra de Lusitanos que lhe então resistiu á fôrça, hoje se lhe entrega como as outras, rendida e contente. Nos Pontificados desde Gregorio VII até nós, de Urbano, Paschoal, Gelasio, e Callixto que ora rege, tem-se ido a ponto engrossando com triumphos aquelle mixto poderío de magestade e sacerdocio, que a mim se me representa a omnipotencia. D'ali se poem e se depoem os reis, se dardejam as excommunhões ou se chovem as bençãos sobre Povos e Principes, se desligam vassallos do juramento de fidelidade: d'ali, do alto d'aquelle throno, se demarcam com o dedo os Estados; d'ali soa o rebate das guerras ou a alvorada das pazes. Usurpação, direito divino, ou fado das cousas, irá por diante o costume. E bem que entendo eu andar n'elle um grande vicio, e haverem ja d'elle brotado graves damnos, outra vez, Senhor, vos repito, e fortemente vos encommendo, que nunca por vossa parte o contradigaes, que muito vai n'isso ao vosso seguro, ao bem dos Portuguezes, e ao concêrto da grande familia christã. Lançai os olhos por toda esta nossa Europa, e chegai-os ainda á Asia; que parte da christandade vêdes segura, ou quieta, ou certa de seus limites? Por dentro o direito feudal com todas suas consequencias de desordens, a fraqueza das leis, o poder da fôrça, as tyrannias dos senhores, as impaciencias e rebeldias dos servos, as invejas dos visinhos, e as desavenças e usurpações mutuas; e por dentro e por fóra os Mahometanos, sempre com o punho alto e armado, e o pé a caminho. Quem não vê que he preciso um braço, como quer que seja divino, para nos enfeixar; e que assim como o povo se une pelo rei, he mister que os reis se unam por quem represente a Deus. Embora esse tal, pois que he homem, abuse da omnipotencia mundana; ainda assim sairão em conta ao mundo os males que por ahi vierem. Um ancião que lá pousa tão alto, estranho por tantos modos a estas ondas de successos e interesses, pelo demais julgará sizudo, como pai de familias entre filhos e servos, ou como eu me prézo, de sentenciar as differenças de meus subditos: muitas vezes terei errado, porem muitas mais haviam de errar elles, e muito maiores lesões se haveriam feito, se por suas mãos se quizessem dar justiça. Accresce, para melhor vos abraçardes com o meu conselho, o conhecimento que ja outras vezes vos tenho dado da indole d'esta nossa gente, e de outras muitas. Do seu uso longo com os Mahometanos, aqui em Europa e lá na Syria, sem o querermos nem o cuidarmos, nos veio que em muitas cousas se nos pegasse o seu modo e pensar. Não se dividem entre elles politica e fé; todo o subdito he simultaneamente soldado e martyr, e entende não obedecer senão a Deus quando não obedece senão ao homem, que junctamente he principe e califa, como fôra Mafoma, como o são os soberanos de Bagdad, como temos visto nos de Cordova. D'ahi vem aos cabeças de seus Estados aquella espantosa fôrça com que muitas vezes tem quebrantado as nossas. E pois que tão travados andâmos com elles em guerra, que muito tem de durar, isto que d'elles houvemos convertamo-lo em virtude christã, que pesada recáia sobre seus auctores e os esmague. Em tempos mais felizes poderá Roma ser reduzida ao espiritual, porque ja as nações serão adultas, terão corpo grande, e razão, e experiencia; ter-se-hão assentados necessariamente deveres e direitos, e provavelmente um codigo geral de consenso que regule entre si as diversas gentes, e se mantenha sem vingador especial. Mas nós, tambem ja vo-lo-hei dito, vivemos n'um tempo de passagem; nada está formado, muitas cousas estão para nascer, muitas das que hoje fazemos são-nos necessarias a nós, mas transitorias:

andaimes são, que em o edificio crescendo, serão substituidos de outros andaimes mais altos, e que, se algum dia Deus consentir que vá muito acima, serão havidos com desprezo, e queimados por homens de melhor saber, e peor juizo que nós, que não saberão entender as necessidades dos tempos que precederam aos seus e os produziram.

« Mas que julguem lá no porvir esta nossa idade como quizerem ou poderem : Principe, de vós me adivinha o coração, que fareis taes cousas, que de vós e de vosso aio e servo Egas Moniz durarão ainda memorias e louvores quando quasi tudo que ora he o nosso mundo se houver de ha muito apagado das lembranças. » —

Com estas e semelhantes prácticas se hia D. Affonso creando entre exemplos de todas as virtudes activas e militares, publicas e de justiça, christãs e domésticas; amando como filho a mulher de D. Egas D. Mor Paes, filha do castelhano D. Paio Goterres da Silva, que antes da vinda do Conde D. Henrique governava a Comarca de Braga em nome d'El-Rei de Castella, e com o titulo de seu Vigario; amando como irmão os filhos de seu mestre, D. Leonor Viegas e D. Lourenço Viegas: D. Leonor, mulher que depois foi, segundo a alguns parece, de Gonçalo Mendes da Maia, descendente de D. Ramiro II de Leão, um dos mais esforçados cavalleiros de que se faz memoria, que se estremou na batalha de Ourique, aos noventa e cinco annos ainda capitaneava exercitos, morreu com as armas na mão sendo fronteiro de Beja, e mereceu o nome que lhe as historias deram de Lidador: D. Lourenço, Procurador que depois foi d'El-Rei, segundo ja o vimos nas Côrtes de Lamego, assignalado na jornada de Ourique e prêza de Santarem, igual de Affonso na idade, e por elle honrado com o titulo de seu Irmão, e pela fama com o nome de Espadeiro, pelo mui galhardo cortar da sua espada.

N'esta companhia corria a infancia e adolescencia do Principe por Cresconhe e Honra de Resende, na Comarca de Lamego, que eram parte do patrimonio de D. Egas. Mais de cousas que de palavras e lettras era a creação do futuro Rei. A actividade, que a estes nossos tempos caío para a lingua, andava então nos corações e braços. Não era um seculo doutor, engenhoso, e mirrado: era um seculo rude, parco em fallas, potentissimo em feitos. Por aquellas espaçosas veigas cuidâmos ver o Real Mancebo, com a alma cheia de futuro, exercitar se com seu Irmão em domar o generoso cavallo arabe: outras vezes apparecer-nos e desapparecer-nos correndo pelas asperezas dos visinhos montes apoz as feras: no uso das diversas armas ir-se a revezes amestrando; esgremir espada, descarregar montante, enristar lança, brandir maça, tirar bésta, voltear funda. São suas uteis recreações a lucta, a carreira, a barra, o tavolado, e de tavolado conserva ainda nome um campo que ha na quinta de Resende. De taboas artificiosamente travadas se erguia um simulachro de castello, forte para estar, fraco para resistir a impetos violentos. Contra elle provavam seu esforço os cavalleiros, tirando-lhe valentes arremessos *(lançar o tavolado* se dizia); e o que lograva desfaze-lo, percebia o premio, por entre os applausos que acompanhavam o fracasso da ruinosa fábrica. Vê-lo requer do seu aio relações, que vai com accesos olhos escutando, de quantas batalhas deu, e como se disposeram as bandeiras, e como se houveram em um e outro campo, e como se venceu a despeito do numero; e faz sobre cada uma cousa reparos de minino que, por exactos e profundos, maravilham a sagacidade e experiencia de um cabo tão consummado! Que de vezes do alto do seu castello de Lamego lhe não faria repetir ponto por ponto o vencimento d'El-Rei Echa! Mas não se contenta o profundo mestre com o que só vale a formar um principe robusto e bellicoso: quer que tudo veja, tudo ouça, de tudo aprenda. A seu lado o toma todas as vezes que se assenta presidente dos homens bons e principaes de sua terra, para julgar, segundo o costume dos tempos, as desavenças dos particulares. Não havia então outros tribunaes senão estes quasi familiares e semipaternos, que por sua indole deviam tender á conciliação, e por sua probidade difficultar os pleitos, ou decidi-los exemplarmente. Ahi havia o Infante de aprender a Jurisprudencia do tempo, que menos sería a dos Godos, ja reformada por D. Affonso V de Leão, e para nós approvada por um Concilio (o Coyacence de 1050), do que os foraes particulares das terras, obra uns dos reis, outros dos proprios senhores e povoadores d'ellas, a tradição dos casos julgados, o uso, e as leis que todas as outras dispensam, juizo e consciencia. Assim he que ja pelo instincto do bem faziam os povos na rudeza de sua infancia, e melhor, o que nós hoje cuidamos inventar, e alardeamos por documento sublime de nossa philosophia. Juiz de Paz antes do processo? o Senhor o era: Jurados para decidir do feito, e Juizes do Direito? eram no os homens de experiencia, de probidade e independentes, mais inteiros que subtis, mais justiceiros que sabios, que junctamente com o Senhor, em sua balança pesavam a verdade nua, e não as galas e flores com que muitas vezes uma eloquencia traidora enfeita a mentira, nem o ouro de que a astucia a veste, para que a não firam.

A cultura da terra produz com a abundancia e com a saude virtudes e amor da patria: não era por tanto uma lição de que D. Egas se devesse esquecer. Elle quer que Affonso presencêe as fadigas dos colonos, e com elles contráia a amizade da infancia, para que, em subindo e em os perdendo de vista, se lembre ainda de que ninguem merece mais o seu amor; vendo o pão na sua Mesa Real, lhe conheça a valia, e procure ser a segunda providencia dos que fecundam com o suor o solo, que não menos defendem com o sangue, e que dos metaes não possuindo senão o ferro, o trazem de contínuo em punho, ora alveão que sustenta o Estado, ora espada que o defende. « Quem advogará sua causa, dizia em si o bom velho, quem advogará sua causa perante o coração do Principe, se não for elle mesmo? frontes sempre curvas para a terra não tem geito de se levantar para o alto dos thronos; mãos calejadas no servir, não se junctam para implorar senão a Deus; e para os verdadeiros bemfeitores da Sociedade, que della vivem retirados pelas campanhas, sumidos pelas serras, não ha entre cortezãos procurador espontaneo e zeloso. » Deleitam-se Grandes e Senhores de ir recrear-se a campos um dia de primavera entre pomares floridos, outro de estio a ouvir susurrar searas; mas como que fosse tudo aquillo obra de fadas e não de homens, sem os terem nem sequer saudado, volvem a banquetear-se no povoado com o fructo d'aquellas fadigas de um anno tão longo e tão variado de contrarios incommodos. E são esses muitas vezes, que assim desprezam a terra, os proprios senhores d'ella, por isso tambem ella se vinga muitas vezes denegando-lhes sua natural abundancia. Oh quem educára fidalgos e reis como n'aquelle ninho viviam o tutor e o pupillo! Ver-se-hia para logo reverdecer o torrão, amansar-se a rusticidade, diminuir a indigencia e a perguiça, a riqueza prosperar e comedir-se, as artes enxertar-se na cultura e medrar, e das artes nascer a vida, a alegria e a bemaventurança a toda a republica.

Com os pensamentos utilissimos de agrícola vem os não menos uteis de povoador; e essa era outra parte da doutrina, que na alma do Infante se devia de ir embebendo. A villa de Bretiande e logares visinhos, patrimonio agora de D. Egas, esta-os elle edificando, accrescentando, e povoando de christãos = « Filho (diria ao magnanimo adolescente, conduzindo-o por entre o alvoroçado trabalho das obras novas), á fé que nunca vencendo e destruindo lograreis contentamentos como são os de fundar. De uns e outros posso eu fallar experimentado. No devastar, ainda quando para santos fins, só com os heroes nos assemelhamos; no crear porem, assemelhamo-nos com Deus. Menos repentina e estrondosa he esta gloria; mas he mais pura, menos cara, e por ventura tão duradoura. Debaixo de cada tecto d'estes, que ora mandamos cobrir, resoará abençoado o nosso nome nas horas da reza, porque haverá ahi um portuguez, a quem dando uma lareira com o seu lume, e um pouco terreno debaixo do sol de Deus, lhe facilitamos ter uma mulher, e mininos seus á volta da sua meza, e uma arvore para lhes deixar: e esse homem, que por feliz nos he ja amigo, nos acodirá defensor extremado em se apregoando batalha pela sua patria. Lembre-vos sempre que, segundo he ainda verde e crescente o vosso dominio portuguez, muito havereis de repovoar, muito de edificar e fortalecer, dando ao mesmo tempo bons regimentos e foraes ás novas povoações, porque prosperem: porquanto, Senhor, o dar ao territorio moradores he nada, se aos moradores se não der a lei de que hão de mister: a lei he para os homens o que os homens são para o paiz, cultura, vida, e prosperidade. Uma e geral seja embora a lei onde fôr uma e geral em seus interesses a nação; mas isso que eu presumo dever chegar com os tempos, está por ora mui remoto. De povosinhos se comporá o vosso Estado, cada um dos quaes tendo sua particular historia, comêço, necessidades, moradores e cabeça que os reja, deseje ter seu codigo distincto, com leis a que chame suas no civel, no crime, na milicia, com isenções e privilegios que os especialisem. Cada um, para haver este favor, competirá com todos em bom serviço de guerra e paz, e depois de obtido forcejará pelo não desmerecer. São cartas de nobreza e fidalguia das villas e cidades, bem comparadas com as de nós outros os vassallos, que por lealdade e valor as conseguimos, e por ellas conservamos e testamos lealdade e valor. Assim como cada gente se reune estremada em deredor do seu pendão, e sem ser inimiga das que seguem pendões alheios, se esforça todavia pelas exceder, e d'este trabalhar cada uma para si, maior proveito redunda a final para todas, assim o nome de foral para os que o desejam, despertando emulações, tornar-se-ha nobre origem de incremento ás cousas lusitanas. » —

Emquanto assim edificava e aconselhava ao futuro Rei, que edificasse para os homens, não se esquecia o piedoso ancião de erigir e recommendar-lhe que igualmente erigisse casas para Deus. Perto da sua de Resende se via ja então por elle alçado o mosteiro de Cárquere, dedicação á Santa Virgem, a quem devoto havia encommendado a cura do Real Minino: em idade pouco maior de cinco annos lho offerecêra, como cordeirinho alvo, banhado de muitas lagrimas, sobre a pedra de sua ara; por onde dizem que milagrosamente se recobrára aquella tão preciosa saude, havendo o tutor e o pupillo que se constituia a Senhora particular advogada sua d'ahi ao diante, e soccorrendo-se a ella, como bem he de cuidar, em todos os lances afrontosos. Embora ria d'isto esta nossa idade que de tudo ri, mas que por honra sua não passe do rir ao discorrer, e por dó do mundo do discorrer ao devastar. Se não sabe crer deixe crer a quem sabe; se não póde edificar durma, não aniquile o que lhe veio emprestado só para usofructo, ou mostre nos a escriptura aonde as gerações mortas e as gerações ainda não nascidas assignaram para lhe conferir esse monstruoso direito. Recolhamos as velas, que este vento nos arremessaria para longe, e digamos lisamente a idea que encetavamos

Aquella fé na existencia e valimento de celestes protectores, de que resultaram tantos prodigios que as historias narram, e a que nossos avós consagraram por votos tantos monumentos como este, aquella fé robustissima, se não era philosophia, era cem vezes mais poderosa, mais util, mais fecunda que esta philosophia: prendendo as ideas mun-

danas com as espirituaes, encaminhava-as em torrente para o fim moral; diminuindo na convicção o numero dos impossiveis, convertendo pela esperança as difficuldades em facilidades, as facilidades em probabilidades, arremessava-se com as obras para alem do horisonte frio e apertado da mediocre experiencia: a fé viva he a omnipotencia no mundo. Homens dos sentidos e da materia, dissertadores da natureza que não entendeis, desconsolados missionarios da mortalidade, ¿que mal vos faz que ao desgraçado, a quem mais nada resta, restem amigos invisiveis? ¿que o triste deitado nu em uma brenha espinhosa, e não podendo descançar de nenhum dos lados, se recline de costas e se console olhando para cima? Se a fé não fôra a porta de um mundo, que a pezar vosso existe, sería a de uma bemaventurança na vida. Se a crença dos milagres se vos antolha absurda, vêde pelo menos como ella os produz. São fantasias dizeis; ¿mas não são muitas vezes fantasias, não he muitas vezes mais o confiar no medico do que a virtude dos remedios, quem restitue aos enfermos a saude? Ide pois, ide escrever vossos pobres livros, e deixai subsistir vestigios ao menos d'essas fundações, pregoeiras de maravilhas, e maravilhas ellas mesmas.

Da mór parte dos mosteiros edificados ja por D. Egas e sua familia, ja por D. Affonso, nenhum talvez deixaria do se abonar de alguma razão particular de notavel conveniencia; mas pois que temos em juizo a antiguidade e nos coube advogar sua causa contra herdeiros ingratos e nescios, que por mentecapta a querem condemnada, apontaremos aqui em seu favor o que no discurso d'esta obra por ventura teremos occasião de desenvolver mais largamente. Foram estas religiosas fundações, sobre mui conformes á indole dos tempos, summamente vantajosas ao melhoramento do Clero, e por ahi ao dos Povos; á introducção das luzes, e por ahi á dos commodos; ao crescimento da agricultura, e por ahi ao da povoação. — Não anticipemos, e não percamos vista do industrioso formador de tão rica mocidade.

IV.

Ja passou meia noute. Pelas ruas caladas e ermas de Braga só resoa o piso de dois cavallos possantes e velozes, montados de dois varões gigantes, que emparelhados e taciturnos demandam a Cathedral. Colheram redeas, saltaram em terra: pelas trevas da sonora crasta se embrenharam com religioso recolhimento. Luz de alampada, que ahi pende de um archete sobre um tumulo, lhes chama os olhos e os passos. Não havia outro clarão nem vida em todo o espaçoso recinto, porque a lua lá do alto, meia velada de nuvens densas, nem chegava a debuxar pelas lageas a corpulencia da arcada. Como houveram acabada sua reza, só ouvida de Deus e dos quietos ossos que ali jaziam: «Filho (disse o mais idoso, enxugando lagrimas de que se não envergonhava, e olhando com gosto para as muitas que manavam dos olhos do seu companheiro) Filho de D. Henrique, ahi tens teu Pai! E tu, que a meu amor o commetteras, Cavalleiro modelo de cavalleiros christãos, reconhece o teu Filho, coroa a minha obra com teu valimento, e inspira-lhe lá dos ceus virtudes por onde te exceda. — Infante, escutai-me. Vem desabrochando em vós a adolescencia: d'aqui a poucos dias, mercê de Deus, sereis ja cavalleiro: á vossa espera está a lança pesada de vosso Pai, e a victoria que juncto d'ella dorme; á vossa espera os novos destinos d'este largo Senhorio, de que vos profetiso fareis um Reino independente e glorioso. Para Zamora caminhâmos, onde para tamanhos fins ides vestir as armas. Entendi que daria bons auspicios á vossa jornada, se vos trouxesse a tomar primeiro a benção de vosso Pai, e a ouvir d'elle mesmo conselhos de que haveis mister. Sim, recolhei o animo, e ponde o coração attento, que o ides ouvir.» — E aqui, tirando do seio um pergaminho, e beijando-o como reliquia santa de uma alma: — «Ahi tendes palavras suas, e por sua mão escriptas para vós: he o testamento da sua experimentada sabedoria: he a escriptura da vossa futura fama. Tomai-o; mas antes que o leais, reparai em todas as circumstancias que vo-lo tornam solemne. Diante de vós o sepulchro do descendente por varonia dos Reis de França, a quem deveis o ser, e dobradamente venerando, porque he finado: ao pé de vós, e como testemunha, vosso Aio, D. Egas Moniz, eu: por cima de nós as estrellas, a lua, o ceu de Deus: a hora religiosa da meia noite: e n'esse templo, edificação de vosso Pai, entre as alampadas, que alumiam a sua calada vastidão, a presença do Altissimo! Nunca tão mergulhado estivestes no mundo espiritual, no mundo invisivel, que envolve, enche, vivifica, e rege este orbe de terra e morte, onde trazemos os pés. Entendo o alvoroço do vosso rosto, a luz estranha dos vossos olhos, o desusado tremer de todo vosso sujeito!.. hora he esta de inspiração; hora d'aquellas mui raras horas que só transvoam pela mocidade virtuosa, e na solidão. Filho de Deus e de Henrique, Pai de Reis e da Patria, lêde.»

O Principe, tomado respeitosamente o pergaminho, estendendo-o sobre o monumento, e despegando a custo a vista do estirado vulto de pedra, que sobre elle jazia, figurando o Conde, leu, entre outras, estas palavras, que representando-se-lhe vir dos labios moribundos, lhe desciam ungidas a se encarnar no coração: «Filho, esta hora derradeira que me Deus concede, e apoz a qual te deixarei vivo e sem mim no mundo, resume toda minha alma e affectos em ti; mas o preço dos momentos ninguem melhor o conhece que o agonisante, e não quero desbaratar em saudades, tempo, que para os avisos me poderia logo falecer. Ja quando isto leres não serei eu entre os vivos; mas estarei d'onde te observe, e de dentro da tua consciencia me ouvirás fallar-te. Filho, has de saber que não fez Deus os Principes para os Principes, se não para os Povos, e lhes commetteu, sob graves penas, que sem falta lhes serão tomadas, o socego dos bons, e a repressão dos maus. Sê justo com uns e outros; o premio anima os bons, e lhes augmenta o numero; o castigo diminue o dos maus, e os refreia. Não conheças grande nem pequeno no julgar; todos os homens são grandes para se lhes guardar seu direito; e todos pequenos para não haver cobardia em os punir. Nenhuma razão de amor ou odio te desvie nunca da justiça, que se um dia te separares d'ella um palmo, logo ao seguinte se arredará ella do teu coração uma braçada. Nenhum homem deixa de pôr os olhos no que fazem suas mãos: as mãos dos Principes são os officiaes a cuja conta anda a policia e regimento das terras; observa-os, e nos que em teu nome vexarem o Povo dá aos outros exemplo com que vingues o Povo e desaggraves o teu nome. Se outra cousa fizeres, por muitos mais que por ti haverás de responder perante Deus. Não te arrisques a perder por desméritos o divino auxilio, sem o qual não ha poder nem saber que te aproveite: da mão de Deus somos isso que somos, e o que temos não teríamos, se da sua mão e bondade o não tivessemos. Da terra que te deixo não percas uma polegada, que a ganhei eu com grande fadiga e trabalho; mas recobra o que d'ella se nos perdeu, e accrescenta quanto mais podéres para a tua gente e para a Fé. Filho, toma do meu coração um pouco, porque sejas esforçado e sem medo.»

Aqui o Infante lançou involuntariamente os olhos para a parte onde deixára seu fogoso cavallo, acudindo com a mão á cinta onde ainda não pendia espada; e logo córando, e perguntando mudamente ao semblante de seu mestre, se por ventura havia feito mal, e vendo-o sereno e satisfeito, proseguiu a ler, e concluiu com o mais religioso respeito uma lição de que em toda sua vida se não havia de esquecer.

Ao despontar do sol, estava aquelle sepulchro ainda orvalhado de algumas lagrimas, e o guerreiro simulacro de pedra, coroado na cabeça e nas armas de louros mui frescos e viçosos: os cavalleiros eram partidos caminho de Zamora.

V.

Tres annos são passados desde que na Cathedral antiga de Zamora se ennobreceu a cavalleria, recebendo em si a D. Affonso. Pela primavera do vigesimo oitavo anno do duodecimo seculo, o vemos estreando as armas, isto he triumphando pela primeira vez. O Conde D. Fernando, de linhagem Real, e de animos não menos altivos, ou captivado da formosura de D. Tareja, ou namorado do resplendor de sua Corôa, chegára a se associar com ella no governo de Portugal. Que n'elle desse a Rainha um padrasto a seu filho, não he provado nem verosimil; que profanassem com amores illegitimos a viuvez do thalamo, a nós nos repugna affirma-lo, pois sobre temeridade nos parece cobardia mui descavalleira, e mui desportugueza, infamar por meras presumpções uma mulher, viuva, rainha, desgraçada, morta. E porque se carece de ir buscar o amor, para explicação de guerras, onde ja está a ambição? D. Tareja e D. Fernando são pois socios no governo, pertendem resumi-lo todo em si, e entendem poder consegui-lo: na mão d'ella está a escriptura de dote, na d'elle a espada. Fantasiam ter em si o direito e a força; a força reconhece-lh'a o povo, Leão lhe affiança o direito; que mão valerá a desarraiga-los? a de Affonso. He mais a usurpação do Tyranno estrangeiro que a ambição de sua Mãi quem o abala: he mais o empenho d'exalçar Portugal á grandeza que só elle por ora prevê, do que não o seu proprio interesse, quem o determina: por elle e com elle he D. Egas, o Ceu será tambem por elle e com elle.

Não foi larga a contenda; começou-a, e decidiu-a uma primavera: em dia de S. João Baptista do mesmo anno vinte e oito, no campo de S. Mamede, juncto a Guimarães, apoz uma desabrida batalha, D. Affonso era senhor de seus Estados, a Rainha sua captiva, D. Fernando em fuga.

Cortada estava a guerra, mas duravam-lhe as raizes: tornou a rebentar. El-Rei de Leão, quer movido de súpplicas de sua Tia D. Tareja, quer de ciumes de sua propria auctoridade, determina derrubar o Principe Portuguez do carro triumphal; e lembrar-lhe com o pé na garganta, que para independente, se o quizer ser da Soberania Leonesa, lhe falecem forças. Marcha com grosso exercito por Galliza contra Portugal; de Portugal sae o vencedor a recebe-lo. Foi batalha temerosa: á Veiga de Valdevez que a soffreu ficou o nome de *Veiga da Matança*. O Estrangeiro fugiu derrotado, e affirmam que ferido, e o Principe nosso, depois de ter feito pelo seu braço maravilhas de valor, se recolheu, dizem, com sete condes inimigos captivos, e sua gente melhorada em brios para novas façanhas. E assim devia de ser, o genio portuguez ja era nascido, e os povos que entre a Mãi e o Filho se repartiram armados, armados se ajunctavam agora em favor da patria. E isto foi no mesmo anno vinte e oito.

Não esqueciam ao vencido os primeiros motivos, mais aggravados agora, e accrescia-lhe para o odio a vergonha da derrota. Sabe que D. Affonso Henriques tem sua côrte em Guimarães, villa ainda mal fortificada, e presume-o descuidado e adormecido sobre os louros. Levanta caladamente exercito crescido; e outra vez por Galliza voa, sem dar á fama tempo de o precêder, e presenta-se d'improviso a cercar a cabeça de Portugal, que ja cuida ter entre as mãos. Agro lance era este para os nossos, em que o valor nada podia contra o valor, a vingança, e

o numero. Feito era, talvez para sempre, dos alterosos fados nascentes d'esta Monarchia, se dos Ceus lhe não assistira uma Providencia, e na terra um D. Egas! D. Egas a salva, não ja acodindo a seu Senhor com a victoria, como na jornada de S. Mamede, segundo he fama, porem com a magia de sua palavra, fazendo retroceder a victoria que os hia engolir, creando uma virtude nova, a da mentira, e uma nova gloria, a da traição! — Durava o cerco: deviam ir minguando os animos aos poucos de dentro, quando nem ao velho se antolhava possivel a resistencia. Só, e a occultas do Principe, sae-se da villa ao campo dos contrarios, e requer d'El-Rei uma audiencia secreta. Entrado á sua presença, com rosto grave mas desassombrado, e com um tom seguro de palavras, mais de quem aconselha, que de quem requer = « Senhor (lhe disse), relevar-se-ha á minha idade o vir no meio das armas ser orador da paz. Se mo alguem quizesse attribuir a vileza de animo, todos os feitos de minha vida até hoje, ahi estavam para o desmentir. Como cavalleiro me houve sempre, e como tal me achareis ainda agora com o meu Principe no mais acceso do conflicto, se huns com outros, o que a Deus não praza, houvermos de ter batalha. Mas o cavalleiro póde e deve ser christão, politico e amigo; e tal venho, Senhor, á vossa presença. Que novidades e guerras são estas, e para que? Dois Principes visinhos como vós, Filhos de duas Irmãs, e de dois Primos, quasi Irmãos como vós sois, ¿quereis dar a vossos subditos, e á custa do seu sangue, uma lição e exemplo de odio fratricida? dois mancebos a quem por suas virtudes e esforço todo o mundo houvera de respeitar, ¿serão os proprios que um a outro se desacatem? Mas embora cerreis os corações aos clamores da natureza, e os ouvidos aos brados da fama: lembrai-vos de vossa obrigação de catholicos. No Occidente e no Oriente toda a Christandade está em pé diante do Mahometismo; n'uma e n'outra parte, mas cá muito mais do que lá, rebentaram ja, e de dia para dia se amiudam mais, as pelejas, para as quaes de todas nossas diligencias e braços se carece: quando os cabeças e reis barbaros se unem e condensão, desunir-nos-hemos nós? ¿o ferro que cingimos diante dos altares para defensão da fé, mergulha-lo-hemos no peito de soldados da fé, ajudando por nossas mãos os votos dos infieis? ¿e continuaremos, para que elles folguem, o ferino espectaculo de ambições sanguinolentas que, desde a morte de vosso commum Avô o Senhor D. Affonso VI, tem enluctado as Hespanhas? ¿Com estes exemplos de virtude e caridade quereis converter e reduzir os Mouros, quando com vossa espedaçada milicia ja não valerdes a sujeita los? Demais, Senhor, ainda que nenhuma d'estas razões houvera, e mesquinhos pundonores valessem o sangue dos homens, ¿como se absolveria no tribunal de sua consciencia o aggressor, se a fortuna lhe viesse a falsear a victoria? No numero dos vossos soldados vos fiaes, e melhor ainda em vós: desprezaes nossos muros e reparos nascentes, e os poucos homens de armas que lá dentro imaginaes: mas, Senhor, os campos de S. Mamede e de Valdevez ja provaram que sabemos batalhar sem escudo de muralhas; e nem nosso Principe, nem seus barões, nem nenhum dos que o seguem aprenderam a contar lanças A fortuna, que ja uma vez vos desamparou, poderia bem conservar agora o seu costume, que he favorecer em cada terra os filhos d'ella. »

Mais hia por diante aquelle magnanimo embaixador de si mesmo, quando assomadamente o atalhou El-Rei, dizendo-lhe: que se da parte de seu Senhor vinha a lhe tributar a devida vassallagem, como a herdeiro do grande Affonso, e verdadeiro Soberano de Portugal; se lhe dava certo que iria elle, como os outros condes, subdito seu ás Côrtes de Leão, logo se partiria para suas terras: quando não, nenhuma das razões, que tão bem lhe dourava, os salvariam. — « Senhor (acudio submissamente D. Egas, depois de estar algum espaço cuidando entre si), nem me cabe a mim disputar com tamanho Rei ácerca do direito, nem para isso me daria licença a minha ignorancia de soldado. Tão pouco permittirei á minha lingua revelar-vos as vontades e razões que todos nossos povos manifestam para haverem independencia. Pois que he essa a condição que pondes para se poupar o sangue christão, D. Affonso de Portugal vos pagará tributo, e comparecerá nas vossas Côrtes de Leão. »

Prestes estava D. Affonso Henriques com toda sua pouca gente, quando de repente soa que os inimigos levantavam o cêrco. De toda a parte se ouve o confuso alvoroto de um exercito que se abala: relincham os cavallos sofregos da partida, nuvens de soldadesca se agitam vozeando, desarmam-se e enrolam-se tendas, tremulam os brados dos clarins, rangem os carros de bagagem, trovejam os tambores, os pendões se alçam e demovem esvoaçados; e como ondas do mar que descem clamorosas e deixam livre e descoberta ao sol a praia, Affonso Henriques observa com pasmo desfazer-se-lhe de redor este bando ameaçador de inimigos, contra quem ainda não levantára braço. Então D. Egas arremessando-se-lhe aos pés lhe explica todo o enigma. Affonso indignado pela primeira vez o repelle, arranca a espada, quer ir chamar novamente a tempestade que se afasta! quer vencer ou morrer, mas pelejando, mas livre, mas senhor de terra independente e gloriosa A idea de vassallagem, que elle não ousa converter em palavra, lhe reverbera como sangue pelas faces, pelos olhos como fogo; e cravando-os no Velho, parece perguntar áquellas cãs, como chegaram a regelar ali dentro tantos brios e virtude! Egas, rebentando em lagrimas, e ajunctando as mãos para o Ceu, « Bem dito seja o Omnipotente, exclama, que deu aos Portuguezes um Principe digno de os reger! » — E logo abraçando-o com orgulho « Segui, lhe disse, segui a estrella que vos guia a grandes cousas! Eu vos agradeço em nome dos vindouros, o desmentirdes com o feito a promessa a que a salvação da minha patria me obrigava. Poucos eramos aqui; sem gloria e utilidade hiamos perecer; hiamos legar captiveiro a nossos filhos, se eu refugisse fazer á patria o maior sacrificio que homem póde, que não he o do corpo e da vida, senão o da alma, o da fama, o da amizade do seu Principe. Não consintaes que tão amargo serviço se mallogre; aproveitai-vos d'elle, se não para vós, para os vossos subditos. E pois que tendes de não ir ás Côrtes de Leão, e de recusar o tributo de feudatario, empregai a presente paz que Deus vos concede, como treguas, e apercebamo-nos para nova guerra. No demais serenai o animo, a vossa honra ficará illesa: e quanto á sanha de El-Rei de Leão, ainda por ventura terei eu em minha casa escudo, que a imbeba toda. » — Aqui uma nuvem de tristeza resignada, passou por diante do contentamento do fiel Aio: o Principe não ousou escruta-la.

Chegava o tempo de se haver de cumprir a palavra do Portuguez, quando por Toledo entravam com os horrorosos trajos de réus sentenciados, e grossos baraços ao pescoço, D. Egas, sua Mulher, e todos seus numerosos Filhos. Acode e apinha-se o povo, maravilhado de espectaculo tão estranho: quem sejam, d'onde venham, e para que, se perguntam entre si. Tudo n'elles está respondendo que são desgraçados; caminham para os Paços d'El-Rei. As mãis, vendo aquelles mininos, apertam os seus aos peitos chorando. O semblante grave mas quebrantado do ancião, as lagrimas no rosto da esposa formosissima de innocencia enfeitiçam todas as vontades. Oh! que se maniatados os vissem e levados entre guardas, nenhum dos espectadores se houvera contido, que não arremettesse a salva-los e defende-los!; mas alguma força sobre humana parece leva-los. Não se enganam; essa força mais forte que as armas, essa força que triumpha do medo da morte e do amor materno, he a honra de um Portuguez antigo!

Susurro de povo ás portas do Palacio annuncia a El-Rei que vem lá novidade. « Gente de Portugal! Gente de Portugal! » reboa pelas abobadas. D. Affonso manda franquear as portas; e sentado no throno, rodeado de seus Grandes, aguarda magestosamente. Pés descalços ousam transpor o limiar dos reis: perante o forte coroado vem offerecer-se as mais desamparadas fraquezas do mundo; um velho, uma mulher, uns mininos! — « Que significa tudo isto D. Egas? e que demandaes? » « Senhor Imperador de Leão e Castella, trago-vos o unico preito que de Portugal podeis haver: venho desempenhar minha palavra e desaffrontar-vos. Nem D. Affonso Henriques, nem Portugal vos reconhecem por seu cabeça. Quebrantada está minha fé: a de um Fidalgo Portuguez vale mais que sua vida: eu vos entrego junctamente as vidas dos que mais amo. De todos nós mandai fazer justiça, e ficarei quite. » — El-Rei furioso arranca da espada contra o inerme ancião, que para ella se arremeça com a mão sobre o coração, não como escudo, sim como alvo: mui feliz se com seu sangue resgatar tão caros penhores! Mas a espada que instantaneamente lampejou, recaío envergonhada na bainha. Bastou um grito de espanto dos cortezãos para que a sanha se convertesse em outra tanta admiração: El-Rei perdoa, abraça e premia.

Soam acclamações na fronteira: he a vistosa cavalgada com que o Principe Portuguez sáe a receber o Salvador da patria. Que momento para D. Egas! recuperar simultaneamente com toda sua familia a terra do nascimento, que ainda ha pouco julgavam perdida, até para seus ossos; o ar e os horisontes da mininice; o theatro de tantas suas façanhas; a presença e applauso de tantos cavalleiros amigos; e os abraços d'Affonso, de Affonso que ja não vê n'elle um Pai, senão um Anjo, que a Providencia lhe pôz ao lado, para lha representar no mundo!

Mas tomemos aqui o fôlego. Tempo he de levantar mão de um retrato para o qual muito ainda nos quereriam offerecer as historias, mas que, pela ultima feição que lhe lançámos, nos está ja ahi completo e perfeito. Demais, não he proposito nosso, como ja advertimos, escrever a historia, mas só apontar seus mais altos e formosos cumes, quer para espertar em muitos o amor de seu estudo, quer para acordar brios portuguezes a tres ou quatro, a quem ainda de todo não cahisse defuncto o coração. Menos nos deteremos enramalhetando com o nome do nosso Cavalleiro os feitos de armas e preeminencias de seus muitos filhos, as excellencias de suas mulheres, das quaes uma creou Affonso, e outra, ja viuva, os filhos de Affonso, e as piedosas fundações com que esta familia multiplicadamente perpetuou sua memoria.

VI.

Se algum dia uma saudade filial do mundo antigo te nascer no coração, como um pensamento de poesia, como uma flor de primavera que, sem semente, vem creada a um bafo puro do ceu; se jamais saíres da sombra conhecida do teu tecto, não para ir visitar as capitaes florescentes e juvenis, mas os cemiterios dos grandes povos, a Italia, a Grecia, o Egypto, a Syria; os meus votos e invejas te acompanharão, porque tu não vaes, como os frivolos cortezãos e falsos amigos, embriagar-te ao banquete das nações no dia da prosperidade; vaes como piedoso romeiro tributar calado offerenda de suspiros aos finados, e volverás para entre teus filhos, largos seculos mais velho para a sabedoria. Pelas conchas da murça e maviosa toada de seus cantares se distingue de longe o christão romeiro: mas tudo isso depõe elle com o bordão, ao cabo da jornada, no canto da sua lareira; só a melancolia grave que he meia virtude, só as palavras de aviso que são meia felicidade, só o de-

sapêgo dos bens movediços e cambiantes do mundo, que he no mundo o unico bem possivel, lhe permanecem, e o acompanham até á hora derradeira. — Se em terra porem de Lusitania abriste os olhos, se o primeiro passo que déste, descido dos braços maternos, foi em terra de Lusitania, seja ella a que estrêe os teus pés, e te afaça para as viagens longinquas: seja o antigo Minho o primeiro que te apascente de recordações gloriosas. Oh berço venerando de Monarchia tão largamente Rainha! não são as muitas delicias de que a natureza te arraiou, perfumado como paraizo; não he a indole anciã dos filhos que ainda hoje crias, esses homens tão laboriosos, tão constantes, tão leaes, tão portuguezes, e essas mulheres tão dignas d'elles, tão virtuosas, tão mulheres; não he a abundancia que de teu solo e industria dimana para toda a parte, o que mais e melhor namora a vontade ao viajante sabedor dos tempos que foram: tu conservas ainda padrões e monumentos de nossa primeira idade. Mas qual d'entre todos disputará primazias ao tumulo de um Egas Moniz! Viajante, se es Rei, se es Principe, se es Conselheiro, se es Soldado, se es Magistrado, se es emfim homem, que isso basta, mais se te inspirará, com pores os olhos n'aquellas sagradas pedras, do que sentado inteiras noutes ao luar de Roma, juncto aos tumulos venerandos da via Appia.

Chegado ás frescas e selvosas terras entre o Douro e o ribeiro de Souza, viajante, pergunta pelo terreiro, fonte e carvalho de Gamús (he corrupção de Egas Moniz: até os grandes nomes cáem em ruinas!) Essa Igreja e Mosteiro, que defronte se te abrem, repousam em alicerces mais velhos que a Monarchia. Annos e homens por muitas vezes variaram o edificio: a santidade mais austera, a mais devassa corrupção a revezes o habitaram: hoje nem corrupção nem santidade, mas desamparo; e amanhã Deus sabe o que! Todas essas pedras estão ainda tepidas de sua antiga vida, tudo isso povoado de saudades, e da memoria de D. Egas. Ahi teve Paços seus; ahi edificou para os seus religiosos; ahi orou pela prosperidade do Reino que ajudava a fundar; para ahi deixou em testamento parte dos seus bens; e ahi dorme ainda agora o somno da morte. Assim prouve á Providencia irmana-lo em tudo com D. Affonso. Um e outro de esclarecido sangue; um e outro de grande alma em corpo digno d'ella; companheiros na paz, na guerra, e em toda a fortuna; ambos vencedores, fundadores e povoadores; ambos dotados, para bem do mundo, de larga e inteira vida; deixando ambos apoz si filhos esforçados e dignos de seus nomes, e depois jazendo em tumulos que ainda ahi vão para diante, a sobrenadar no oceano dos seculos; D. Affonso nas margens do seu Mondego, D. Egas na do seu Douro; D. Affonso a par dos restos de seu Filho; D. Egas com os restos de seus Filhos; D. Affonso entre a familia religiosa a quem fundára Mosteiro e que amára como sua, D. Egas entre familia religiosa a quem amára como sua e com quem repartíra de sua pousada e haveres. Uma e outra casa subsistem n'esta hora; mas os moradores que elles ahi deixaram, cujas ondas se succediam sem rumor por baixo das abobadas sagradas, ao longo dos tempos, como esses rios subterraneos que vão calados e não vistos atravessando o mundo, desappareceram; e os cantos que dia e noute lhes acalentavam piedosamente as cinzas, dissiparam-se! Assim o lume perpetuo das urnas dura escondido nas sepulturas de antigos Romanos, em obsequio aos Manes, e apenas as quebram e lhes entrou a luz do dia, trepída, apaga-se, e nem deixa um pouco fumo. — Por aqui passou tambem a renovadora charrua do seculo novo, e estas urnas espedaçadas ja lhes lá ficam para traz dos pés no deslembrado sulco. ¿Ha ahi razão para suspiros? para folgares? ou para uma e outra cousa junctas?.. Os seculos que d'este herdarem, o dirão; e este Deus o guie! Deus o guie; que sobre o que faz e o que desfaz assim caminha seguro e cantando seus proprios louvores!

NOTAS.

Pag. 8. col. 2. lin. 25. e seguintes. —— Ha quem dê por falsa a historia que referimos da tomada de Lamego, taxando de apocryfa a escriptura trazida por Brito no *Cap. 1 do Liv. 1 da Chron. de Cist.* Porem Brandão que não era homem para se deixar embair de artificios, e menos da auctoridade de Brito, como muitas vezes o provou, não pareceu duvidar do documento, posto que só o visse trasladado em uns cadernos de Arouca: tanta fé lhe mereciam taes cadernos! Verdade he que a formula do documento = *Henricus Portugalensium Comes* = por singular, se faz suspeita: mas nós contamos, não affirmamos.

Pag. 8. col. 2. in fin. —— Sobre as terras e possessões que constituiam o patrimonio de Egas Moniz, e que passaram por herança a seu filho Sueiro Viegas, quem desejar noticias miudas consulte a eruditissima *Nova Historia da Militar Ordem de Malta em Portugal, por José Anastacio de Figueiredo.*

Pag. 9. col. 2. in fin. —— A data do perdimento de Lisboa em tempo do Conde D. Henrique foi ignorada em Portugal até o anno de 1828, em que o nosso benemerito professor de lingua arabe, o Sr. Moura, publicou a sua traducção da *Historia dos Soberanos Mahometanos que reinaram na Mauritania, por Abu Mohammed Assaleh.* Conforme esta Historia, Lisboa foi-nos tomada pelo Principe Sairi em 1113, e tornada a tomar por Aly, filho de Jussof em 1121, d'onde se conclue que por nós foi recuperada n'este intervallo. He muito para notar que em nenhuma parte das nossas antigas memorias, nem sequer se falle d'esta recuperação, sendo, como era, gloriosa. Fr. Antonio Brandão ja com a sua admiravel sagacidade, não podendo por falta de provas historiar a epocha da perda de Lisboa, a havia comtudo adivinhado, marcando-a na occasião da expedição d'El-Rei Cyro [que he o Sairi da Historia arabe] nos dois ultimos annos da vida do Conde D. Henrique, vindo a enganar-se, quando muito, em um anno. No texto só mencionamos o ultimo perdimento, por mais importante.

Pag. 10. col. 2. lin. 26. —— As falsas Decretaes de Isidoro Mercador ou antes Peccador, appareceram no principio do Sec. VIII. As suas doutrinas exageradamente papaes, foram principalmente adoptadas na epocha a que se allude no texto — e posto que ja então houvesse outras Collecções Canonicas, não lhe tinham essas tirado a voga, antes lhe haviam corroborado, adoptando e sanccionando as mesmas doutrinas.

Pag. 11. col. 1. lin. 64. —— Canon 8. do Concilio Coyacence, celebrado no governo d'El-Rei D. Fernando de Leão em 1088 [ann. de Chr. 1050]. *Octavo autem titulo mandamus, ut in Legione et in suis terminis, in Gallæcia, et in Asturiis, et Portugale, tale sit judicium semper, quale est constitutum in Decretis Adelphonsi Regis pro homicidio, pro rauso, pro sayone, aut pro omnibus calumniis suis. Tale vero judicium sit in Castella, quale fuit in diebus avi nostri Sancii Ducis.*

Pag. 11. col. 2. lin. 65. —— Na Parte I, Cap. III, Art. I do *Exame Comparativo de Cronicas Portuguezas, relativamente ao Governo do Senhor Conde D. Henrique, Tom. XI, Part. I da Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, da-se por erro historico o aleijão com que nasceu o Infante D. Affonso, e conseguintemente a edificação do Mosteiro de Cárquere *ex voto* pela cura do mesmo Infante. Funda-se o auctor, na falta de prova por Documentos: o que se procedesse, quasi toda a historia judaica, grega, romana, quasi toda a das nações modernas, e uma parte da nossa deixariam de o ser. Como porem a tradição, não contradictada por algumas razões de notoria falsidade, se haja e deva haver por boa fonte de conhecimentos, e a do presente caso seja abonada pelo mais antigo chronista portuguez de D. Affonso Henriques, que he Duarte Galvão, razão nos parece que se receba, mormente depois dos argumentos com que Brandão a corroborou

Pag. 12. col. 1. § IV. lin. 3. —— Da famosa corpolencia de D. Affonso Henriques fallam todos os historiadores desde a *Chronica Gothorum*, mas em nossos dias palparam-se-lhe as provas, quando ha poucos annos, abrindo-se em Santa Cruz de Coimbra o tumulo Real, se acharam n'elle ossos agigantados. — E quanto á estatura de D. Egas, mui superior ao usual, póde-se ver o que refere a *Benedictina Lusitana Trat. I. Part. IV. Cap. 15.*, por occasião de fallar na trasladação dos seus ossos e tumulo em 1605.

Pag. 12. col. 1. in fin. —— Estes conselhos escriptos indica-os o Conde D. Pedro, e tra-los extensamente Duarte Galvão, como dados vocalmente pelo Conde D. Henrique a seu filho, pouco antes de expirar; mas Brandão, o judiciosissimo dos nossos historiadores, provou pela accurada confrontação das datas, segundo seu costume, que tal exhortação vocal não podia ter tido logar. Pareceu-nos conciliar tudo, e não exceder a licença de narrador poetico, fantasiando esta scena, e fazendo lêr por D. Affonso na sua adolescencia, o que em sua primeira puericia lhe não fôra possivel ouvir.

Pag. 12. col. 2. § V. in princ. —— Em uma dissertação do P.e Antonio Pereira de Figueiredo, impressa no Tom. IX da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, e em uma Memoria do Sr. Antonio d'Almeida no Tom. XI P. I da mesma Collecção, defende-se o segundo casamento da Rainha D. Tareja, com D. Fernando Conde de Trastamara: mas apesar do que ahi se aponta mais positivo, qué são a Historia Compostellana, e a Chronica d'El Rei D. Affonso VII, subsistem ainda para nós as duvidas em que laborou Fr. Antonio Brandão; e a inclinar-nos para alguma parte, com elle nos inclinamos a que tal casamento não houve. A materia he muito mais vasta do que importante, remettemo-la aos curiosos desoccupados. E quanto aos muito menos improvados amores illicitos, tambem nos não parecem evidentes: comtudo não poremos a mão no fogo pela innocencia da Rainha, a qual se foi desenvolta no seu viver, melhor nos ficam defendidas as armas com que seu filho se levantou, e a depoz.

Pag. 12. col. 2. § V. lin. 6. —— Da extremada formosura da Rainha D. Tareja nos consta pelo Foral de Tentugal de 1108 *Ego Comes Henricus, una cum uxore mea formosissima Tharasia*: assim como pelo testemunho de um auctor coevo, que escreveu a vida de S. Giraldo: *Comiti Henrico et uxore ejus, venusta Regina scilicet Tharasia, præsentibus &c.*

Pag. 13. col. 2. lin. 66. —— A *Nova Historia da Militar Ordem de Malta em Portugal*, fundando-se em muitos documentos de Salzedas, dá-nos Egas Moniz cinco vezes casado com D. Mor Paes pela primeira vez; depois com D. Dordia em 1105, com D. Dorothea em 1120, com Maria Onoriquiz em 1130, e desde 1134 com D. Theresa Affonso: mas não produz nem ao menos cita os ditos documentos, os quaes ainda mesmo existindo, como não duvidamos, sería necessario que se não referissem a outro ou outros sujeitos d'aquelles tempos com o mesmo nome, como nos parece provavel, não só pela estranheza e pouca verosimilhança destes cinco casamentos em pouco mais de 30 annos, como porque desde o Conde D. Pedro até agora todas as nossas historias não deram mais de duas mulheres a Egas Moniz, D. Mor Paes ou Peres, e D. Theresa Affonso.

MONUMENTOS SEPULCHRAES DE EGAS MONIZ E SEUS FILHOS.

Na Igreja do Salvador de Paço de Sousa, Mosteiro que foi dos Benedictinos, em a provincia do Minho, cinco leguas ao nascente do Porto, duram ainda, mais bem tractados do tempo que dos homens, os cenotaphios que representa a Estampa. São elles, por muitas circumstancias, notaveis entre os mais notaveis monumentos de toda a nossa Peninsula. Representa o primeiro, em relevo informe, a jornada de Egas Moniz á Côrte d'ElRei de Leão, não se podendo comtudo assaz explicar cada figura: mas lá vai na dianteira um cavalleiro com suas cordas ao pescoço, que deve de ser D. Egas: outros dois de cavallo poderão ser dois de seus filhos mais velhos: tres de inferior idade sobre uma besta e quatro creancinhas em berços, serão os outros: uma matrona a cavallo parece ser a mulher de D. Egas: os demais talvez servos e companhia da jornada. — O segundo monumento em relevos, tambem toscos, mostra a morte e enterro de Egas Moniz. Dois Anjos lhe estão recebendo a alma, que lhe sae da boca em fórma visivel, quatro mulheres se estão carpindo. Depois duas figuras mettem o cadaver n'um tumulo, um Bispo assiste a esta ceremonia, e duas mulheres pranteam. Por baixo em duas pedras separadas apparece a inscripção — *Hic requiescit Famulus Dei Egas Moniz, vir inclitus, Era Millesima Centesima LXXXII.* O caracter da letra induz ao principe dos nossos paleólogos, o Sr. João Pedro Ribeiro, a reputar coevo aquelle monumento. A metade superior da inscripção acha-se ao revez, porque trasladando-o, a ultima vez, assim a collocaram. Ácerca das diversas trasladações, e do que se achou no carneiro sottoposto aos monumentos, e dos estragos que n'elles se tem feito, e provas da antiguidade e coevidade de taes pedras, são muito para se ler a *Benedictina Lusitana* de Fr. Leão de Santo Thomaz, Tom. 2. Trat. I Part. IV Cap. 14. e 16., e a *Memoria Polemica ácerca da verdade da jornada de Egas Moniz a Toledo*, composta pelo nosso laboriosissimo consocio Academico, o Sr. Antonio de Almeida, e impressa no Tom. XI Part. I da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

Monumentos Sepulchraes de Egas Moniz e seus Filhos

D. AFFONSO EM OURIQUE RECEBE A EMBAIXADA DE DEUS.

JORNADA DE OURIQUE.

(ANNO 1139.)

> Em nenhuma outra cousa confiado
> Senão no summo Deus que o ceu regia;
> Que tão pouco era o povo baptisado,
> Que para um só cem Mouros haveria.
>
> CAM. LUS. C. III. EST. 43.

I.

Nós saudámos com respeito e amor, a terra antiga e florecente do Minho, terra grande mãi de fructos, e grande mãi de varões, como pela sua Italia dizia Virgilio: hoje desceremos ás planicies aridas do sólo Transtagano, para saudar tambem ahi a gloria dos tempos que foram. Em toda a parte de terra e mar por onde passaram nossos avós, ainda reflexos de gloria estão brilhando, como os arrebóes saudosissimos de um crepusculo da tarde: aqui porem foi a primeira acclamação de Rei Portuguez, e logo apoz uma batalha e uma victoria taes, que para que a sua verdade fosse acreditada, nunca as historias a poderam narrar desassociada de um prodigio celeste.

Quietadas as discordias intestinas, desfeitas com dois sopros da fortuna as nuvens temerosas por todo o horisonte da fronteira castelhana, olhou o Infante D. Affonso Henriques em deredor de si, e sentiu que não cabia na terra de seu senhorio. Passará o Mondego; fará mais, quebrará foros e encantamentos d'esse mourisco e apartado Tejo, e chegará com victorias onde por ventura nem sonhos ambiciosos de seu Pai ou de seu Avô houvessem chegado. Não são isto ardimentos de coração de trinta annos, ou delirios de Principe embriagado dos prosperos successos; he antes a heroicidade aconselhada da prudencia.

Soa nova certa que vão entre os mouros grandes aprestos e alvoroço para total extirpação da Christandade; que o potentissimo Ismar, braço de ferro do Miramolim de Marrocos, e por elle Rei de muitos reis mouros de Hespanha, por todos esses povos mandára deitar bando de guerra santa, de guerra das guerras, de guerra geral e derradeira, em nome de Deus e do Profeta; que por cidades e aldeas hespanholas e africanas correm, como passaros negros, pregoeiros de temporal, os alfaquis de sua seita; que ao som d'aquellas vozes, quasi inspiradas, que proscrevem do livro da vida Portugal e seu Principe, todos os corações se inflammam e lhes voam apoz; que os obreiros e lavradores se convertem em soldados, os soldados em tigres; que os velhos se armam cubiçosos do martyrio; que as proprias mulheres não só os imitam, senão que muito mais ainda vencem a natureza, armando e exhortando os filhos mininos para morrer; que ja nos campos do chamamento não cabe o numero dos futuros pelejadores, os quaes de hora para hora recrescem; e que o mar d'entre os Algarves está pasmado da quantia de galés que de dia e noite vão e vem em cardumes, despejando nas beiras d'este ameaçado torrão Iberico quantos braços, ferro, e machinas de guerra se poderam grangear por tanta Africa.

De todos os imperantes christãos ameaçados, he D. Affonso Henriques, e com razão, o a que mais tiram os odios dos Barbaros. Revolveu este no seu coração grande todas as sortes de futuro. Se os aguardasse, a multidão inimiga viria, como uma alluvião, não vencê-lo, mas afoga-lo; e não só engolir toda sua gente de peleja, mas exterminar lhes as mulheres, e os filhos, e a casa, que he abrazar como raio a patria nas suas raizes e renovos. Se sair a procura-los, minguar-lhe-hão os auxilios com que a terra acode pelos seus, pôr-se-ha mais longe de principes christãos, desgasta-lo-hão sêde e fome em páramos estereis. Não importa: este segundo arbitrio ainda com todos seus rigores o convida: accommettedores em vez de accommettidos, os seus soldados se melhorarão em brios; os mouros pasmados descerão algum ponto de suas tamanhas afoutezas: temos longe a patria? não nos doerá a assolação da terra: não avistâmos valedores? faremos por onde os não hajamos de mister: e se nos fallecerem o pão e a agua, mais será logo necessario que apressemos a victoria. Deus no-la dará, por cuja fé pugnâmos!

Tomada esta determinação, appellida toda sua terra, congrega a maior massa de gente. Que milhão de homens gigantes he este que, arraiados os rostos do sorrir da victoria, o acompanha, e estremece o sólo sob sua marcha de ferro? São, quando muito, mil de cavallo e doze mil peões, mas Portuguezes. E bastará isso para desfazer um mundo de inimigos? Sim: se contra a enorme desproporção de todo outro genero de forças se lançar mão do tempo. Nada he elle a olhos de nescios, porque o não vêem; em juizo de prudentes, que o entendem, he tudo, porque he a vida e alma de todas as cousas, e o elemento dos elementos, e o destruidor e fazedor universal: nada o paga nem o desconta, elle só desconta e paga tudo: do tempo he a occasião, da occasião a fortuna; penda até abaixo a balança da guerra com o pezo de ferro, ouro e heroicidade, se na outra extrema se lançou vontade e engenho, ondeará; se á vontade e engenho se ajunctou a leveza do tempo, essa leveza romperá o equilibrio, esse nada levará pelos ares o tudo vencido e espantado. Semelhantes deviam de ser os pensamentos de D. Affonso, esporeando e correndo á redea larga, na frente de seus companheiros, para aquelle sul tão desconhecido, tão ameaçador, tão rumoroso, tão sem limites nem horisontes. O colosso do poder barbaro lá está em pé: ja na mão lhe tremula desenrolado o estandarte da Meia Lua, que estende sombra de medos por todas as Hespanhas christãs; e ao primeiro som de rebate marchará. Quem então se tomaria com elle para luctar braço a braço? Agora agora, que tão cheio está de si, e de nós tão seguro e descuidado, agora he o voarmos-lhe ao coração, e dar n'elle tão subito e rijo encontro que se baqueie em terra esmorecido. Sim, o arrôjo do nosso commettimento o fascinará, para que os poucos lhe pareçamos innumeraveis, e as nossas estaturas descommunaes, e encantadas as nossas armas: e em chegando a hora que os podesse tornar em si, ja elles não serão!

Como nuvem tocada do vento rijo de Deus, ja o bando christão deixou para traz potentissimas cidades e fortalezas mouras, transvoou o grande rio, e lá pousa pelos altos de Castro Verde, entranhas do Alemtejo. Aqui he o sobresaltar de corações varonis, aqui o enfiar de rostos cortidos nas batalhas, aqui o encolher de afoutezas. Cinco poderosos reis, em armas, e presentes com seus povos; por todas partes cêrco, até vinte, trinta e mais leguas, de gente inimiga e inimiga terra, gente em tão espantosa multidão, que parece que as lanças fieis bem poderão de todo consumir-se n'ella, sem a gastar; terra conhecida e auxiliar de mouros, ouriçada de perigos e embuscadas, com temerosa carranca de fortalezas, abastada de tudo, e toda á roda por estradas maritimas e terrestres, por Andaluzia e mares d'entre Algarves aberta ás perennes torrentes dos auxiliares, e abundancias para a vida e para a guerra. — Arrimados ás lanças os soldados de Affonso, a quem o largo uso da guerra havia dado sabedoria de generaes, pezavam mudos o temerario e o impossivel da empreza, e uns a outros com os olhos se diziam: que o mais leve infortunio ou descuido, o primeiro tropeçar ou duvidar, seria para todos hora inevitavel de perdição. Como elles, e melhor do que elles, via o Principe o muito apêrto em que eram postos: dissimula comtudo, manda reunir os esquadrões, menos para haver mostra da gente, do que para que ella a houvesse da segurança do seu Capitão; e de cima de seu alteroso cavallo, ferindo a terra com o conto de sua lança corpulenta, com rosto soberano e affavel, grave e animado, lhes disse: — « Companheiros! nem paz, nem tregua, nem fuga se nos consente. He infallivel o pelejar, aqui, logo, e sem soccorro, nem esperança d'elle. Parabens, que será este um combate digno que os Anjos lá de cima o contemplem de joelhos, tremulando-nos com mão incerta ou a palma da victoria ou a coroa do martyrio! Sem numero são os inimigos: agradeçamos a Deus que nos trouxe para cegadores a tão larga seara; despejaremos este campo para nova patria. Todas essas bandeiras que esvoaçam, amanhã as ajunctaremos enfeixadas para os nossos templos: as riquezas que por ahi vão derramadas são ja de vossas mulheres e filhos: e toda essa turba que ora enche os ares de ruido e relampagos de armas, he de moribundos, por cima de cujos ossos enterrados depois de amanhã vos banqueteareis com o festim que elles vos andaram custosamente aprestando. Vencedores com D. Henrique, e vencedores comigo até hoje! a hora do vosso repousar está emfim chegando. O valor, que em tantas batalhas heis mostrado, he mister resumi-lo ora todo n'esta derradeira, que todas as outras resume. Lidadores da Fé e da Patria! as idades passadas, se podessem resuscitar, vos contemplariam com inveja; e cada um dos seculos por vir inclinará, em passando, a fronte, e salvará com vivas esta jornada portentosa de Ourique. Desce a noite:

« encommendai a Deus a sua causa, e adormecei confiados no seguinte « sol! Vai alvorecer para o conflicto a Festa de Santiago: o numero dos « reis inimigos he o das chagas do Salvador, por quem peleijamos: que « mais fadados auspicios, ou mais seguro abono para o bom successo da « nossa façanha! Boa noite por tanto, companheiros, até á victoria. »

Recolhido he em sua tenda o Capitão dos Portuguezes. São as horas de remanso, as horas descontadas da vida para tudo o que respira feliz; mas eternas e amargas para os pungidos de dores ou consumidos de cuidados. A vastidão dos arraiaes agarenos, atalaiados de suas vigilias e roldas, jaz adormecida e sorrindo para a victoria que em sonhos os visita: oh visitar de fantasma que se despede lhes será aquelle! Tambem o campinho christão repousa, bem velado entre suas pobres trincheiras; mas ahi reza-se em voz sumida pela patria, e muita vez no fundo do coração murmura, sem ousar subir aos labios, a oração da agonia, e as palavras do bem morrer. As sentinellas, medindo a passos duros e contados o terreno ondé os seus companheiros pousam armados e mudos, detem-se a espaços, figurando-se-lhes ja aquella a imagem do seu campo ao cabo da lide. Ahi, ahi, no segredo d'essa noite de estio, correram lagrimas de olhos portuguezes; de medo não, que a sepultura viam-na elles resplandecer como porta de paraiso; de saudades sim, saudades de suas terras e familias, a quem haviam promettido tornada bréve, largos despojos, multidão de captivos, accrescentamento de patria, dilatação de christandade, paz e segurança para todo o futuro, e sobre quem agora impendiam cadeas e alfanges. — Mas, porque ainda nos casos mais apertados, nunca lá por cima na alma se apaga um alvor de esperança, assim como não ha noite tão cerrada que não consinta alguns longes duvidosos de luz, de crentes e piedosos que eram, cada um calava o seu desalento, esforçava os companheiros, porque do alheio esforço lhe podesse renascer algum, e recorriam aos remedios extraordinarios, sobrenaturaes, e milagrosos, tão bem cridos de todos n'aquella idade. Qué romarias e offertas se não prometteriam á Casa santa de Compostella! e com que fé se não entreteria o tardo seroar das fogueiras do arraial, com os poderes e cavallerias do Apostolo bemaventurado das Hespanhas!

II.

— « Que nos digaes por vida vossa (perguntavam os soldados novéis), não a que vem, mas de que vem que sempre para dar nos inimigos, bradaes por Santiago? » — Ao que logo os antigos acudiam, que muitas batalhas haviam sido ganhadas por seu auxilio, e galhardamente feridas de seu proprio braço. — « De duzentos annos passa já (dizia um), que achando-se ElRei D. Ramiro de Leão nos montes de Clavijo, com grande tristeza, por haver sido derrotado de um innumeravel e tempestuosissimo exercito de mouros, com quem na véspera se affrontára (era noite como agora, e deviam de jazer pelo arraial pouco alegres os soldados, como nós outros), appareceu-lhe o Apostolo Santiago, e lhe disse: — « Esforçar, esforçar, que amanhã serei eu comtigo e com os teus! « O tributo das cem donzellas que pagaveis ao Cordovez, e que a ti te « metteu as armas na mão desesperada, ficará dando logar a outro mais « suave, que a meu sepulchro e templo pagareis vós outros, em conhe« cença de agradecimento: em vez de entregardes vossas filhas aos bar« baros, ireis alegremente com ellas todos os annos, visitar-me em mi« nha casa festiva, e saudar-me com hymnos patrono vosso e das Hes« panhas: essa corôa de flores virgens, tirada debaixo dos pés do demo« nio, será a minha de triumphador. Esforçar, cavalleiros, que amanhã « se verão maravilhas! Fazei o signal da cruz, orai, e invocai-me, se« gui-me os passos, tomai-me o exemplo, e tende fé. » — Com aquellas palavras se desfez a visão. No seguinte dia, tendo-se persignado e orado e cheio de viva fé o exercito, onde boa parte da gente era da nossa terra e sangue, cerraram com o inimigo victorioso e infinito. Santiago lhes corria diante, fazendo caminho com a lança, armado de ponto em branco, descommunal na estatura, e montado em um poderoso cavallo alvissimo: com a dextra e pezo de sua carreira derrubava como corisco as multidões descrentes, ao mesmo tempo que meneava com a esquerda uma bandeira candida, ou como quem acenava para os ceos á victoria que descesse logo, ou como quem chamava pelos christãos, que se chegassem a colhê-la. E ella baixou, e elles a colheram n'esse dia incredibilissima; derrotado Abderraman, mortos setenta mil dos seus, captivo o seu terrivel feiticeiro e Cacis da Meca, Alfarami, e o que mais foi para felicidade de agouro, o proprio Alcorão da sua maldita lei. E desde então não sem causa o temos por advogado nosso, os que militâmos. » —

— « Não ha mais de cento e quarenta e dois annos (dizia outro) que d'esse seu valimento se houve clara próva, ja cá em terra do nosso Portugal, de que ficou por memoria a ermida, que muitos havereis visto sobre um alto, entre os valles de Cambra e Arouca: de Santiago se diz, ao qual a dedicou por voto o Conde Froilaz Vermuiz, pelo grande estrago que ahi fez com pouca gente, mas ajudado visivelmente do Santo, no copioso exercito d'El-Rei de Cordova Almansor (de Mansores tem nome um logar que ahi se povoou na visinhança; e de Cabeça de Almansor um alto, onde he fama que o Barbaro acampára). Bem merecido foi o castigo que o Santo veio dar por suas mãos, e bem havia por onde ficasse, como ficou para todo sempre, furioso inimigo d'estes perros Mouros. Fôra o caso; que tendo Almansor com torrente de victorias expugnado muitas e grandes cidades e povoações do Mondego acima, até ao interior da Galiza, rendida e entrada Compostella, tanto se desatinou e endoudeceu com a soberba do feito que em afronta do Santo Patrono acabava, que assim mesmo a cavallo entrou com a lança alta pela igreja acima, como quem ja não duvidava tomar-se com elle, em sua propria casa. Ao cavallo mandou deitassem de comer alli mesmo, em uma pia que ainda se lá mostra; e profanando com blasfemias os echos santos das abobadas, e desejoso de arrancar do relicario o feitiço christão das Hespanhas, investiu com o sepulchro, onde o martyr jazia; senão quando feixa-se repentino o ceu, gela-se o ar, estouram trovões, estremece a terra, range o Santuario, voam e revoam por fóra de todas as janellas e frestas coriscos, alumiando aquella noite medonha e repentina com luz ainda mais medonha, e do sepulchro rebentam labaredas (raio, ou filho do trovão, parece que chamam as Escripturas ao Santo)! Espavorido o valoroso saío, como levado de tufão, pelo templo e portas afora, onde mais se não tornou a afoutar. Mas porque nem fogos de Deus dissipam a cegueira d'estes impios, deu (de crer he que não sería sem lhe tremer a voz) ordem aos seus, que apeassem os sinos; e vendo que as torres lhe não desabavam em cima, ordenou logo, mais seguro, que se levassem dos umbraes as portas; entendendo que no deixar o templo sem voz de pregão para o ceu, nem resguardo e defeza para a terra, lhe quebrava a immunidade, e com a immunidade a virtude. Os sinos mandou-os para a sua mesquita grande de Cordova, onde servem de alampadas; as portas lá estão pregadas no tecto da mesma mesquita. Não se levantou por então o Santo de sua jazida, como podéra; mas porque as portas lhe ficaram abertas, não tardou em saír, e montado em seu cavallo de neve, e com as suas armas de boa têmpera celeste, o foi colher onde juncto com o nosso portuguez Froilaz Vermuiz lhe deu combate, como vos ja disse, do qual o deixou escapar vivo, para maior sentimento, mas com só a vigesima parte de suas tropas. Pelo que vos digo, que se nos a elle soccorrermos com coração devoto, e for servido cavalgar amanhã por nós, bem poderá ser que vençamos: e nem he nosso Principe D. Affonso, por capitão e piedoso, menos digno de seu amparo, do que ElRei D. Bermudo, e o Conde Froilaz Vermuiz que castigaram a Almansor; nem por ventura esta gente que nos cérca mais ferrenha de cortar ou mais copiosa que os inimigos de D. Ramiro, que tambem se diz terem sido toda a massa mourisca de Africa e Hespanha. Bem sabe o martyr como he nosso Portugal o vestibulo de sua Casa, e que se o deixasse tomar, logo veria em dois ou tres dias este cão de Ismar, mandado do Miramolim de Marrocos, e toda a canalha de reis que o acompanha, vir-lhe tomar a pousada para seus cavallos, e deshonrar-nos mulheres e filhas ao lume de suas tochas. Andai, andai, que mais he sua a terra do que nossa. » —

— « Nasceria n'ella (dizia outro soldado), que he essa bastante obrigação, ainda para peccadores, quanto mais para santos como elle, de a amar e defender, ainda depois de morto, podendo ser. » —

— « Mais obrigação lhe tendes logo para devotos, que não nasceu n'ella (acudia um religioso), senão em Galilea; e vi eu com estes olhos, quando fui com o Conde D. Henrique em Oriente, o mar de Genesareth, onde elle e S. Pedro pescavam. Mas sôa que, morto o divino Mestre, viera prégar os seus Evangelhos pelas nossas Hespanhas, ainda que o martyrio só em Syria o recebeu. Se eu fôra mais sabio, que tivesse podido deletrear um pergaminho, que ouvi ler, mui venerado, a uns Conegos de Compostella, que o escreviam por ordem do seu Arcebispo, e uma Carta do Santo Padre Leão III, uma e outra cousa houvera decorado com gôsto, e maior ainda tivera em vo-las poder agora declarar, por serem tudo milagres e louvores do Santo, e antiguidades mui para folgar de sua Igreja. Mas o que na memoria me ficou d'isso, e do mais que por lá ouvi, vo-lo direi ora brevemente. » — Aqui o cêrco dos ouvintes se apertava, e os olhos, que se divertiam com a chamma da fogueira, se fitavam curiosos no semblante grave do historiador das tradições, o qual postos os seus n'aquella resplandecente calçada de astros que *Estrada de Santiago* se nomêa, disse, apontando-a com o dedo: — « Por ali se partiu, cá do valle dos trabalhos, para a escondida Jerusalem celeste, a alma purpurada d'este Santo, primícia dos apostolos martyres, assim como lhe foi cortada a cabeça por Herodes Agrippa. Por ali descerá elle amanhã galopando em seu cavallo branco, de lança feita e sembrante alvoraçado, ou para nos trazer victoria, como espero, ou para nos levar comsigo ao triumpho e descanço dos martyrisados. Seus discipulos n'essa mesma noite se foram tomar o bemdito corpo defuncto na praça onde jazia, e ás escuras, sem voz mas desfazendo-se em lagrimas, com pés ligeiros e surdos por não serem sentidos, o foram trazendo até fóra da cidade, d'onde encaminhados de um Anjo por valles e montes, fugindo dos povoados e trilho seguido, o levaram com grande fadiga e consolação até ao porto de Joppe. Ahi se estavam pasmados, sem saber que fizessem de si e d'aquelle pobre thesouro. Alçavam a vista ao ceu, giravam-na pela terra, alongavam-na e perdiam-na pelos mares; e nem o ceu lhes acudia com o conselho, nem a terra lhes promettia seguro, nem o mar os convidava com uma véla para outro qualquer cabo do mundo. E estando-se n'aquelle tamanho desamparo, foi Nosso Senhor servido deparar-lhes um navio, que de nenhuma parte veio, senão que ali se lhes teceu de repente aos olhos, de nenhuma outra materia senão de sua muita fé, esperanças e orações. E embarcando-se a toda pressa, levaram ferro, desferiram véla, e seguiram jornada com marés tão tendentes, e ventos tão do ceu, que a nau pa-

seria ir levada e embalada de anjos, berço amorosissimo d'aquelle filho mimoso da Providencia. Não houve mão que em leme se pozesse, que o para onde iam não os cançava, certos de que bem, e melhor do que elles, entendia a proa os seus caminhos. Todo o seu marear de vélas era estarem acalentando com muitos cantares bemditos o somno do Mestre, em joelhos, dia e noute, de roda d'elle. E vos direi as palavras, que até as estrellas das horas mortas se consolavam de lhes ouvir, em passando por cima dos mastros: eram aquellas do Psalmo de David: *Pelo mar vai o teu caminho, ó Senhor, e por entre as multidões de suas aguas as tuas veredas: e os teus vestigios nunca homem os conhecerá.* E como borboleta, que se deixa boiar na viração por cima de uma seara de primavera, e onde o vento lhe adormeceu, pousa; aportou o navio, de Palestina, em sós sete dias, n'um porto e cidade de Galliza, que se dizia Iria Flavia: e desembarcados, levaram o santo corpo para um campinho oito milhas distante d'aquella cidade, e onde ora jaz a de Compostella. Mettida a santa reliquia em uma arca de pedra, e a arca em uma ermida, que por suas mãos levantaram, ficados sós dois para guarda, os quaes eu lá venerei tambem sepultados, um á direita outro á esquerda, os demais com muitas devotas lagrimas se partiram a prégar a lei de Deus pelas Hespanhas, que então eram todas de idólatras Romanos; e não tornaram mais. Não era arca de tamanha joia para jazer sem veneração; e com tudo assim durou todo o tempo dos Romanos, e dos christãos Godos, e todo o da tyrannia Mourisca n'aquella parte, até que prouve a Deus que, sendo Bispo em Iria Flavia Theodemiro, tivesse princípio milagroso este culto, que de então para cá tem ido crescendo, com grande honra d'estas partes. Tinha o correr do tempo, que he lima surda que tudo gasta e apaga, derrocada e arrasada a ermidinha, e para até o conhecimento e lembrança do sitio se perderem, acudíra a terra, como envergonhada de taes ruinas, com quantos mais dobrados tapetes pôde de hervançaes, moutas e arvoredos silvestres. Era aquillo render como serva ao seu Santo as vassallagens e obsequios que sabía. Vieram mais annos, encorparam e subiram troncos, estenderam-se e abraçaram-se ramas, ficou uma infinita arcaria e abobada de folhas e sombras, com tão natural graça e tamanha magestade, com tão curioso artificio em seu descuido rustico, que estava sendo um genero de templo, não indigno dos ossos que hospedava. E como para o devido culto não fossem bastantes os passarinhos com seus cantares, as arvores com sua primavera, as hervas com seus pivetes, os ventos com as vozes, a madrugada, o sol, e a lua com a alegria, com os resplendores, com a devoção, cousas estas todas de Deus, mas rudes e sem entendimento, vieram anjos com lumes accesos lá em cima no throno grande, ser honradores, ministros e sacerdotes d'esta igreja, não feita senão nascida e creada de bençam: e viam, os que de noute acertavam de passar por perto do sitio, toda aquella mata estrellada e resplandecida por dentro com umas luzes, que espantando os olhos, os consolavam. E como paravam a orar, logo sentiam por lá umas toadas devotissimas de musica nunca ouvida, como córos de religiosos que acordam com suas matinas a meia noute de um ermo. Mais se dizia (e devia de ser mui certa cousa) que algumas boas almas, afoutando-se a espreitar mais de perto, haviam divisado, em ponto certo da selva, uma visão mui donosa; de uma turba de mininos, todos irmãos e gentis, alvos como lirios, rosados e risonhos como alvoradas, madeixas como raios do sol, olhos rasgados, serenos, e celestes, andarem voando com azas ouro-azues, e nas mãosinhas palmas florecentes, uns por entre outros, acima e abaixo e em giro, e com as ramadas encobrindo-se e descobrindo-se como estrellas, e de cada vez que roçavam com o vôo a terra, inclinando-se a beija-la. — Narrados os quaes portentos ao Bispo, e abonados por pessoas graves e autorisadas, quiz este certificar-se da verdade, foi-se de noute ao sitio, e achando-a maior ainda que a fama, amanheceu logo ao seguinte dia com obreiros, para desmoutar, e reconhecer a causa secreta de tantas estranhezas. Desenriçada a terra do véo que a cobria, deram em uma ruina de ermida, com a arca de pedra do bemdito Apostolo. Passada a nova a El-Rei D. Affonso o Casto, veio este logo voando adorar o futuro Patrono do seu Reino, e dar princípio á edificação de sua Igreja. Para ella se trasladou de Iria a cabeça do Bispado; e esta foi a origem da devota e peregrinada cidade de Compostella. Todos os Reis e Summos Pontifices tem desde então acrescentado a Casa com grossas esmolas e mercês temporaes e espirituaes, até ao auge em que hoje os romeiros a veneramos arcebispal, servida e officiada de sete Conegos Cardeaes com suas mitras como Bispos, que nem de outra gerarchia podem sacerdotes celebrar missa no altar sobre a sepultura do nosso Santo. E tende bom animo, que cedo lá ireis os que o tiverdes promettido, dar-lhe graças, que assim he elle obrigado a nos dar victoria, não só por visinho e morador de terra nossa, e fundador que foi de nossa boa Igreja de Braga, a primeira das Hespanhas christãs, onde nos deixou por Bispo o que depois foi estrea de martyres em Europa, o seu discipulo S. Pedro de Rates, senão tambem porque ao nosso Senhor D. Affonso bem he que ora pague a devoção do Senhor D. Henrique seu pai, que o foi com a Rainha D. Tareja visitar peregrino, e lhe fez escriptura muito honrada de por sua intenção libertar de antigos vexames e favorecer, como favoreceu, um notavel patrimonio de sua Igreja. Mas porque alguns dos presentes, pelas mostras do rosto, me não parecem ainda de todo confiados, contai-lhes vós outros, Senhores Cavalleiros de Coimbra, o que ja em tempos de vossos avós ou bisavós aconteceu, sendo El-Rei D. Fernando de Leão sobre vossa cidade, então de Sarracenos.» —

— «A ponto nos emprazaes, Sr. Monge, e somos contentes de vos obedecer (acudiu um Cavalleiro); mas porque vai alta a noute, e he razão que nos recobremos com o somno para a batalha, só tocarei de leve o succedido, que minha dona muitas vezes me cantava, quando era no lavor; deixando de fóra outra glória da minha Coimbra, que foi haver sido por essa occasião armado n'ella Cavalleiro o maior homem das Hespanhas, o Cid Ruy Dias, assim como uma victoria que o mesmo Cid, com o auxilio do Santo, alcançou ja defuncto contra mouros em Valencia, como tão cantado anda nos Romances. E dizia minha dona:

1.º

Caminhavam frades Bentos
Do Mosteiro de Lorvão,
Quando acharam D. Fernando
No meio de Carrião:
Era D. Fernando o Rei,
E seu reino era Leão.

— «D. Fernando, D. Fernando,
«Novas de consolação!
«Cavalleiros não nos ouçam,
«Manda sair quantos são.
«Deus te nos manda dizer
«Que tens Coimbra na mão.

«Descuidados estão mouros
«Do poderío christão:
«D'elles o havemos sabido
«Por sua conversação,
«Quando de Coimbra vem
«A montear em Lorvão.

«Fingimos uma romagem
«Por livrar de suspeição,
«E viemos dar-te aviso,
«Gran Rei, Senhor de Leão.
«Manda logo fazer prestes
«Todo o ginete e peão.» —

Como tres mezes passaram,
Era por Janeiro então,
El-Rei he sobre Coimbra,
E os de dentro em confusão:
Mas vale o muro á cidade,
Que he mui boa defensão.

Em que traz muitos vassallos
De caldeira e de pendão,
Em que traz o Cid Ruy Dias
Mais forte que quantos são,
Não acaba de a tomar,
Sete mezes ja lá vão.

2.º

Ja do cêrco de Coimbra
Se quer El-Rei abalar,
Por ser a cidade forte
Que não a póde tomar,
E á gente que traz comsigo
Falta com que a sustentar.

Mil triste, mil assombrado
Vê-se Lorvão todo estar;
Temem-se os frades dos mouros
Mal que El-Rei os descercar:
Tocam sinos no mosteiro,
Vão-se os monges ajunctar.

Chorosos dão despedida
Ao seu côro e ao seu altar,
A's cellas e sepulturas,
Aos troncos do seu pomar,
Aos montes dos arredores,
A's pedras, tambem ao ar.

Cruz alçada se partiam,
Sem ousarem de se olhar,
Que aquelles sinos que soam
Não se ouvirão mais soar;
Vão cantando *Miserere*,
Mui de dentro he seu cantar.

Era El-Rei em Almafala;
Lá lhe foram entregar,
Quanto havia no mosteiro,
Sem nada ali lhe faltar,
Bois, cabras, porcos, ovelhas,
Que se não podem contar;

Pão, e vinho sem medida
De sua eira e lagar,
Legumes das hortas grandes,
Frutas do rico pomar,
Cousas todas que de ha muito
Tinham andado a ajunctar.

Tudo El-Rei lhe agradecia
Com amor mui singular,
E orações lhe encommendava
Para a victoria alcançar;
E vendo a gente abastada,
Continuou de cercar.

3.º

A' Casa de Santiago
Em devota romaria
Chegára um Bispo de Grecia,
E Astiano se dizia,
Que ouviu contar das batalhas
Em que o Santo appareceia.

Dado que fosse este Bispo,
Bom o mais que ser podia,
Disse aos romeiros: — «Senhores,
«Tenho essa fé por sandía;
«Pescador foi Santiago,
«Nanja de cavalleria.» —

Recolhido á sua cama,
O Santo lhe apparecia,
Armado de ponto em branco,
Com mui muita galhardia,
E duas chaves douradas
Que na sua mão trazia.

— «As chaves são de Coimbra
«Onde o Senhor Deus me envia;
«Vou-me abrir a D. Fernando
«As portas da mouraria,
«Amanhã terei lá missa,
«Que he amanhã o meu dia.

«Fui pescador algum tempo,
«Mas sou guerreiro á porfia,
«Açoute de Sarracenos,
«Escudo da monarchia;
«Quantos se a mim soccorrerem
«Tem certa a minha valia.» —

Dizendo aquestas palavras
N'um cavallo se subia
Fanfarrão e corpolento,
Alvo, de gran bizarria;
Deu de esporas, largou redeas,
Logo desapparecia.

4.º

Vinte e cinco são de Julho,
Dia de grande prazer;
Lá na Sé de Compostella
Vai festa mui para ver,
Que he dia de Santiago,
Santo de grande poder.

Orando estão peregrinos
Lhe queira sempre valer,
Mas Santiago está longe,
Que a outros foi soccorrer,

Batalham christãos e mouros
Batalha de gran temer.

Aguas claras do Mondego
Ja se vem sangue correr,
Portas altas de Almedina
Não se vem estremecer;
Pelo muro da Couraça
Anda a batalha a ferver.

Cercadores e cercados
Todos votam não ceder,
Mas he mais a gente moura
Da que se póde vencer;
Tem lá mulheres e filhos,
Quem n'haverá de render!

Morrei, martyres de Christo,
Que vos não podeis valer,
Foge, foge, D. Fernando,
Se não queres perecer;
Foge, que os teus cavalleiros
Ja fogem de arremetter.

A lua á tarde, em nascendo,
Tristes cousas ha de ver;
Mal ousará n'estas veigas,
Tão suas, resplandecer;
Christãos em lagos de sangue,
Quaes mortos, quaes a morrer!

5.º

— « Santiago, Santiago,
Soa por todo o arraial,
« Salvação aos Leonezes
« E á gente de Portugal. » —
Vê-lo campea esgremindo
Sobre um cavallo real!

Santiago, Santiago!
Vede o rosto angelical;
Vede as armas que reluzem,
Como se foram cristal;
A cor leite do cavallo,
Nunca se vio outra igual!

Opa da cor do martyrio
Que lhe vem mui natural,
Bordada de ouro mui fino
Que he das virtudes, não d'al,
Barrada de pedraria
De lustre celestial;

Seu olhar como de estrellas
Mui sereno e imperial:
Co'a lança de largo ferro
Acena a todo o arraial,
E arremette contra a porta,
Que nada contra elle val.

Aberta jaz a Cidade
Pela porta principal;
O Cavalleiro remonta
A' patria celestial;
O rei c'as chaves em punho
Entrou com os seus em geral.

Christãos, ganhastes Coimbra,
Mais que joia oriental;
Mais tu, Coimbra, ganhaste,
Que tens fonte baptismal,
E a tua mesquita grande
Verás logo em cathedral.

Dar meia cidade aos monges
Queria o Rei liberal,
Mas os Monges só quizeram
Uma casa monachal;
Contentes com Lorvão santo,
Seu paraizo terreal.

Foi-se El-Rei a Compostella
Com sua gente leal:
De atabales e trombetas
Soa estrondo festival,
Abrem-se as portas do templo
Bem armado e triumphal.

Todos com o joelho em terra,
Como cumpre em caso tal,
Diziam de agradecidos
Ao valedor immortal:
« Santiago, Santiago,
« Salvaste o nosso arraial;
« Salva sempre os Leonezes,
« E a gente de Portugal. »

III.

Com estas e outras semelhantes prácticas se deviam de estar entretendo os varios ranchos do arraial na jejuada vigilia do Apostolo Santo (eram taes fabulas piedosas crença e amores d'aquella idade, e sôbre bafejarem e fortalecerem o esforço, respiravam sua graça), até que estirando-se para repousar, costas com costas, abraçados com as armas, se ficavam calados, sem poderem adormecer, todos com os olhos pelas muitas fogueiras derramadas até ao horisonte pelo arraial mouro, porem mettido cada um em a sua solidão, onde com o coração andava repartindo beijos e abraços e palavras de amor ás visões dos seus, das suas casas, e terras tão apartadas; e com isto volviam branduras, e com as branduras desalento.

Porem que fazia entretanto D. Affonso? as mesmas imagens lhe atravessavam pela grande alma: mas no interior deserto de sua tenda, elle concerta e amadurece os seus vastos projectos, confronta e compara os diversos arbitrios dos valentissimos Cabos do seu exercito, com quem houvera conselho sobre a incrivel façanha do proximo dia. Mais de um taxára o seu arrojo de temerario; mais de um em quem nunca vislumbrou sombra de pavor o esconjurára pela Patria e por Deus, cujos eram soldados, que ou pedisse treguas para melhor se aperceber, ou repassasse o Tejo, e tentasse a fortuna por qualquer outra via, agra, terrivel muito embora, mas não impossivel, nem desesperada: e aquellas reprehensões livres, saídas de labios valorosos, sem o desarraigarem do seu proposito, lhe volteavam todavia pela memoria, como nuvens de celestes ameaças. Oh se o ter morto um homem basta para atormentar uma vida inteira, que pezo não deve assoberbar a consciencia ao Chefe de um exercito nas horas que precedem a uma grande batalha! E se esse Chefe he um Principe, e se esse exercito he um povo todo, e se d'essa batalha se aguarda existencia ou morte de uma patria! Treze mil vidas ahi estão emtorno de Affonso, confiadas n'elle, e pendentes de sua sorte; e tantos mil corações de mãis, de pais, de filhas, de irmãs que lá ficaram nas terras, que ora parecem na extrema opposta do mundo, vem todos palpitar apinhados e fundidos no seu coração. Se o dia de amanhã lhes fôr contrario e succumbirem, os alaridos de tantas casas orfãs, e logo depois captivas e assoladas, ¿não irão até aos ceus perturbar-lhe a paz, que elle haverá comprado com o seu sangue? E elle ora, porque a Oração, que he a filha do perigo e a amiga da noute, recae lá de cima sobre a alma, convertida em orvalho de esperança e benção. E sentando-se depois diante da alampada que alumiava e aviventava a tenda, como seu espirito vigilante aviventava o arraial taciturno, tomou nas mãos as Escripturas Santas, que sempre comsigo trazia: n'ellas folgava, mormente em dias de tribulação, metter o pensamento como em uma barca de fé, para andar vagueando pelas maravilhas dos tempos antigos, d'onde sempre volvia com mui formosa colheita de esperanças novas: e o acaso, ou o seu Anjo lhe abríra na pagina de Gedeão, Capitão e Juiz de Israel, o qual com sós trezentos soldados desbaratou quatro reis de Madian, e lhes exterminou cento e vinte mil pelejadores, e aos proprios reis prendeu e matou, acabando de consumir mais doze mil fugitivos, apoz a batalha. O livro então lhe pareceu estar fallando vozes de propheta, a luz lhe sorriu boas novas, e uma alegria santa lhe encheu os olhos que fitou affectuosos no symbolo da redempção, debuxado no paterno escudo, ao qual n'esta jornada milagrosa outro esmalte mais sobido estava ainda destinado, e com elle a honra de ser o pendão portuguez até ao fim dos tempos.

Assim passava esta noute solemne! Triste he o vogar de uma nau populosa pela escuridão, em paragem lageada de parceis, infamada de naufragios, e com vendaval imminente. Os que n'ella vão pousam e não dormem: os vigias do quarto consternam-se calados: o piloto vai inclinado diante da luz da bitácola, com os olhos na agulha e carta do roteiro, e a mão no leme, e o pensamento no ceu: e o reflexo d'aquella candea, e a sombra da cabeça d'aquelle homem, são o unico fito e esperança de todos. Tal ou mais triste era o arraial dos baptisados no meio d'este oceano de infieis, na noute de vinte e quatro para vinte e cinco de Julho do anno de 1139. Ora passai, passai nas boas horas, estrellas d'esta noute, que bem trocadas achareis as mãos da fortuna em tornando amanhã por este horisonte.

Ja quer alvorecer a manhã. Ainda bem não he para serem despertos os olhos do seu trabalhado dormir ou velar, quando ja pelos bandos christãos vai grande movimento e alvoroçado ruido de fallas. — « Milagre! Deus por nós! Thiago Santo! Victoria! Portugal! » — são as vozes com que uns a outros se dão as alvoradas. Uma maravilha d'aquella noute, cuja narração parece procedêra da propria tenda do Principe, era a que os encendia e transportava. Verdade ou mentira piedosa, milagre do insondavel poder divino que o obrasse, ou milagre do amor patrio que o fingisse, todos o creram, e era o seguinte.

Cançado o Principe de porfiar com seus pensamentos, sentara-se a ler por sua Biblia, onde lhe logo Deus deparou uma historia de mui altas esperanças. Cêrca da meia noute adormecêra, com a testa sobre a pagina inspirada; por ali lhe exhalára Deus para o animo um sonho todo seu. Figurava-se-lhe ver um ancião que o vinha procurar, e lhe dizia: « Sus, D. Affonso, cobra alento, que haverás victoria. Debellarás todos esses reis infieis, e metterás debaixo dos pés o seu poderío: « e o que de todos nós he Senhor se te descubrirá aos olhos corporaes. » E como isto sonhava, entrou pelo aposento o camareiro João Fernandes de Sousa, e com estas palavras o acordou: « Ergue-te ora, Senhor, que he chegado um ancião, e quer fallar-te. » A que o Principe respondeu: « Embora entre, como seja christão. » E entrado que foi, reconheceu ser o mesmo que por sonhos estivera vendo, o qual postos gravemente os olhos n'elle, com voz clara e segura lhe disse: « Cobra animo, Senhor; has de vencer, has de vencer, e não podes ser vencido. Deus « que te ha por seu filho dilecto, poz sobre ti e sobre tua descendencia os olhos de sua misericordia, até á decima sexta geração, na qual « á tua prole será attenuada, mas ainda attenuada, volverá a pôr-lhe a « vista, e a olhar por ella. Elle te manda por minha boca dizer, que « assim como ouvires no decurso d'esta noute a sineta da ermida onde « vivo, sessenta e seis annos ha, entre estes infieis, guardado da mão « divina, te sáias do arraial só e sem nenhuma testemunha, porque tem « determinado mostrar-te as enchentes da sua misericordia. » — D. Affonso que, absorto no que ouvia, estivera até ali com as mãos e os olhos alçados para o ceu, com todo o semblante guerreiro desfeito em devota piedade, arremessou-se de repente em terra a venerar o santo embaixador, e quem o mandava; e posto em oração, se deixou ficar aguardando solitario o promettido som. E como fosse ja a segunda vigilia, ouviu a sineta; e aquellas misteriosas toadas, suaves como voz de amigo em deserto, consoladoras como pensamento do ceu em terra barbara, esperançosas como preludio de preces, lhe deram rebate nos intimos da alma: e tomando por sós companheiros a espada e escudo, como quem se hia á mercê de Deus por campos perigosos e mal sabidos, aparelhado para qualquer fortuna, saío dos arraiaes. Eis que da parte direita lhe apparece contra o nascente um raio de luz, o qual pouco a pouco se foi derramando em resplendores, e crescendo. E espantado da visão, suspenso o fôlego, e fito o animo todo pelos olhos n'aquella parte, vio do mesmo raio formada uma Cruz de mór claridade e formosura que a do sol, e n'ella Jesu Christo pendente, e por um e outro lado córos apinhados de mininos mui candidos. Arremessa de si a espada e escudo, e descingido das roupas e descalço se baquêa em terra sobre os peitos; e afogado em lagrimas, começou de interceder ao Senhor pa-

ra que alentasse aquella sua gente, e disse com voz clara e desassombrada: « Porque a mim, Senhor? aos infieis, aos infieis, para que aprendam a conhecer-te. » — Ao que lhe foi respondido: — « Não venho a « confirmar-te na fé, mas a fortalecer-te o coração para o conflicto, e « assentar sobre alicerse perenne o teu Reino. Confia, Affonso, que não « só haverás esta victoria, mas quantas outras commetteres contra ini« migos d'esta Cruz. Tua gente, acha-la-has alegre e esforçada para a « peleja, e d'ella te será requerido que não entres na batalha sem o ti« tulo de Rei. Outorga-lho: reinos e imperios eu só os fundo e os dissi« po; em ti e na tua descendencia quero fundado um imperio, que eu « haverei por meu mimoso, pelo qual o meu Nome seja levado ás mais « remotas gentes do mundo. » — E apoz estas e outras algumas palavras de muita consolação e promessa, desappareceu a grande visão, corrida novamente sobre o campo a magestosa cortina estrellada da noite; e por meio do profundo silencio, o Principe se recolheu aos arraiaes.

Tal era a mui fausta nova, com que os soldados então tumultuavam fóra de si, e prestes para tudo. Entretanto sacerdotes e religiosos armaram em diversas partes do campo os altares em que deviam celebrar o sacrificio incruento em honra do Apostolo das Hespanhas. Todo o exercito ajoelhado, com as frontes descubertas e as armas por terra, ora com o mais profundo recolhimento, olhos cravados na Cruz que lá se ergue sobre a ara, e a quem a fantasia encantada está prestando os resplandores do prodigio, e as palavras abonadoras de triumphos. Por entre as bandeiras que se condensam como alameda aos dois lados do sacrificio, embaladas da viração fresca, e tintas nos reflexos vivos da aurora, o ministro eleva vagarosamente aos ares a hostia, que ahi parece protegida d'aquelles mesmos estandartes que protege. Grandiosa he a scena! em meio de barbaros que enchem montes, valles, planicies, um punhado de varões semelhantes a estatuas de ferro, uns poucos Portuguezes de D. Affonso, com a mão, que logo irá exterminar descrentes, batendo no peito a que tantas lanças virão apontadas, e inclinando sobre o pó o corpo, que a muitos d'elles antes da noute será caído, para nunca mais se levantar!

Concluida a ceremonia, que foi como um tomar posse d'aquellas paragens para a fé, reunidos em torno de cada balsão, ou bandeira particular, todos os valorosos do seu séquito, dividiu o Principe a hoste em tres corpos. A dianteira, com tres mil infantes e tresentos ginetes escolhidos, tomou para si: era o posto de mór perigo e exemplo, competia-lhe. Ao filho de seu aio, D. Lourenço Viegas, a quem todos appellidavam o Espadeiro, e elle seu Irmão, e a D. Gonsalo de Sousa genro do mesmo seu aio, tambem seu privado, e por virtudes de paz e guerra, mui digno, commetteu confiadamente a saga [chamamos-lhe hoje retaguarda], composta de igual numero. Emfim as costaneiras, isto he as alas da direita e da esquerda, com o restante da gente, a Martim Moniz e a Mem Moniz, cavalleiros ambos, como bem cumpria, de claro sangue, e valor experimentado, posto que d'elles sós os nomes chegassem vivos ao nosso tempo: o segundo sería porventura irmão do seu mesmo aio.

Postos d'esta maneira em som de arremetter, estes e muitos outros senhores, Condes, Ricos-homens, Infanções, Cavalleiros, Coudeis, Almocadens, Adaís e Sacerdotes [que muitos d'estes n'aquella idade e por tal causa se presavam de vestir as armas], saindo de seus bandos, se foram em turba a D. Affonso, requerendo-lhe, por parte de todo o povo e sua, que se deixasse logo n'aquella hora acclamar Rei. Era difficultosa a proposta, e mal consentia o tempo deliberar. Quizera o Principe differir o negocio; mas as instancias de tantos amigos, o querer unanime dos subditos, o cuidado da batalha, a vontade de Deus, e por prova d'ella o bater que no peito sentia de coração regiò, lhe arrancaram dos labios o sim; e aquelle sim voou repetido de boca em boca, e de companha em companha, até aos confins do campo. Com esta palavra nova parece ter caído das nuvens, no meio do exercito, um ancilio, com fado de imperio e victorias! Troveja no ar a saudação unísona dos soldados; a terra até muito ao largo estremece com o tripudiar dos peões, o recalcar dos cavallos, os rufos dos atabales e tambores, e o vibrado clangor das trombetas, e mais instrumentos inspiradores de valor e alegria. Levado na torrente de seus cavalleiros, D. Affonso vai correndo por entre os esquadrões, agradecendo a alegria commum, e acrecentando-a com as mostras de confiança, abonos de victoria que no rosto se lhe divisam. D'entre esta selva de espadas e lanças em alto, e pendões meneados, sáe por tres vezes repetido aquelle brado com que todos seus successores até hoje tem sido alçados ao throno, *Real Real por D. Affonso Rei de Portugal!* E o sol rompendo do oriente, dourou com delicias este painel soberbo de amor, de heroicidade e de fé. Outro igual ainda até esse dia o não víra, nem maior lho apresentou nunca depois o rodear dos annos.

Alvorotados os Sarracenos com este subito alarido, entenderam de primeiro que seria chegado bom soccorro aos Portuguezes; mas avisinhando-se mais, e vendo que nenhuma novidade d'estas havia, não acabavam de entender o como e o porque assim victoriavam e se encendiam em júbilo, homens a quem tudo estava ameaçando ser este o seu ultimo dia; e tal saudar de gente moribunda á luz suprema, lhes parecia escarneo e demencia de desesperados. Já toda sua hoste ondea, se despega, adianta-se! Já se podem numerar as batalhas ou exercitos que lá vem: por doze no-los conta a fama; para mais, e sem medida, era a chusma. — Firmes, como rochedos de costa ¿aguardarão os de Christo estas ondas que de lá rebentam e crescem, rujomerando como trovoada, té que venham n'elles embater, espedaçar-se, e caír umas apoz outras? não: por cima d'ellas se arremessarão como tufão que as curve, as rasgue, as atormente, redemoinhe, atropelle, e desfaça. Este he o pensamento d'El-Rei, ao pensamento seguiu o feito, ao feito as maravilhas. — Da parte do poente, d'onde hoje he Ourique, vinha o temporal: para ahi se arroja. Já por ordem sua a Sina (estandarte) Real se desfralda. A este signal do costume, todas as mais sinas da hoste se despem de suas fundas, e se tendem pelos ares: os balsões, ou bandeiras dos diversos senhores, hiam sempre soltos e largados ao vento. Garcia Mendes, o alferes d'El-Rei, como archanjo que leva pelos ceus diante de si cometa de destruição, se atira com aquella Sina Real ao meio da dianteira inimiga, arrôjo para os desconcertar a elles, inflammar e attrair os nossos. Desaçaimaram-se os leões! Na frente de sua batalha vôa D. Affonso com Santiago nas vozes, Portugal no coração, no rosto as furias, a victoria na alma, e a lança fatal feita e bem cerrada na mão de bronze: logo no primeiro encontro fada o resto da jornada, derruba morto a um dos reis sarracenos, e de todos o bellicosissimo, que assim ousava de se afrontar com elle. Dentro em pouco não havia em todo o campo braço vivo que não obrasse extremos. Corpo por corpo era já o pelejar: peleja de cem mil pelejas a um tempo, espectaculo estranho e soberbo, se para elle houvera espectador! Dianteiras, sagas, costaneiras, tudo se descompoz e derramou: os dois campos são um campo, os dois exercitos uma só voragem de vidas, as meias luas se tecem com as cruzes, os capelhares e albornozes de mil côres com os corpos negros de malha de ferro, as palavras da nossa ainda rude e já formosa lingua com as arabes altivas e sonoras, o nome do Apostolo com o de Mafoma, o de Deus com o de Allah: tudo revolve e baralha o espirito de destruição. Assim fervem na caldeira horrenda do fundidor os varios metaes de que ha de saír um colosso, que em pedestal inabalavel conte as idades ás idades, e viva ao longo d'ellas vida de Deus, sem morte, nem quebra, nem mudança! — Particularisar feitos não he possivel; faziam muito os nossos avós, contavam pouco, nada escreviam. Em vão procuramos soprar o pó ao painel de suas gentilezas; só uns longes apparecem das côres primitivas, só traços do desenho destravados e soltos. Se alguma cousa ahi se não gastou, e se vem ainda mostrando com todo o frescor e lustre, he a parte superior do quadro, o ceu. He portanto, o que d'esta jornada alcançamos, pouco para as palavras, mais que muito para a admiração. Imagine cada qual quanto mais poder e quizer, nunca excederá nem igualará a verdade. Ao cabo de largas horas de porfioso e acerrimo lidar, quando veio pelo fim da tarde, eram valles e montes de cadaveres carrancudos quanto largo espaço por terrenos ondeados se desenrola desde o lado de Ourique até Cabeças de Reis, onde a tradição nos aponta que os reis mouros acabaram degolados, e com elles a batalha, e com a batalha o dia, e com o dia o imperio futuro dos Sarracenos em Lusitania: por sobre seus irmãos defunctos levavam-se os captivos em rebanhos de milhares; milhares de fugitivos, arremessadas de si as armas, ora procurando-se uns a outros para se afoutarem, ora, e logo, separando-se por não redobrar os riscos, hiam correndo pelos longes sem saber para onde, imaginando de toda a parte a Cruz que os seguia e os esmagava; as ribeiras Cobres e Terges fugiam ambas sanguinolentas, e retingiam longamente o Guadiana; e sobre terra empapada em sangue, por entre as pedras e moutas refervidas em sangue, os cavallos, os cavalleiros, os peões, tudo ostentava a mesma côr, por entre cuja terribilidade só o luzir dos olhos se estremava.

De alegria, e mui outra da vespera, foi a noute: pousavam em terra que elles mesmos baptisaram, e ja patria; anteviam possivel um porvir de descanço; hiam-se tornar a suas pousadas com despojos e servos para suas familias, com offerendas para suas Igrejas, com a historia de um portento para seus filhos, com um grande Rei feitura sua para cabeça, escudo, e esperança da sua patria, e com os caminhos abertos e desempedidos para com elle, se aprouver, colherem mais patria, mais despojos, mais fama. — Ajudemos com o nosso echo o galardão devido aos valentes de tal dia. O como se cada um assignalasse ignora-se; que todos se houveram dignos do nome portuguez e de seu Capitão, não consente dúvida; e estes foram: Egas Moniz e seus filhos Sueiro Viegas e Moço Viegas; os tres irmãos Mendes de Bragança, progenie de Reis da Armenia e de Leão; os outros tres Mendes filhos de Mem de Gundar, esforçado e honrado Cavalleiro Asturiano e Capitão do Conde D. Henrique; o Alferes Real Garcia Mendes; Pero Paes, descendencia de D. Ramiro II. de Leão, e genro de Egas Moniz; Gonçalo Mendes da Maia o Lidador; Diogo Gonsalves, contraparente d'El-Rei; os dois Fafes, Godinho e Egas, filhos de um Alferes do Conde D. Henrique; o rico-homem Paio Guterres; Martim Anaia; Gonçalo Dias o Cid; D. Fuas Roupinho Alcaide de Coimbra, que mais celebre veremos depois pela primeira victoria naval de Portuguezes; Fernão Pires que succedeu a Egas Moniz no Officio de Trinchante ou Veador da Casa; e Martim Moniz, de quem fallaremos na tomada de Lisboa. N'estes poucos nomes, escapos ao tempo, se jactam de prender muitas nobrezas e fidalguias ainda hoje existentes.

Tres dias permaneceram os vencedores na posse do campo, segundo a usança. Quando veio a Assumpção, aos quinze de Agosto, presentes El-Rei, os seus Cavalleiros, e toda sua gente, faziam-se em Coimbra as pomposas festas da victoria: alardeavam-se pelas ruas os capti-

vos e despojos, celebrava missa na Cathedral o Bispo de Coimbra D. Bernardo, echoava por aquellas abobadas gothicas o Sermão de graças do Arcebispo de Braga D. João, girava pelas praças com edificação e enlevo do povo uma apparatosa e solemne procissão, corriam-se canas e touros com os outros jogos e passatempos tão bem acceitos nas Hespanhas, e com tanta razão bem acceitos entre gente namorada da guerra. E estas festas se estenderam por muitos dias e noutes, de que para muito tempo deveram de ficar saudades e memorias até filhos e netos.

Ah! saudades e memorias são as unicas flores do campo do passado! mas as memorias se desbotam, as saudades murcham ainda mais depressa. Vãmente nos promettemos immortalidade em terra de morte, e permanencia em mundo de mudanças: do caminho da náu só ficam espumas que se apagam; do raio só echos e fumos que se dissipam; das façanhas dos heroes apenas um ruido que logo com outros mil ruidos se confunde e desbarata. Triste he este apressado ceifar e comer do tempo no que elle proprio semeou: porém mais triste he de ver concertado com elle o homem, ou barbaro e demolidor, ou descurioso e adormecido. — Em Ourique, ahi onde obeliscos e piramides seriam pouco, nem piramide, nem obelisco, nem pedra se levantou por espaço de quatrocentos e trinta e tres annos, o que era faltar o brazão de armas no solar da Monarchia. Foi ElRei D. Sebastião visitar o sitio; bem eram dignos um do outro, visitador e visitado: no coração lhe doeo ver a gloria do maior feito, e que mais o incendia em invejas, sepultada sem epitaphio (porque lhe não segredou então ao ouvido o Anjo bom os seus proprios futuros?). Determinou de pagar a divida de quatro seculos. Onde orava o penitente embaixador de Deus, alçou um templo, que ainda em grande cidade seria grande, e em um arco magnifico, mandou se gravasse com elegantes lettras o successo, as quaes em linguas dignas de o relatar, em linguas Romana e Portugueza, diziam:

— *N'este logar, estando o feliz D. Affonso Henriques para entrar em conflicto contra Ismar e outros quatro reis de Sarracenos, e innumeravel multidão de barbaros, foi victoriado Rei Primeiro de Portugal: e instigado por Christo, que na Cruz lhe appareceu, a se haver esforçadamente, com sua gente pouca tamanha destruição fez nos inimigos, que o confluente dos rios Cobres e Terges trasbordou sangue. E para que, pelo desfrequentado do sitio, se não viesse a desluzir d'elle um tão grande e estupendo feito, D. Sebastião I Rei de Portugal, admirador do esforço militar, e acrecentador da gloria de seus maiores, alçado este Padrão, lhe restaurou a memoria.*

O templo lá está, he a Matriz de Castro Verde; do Arco são incertas as noticias: por onde, se realmente foi edificado, e n'elle aberta a lettra, bem fez o eloquente Mestre que a compoz, André de Resende, de no-la conservar em seus livros, que assim tinham de sobreviver aos marmores. — N'outro monumento, erigido no proprio logar, onde memoram que tinha sua pousada o Santo solitario, e he a Igreja das Chagas do Salvador, hoje Senhora dos Remedios (piedoso soa a ouvidos christãos o nome recente, porém o antigo, sobre piedoso, pregoava o tradicional prodigio da apparição, e a origem das quinas em nossas armas) vão a idade e o desprezo fazendo seu officio; não tardará que o consummam. — Mas que muito, se de novo tropheo, já em nossos dias levantado pela Rainha D. Maria I, só umas desconsoladas ruinas apparecem!

E não nos envergonharemos da nossa descuriosidade? e não acordaremos a este continuo desabar do passado? Não haverá outra mão de Rainha, ou de Rei, ou de Povo, que acuda a salvar, por qualquer preço que seja, o derradeiro livro da Sibilla, que se vai ao fogo? Não ha quem dê uma esmola á gloria Portugueza, que se morre ao desamparo? Nem ao menos por ser a primeira pagina, e a do titulo nos fastos da nossa Monarchia, guardaremos esta com ciume d'entre tantas já perdidas?

Mas emfim o que monumentos não brilham, brilhará a terra: lancemos por ella os olhos. Que são hoje estes campos triumphaes de Ourique? prosperam, florecem ou folgam sob os netos de seus redemptores? Dissereis que as imprecações dos mouros na hora da agonia, ahi ficaram com elles enterradas, para se desenvolver e brotar seu fructo em nossos dias. N'esse torrão calado e nú, de rotas e escuras aldêas, e choças immundas, habitação de mendigos, corre a lava da guerra, que tem seu vulcão vividouro nas montanhas do Algarve: não guerra de christãos com musulmanos, não guerra de naturaes com estrangeiros, nem ao menos de grandioso espectaculo, fautora de heroicidades, cheia de esperanças e de porvir: mas guerra de irmãos, guerra de punhal, guerra por brenhas, como caçada de javalis, guerra emfim cujos triumphos, quaesquer que sejam, são sempre lucto, porque todos seus golpes acertam no coração da patria, e cujo padrão, se lho podessemos levantar, mereceria que nossos descendentes o arrazassem, para poder olhar uns para os outros e amar-se. — Aqui nos caem as mãos e a vontade: começáramos tecendo uma tão farta corôa de louros, hiamos a remata-la, e vê-las as pontas de suas ramas se nos converteram em cipreste! Foi o presente quem lhe deu olhado e a bafejou; larguemo-la já, que está contaminada, e refujamos com o pensamento para as eras Portuguezas, a colher outras frescas e viçosas.

NOTAS.

Pag. 17. col. 1 lin. 32. —— Lê-se na *Chronica Gottorum*, documento de grande credito e quasi coevo, o seguinte: *mulieres ibi affuerunt amazonico ritu belligerantes, sicut exitus postea probavit in eis quæ ibi occisæ inventæ fuerunt.*

Pag. 18. col. 1 lin. 35. —— Ainda que tudo o que de Santiago trazemos, seja episodico, nem por isso nos peza de o haver tractado com extensão, antes sim de nos termos acanhado com escrupulos alheios, ommittindo muitas noticias curiosas portuguezas e castelhanas sobre o assumpto. As romarias, os votos, o culto, o valimento, os milagres de Santiago pertencem ás historias antigas d'estas partes, como as mythologias ás historias dos povos remotos, como o cheiro proprio a cada genero de planta, como a alma ao corpo vivo. A scena que fantasiamos no serão do arraial he de grande probabilidade, não só verisimil, para a epocha em que vai, na qual principalmente andava accesa a devoção dos povos e reis para com o Santo.

Pag. 18. col. 1 lin. 46. —— No Chronicon do Cerratense, que Flores, seu primeiro publicador, na *España Sagrada T. II. P. II. Cap. V.* attribue ao meado do Sec. XIII, lê-se *Era DCCCCLXXII.* [he o anno 934] *Rex Ramirus commisit prœlium cum Saracenis, Divo Jacobo visibiliter adjuvante: et excussit grave jugum a cervicibus Christianorum: nam usque ad illum diem dabant eis C. virgines deludendas.* — Cita-se um privilegio que o proprio D. Ramiro déra á Igreja de Compostella, aonde vem affirmada a apparição, e declarada a obrigação em que fica elle e todo seu reino, de pagar para o Santo um tributo de pão e vinho, á maneira de primicia, d'onde veio ficar a Casa muito grossa em rendas.

Pag. 18. col. 1 lin. 71. —— Tudo quanto no texto relatamos, incluido n'esta falla, he provavelmente mais tecido de mentiras que de verdades. Fez o tempo seu officio, que he desgastar estas, e semear aquellas. Fr. Bernardo de Brito, que isto refere muito largamente, na *Parte II. da Monarch. Lus. Liv. VII. Cap. XXXV.*, abona-se, parte com documentos que pouco provam, parte com as tradições dos moradores e visinhos dos proprios logares. Essas tradições, assim como os nomes antigos de Mansores, Cabeça de Almansor &c. explicados da maneira que dizemos no texto, ainda lá duram, de que fomos não ha muitos annos testemunhas.

Pag. 18. col. 2 lin. 14. —— *Imposuit .. nomina Boanerges, quod est Filii tonitrui. S. Marc. C. III. v. XVII.*

Pag. 18 col. 2 lin. 54. —— Diogo Gelmirez, Cancellario do Conde D. Raimundo, genro de D. Affonso VI e por elle Governador de Portugal, antes do Conde D. Henrique, foi Arcebispo de Santiago, em cuja Sé se conservam d'elle grandes memorias, sendo uma ter alcançado do Summo Pontifice a preeminencia dos sete Conegos Cardeaes para a sua Igreja, e ultimamente a dignidade de Metropolitana, que d'aquelle tempo até ao presente conserva, sendo antes sujeita á Igreja de Braga. Foi este Arcebispo quem encommendou a tres Conegos da sua Igreja a feitura da *Historia Compostellana*, cujo he principal assumpto o mesmo Prelado.

Pag. 19. col. 1 lin. 65. —— A Igreja que D. Affonso o Casto edificou em Compostella, ao Apostolo Santiago, era de pedra e barro, e assaz rude: D. Affonso III, o Magno, a concertou mais sumptuosamente. Os reis seguintes a foram á porfia engrandecendo, e os papas, conformando com os seus rogos e devoção, lhe vieram concedendo muitos indultos e graças especiaes. O papa João VIII mandou consagrar a Igreja: foi Urbano II quem trasladou a cadeira episcopal de Iria para Compostella, e a dessujeitou da Metropoli de Braga. Paschoal II a auctorisou com sete cardeaes em Maio de 1103, e concedeu em Outubro do seguinte anno ao bispo de Compostella o palio archiepiscopal. Callixto II deu ao arcebispo de Compostella a metropoli de Merida em 1120. Uma das maiores excellencias d'aquella casa, foi a que por então lhe começou, sendo o voto de ir a Santiago exceptuado como o de Jerusalem. A admiravel Igreja que hoje existe, foi obra do primeiro arcebispo D. Diogo Gelmirez, o qual metteu a arca de marmore com o corpo em uma abobada debaixo do altar mór. Segundo a Historia Compostellana, d'onde extraímos muitas das noticias que vão n'esta parte do texto, por este mesmo tempo foi a cabeça do Santo trazida de Jerusalem por ordem de D. Urraca, filha do mesmo Rei D. Affonso VI, e posta juncto com o corpo pelo mesmo arcebispo Gelmirez. Em quanto porem os gallegos assim se presam de possuir o martyr, a mesma presumpção ostentam muitas outras Igrejas. Já lá vai o tempo de se discutirem muito profunda e eruditamente essas piedosas contendas: custa a acreditar até que o Apostolo viesse em vida ás Hespanhas, onde pozesse por primeiro bispo de Braga a S. Pedro de Rates, quanto mais depois de morto: todavia a Igreja hespanhola allega por si muitas, e antiquissimas tradições e monumentos, como se pode ver até não mais, nos dois valentes volumes em folio, que com o titulo *Expeditio Hispanica Apostoli Sancti Jacobi Majoris Asserta*, publicou em Lisboa de 1727 a 1732, e dedicou a El-Rei D. João V, o eruditissimo D. Manoel Caetano de Sousa.

Pag. 19. col. 1 lin. 79 —— Allude-se á mercê feita á Villa de Cornelhan pelo Conde D. Henrique, por occasião de ter ido com sua mulher visitar a casa de Santiago em 1097. Para mais clareza remettemos o leitor curioso ao *Cap. XV. do Liv. VIII. Part. III. da Monarch. Lusit.* onde vem trasladada a escriptura, na qual entre outras cousas são para notar estas palavras, por onde começa: *Glorioso et venerabili patrono nostro domino Jacobo . . . qua in nostro dominio et dictæ ecclesiæ consistit omnis Portugalensis provincia &c.*

Pag. 19. col. 2 lin. 12 —— Das circumstancias da tomada de Coimbra por D. Fernando I. de Leão em 1064 he documento principal, antes unico, uma escriptura de doação feita pelo mesmo Rei ao Mosteiro de Lorvão, em o dito anno, trasladada por Brito na *Part. II. da Monarch. Lusit. Liv. VII. Cap. XXVIII:* he instrumento curioso pelas noticias, e pela singelleza e sabor biblico do seu latim. O Sr. João Pedro Ribeiro, que d'ella faz larga menção na primeira das suas *Dissertações Chronologicas* pag. 41 e seguintes, tem-na por suspeitosa; porém as razões que allega não nos satisfazem, e por ex. a 5.ª — *O soccorro que ahi se suppõe dado a D. Fernando pelo mosteiro de Lorvão, era mais natural ser-lhe prestado pelo Bubulense ou da Vacariça, igualmente visinho, e muito mais opulento* = além do pouco pezo de tal discurso, achamos o mesmo facto authenticado pelo Romance XIII do *Romancero* do Cid, talvez anterior ao Seculo 13, collecção que muitas vezes tem sido citada para testemunhar a historia d'aquelles tempos obscuros, da qual o auctor não teve conhecimento, nem, segundo nos parece, o proprio Brito, porque nos não lembra que jámais com ella argumentassem. Outro tanto dizemos da 6.ª razão de suspeição, que se desvanece tambem com aquelle mesmo testemunho. Para credito d'este Documento, lhe accresce, além da desartificiosa singelleza do seu estilo, que desdiz singularmente do genio de Brito, seu primeiro publicador; além dos dois fundamentos com que o célebre paleógrapho impugnador, não deixa de o abonar a pag. 44 da sua citada Dissertação; além da sua coherencia com as memorias do tempo, além da auctoridade de Mariana que mostra ter alguma noticia d'elle, na sua *Historia General de España. Liv. IX. Cap. II.* publicada pela primeira vez alguns annos antes da primeira edição da *Monarchia Lusitana*; accresce, dizemos, para seu credito, o não mencionar a milagrosa apparição de Santiago. Outros são os que a contam, a saber, os Romanceiros antigos, que ou da tradição a receberam, ou a crearam e legaram á tradição, d'onde, e de nenhuma outra fonte, a tomaram os piedosos espiritos que a entreteceram nas legendas, e os historiadores faceis, que d'ahi a adoptaram para suas historias. — Importa agora dar razão dos cinco Romances, com que rasgámos a prosa do texto. Entendemos que facultando-nos licença para o fazer, o auctor d'esta escriptura, que logo para isso no Prologo o declarámos, nunca podia ser que melhor coubesse esta novidade, do que no assumpto que ora tinhamos entre mãos. ¿Cairiamos porém em anachronismo, tractando-o em verso, e na forma ritual de Romance? cuidamos que não, e breve diremos os porques. — De que o metro fosse usado em Portugal n'aquella idade, e ainda nas anteriores, para objectos não só de amores, porém tambem de heroicidade, são prova os troços que nos ficaram de poesia portugueza, a saber, a Canção de Gonsalo Hermigues, as duas Cartas de Egas Moniz Coelho, o fragmento do poema da Perda da Hespanha, as Cantigas a Goesto Ansur, e o Cancioneiro do Collegio dos Nobres, publicado em Londres por Sir Charles Stuard, obras estas de que algumas pela immensa diversidade de sua

linguagem, não podem não ser de data anterior aos fins do seculo 12 e principios do 13, apesar da opinião do nosso Mestre o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos, e da não menos respeitavel do Sr. J. P. Ribeiro, que as dá por moeda falsa, e de fabrica moderna, o que, no nosso entender, não passa de conjectura, e que ainda assim não póde recair sobre todas as ditas poesias. — Quanto porém ao theor de Romance, e medida do verso em que o escrevemos, pareceu-nos que, se não podemos provar a existencia de taes cousas n'aquella epocha, tambem a sua não existencia se nos não pode demonstrar: mas não basta isto. Os Romances Castelhanos do Cid, acrescentados e compilados a final por D. Juan d'Escobar, e impressos em Sevilha em 1632, e em Madrid em 1640, são o mais solido escudo da nossa defeza. Ha n'esses Romances muitos que, segundo entendemos, procederam de mais modernos tempos, sendo enodoados e avariados de vicios recentes do dizer, mas ha outros que pela miudeza na observação dos costumes, pela singella innocencia do fallar, e por um certo cheiro proprio de velhice, mais facil de entender que de definir, datam provavelmente de epocha apartadissima. Sem cabal razão os pertenderam alguns adscrever ao seculo 13; outros guiados de melhor discurso os recuaram, até quasi ás fronteiras da vida do proprio Cid, d'onde viriam de ouvida em ouvida, atravessando os tempos até á sua primeira impressão, como igualmente aconteceu com as poesias primevas de muitos povos, e do que tambem não faltam exemplos nas Xácaras de nossas Provincias. Do tal ou qual frescor da linguagem, ainda que em boa parte e pelo demais muito anciam, não se tira argumento em contrario que valha; porque á maneira de aguas correntes, que vão tomando e trocando o saibo e côr das terras por onde passam, costumam as tradições poeticas, no filtrar-se de idade para idade, ir-se por si mesmas, e insensivelmente, traduzindo com a linguagem. Só ao metro não pode acontecer outro tanto, porque a transformação da medida presuppõe uma intenção determinada, um esforço, uma obra de poeta, e não de povo, da arte e industria, e não da natureza e acaso, que não ha razão alguma para se admittir, nem por ventura seria muito possivel, porque nenhuma força lograria transtornar n'essa parte as tradições do leite, recebidas e geraes. Por onde, sem temeridade poderemos cuidar, que o tipo com que cravámos os nossos Romances, preexistindo, e muito, á epocha em que os applicámos, nenhuma outra medida de verso nos podia mais acertadamente convir do que esta. Demais, achamos d'ella exemplo n'esses mesmos fragmentos portuguezes supra citados, ainda que entremeada com versos de outra medida. — Não nos embargou o reparo, que se poderia fazer, de não serem portuguezes mas castelhanos os Romances que imitavamos; por ser mui sabido, como as poesias das diversas partes das Hespanhas se davam e tomavam umas a outras, e pelas origens, parte castelhanas, da nossa gente, e pelo seu muito tracto, e communidade de interesses, e viver tanto assim, que em tempos não muito posteriores, *"qualesquier decidores è trovadores déstas partes, agora fuesen Castellanos, Andaluces, ò de "la Estremadura, todas sus obras componian en lengua Gallega ò Portuguesa. e aun déstos es cierto rescebimos los nombres del Arte, asi como Muestria mayor e menor, encadenados, lexa- "pren, è mansobre"* como se lè na muito curiosa Carta de D. Iñigo Lopes de Mendoza Marquez de Santillana, a D. Pedro Condestavel de Portugal, publicada e commentada por Sanchez na sua *Colleccion de Poesias Castellanas, anteriores al Siglo XV.* — Empregámos o periodo de seis versos, em vez de quatro, ainda que no de quatro se costumasse escrever o Romance. Não aconselhamos que se adopte o exemplo; mas fizemo-lo para lisonja do ouvido, e porque nos proprios Romances do Cid algumas vezes acontece ir o sentido de uma quadra fexar no meio da seguinte, soando então mais como sextina que como quadra. — Pozemos rima perfeita e não atoantada, porque ainda que em xácaras e romances portuguezes haja exemplos d'isso, o nosso ouvido as acha semsabores, e rejeita aquelle meio termo entre os versos rimado e solto. — Da linguagem, escusado he dizer que a não quizemos fazer da epocha, para sermos entendidos, e que ainda que o quizessemos, difficil nos seria o empenho: contentámo-nos de dar ao todo um aspecto velho, que não desdissesse muito do Romancero do Cid. — Ommittimos nos nossos versos uma antigalha que poderia ser de gosto para os moradores de Coimbra, qual he a de ter sido na sua Sé velha, logo depois da tomada da Cidade por D. Fernando, armado solemnemente Cavalleiro o mais valoroso e afamado fidalgo das Hespanhas, o Cid Roy Dias de Bivar: mas, para reparar a falta, e cerrar agradavelmente a Nota, agora trasladaremos o que d'isso se lè no Romance 13 da Collecção de Escobar.

Nombròsi Santa Maria
La Mezquita que ban ballado,
Cousagrandola en su nombre;
Y en el se avia armado

Cavallero Don Rodrigo
De Bivar el afamado.
El Rey le ciñò la espada,
Paz en la boca le ha dado;

Nò le diera pescoçada,
Como a otros avia dado;
Y por fazello mas honra,
La Reyna le diò el cavallo.

Y Doña Urraca la Infanta
Las espuelas le ha calçado.
Novecientos cavalleros
Don Rodrigo avia armado.

Mucha honra le haze el Rey,
Y mucho fuera loado,
Porque fuera muy valiente

En ganar lo que es contado,
Y en otros muchos lugares
Que a su Rey ha conquistado.

Pag. 20. col. 2 lin. 7. —— Entre os manuscriptos de Santa Cruz de Coimbra, havia uma Biblia pequena, da qual se dizia ter pertencido a D. Affonso Henriques, escripta em lettra minutissima, e que de feito parecia do Sec. 12.º, e em pergaminho mui delgado, em forma de 12. Deve existir na Livraria do Porto, para onde foi levada em 1831. De outra Biblia do mosteiro de Alcobaça se affirmava igual honra. Em tanta antiguidade não ha certeza: ou El-Rei teria duas Biblias, o que não repugna, ou uma d'ellas arrogava honras falsas, ou de ambas mentia a tradição piedosa: esta opinião he mais provavel que as duas primeiras, porque he muito de presumir que El Rei não soubesse lêr. Todas as Escripturas que nos Archivos Publicos se conservam dos primeiros reinados de Portugal, até El-Rei D. Diniz, trazem, tanto a assignatura do Rei, como as de alguns personagens que com elle confirmam, feita pelo mesmo punho do official que lavrou o instrumento.

Pag. 20 col. 2 lin. 18. —— "O Conde D. Henrique e seu Filho o Infante D. Affonso, trasiam por armas uma cruz, a que chamam potentea, por ter a hastea de alto a baixo mais longa que a outra que atravessa de parte a parte .... Se foi esta empreza particular do Conde D. Henrique, ou a tomou pela razão introduzida em seu tempo, dos que passavam á Terra Santa, e pela mesma causa se chamavam Cruzados, não podemos determinar. El Rei D. Affonso, com a occasião da batalha de Ourique, tomou por armas as cinco quinas, tão celebradas e conhecidas em todas as quatro partes do mundo: e por se não perder a memoria da insignia da Cruz, ordenou os escudos em fórma de Cruz, e temos advertido em sellos e medalhas antigas, serem os escudos d'aquelle tempo feitos ao comprido, a modo de pontas de lanças, com que a sagrada Cruz mais propriamente se afigurava. Quiz El-Rei significar não só a Cruz sagrada em a posição dos cinco escudos, mas em o numero d'elles as cinco chagas de Christo, nosso Redemptor, e o preço por que foi vendido aos judeos em os dinheiros que mandou pôr em cada um dos escudos. Costumava-se a pôr trinta dinheiros em cada um dos escudos; e porque este numero, alem de grande, não tinha logar muitas vezes pela incapacidade do sitio, se ordenou pelo tempo adiante, que em cada escudo se mettessem cinco dinheiros, com que o numero de trinta se podia encher contando duas vezes o escudo do meio, ou ajunctando ao numero dos dinheiros os cinco escudos ... Não se ordenaram logo estas armas passada a batalha de Ourique, por quanto vemos alguns annos adiante perseverar a insignia da Cruz em os sellos de muitas escripturas .... Ficou o escudo n'aquelles principios muito differente do que hoje o vemos, porque não só em o numero dos dinheiros tinha o excesso que deixamos advertido, carecia da orla dos castellos, a qual lhe foi posta muitos annos adiante, mas ainda nos escudos ou quinas havia notavel diversidade. El-Rei D. Affonso, para ficar lembrança da grande victoria que alcançou dos mouros, mandou no principio atravessar quatro cordões no escudo, dois em cruz de meio a meio, e dois em aspa de canto a canto, fazendo de outro cercadura, e por elles pendurou muitos escudos, posto que quatro que ficam dentro no escudo, e o do chefe da bordadura são notavelmente maiores, e feitos a modo de adargas ou pontas de lança. Estes parece que alludem aos cinco reis vencidos; os mais seriam de outras pessoas principaes, ou os que El-Rei por sua mão alcançasse. Este modo de escudo se vê em alguns sellos d'aquelle tempo, porém não era universalmente usado, por quanto em outros temos achado as cinco quinas sómente, com os circulos ou dinheiros dentro." *Monarch. Lusit. P. III. Liv. X. Cap. VII.*

Pag. 20. col. 2. lin. 43. —— Muito se tem escrito a favor e contra a apparição de Christo a D. Affonso Henriques. Quanto a nós, damos de mão á controversia. Não referimos o facto por lhe prestarmos assenso. o documento do juramento do Rei está convencido de apocrifo; todavia a tradição havemo-la por antiquissima. Pelo modo porque nós presentamos a cousa, he possivel e verisimil, por não dizer provavel, e tinha muitos exemplos parallelos na historia anterior. Por ultimo, se a apparição foi fabula, a fabula se encarnou na historia, e a crença diuturna lhe deu uma especie de verdade, pelo menos a bastante para ter cabida n'esta obra, monumento não menos dos feitos que das crenças portuguezas. não vai só, nem vai tanto o historiar no tirar certos os retratos das pessoas e cousas, como em representar pelo natural o ar e luz de cada painel, que se diga ao vê-lo o clima, a estação, a hora do dia, e o tempo quente ou frio, cerrado ou aberto que então era. — Recommendamos aos curiosos a Dissertação do nosso Consocio o Sr. Antonio d'Almeida sobre o *Juramento do Sr. D. Affonso ácerca da memoravel apparição, descoberto em Alcobaça*, na Memoria que escreveu sobre os *Erros Historico-Chronologicos de Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister*, public. la pela Academia no T. XII. P. I. das suas *Memorias*, na qual se acham recopilladas, com boa critica, todas as razões, em grande parte já produzidas por outros, que arguem de apocrypho o referido Juramento. O A. inclina-se a que elle fôra uma *fraude historica practicada no Reinado do Sr. D. João I .... e que tanto mais afoutamente se deve admittir esta opinião, quanto foi no Reinado dos Srs. Reis D. João I., D. Duarte, e D. Affonso V., que se começaram e adiantaram as nossas primeiras conquistas do Ultramar, que tanto brado deram na Europa; e aqui se vê verificada a imaginaria profecia da instituição de um Imperio, que levaria a fé de J. C. ás nações remotas.* Cumpre todavia, em nosso entender, distinguir entre a tradição e o Documento referido, o qual bem podia ser, e acreditamos que foi, forjado em tempos mais modernos, sem que entretanto por isso se deva em boa logica arguir de não coeva, ou quasi coeva a narração do facto, para o que ainda não foram dados argumentos, que plenamente satisfaçam. Nós conservámos a tradição, da mesma sorte que se acha no Documento, que sendo apocrypho como Juramento do Rei, póde não ser falso como historia tradicional do acontecido. Quem desejar quanto n'estas materias se póde allegar e provar pelas differentes e contrarias partes, deixando os antigos, leia o que a tal respeito imprimiu o Padre Antonio Pereira de Figueiredo em 1786 — os *Cuidados Litterarios do Prelado de Beja* 1791 *pag.* 552 e seguintes - *Elucidario* de Viterbo na palavra *Ladera*, — e a citada *Dissertação* do Sr. Antonio d'Almeida.

Pag. 21. col. 1 lin. 42. —— Ainda que militar na saga ou retaguarda, se houvesse geralmente nos Regimentos e practica de guerra, por um genero de desar, e tanto, que de alguns foraes se sabe, em que, para com elles se honrarem as terras a que eram dados, se exceptuavam os seus cavalleiros de servir na saga, todavia pela idéa que d'esta batalha de Ourique podemos hoje fazer, estando por todas as partes o perigo, pelo cêrco em que os nossos se viam apertados, o comandar então a saga, assim como o ir n'ella, não era nem podia parecer desautorisação

Pag. 21 col. 1 lin. in fin —— Todos nossos historiadores particularisam, como podem, ou lhes apraz, esta batalha. Consulte-os quem desejar taes miudezas, que o estilo e genero da obra nos não deu licença para aproveitar, com medo de apoucar o interesse.

Pag. 22. col. 2 lin. 13. —— Poucos ha para quem o conhecimento da antiguidade não seja um dos principaes deleites da alma: aquelles mesmos que mais affeção mudar e remoçar, como quer que seja, a face da terra, bem folgariam que algum sabedor lhes estivesse contando a historia inteira de cada monumento que arruinam, de cada ruina que dispersam, e de cada pedra secular que assassinam: verdade he que não parariam nem lhes tremeria o braço por se lhes estarem mostrando os fantasmas das differentes idades que dormiam sobre aquelles musgos e debaixo d'aquelle pó, encantados e encubertos a todos os olhos profanos e ignorantes, mas tirariam ao menos d'ahi, o poderem depois entender os lamentos com que alguns poucos sisudos vão visitando com o roteiro das velhas chronicas nas mãos, os logares testemunhas e theatros dos antigos homens, feitos e cousas' Nem tudo das idades remotas foi grande, justo, util, honesto, e tal que mereça o havermo-lo por nosso exemplar, mas tudo foi lição para vindouros, tudo, tanto o feio como o formoso, tanto o pessimo como o optimo. Esse condão tem a morte, que sobre deixar sagrado o por onde lhe passaram as mãos, lhe communica uma certa virtude secreta para avisar, aconselhar e melhorar; e n'este sentido a morte he a mais excellente mestra da vida, e a sua amiga mais proveitosa. Dirão que nos espraiamos aqui n'um discurso vão, e que este evangelisar contra peccados de demolidores he ja em nós logar commum. Que sejam vãos estes discursos pena he, mas de serem logar commum estas invectivas, não he culpado quem escreve, senão quem lhe dá assumpto. E como não havia de ser logar commum queixarmo-nos, onde se tornou logar commum devastar? Só quando cessarem as machadadas e marteladas sacrilegas no edificio material da historia cessarão estes ecos feios que restrugem o presente e se alongarão pelo porvir. Inda mal que pelo decurso d'esta obra nos será forçado volver duzentas vezes mais a semelhantes queixumes. Houve um homem sem fé, nem juizo, nem especie alguma de merito, e comtudo consumido de uma grande sede de fama, o qual accendeu um archote, abrasou o mais formoso templo da terra, e lhe arrancou assim a perpetuidade para a encarnar no vão do seu nome. esse homem parvo foi Erostrato. A sua raça damninha, multiplicou-se em nossos dias. O Saturno da fabula, engenhosa alegoria do tempo ancião, anhelava devorar os filhos, era horrivel! Os semi-homens da pigmea historia actual, são mais horriveis, devoram e roem osso a osso o cadaver do Saturno que os gerou; mas contra estes cães do sepulchro, contra estes vermes e ferrugem d'ambas as arvores do Paraiso, a da Vida e a da Sciencia, ja começa a levantar-se uma grande potencia de Deos, que he a razão humana. O povo nescio, cançado de profanações, se converterá a final, porque entre elle se ergueu, e continuará a clamar um apostolo da sublime religião do passado, um genio poderoso, porque o estudo lhe deu sciencia, a virtude audacia, e a poesia uncção. Elle defende a herança dos tempos que foram, e nunca advogado conheceu melhor o seu constituinte, ou lhe zelou mais activamente os direitos. As suas lamentações sobre o campo dos monumentos desapparecidos, se tem levantado como um monumento novo, como uma memoria das memorias, contra a qual se quebrariam os instrumentos e braços que a atacassem. A imprensa matará a architectura, escrevia um grande engenho, e diria verdade; mas aqui a palavra salvará ainda muitas edificações venerandas. Quando o espirito das trevas, por bocca de algum philosopho dos seus, tornar a bradar que se convertam as pedras em pão, uma voz inspirada lhe tornará a responder, que não só de pão vivem os homens, porém de sabedoria e de virtude; e a virtude não menos que a sabedoria está ligada com o respeito e devoção ás antigas cousas. Continue elle, esse genio maravilhoso, na sua triplice missão de resguardar com suas asas immensas o mundo dos sepulchros, de alumiar com o seu faxo para o mundo das esperanças, e de converter, catechisar e rebaptisar o povo, mais nescio do que máo, onde a providencia o fez de proposito nascer em nossos dias. Em vão tenho refugido de o nomear; uma não sei que modestia mo tolhia, que assim nos amamos nós, e nos amaremos sempre como irmãos. Porém depois das palavras que deixei postas, e já não consentiria se apagassem, quem não vê que só a Alexandre Herculano poderiam caber taes louvores, que menos são todavia louvores que agradecimento de portuguez, e em nome de portuguezes, em obra que para portuguezes e para a posteridade se escreve? Continue elle a bradar, até que se levante, á falta de juizo publico, á falta de amor ou pudor nacional, mão forte de legislador que risque orla ao mar da destruição, e lhe diga. Não passarás avante. Uma lei para a conservação dos monumentos he indispensavel, e nem em Portugal seria nova. Ja por duas vezes o sceptro os tem pertendido escorar: mas ambas essas providencias das ruinas, por uma triste fatalidade, caíram igualmente em ruinas, e pereceram. Parece-nos que em as recordar faremos obra de preço, podendo ser que alguem se lembre emfim de as resuscitar mais fortes e mais completas do que já foram. — Havendo representado a El-Rei D. João V. a Academia Real de Historia Portugueza, que procurando examinar os monumentos, que havia e se podiam descobrir no reino, dos tempos em que n'elle dominaram os Phenices, Gregos, Persos, Romanos, Godos, e Arabios, se achava que muitos que poderam existir nos edificios, estatuas, marmores, cippos, laminas, chapas, medalhas, moedas, e outros

artefactos, por incuria e ignorancia do vulgo se tinham consummido, perdendo-se por este modo um meio mui proprio e adequado para verificar muitas noticias da veneravel antiguidade, assim sagrada como politica; e que sería mui conveniente á luz da verdade e conhecimento dos seculos passados que, no que restava de semelhantes memorias, e nas que o tempo descubrisse, se evitasse este damno, em que póde ser muito interessada a gloria da Nação Portugueza, não só nas materias concernentes á Historia secular, mas ainda á sagrada. E desejando El-Rei contribuir com seu Real Poder para impedir um prejuizo tão sensivel, e tão damnoso á reputação e gloria da antiga Lusitania: Houve por bem em Alvará de Lei de 20 Agosto de 1721, que d'ahi em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade, e condição que seja, desfaça ou destrua em todo, nem em parte, qualquer edificio, que mostre ser d'aquelles tempos, ainda que em parte esteja arruinado; e da mesma sorte as estatuas, marmores e cippos, em que estiverem esculpidas algumas figuras, ou tiverem letreiros Phenices, Gregos, Romanos, Goticos, e Arabicos, ou laminas ou chapas de qualquer metal, que contiverem os ditos letreiros ou caracteres; como outro-si medalhas, ou moedas, que mostrarem ser d'aquelles tempos, nem dos inferiores até o reinado do Senhor Rei D. Sebastião; nem encobram ou occultem alguma das sobreditas cousas; encarregando ás camaras a conservação e guarda dos ditos objectos, e obrigando-as a dar conta dos que se descubrirem, ao secretario da dita Academia Real, para que esta dê a providencia necessaria para que melhor se conserve o monumento descuberto: e sendo medalhas ou moedas as possa comprar. Ás pessoas de qualidade que desfizerem os edificios daquelles seculos, ou deteriorarem ou esconderem qualquer das mencionadas cousas, impoem por pena que alem de incorrerem no desagrado Real, experimentarão tambem a demonstração que o caso pedir e merecer a sua desattenção, negligencia, ou malicia; e ás de inferior condição manda applicar a Ord. do Liv. 5. Tit. 12. §. 5. aos que fundem moeda. Obriga outro-si as camaras a comprarem pelo seu justo valor as medalhas e moedas antigas que remetterão á Academia Real, que lhas pagará. — Pelo Alvará com força de Lei de 4 de Fevereiro de 1802 fez o Principe Regente suscitar estas providencias, *mutatis mutandis*, ficando em vez da Academia Real de Historia, já não existente, a Real Bibliotheca Publica de Lisboa, pertencendo ao Bibliothecario maior toda a correspondencia com as camaras, o qual deveria fazer tudo presente a S. A. pelo Ministerio da Fazenda, para do Governo se determinar o necessario, tanto para a compra como para a conservação das medalhas, e semelhantes objectos. — Não nos deteremos em demonstrar a insufficiencia d'estas leis; o tempo a tem já provada, fazendo-as cair em desuso; e agora seriam de mais a mais contrariadas pelo systema e formas politicas actuaes. Consta nos que já o dignissimo Bibliothecario mór, que hoje he, representou ao Governo em Janeiro d'este anno de 1839, a necessidade de novas providencias; mas na alçada do Governo só cabe presentar um projecto de lei á approvação das Côrtes, com o que muito se acreditaria, e sollicitar a brevidade. A duas cousas cumpre que principalmente se attenda na nova lei: 1.ª que a vela dos monumentos fique a cargo de quem possa, queira, e saiba: 2.ª que se definam melhor, e se abranjam mais complectamente as antigalhas a que se der privilegio, e foro de vida, levando sempre o olho, em que de todas ellas são as mais valiosas as que mais nos forem de casa, e as propriamente portuguezas, do que as phenicias, gregas, persas, romanas, godas, e arabias; cousa a que nos citados Alvarás se desattendeu, deixando-se tantos seculos ricos e portuguezes fóra da arca da salvação.

SITIO E MONUMENTOS DA JORNADA DE OURIQUE.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA, Pag. 25.

A maior parte das noticias que imos a dar ainda não havia sido publicada, nem tão pouco a Estampa dos Monumentos 1, 2, e 3. Para estes trabalhos, assim como para o Mappa do sitio de Ourique, nos ajudaram muito com informações, por mais de quatro mezes de assidua correspondencia, pessoas muito respeitaveis, moradoras ou visinhas dos logares. O Sr. José Maria Esteves, de Béja, nos obsequiou com desenhar os tres monumentos, serviço generoso a nós e ás lettras, que lhe custou não só passos e despezas, mas até perigos, pelo pouco seguro que, á conta da guerra civil, então offerecia o Campo de Ourique, aos que transitavam.

Fig. 1.ª *Igreja Matriz de Castro Verde.* —— Antes do anno de 1573 não houve monumento algum á batalha de Ourique. D'isso se faz queixume na Chronica, tão desconhecida como curiosa por antigalhas, que da Ordem dos Carmelitas imprimíra, um anno atraz, Fr. Simão Coelho. Existia comtudo em Castro Verde, uma capellinha a caír em ruinas, da qual dizia a tradição haver sido oratorio do ermitão, que alguns querem, com pouco fundamento, se chamasse Leovigildo Pires de Almidra: e a capellinha servia de freguezia, sendo filial da Matriz de N.ª Senhora da Graça da Villa de Padrões. — Ha se El-Rei D. Sebastião em 1573 fortificar os portos maritimos do sul do reino, contra as invasões dos mouros, com uma apparatosa comitiva de creados e fidalgos da sua casa e côrte. Depois de ter assistido a um Auto de fé em Evora, e em Béja a um combate de touros, chegado a Ourique, estranhou não achar pedra, nem lettra que fallasse de tamanhas glorias, havendo só a ermida meio delida dos annos. Deu ordem com que se renovasse avantajada e grandiosa, e de mais se erigisse um sumptuoso arco, para o qual foi feita a seguinte inscripção, pelo Mestre André de Resende, que d'isto nos falla no Liv. IV de *Antiquit. Lusitan.*

> *Heic contra Ismarium, quatuorque alios Saracenorum Reges, innumeramque barbarorum multitudinem, pugnaturus felix Alphonsus Henricus, ab exercitu primus Lusitaniæ Rex adpellatus est: et a Christo, qui ei crucifixus adparuit, ad fortiter agendum commonitus, copiis exiguis tantam hostium stragem edidit, ut Cobris ac Tergis fluviorum confluentes cruore inundarint. Ingentis ac stupendæ rei, ne in loco ubi gesta est, per infrequentiam, obsolesceret, Sebastianus I Lusitaniæ Rex, bellicæ virtutis admirator, et majorum suorum gloriæ propagator, erecto titulo memoriam renovavit.*

Não poucas dúvidas recrescem ácerca d'este arco, que já não apparece. Sería, como os triumphaes dos Romanos, obra independente, e debaixo de ceu? devêra haver d'elle algum vestigio. Sería o proprio arco interior da Igreja, como alguns se persuadem? mas n'esse, ainda concedendo que lhe possa caber a qualificação de sumptuoso, não se lê uma só lettra. Valerá para aqui a desculpa com que vem acudindo Sousa na *Historia Genealogica*, quando diz que *o tempo fez na inscripção os seus costumados estragos, e os moradores ainda maiores com a sua incuria, encobrindo esta admiravel inscripção com os ornatos da Igreja?* impossivel que dois seculos escassos comêssem lettras gravadas em pedra, e dentro de uma igreja: falso, que se afogasse a inscripção com ornatos, porque taes ornatos não ha, nem signal, nem memoria delles, sendo o arco, nas dez varas de sua altura, totalmente despido e liso. Inclinamo-nos por tanto ou a uma opinião, que já, segundo o mesmo Sousa, fôra *de um Ex.mo Erudito*, o qual duvidou de haver sido posta a inscripção, o que não contradiz o testemunho de Rezende, que assevera sim ter sido construido o arco, mas fallando da inscripção, só diz que lha encommendaram: ou a que ella existio até ao anno de 1727, vindo-se a perder por occasião da renovação que da Igreja mandou fazer El-Rei D. João V. O que nos livros da Camara de Castro Verde se diz a respeito do arco e sua inscripção, nos deixa n'estas mesmas incertezas. — Voltemos á Igreja. Edificou-a El Rei D. Sebastião já com a valentia de paredes de 16½ palmos de grossura, trez portas na frente, uma torre, duas sacristias com portas para a capella mor, tudo bons marmores e ricas madeiras do Brazil, com abobada e orgão: e pelos livros da Camara de Castro Verde consta que lhe pozera o titulo de Basilica. Correndo o anno de 1727, o Prior que então era veio a Lisboa [segundo os livros que existem da Commenda da dita Villa de Castro Verde] representar a El-Rei D. João V, que não era a Igreja capaz dos freguezes que tinha, e pedir-lhe a mandasse acrecentar. Deferio El-Rei, movido tambem do desejo de concorrer, como o seu predecessor D. Sebastião, para a permanencia de uma tão honrada memoria e antigalha, como aquella: e mandou applicar para a obra os dinheiros da Commenda então vaga: saíu a Igreja magestosa com trinta e trez varas e meia de comprimento [sendo as seis e meia de acrescimo] sobre onze de largura, e quatorze e meia de altura até á cimalha. He apparencia, sobre magnifica e rica, mui formosa, por qualquer modo e parte que os olhos a tomem. Nas paredes, de alto abaixo, vestidas de bem fantasiados azulejos, póde o curioso menos instruido lêr por cima os primeiros capitulos da Historia Portugueza, pois que n'elles, á semelhança de quadros, se representam os varios lanços da Jornada de Ourique, sem inscripções, nem as carecem; tanta he a viveza da pintura! No cimo do entalhe da Capella Mor apparecem as Armas Reaes, indicio de Basilica; e por prova do affecto Real, se guardam nos quatro altares lateraes muitas reliquias mandadas pelo mesmo Soberano, cujo foi tambem presente o orgão actual do côro, as ricas vestimentas e custodia. Por cima do arco cruzeiro vê-se o Apostolo Santiago. Na parte interior de um segundo arco, onde diz a frontaria do côro, estão as Armas Reaes desde D. Affonso Henriques até D. João II. — He o exterior singello, mas elegante. as torres tem 20 varas de altura, 26 palmos em quadro. a frontaria da Igreja, comprehendendo as duas torres, 18 varas e 2 palmos de largura. de torre a torre corre uma varanda espaçosa. Sobre o portal da entrada, que he de marmore, vêem-se as armas de S. Thiago da Espada. Este edificio he circumdado de um adro todo lageado de cantaria, tendo de comprimento 64 varas, e 20 de largura, passeio mui saboroso para os moradores da villa, pelas tardes do verão.

Fig. 2.ª *Igreja das Chagas do Salvador.* —— Esta Igreja, chamada hoje da Senhora dos Remedios, em Castro Verde, e visinha da Matriz, foi primitivamente levantada, segundo tradição que entre os visinhos dura, pelo proprio Rei D. Affonso Henriques, no logar da gruta do ermitão; vindo-nos desta maneira a ficar honrados os assentos, tanto da pousada do servo de Deus como do seu oratorio. O nome de *Senhor das Chagas*, que tambem póde parecer monumento, crem ter-lhe sido dado logo então por El-Rei. Esta mesma tradição se acha repetida em uma sentença obtida pela Camara de Castro Verde contra a Camara das villas de Almodovar e Padrões, em 19 de Novembro de 1626. Em tempos de Filippe III, e andando o anno de 1620, obteve a Camara de Castro uma Provisão para se fazer alí uma feira franca, applicados os rendimentos dos terradegos para a reedificação e alfaias da Igreja: e outra depois em 7 de Maio de 1623, continuando o favor para remate do começado. Poz embargos a Camara de Almodovar e Padrões, pelo prejuiso que vinha á sua feira de Santa Barbora, mas decaío por sentença de 19 de Novembro de 1626, e concluio-se a obra. He este templo muito menos alteroso que o outro, posto que a estampa inadvertidamente representasse o contrario: tem comtudo 22 varas de comprimento e quasi 7 de largura, com sua abobada ricamente pintada: por cima do arco cruzeiro vê-se, em talha de madeira, dourada, e muito bem trabalhada, a apparição de Christo a D. Affonso; e em cada parede lateral, quatro paineis de pintura muito miuda e curiosa, com os differentes passos da Jornada de Ourique. O altar mor he dedicado ao Senhor das Chagas. Os direitos que a Igreja recebia pelo terreiro e piso da feira acabaram em 1834. Começa a querer arruinar-se, e se lhe não acodem breve virá a terra.

Fig. 3.ª *Padrão da Rainha D. Maria I, em Ourique.* —— Saíndo da Matriz de Castro Verde, pela porta travéssa da direita, contra o noroeste, fica fronteiro, e em curta distancia, um largo, a que chamam o Paço, aonde se edificou o Padrão. A altura, comprehendendo os cinco degraos (e não sete que enganadamente mostra o desenho), he de 25½ palmos, a circunferencia do 1.º degrao 73 pés. He tudo de bom marmore de Montes Claros, junto a Estremos; e o busto da Rainha de finissimo jaspe, e de subtil lavor; a coroa, sobreposta á esfera, dourada. Leamos as Inscripções da base, que ainda estão vivas, e são em lettra maiuscula Romana. — Na face lateral da parte da Igreja, a inscripção de Rezende, até ás palavras *cruore inundarint*. — Na face principal, e por baixo do busto: *Primi Portugaliæ Regis Alphonsi virtute et armis a Saracenis liberi, Primæ Portugaliæ Reginæ Mariæ, Alphonsi Sobolis, Sapientia, Curis et Munificentia felices, Agri Ouriquensis incolæ, Utrique, ob egregia in bello et pace merita, grato in Utrumque animo posuere*, anno MDCCLXXXXI — Na face lateral da parte opposta á da Igreja: *O Corregedor da Comarca Jacinto Paes Moreira de Mendonça o fez executar a 9 de Maio de 1792.* — Quando este bello monumento estalou pelo delgado inferior da piramide, com um vendaval, na vespera da Senhora da Conceição de 1803, partio-se a dita piramide em trez pedaços: um até pouco acima do busto, o qual busto ficou sem macula e se conserva estimado na sala da Camara de Castro; este troço mandou-o a Camara em 1835 converter em pia para beberem os animaes, a qual está collocada junto ao Poço Canavial, na distancia de um tiro de bala: — o segundo troço, d'ahi até ao capitel, serve hoje de humbreira na guarida construida por detrás do Celleiro da Commenda, antigamente Palacio dos Duques de Aveiro, onde se conservam ainda as suas armas, e hoje cavalherices da Nação; sessenta passos desviado do Padrão: — o restante, a saber, capitel, esfera e coroa, fez-se pedaços: — a base, começava a estragar-se, mas está segura com uma cinta de ferro com que a Camara lhe acudiu em 1835.

Fig. 4.ª *Mappa do Sitio da Batalha de Ourique.* — Valeu-nos muito para este Mappa, outro que em 1813 publicou o Bispo de Béja D. Fr. Manoel do Cenaculo, n'um Opusculo tão curioso como raro, com o extravagante titulo: *Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em outros tempos, e repetidas no actual, conformes aos desenhos de suas idades.* Era porém esse seu esboço consideravelmente imperfeito, com as confrontações dos ventos erradas, e em tanta maneira desconcertado nas proporções, que a applicar-se-lhe a escala, que não traz, sairia, por exemplo, Castro Verde, só por si, maior por ventura de duas leguas. Obtivemos depois pela amisade e bom zelo de um mancebo de Béja, cuja modestia não consente que o nomeêmos, muitas informações, que mandou tomar cuidadosamente dos proprios sitios, á vista das quaes, e do Mappa já impresso, poude o nosso Amigo, o Sr. Varnhagen, desenhar por approximação a Carta que apresentamos.

Em Castro Verde, de que El-Rei D. Manoel fez villa, tinha sua tenda e arraial o Principe D. Affonso, segundo se conjectura. A Oeste, e duas leguas d'esta villa, fica a de Ourique com seu castello alto. Segundo o Bispo Cenaculo [que examinou muito miudamente estes logares, e d'elles tractou nos *Cuidados Litterarios*, pag. 383 e seguintes, de que algumas vezes nos aproveitaremos] principiaria a batalha para este lado, o que bem conforma com as palavras da Chronica Gottorum, *bellum commisit in loco qui vocatur Aulic*, e com as do Chronicon Lamecense, *in loco qui dicitur Oric.* — Na distancia de duas leguas, na entrada da serra, se acha outra fortaleza, de mais de 800 passos em circuito, chamada hoje da Senhora da Colla, em uma eminencia inaccessivel por toda a parte. Na cabeça dos outeiros que a avisinham por dois lados, e donde, como lembrou a Resende, se derivaria, pelo nome latino de *Collis* o de *Colla*, encontram-se vestigios de fortins, que eram uma especie de reductos e atalaias, que avisavam e difficultavam o passo, dispostos de quarto em quarto de legua, e menos. Podem aquellas fortalezas ser dos Romanos, ser dos Mouros, e por ventura dos Lusitanos velhos, que viviam *more spartiano*, como diz Strabão. A fabrica das muralhas, das quaes algumas tem 12 palmos de largura, não tem a liga Vitruviana, sólta-se, o que póde ser tambem da velhice: em partes são de lageas sobrepostas seccamente. A fortaleza da Colla, em tempos de Resende (*Antiq. Lusit. Lib. IV*), conservava ainda as suas muralhas e torres, obra tosca e de alvenaria, mas accomodada á defensão pelo difficultoso do accesso: no angulo de uma torre semigastada permanecia uma elegante mesa de marmore. Cenaculo diz, que a fortaleza se compoem de uma cortina simples, da qual sáe de espaço a espaço uma obra angular de mui pequena extensão, e talvez seriam os seus bastiões: mas esta obra de defensa e obstaculo tem-na elle por do meio do seculo 16: e em quanto a torres, assevera não ter d'ellas achado vestigios, e que pela altura do terreno seriam escusadas: vio como no centro da mesma fortaleza, uma cisterna antiga. Na margem de uma das duas ribeiras que ha n'este sitio da Senhora da Colla, estão por longo espaço estendidas sepulturas: na encosta da montanha achou o Bispo Cenaculo seis sepulchros, e algum de mais de 25 palmos em quadro, e de boas paredes, que serviriam para generaes e pessoas maiores. No resto de um capitel, que o mesmo Bispo descubrio, veem-se alguns listões de relevo mui simples, embaraçados uns com outros em fórma angular: e ahi achou tambem lapides sepulchraes de caracteres Fenicios ou Turdetanos, e com ellas estoques longos sem gume, e feitos de aço e cobre bem calcinado, com punho pouco engrossado, e virote chato, pequeno, e que fórma uma especie de orelhas, que não podem não ser da mais remota antiguidade. N'este sitio se podem ainda fazer curiosas explorações. — Continúa o mesmo Sabio Prelado a conjecturar, mas n'esta parte a nosso vêr sem bons fundamentos, que alcançada a victoria no Campo de Ourique, fôra pelos nossos tomada a fortaleza da Colla. — Voltando para o meiodia, vieram continuar o combate na montanha hoje de *S. Pedro das Cabeças*, pela parte, segundo se conta, que lhes era menos embargosa, chamada *Pão de Cebolas*. Assevera-se, que o inimigo fôra ahi plenamente derrotado, e que os reis mouros acabaram a vida degolados pelos nossos, n'uma montanha a meia legua de distancia para Leste, que por isso ficou sendo chamada *Cabeças de Reis*, e que tem hoje apenas dois moradores, com quanto seja este logar productivo, e vestido em torno de asinhal e olivedo. Em S. Pedro das Cabeças achou o referido Bispo signaes de fortaleza mourisca: hoje existe n'aquelle logar uma ermida dedicada a S. Pedro: e he a montanha guarnecida de asinhaes do nascente ao sul, e de lavouras ao norte. Aqui, obra de 13 ou 14 passos da ermida, jaz uma grande pedra que a fama antiga tem trazido venerada com uma fabula curiosa, porque se diz estar tapando a boca de um espaçoso subterraneo, aonde os cinco reis mouros se junctavam a comer sobre aquella mesma pedra, a qual então lá dentro lhes servia de mesa; e que chegando El Rei D. Affonso, a reconhecer as forças dos mouros, e colhendo ahi os reis, entrára a cavallo pelo subterraneo, ficando na mesa assignaladas as ferraduras. De tudo isto só he verdade achar-se um penedo grande, mas nativo e sem feitio nem geito de mesa, nem signal algum de ferraduras. — Pela extensão de mais de uma legua contra Castro, quasi em linha desde Cabeça de Reis, havia varias fortificações, e alguns outeiros ainda por estes sitios conservam o nome de castellos, como são, *Castello da Ribeira*, *do Côto*, do *Monte Outeiro*, da *Caminha*, da *Amendoeira*, *Castello Grande* meia legua á direita do Cobres, que he um grande monte escarpado, com um terreno espaçoso na sua eminencia, formando uma praça de 50 passos: tem escadas rusticamente feitas, que vem dar a um grande pégo que alí ha, aonde he contado terem os mouros por costume virem fazer aguada. O *Castello das Juntas* fica no confluente das duas ribeiras Terges e Cobres, sendo a montanha pelos dois lados quasi tão perpendicular, que não era possivel ser por inimigos atacada facilmente. Entre esta fortaleza e a de S. Pedro de Cabeças, diz o Bispo, que ainda víra uma abertura, hoje entupida, que mostra haver estrada cuberta. A maior parte porém dos castellos mencionados não tem de castellos senão o nome. — As duas ribeiras *Terges* e *Cobres*, que levaram o sangue da batalha ao Guadiana, nascem, a primeira na herdade da Boa Vista, freguezia de Almodóvar, a segunda na herdade do Borrinhaxas, freguezia de Castro, misturam-se no sitio onde está o Castello das Juntas, e entram no Guadiana a tres quartos de legua de distancia acima do celebre *Pulo de Lobo* [que, para o dizermos de passagem, he uma das maiores curiosidades, e um dos mais engenhosos brincos da natureza em Portugal], tendo antes recebido as aguas das ribeiras da *Caldeira*, *Maria Delgada*, e *Albernoa*: todas estas ribeiras correm por entre serras, rochedos e matos.

SITIO E MONUMENTOS DA JORNADA DE OURIQUE.

CAHIO SANTAREM: AQUELLE FOGO DO CEO O ANNUNCIA!

TOMADA DE SANTAREM.
(ANNO 1147.)

> . . . . O Rei subido
> A tomar vai . . .
> . o sempre ennobrecido
> Scalabicastro, cujo campo ameno
> Tu claro Tejo regas tão sereno.
>
> Cam. Lus. C. III. Est. LV.

I.

A o Inverno de 1147 se queria despedir; ja Março reverdecia os sinceiraes, enflorava os cómoros silvosos, e arrelvava de violetas os valles, ao longo das varzeas do Mondego caudal e espelhado. Manhãs das primeiras aves, sorrisos da primeira luz, bafos macios do ceu por entre o vicejar de pimpolhos, não sois vós, não, alvoroço de contentamento, mas affecto confuso e suavissimo, esperanças mal distinctas, mais parecidas a saudades que a esperanças: dormita sonhando o coração, como lago de vida, onde se está retratando a alma; ceu immenso mas interior, que embebe em si o ceu de fóra com todos seus varios accidentes de serenidade ou serração, de nuvens de dó ou de escarlata, de sol claro, ou de luar, ou de trevas.

Pelas janellas altas dos Paços Reaes, na alcáçova de Coimbra, estão entrando virações cheirosas de primavera. Vem clareando o dia; e D. Affonso mancebo passeia ao longo das salas, por entre suas armas reluzentes, e luas douradas de estandartes captivos. Cuidados de homem e de rei, cuidados de esposo e pai, de christão e conquistador o trazem desvelado e esquivo a somnos e descanço. A benção da estação se lhe dá sim a sentir, mas não ja como em os dias de sua infancia: então, por entre os conhecidos casaes do seu Douro, como a andorinha hóspeda do seu tecto, madrugava elle para as delicias unicas do existir, papeava e adejava como ella, todo do presente, respirando por todos os poros da alma a luz de Deus, que he como um estar possuindo o mundo inteiro. Oh que não são os reis não, senão mininos e aves, os de quem a natureza se deixa senhorear, como fera indomita que só a amores se quer render. Para flores e folguedos lhe vinha então infante a primavera, que hoje monarcha o procura para armas e lides. Costume he seu todos os annos, ao reparecer da quadra dos ninhos e amores, arrancar-se ás branduras da casa; e quando tudo revestindo galas se levanta para a vida, marchar com seus valorosos para os campos dos combates e da morte. ¿Será isso crueza d'alma, instincto de abutre, ou quando menos sêde de sangue que as embriaguezes de sangue lhe creassem? ¿Será altiveza de pensamentos que, de quanto na terra verdeja, só cobice os louros e as palmas? Não: elle ama a paz, e só por amor d'ella continúa as guerras; ama os homens, e não he senão para dar a seu povo um largo reino de quietação, que se aventura com elle nos conflictos; respeita as feituras do Creador, mas jurou de exterminar os inimigos da sua fé; e se ora está para cavalgar contra elles, não he porque em seu palacio não haja doçuras que o namoram, e não só amores, mas amores de amores, que alem de recem-esposo de formosa que muito ama, ja por ella ouve em seus lares vagidos de filho seu, musica da natureza que lhe está estreando os ouvidos.

Não he ainda anno revolvido, depois que o filho de D. Henrique recebeu ao seu thalamo a Princesa Matilde ou Mafalda, filha do Conde de Moriana e de Saboia Amadeu: e elle a ama não só como a companheira dos seus dias, o consôlo das suas penas, e origem de que estão para brotar os reis seus successores, mas tambem pelo alto nome e glorias, cuja he herdeira. Mais qualificada nobreza não a havia na christandade: de heroe em heroe lhe vinha derivado o sangue desde o grande Imperador Othon II: o bellicoso principe Amadeu seu pai duas vezes fôra em Terra Santa capitão e cabeça da gente da Igreja. Formosura e virtude propria são a mais completa excellencia feminil: vendo e respirando a rosa, quem jamais lhe perguntou pelas raizes ou pelo plantador? mas a Providencia provêra cuidadosamente como na esposa de D. Affonso nem as pompas da guerra fallecessem; e esta união de recordações varonis com os dotes mais suaves do outro sexo, realçando cada cousa pela sua contrária, fazia do affecto mais doce da vida, mas de que muitas vezes os fortes se envergonham, um dúplice dever, um timbre e uma auréola para D. Affonso. Laços de tal consorcio, a natureza e a fortuna, filhas ambas de Deus, pareciam tê-los apertado; havia comtudo quem os podesse estreitar ainda mais, era o filho que acabava de lhes nascer. Sobre a fonte santa do baptismo, para que n'aquella hora e lance em que se fadava para o ceu, se fadasse não menos para a victoria, do nome do avô o chamaram Henrique. Mas o auspicio terrestre era mentiroso; não vinha essa mão para o sceptro nem para a espada: anjo era emprestado do ceu ao palacio dos reis, eram primicias do amor que Deus tomava para si; o primogenito para o throno tinha de nascer mais tarde, esse havia de ser D. Sancho. Não se futuram na vida segredos lá de cima, e emtorno ao berço do primeiro infante esvoaçam encantados os corações de Affonso e Mafalda. Ella pousa ainda quebrantada em seu dorido leito. Todo o palacio cala silencio; abunda a alegria em todos os animos, e ninguem ousa tumultuar; em respeito ao descanço da mãi reprimem-se os transportes que o filho excita: os servos empregados em seus diversos misteres, vão e vem mudos e risonhos: só o recem-nascido se ouve no aposento, e ao longo das salas o pisar d'El-Rei que, em saindo d'aquelle penetral sanctuario para lhe não perturbar o descanço, lá se vai passeando, mettido em muitas porfias de seus pensamentos. «Para Deus e para meu po-«vo hei lidado até hoje, de ora avante para Deus, para meu povo, e «para mim mesmo. Para mim tambem accrescentarei este reino, que «ja não tenho de morrer; desempenhei-me com meus avós no que até «hoje hei campeado; campear mais rijo e mais largo me cabe ago-«ra para proveito e incitamento de meus netos.» E aqui se detinha com os olhos no ceu azulado, tomando por todas partes o pezo á grande façanha que ha muitos dias trazia no animo. Agra he ella, e de crescidos perigos para sua pessoa, mas d'esses mesmos perigos se compõe sua mór formosura. Deixará porém tão cedo aquelles dois pinhores da alma? um a que nem ainda costumou seus olhos, outro de quem nunca os fartará? ¿deixa-los quando um acaba de lhe desabrochar, como em arbusto novo um primeiro botão de primavera, e o outro, por haver salvado o limiar da morte, se lhe está figurando renascido? Se elle cair, que não volte nunca mais, quem á esposa a consolará, quem ao filho será exemplo e mestre? Aqui por ventura se lhe abatia aquelle querer seguro, que nunca vacillára: mas de novo encarava as luas e a espada; uma e outras lhe acenavam partida, victoria, e tornada repentina. Qual era porem a materia d'estas dúvidas, tão a sós porfiadas da alma a dentro? ninguem o podia presumir, que El-Rei nem aos seus intimos descobrira o peito, um só afóra, o qual não apparece em Coimbra, nem toma parte nas festas e regosijos que por ella vão.

Populares e senhores, mininos e anciãos, donas, donzellas e cavalleiros desatinam por todos os cabos a cidade com folgares e passatempos: mór causa tinham para elles do que lhes fôra (de sete annos passa ja) a victoria de Ourique: he nascido Rei novo para penhor da independencia, continuação de conquista, defensão e firmeza do ja ganhado. Os sinos da Cathedral e de Santa Cruz misturam com os coros religiosos das acções de graças uma linguagem de contentamento mais vivo, e com as musicas do terreiro e ruas pensamentos mais altos de esperança: todos os mais sons, como de terrestre natureza, nos ares onde nascem ahi se amortecem e expiram; estes, como d'entre terra e ceu, não sómente se vão para lá das nuvens onde de homens só olhos e pensamentos logram subir, mas por ares livres se alongam de campo em campo, de monte em monte, e dos sobejos das alegrias das cidades vão repartindo com as solidões mais agrestes e apartadas.

II.

Com o seu régio infante no regaço se estava pois Coimbra, a formosa, mui senhorilmente folgando; sentada em seu monte de primavera; com o largo Mondego a seus pés, como barra de viva prata em seu manto verde; dentro em o seu tão sereno horisonte, que parece feito de um beijo risonho do Creador; respirando felicidade, e expressando-a para toda a parte com aquellas donosas toadas, quando pela assomada dos montes d'alem, redeas endereçadas contra a nova ponte, despontava um cavalleiro. Logo que deu com os olhos em Coimbra, na fronteira encosta reclinada, deteve-se um pouco espaço, como quem ja ao cabo respirava de caminho longo e porfioso; abraçou-a com a alma; e afagando com mão agradecida e limpando dos fofos de espuma o seu bom cavallo, que tambem como elle se recobrava de alentos áquella vista, continuou a apressar seu caminho, quanto o quebrado e descaído d'aquellas vertentes lho consentia. E porque ja lhe tardava o chegar, para enganar o tempo, recomeçou, que assim he estilo de peregrinos, a so-

litaria cantiga, com que dia e noute se viera por entre balsas e pedras teimosamente desenfadando; e era esta:

OS DESEJOS DO ROMEIRO.

O Sol té aos fundos penetra do mar:
Quem fôra planeta de tanto luzeiro!
Que víra o que nunca ver poude um romeiro,
Segredos divinos de muito folgar.

Vera em que valle do Tejo, encantado,
Reluz o sepulchro de tanta valia,
E n'elle entre palmas, de rosas c'roado,
O corpo de Iria.

*

As aguas co'as folhas tem longo palrar:
Ai bordas do Tejo, quem fôra salgueiro!
De uns psalmos soubera que ignora o romeiro,
Segredos divinos de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento
Os anjos renovam com grão melodia
Debaixo das ondas, emtorno ao moimento
Sacrario de Iria.

*

Quem fôra a serêa do mago cantar,
Ou quem te soubera cantar feiticeiro!
Da vêa do Tejo, de noute ao romeiro
Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos
Nascido, creado, desfeito n'um dia,
E como ao ceu alto por novos caminhos
Subiu Santa Iria.

*

Assim descantava de noute ao luar,
Em barca boiada sem mão de remeiro,
No pégo de Iria, de Iria um romeiro,
Acceso em saudades de santo folgar.

E ao sonno passando com esta memoria,
Sonhou que os desejos o ceu lhe cumpria!..
Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na glória,
E vê Santa Iria!

*

III.

A' porta dos Paços Reaes se apeava o Cavalleiro, quando El-Rei, que o ja víra de longe, vinha contra elle descendo, com o abraço feito, e a alegria do semblante tresdobrada; e travando-lhe da mão, o apartou comsigo onde se fecharam.

— « Que novas nos trazeis, Mem Ramires? que novas? Entendeis que nos dará Deus logo nas mãos a poderosa Santarem? » —

— « Senhor sim (respondeu o Cavalleiro); e bem a ponto sou eu chegado, pois que vos entro por casa com as esperanças quando tudo vos são alegrias. » —

— « E nem ereis vós para ave de ruim agouro, amigo Mem Ramires, Cavalleiro muito honrado de minha Corte! Mas por quanto somos sós, dizei ja de vossa secreta mensagem o principal. Por que parte acommetteremos? Como jazem lá os coitados dos nossos Templarios captivos? Ainda he vivo o santo varão Martinho? São as fortificações tão arduas, como no-las tem cá pintadas a fama? He Auzéchri, por possança de braço e animo, igual á sua temerosa nomeada? Como entrastes? como saistes? Esperam em Deus e na minha espada os nossos Christãos?... Ja a alma vos digo que me não cabe no peito, nem em Coimbra, se com cedo me não hei de ver a braços com essa tão fallada Santarem por formosa, crua e guerreira. » —

— « De tudo isso espero dar-vos conta mui breve e cabal. Com o seguro não menos de minhas armas que das tréguas, entranhei-me afouto por aquellas graciosas terras de infieis, e com o de peregrino ao pégo de Santa Iria, me vi recebido na cidade, e logo á presença do Alcayde e Governador d'ella por El-Rei de Sevilha! He elle um formoso velho, e mouro soberbissimo. No levantado e alteroso do semblante se lhe leem mais de trinta annos de governo; e na promptidão e viveza de seus meneios a historia de suas, em nosso damno, tão admiraveis cavallerias. Todo o sol de Arabia e Africa, de que traz sello no moreno do carão, lhe scintilla pelos olhos. Seguro na estima do poderoso Sevilhano; altivo com o grande nome que entre os musulmanos tem ganhado; acatado do povo como braço irresistivel; e senhor da mais valente cidade, recebeu-me com desdenhosa arrogancia como a irmão de tantos captivos seus, em aposento ricamente alfaiado á nossa custa. Requeri-lhe vénia para visitar os meus conterraneos prisioneiros e aquellas aguas e logares, tão sagrados para nós outros pelo sepulchro da nossa Martyr, a quem mãos de anjos ali alçaram tumulo, e vozes de anjos entoaram exequias sob as aguas do Tejo; por onde de Irena Santa trocou a goda Scalabis o seu romano appellido de Presidio Julio, pelo piedoso nome, que ainda renegada conserva, de Santarem. Concedeu-me o primeiro com despreso, com leve sorriso o segundo, e despediu-me. Em rol de dívida (que este ferro, prazendo a Deus e a vós, espera pagar mui á risca) deixei carregada a injuria; e contente com este primeiro succedimento de minhas traças, corri ao carcere. Jazia aquelle povo de baptisados em amplo sepulchro, por debaixo dos pés e festas dos vivos. Finados são, que se revolvem e gemem nas entranhas da terra, ouvindo os risos dos demonios, que os guardam. Ali, para onde nem lua nem sol adivinham entrada, nem raio alvorece d'aquella outra melhor filha do ceu que até das trevas faz dia e se chama Esperança, vendo baixar um Cavalleiro christão e portuguez sôlto, alvoroçado, com abraços e boas novas para todos, foi tamanha a felicidade que sentiram que, esquecidos os trabalhos passados, uns a outros se davam os parabens, e a mim bençãos, e muitas graças infinitas a Deus que os visitava com bemaventurança. Quietado aquelle primeiro impeto, começaram de me perguntar como ficavam lá as terras dos christãos? se ainda seus parentes e amigos eram vivos e se lembravam d'elles? por que rumos voava a fortuna do reino? e que fazia El-Rei? e a que era eu vindo ao meio dos barbaros? Atropeladamente procurava ir respondendo a todos, e a tudo; e lhes dizia que tivessem muito animo; que a hora da redempção lhes estava batendo á porta; que adiante viera eu reconhecer e apalpar o caminho por onde logo chegaria D. Affonso Henriques. Aqui, onde cuidei que todos se accenderiam, ficaram pasmados, olhando uns para os outros; e apoz um consternado silencio me disseram: « Correi, Cavalleiro, e de nossa parte lhe supplicai não cavalgue para impossiveis; condão tem esta cidade de inconquistavel. De quanto póde o braço do Alcayde Auzéchri e sua gente, próva somos nós, que ja tambem fomos bons Cavalleiros portuguezes de D. Affonso. E se estes leões nos venceram longe de sua terra, quem, senão o archanjo S. Miguel, os tomaria n'este seu covil tão fortificado da natureza e da industria, a que todos os seculos tem ido accrecentando nova defensão, a qual estes nossos braços augmentam cada dia? Com todo Portugal que elle viesse, e ainda ajudado de Leonezes e Castelhanos, mal poderia sahir com seu intento. Que se deixem estar folgando no paraiso de suas terras: que entendam quanto ceu ha entre as arvores conhecidas de cada um, ao pé das fontes e rios de sua creação; que tratem as armas para manter os amores e delicias de seus lares, e não se ponham na ventura de envelhecer e se finar, como nós, antes de tempo, mortos á patria, ao mundo, a nós mesmos e ao porvir, e só vivos ao presente de suor e açoutes, e á memoria do passado, que he a mais incomportavel de nossas penas. » — E tudo isto, Senhor, o clamavam tão de dentro, e tão afogados em lagrimas, que a mim de os ouvir me sangrava o coração como de mil lançadas. Procurei comtudo conforta-los; e porque melhor se podessem apegar aos cabellos de minhas grandes esperanças, lhes contei quantas victorias incriveis nos havia por vós dado o Senhor Deus, cuja fama, que enchia o mundo, não chegára áquellas masmorras, ou lá soára diminuida, ou contrariada pelas bocas praguentas de seus verdugos. — « Hemos de vir, lhes disse, hemos de vir bater com os contos de nossas lanças ás portas de ferro d'esta Babylonia, e sacudidas as faremos saltar de seus gonzos. Ajudai-nos vós de dentro com fé, orações, e jejuns, em quanto não descemos a soltar-vos: então com os vossos grilhões esmagareis a cabeça de quem vo-los cingiu. Mas que he feito do santo Prior de Soure? comvosco o suppunhamos; e em sua intercessão fiava El-Rei a metade da victoria. » — « Do santo varão Martinho mal vos podêmos dar novas, me respondeu um dos Templarios. Quando, tres annos ha, entrou pelas terras de Soure desapercebida este aleivoso de Auzéchri; vendo arder e nadar em sangue os nossos campos, fomos nós, os religiosos Cavalleiros do Templo, os que lhe pedimos e acabámos com elle, apezar de sua ja tão desfeita velhice, que nos acompanhasse na vingança, que tão poucos em numero pretendiamos tirar de tanta e tão soberba mourisma. Entendiamos que onde tivessemos comnosco tal santo, eram infalliveis as maravilhas. Não nos faltou elle, nem o esforço, mas desamparou-nos a Providencia! e quando comnosco o vimos captivo, nenhuma cousa nos lastimou em nosso infortunio, como o havermos causado o seu. Caminhando por cima d'aquelle monte de cinzas, terra, e casas nossas ainda ha pouco, para nos virmos a tão apartado e irremediavel desterro, as mais amargosas lagrimas que dos olhos nos corriam não eram quando os punhamos nos grilhões que rojavamos, mas quando viamos derrubadas com pezo de cadeias as mãos que vinte e um annos ministraram a Deus os sacrificios do povo, e desparsiram ao povo os beneficios e esmolas de Deus. Contra nós bramiamos, de o havermos chegado áquelle transe; elle orava, e abençoava-nos caminhando para o captiveiro. Lançados n'este carcere, foi elle o nosso conforto e vida: em quanto o podêmos ver e ouvir, não nos sentimos destituidos da mão divina. A cada hora nos dizia, que entre duas boas estrellas nos tinha ella postos: redempção terrestre por D. Affonso, ou premio de martyres por Auzéchri: ceu logo, ou ceu um pouco menos cedo pelo caminho da patria, que tambem he ceu; tambem D. Mem Ramires! e mal o entendeis vós outros os que folgais n'ella. E muitas vezes nos bradava, como cheio de uma luz profetica. « Havei animo, filhos, que ainda heis « de ver n'este mundo os prodigios do Deus d'Ourique, e verter lagri« mas de alegria sobre o sepulchro de vossos pais e mãis. » Quem de suas fallas, e taes, se não sentíra arrebatado e convencido! Acreditavamos, esperavamos padecendo, e padeciamos quasi contentes. Adivinharam nossos inimigos d'onde nos vinha a resignação: e para o castigarem d'esta sombra de felicidade que a sua presença nos dava, um dia no-lo arrancaram. Soou depois que o haviam levado para Evora; de lá para Sevilha; de Sevilha para Cordova, accrescentado ao martyrio dos annos e captiveiro, o do desterro e separação cada vez mais longe do seu rebanho, o qual nunca mais d'elle houve novas. Tal foi para nós o fim d'aquelle grande varão. » —

— « Farei eu a todo meu poder, interrompeu D. Affonso, por onde sáia evangelho a profecia; e pelas cruzes da espada vos juro, D. Mem, que essas lástimas que dos meus bons Cavalleiros de Soure e de seu Prior me heis contadas, me acabaram de determinar, se tantas outras razões contra Auzéchri o não houvessem ja feito. Vingaremos regiamente nos mouros de Santarem essas injurias, e a nossa vingança lembrará por espantosa até ao fim dos tempos. Mas contai-me ja quanto heis notado da qualidade e fortaleza da terra. » —

— « Como entre dois máres, um de campinas serenas e alastradas, outro de terras altas, revoltas e montuosas, está a donosa moura Santarem de cabeça tão levantada e soberba, que se afigura, desdenhosa da baixeza dos campos, querer ir-se recolher nos montes; mas tão garrida nas mostras de fóra, e tão contente no semblante, que dos montes

parece que saío para vir mirar-se no Téjo como em espelho uma noiva, ou espairecer olhos por um jardim sem limite. Contemplando-a de longe, tão galhardamente guarnecida de seu arnez de muralhas dourado do sol, e ao mesmo tempo tão enramalhetada da pacifica oliveira, vendo-lhe pascer ociosamente em deredor os seus cavallos de guerra, não se atina se mais he Amazona que está cuidando em pelejas, se lidador que vestiu galas para festa. Formosa e formosissima he Coimbra, dizia eu, mas á fé que as honras de segunda vassalla de D. Affonso, nenhuma tanto as merece como Santarem; e fausto entre os mais faustos me será o dia que eu vir esta Irmã renegada descingir-se das suas luas de ouro, abaixar a cabeça para baptismo de sangue, arrojar ao fundo do Tejo o seu alcorão, pôr a cruz entre as joias e flores do peito, e com palavras não ja arabes, levantar o sorriso para o ceu que tudo lhe havia dado, e para remate de tudo lhe restitue a fé. — Mas se tomada de fóra e ja de longe se representa inexpugnavel, considerada no interior toda ella he força, altiveza, valentia e victoria. O que nas vêas lhe circula, são torrentes de homens valorosos e ferro; as suas entranhas, máquinas guerreiras; os seus pensamentos, os damnos que nos ha feito; a sua sêde, a nossa destruição; e o seu coração, que não dorme nunca, Auzéchri. A outrem qualquer houvera eu dissimulado tudo isto, a vós não: encommendastes-me verdade, merecei-la; e difficuldades e perigos mais vos namoram e attraem, quanto mais avultam. Pelo occidente, onde se chama *Alphan* (porque d'ahi a terra, ainda que brava e embargosa, se representava *plana* em comparação de todo o mais circuito) está hoje Santarem guarnecida de fortes muralhas, torres e barbacãs. Era este lado o menos munido da cidade, ainda que nem por elle a houvessem podido render D. Affonso VI vosso avô, e depois Sair, que só á fome a conquistaram. A muralha que ás armas de ambos resistíra, alagou-a Auzéchri até ao alto, com terra trazida ás costas dos nossos captivos; terrivel promontorio, amassado com suor e lagrimas christãs! e sobre ella, como sobre alicerce, levantou, gigantes e arremessadas, estas novas fortificações. Por todas as outras partes, primeiro que os homens entendêra a mão bruta da natureza em a fortalezar, cercando-a de precipicios, que são os primeiros pelejadores das cidades contra seus inimigos. D'estes precipicios, aos que olham e se debruçam contra o sul pozeram nome *Alanse*, porque só coleando como *serpente*, podem os olhos melhor do que os pés trepar aquelle caminho, sem caminho, nem firmeza, nem resguardo, que de um como fundo de abismo vai braceando até aos pés do muro. *Alhafa* chamam, ou *terror*, e com razão, o lado que tem rosto ao nascente; alto e desesperado despenhadeiro, que tão subito e sem remedio mergulha no Tejo profundo, que d'ahi tem por uso precipitar os condemnados á morte, os quaes vem por aquelles ares volteando, dobando, resaltando, até que o pégo os engole, e de repente se não vê mais que uma pouca espuma sobre as aguas, pelo declivio algumas nodoas de sangue. Serra-se emfim pelo norte esta armadura de gigante com uma dependurada e brutesca mole de penedia, que de baixo se afigura estar querendo metter a cidade pelas nuvens. Dez vezes a rodeei palpando-a toda com os olhos e com a alma, á procura d'onde poderia entrar-lhe o ferro: para a levar de pura força, todo o engenho parece escusado. He a povoação no alto uma boa planicie; não desmesurada para os defensores a manterem, nem tão pequena que se deixe levar de poucos inimigos: e o cume da Alcáçova, com seus muros particulares e de uma só entrada por ponte levadiça, he fortaleza de fortaleza, e lhes dá ainda um novo seguro! Se accrecentaes a isto o numero, valor, e apercebimento de sua gente, a sua opinião de invenciveis, o abastecimento de seus armazens, e outra vez por fóra a multidão de paúes e alagoas que, assim como o Tejo, lhe servem em muita parte de largas cavas, entendereis que altissima gloria vos aguarda em hasteardes n'aquelle ninho de aguias o vosso estandarte aos ventos do ceu. — D'ali sim que he o espairecer olhos por terras de promissão, e paraisos de abundancia! Para o nascente, mais de vinte milhas, mui chãs, de searas verdes: pelo austro e poente, vista que se farta de abraçar, foge e desfallece: contra o aquilão, os outeiros e os montes vestidos de vinha como que a acenarvos com ramalhetes prateados de oliveiras. Por toda parte rebanhos e armentios, e o Tejo largo e azul com as ondas povoadas de peixes, as areas minadas de ouro, deslisando-se em giros por entre margens abundosas, verdes, floridas, por onde pascem e voam d'aquelles fogosos cavallos, cujos avós os tiveram os Romanos por geração dos ventos. » —

— « Bem (o atalhou D. Affonso, erguendo-se com um ademan de impaciencia): mostrais-me logo uma arvore do paraiso, só para me dizer que he prohibida: e encareceis-me a glória de plantar o meu estandarte onde affirmaes que não poderemos subir! » —

— « Sim que subiremos, e eu primeiro que nenhum; e eu o hastearei no viso do muro, se mo consentis. Só a industria nos póde franquear o primeiro passo, por tomado vo-lo dou: o vosso valor fará o demais, e porá coroa á empreza. Mandai aperceber, partamos, e eu vos serei guia, e abrirei as portas. » —

Aqui a práctica se travou mais accesa entre ambos, mas em tom ainda mais sumido e resguardado. No rosto d'El-Rei fôra pouco a pouco alvorecendo o contentamento, que ao cabo de um quarto de hora era ja alegria transportada. Apertaram-se um ao outro as dextras, e separaram-se.

IV.

N'esse mesmo dia, quando veio pela tarde, na varzea do Mondego, pouco abaixo da cidade, em um pôsto solitario, conversavam entre si quatro homens sobre assumpto que, pelo cuidado com que espreitavam se os alguem ouviria e pelos movimentos dos rostos, se podia adivinhar de grande monta. Setecentos annos transformaram o sitio: hia o rio fundo e sujeito por entre margens altas e escarpadas, fresca a ribeira e alcatifada de relva, e tudo espessura e fresquidão de pomares e figueiras, que por isso se chamava ali o Figueiral. Inda hoje he aprasado passeio; mas a abundancia de fructiferas sombras desappareceu: o rio alteou-se, e com suas arêas afogou os tapetes viçosos, vindo por isso a trocar-se a amenidade do antigo nome, no de Arenado ou Arnado, que hoje dura. A cidade crescendo, e apertada já no monte, veio descendo e espalhando-se pela ribeira, e onde antigamente nenhum edificio, afóra o mosteiro de Santa Cruz, attraía ou distraía os olhos, ás moradas aéreas e movediças dos passaros succederam as dos homens: mas setecentos annos, que tanto fizeram e desfizeram, ainda não gastaram de todo os echos das palavras que ahi então se diziam entre aquelles quatro homens São elles El-Rei, — Lourenço Viegas, o Espadeiro, — Pero Paes irmão mais velho do Lidador, genro de D. Egas, descendente de D. Ramiro II de Leão, e algum tempo Alferes de Portugal, — emfim Gonsalo de Sousa, vassallo sempre fiel e grão privado do Principe, capitão valoroso e senhor de terras e castellos. Convocára-os ali o chefe, longe dos olhos e linguas de paredes do Paço, para lhes confiar o seu projecto, ouvi-los sobre o que importava se fizesse, e concertar logo a partida. Eram tres corações grandiosos aquelles, e segundo o seu: ouviram serenos a proposta, approvaram as razões da determinação, offereceram-se prestes a todo transe, mas não entendiam como sem congregar as forças de todo o reino, sem apertado cêrco, grande apparato e porfiosa demora, se desse por possivel o mais redondo impossivel de armas que se então conhecia. Sôbre esse ponto rijo batiam todas as disputas. — « Senhores, disse El-Rei por fim, como quer que seja, voto a Deus que não será a cousa senão como vo-la digo. Não perderei o tempo em fazer gente, partiremos subito os sós Cavalleiros de Coimbra, particularmente os meus Templarios; e antes que Santarem saiba do nosso caminho, nos terá ja caído nas mãos: he joia que um golpe da espada moura arrancou da Coroa Portugueza quando eu nascia; cabe que a minha espada lha torne a engastar no nascimento do meu primogenito. Importa romper por todas as demoras: devo-o ao meu sangue, e não menos o devo á Patria. Que se olhe para o passado: por Santarem nos veio a assolação de Thomar, Leiria, Soure, chagas fundas e ainda não cicatrizadas. Se considero o presente, Santarem não he só terror perpetuo dos visinhos, a sua fama temerosa campea até ás portas de Coimbra, e lhe sobresalta os somnos. Santarem, se encaro o futuro, apenas nos ajoelhe aos pés entregar-nos-ha as chaves de Lisboa, Lisboa o senhorio de toda a Provincia. Em Ourique cortámos ha outo annos a cabeça á omnipotencia arabe: foi um formoso dia aquelle, que ainda não teve successor; um braço d'ella que ainda esgrime vivo, he Santarem, decepemo-lo. » —

Calou-se: os tres Cavalleiros escutavam ainda, quasi convencidos do fallar seguro de El-Rei, e os sinos do mosteiro chamaram á oração os religiosos. D. Affonso estendendo o braço contra o rio e arvoredo, — « Senhores disse com a alma desabrochada n'um sorriso, este Mondego libertará o grande Tejo! Coroa de vencedor he ja esta que a Natureza lhe está creando: mas antes que estes botões se desdobrem em flores, ja as minhas tenções serão obras, ja haveremos voltado a lavar n'estas aguas as mãos do sangue barbaro. » — Então lhes revelou tudo que entre elle e Mem Ramires era concertado ácerca da execução do seu projecto, e recommendando-lhes especialmente o segredo, alegres fizeram volta para a cidade, practicando, por desviar suspeitas, em assumptos mui alheios do que na alma traziam.

Como assim vinham, aponta com graciosa chaneza a Chronica antiga, que ao passarem pela rua da Figueira velha para a Praça, dissera uma velha regateira para as outras: « Quereis vós saber o que El-Rei com aquelles seus companheiros fallou? » Disseram ellas: « Que fallou? » — « Fallou, disse ella, como fossem furtar Santarem. » — El-Rei que isto ouviu, e diante de si trouxera sempre os Cavalleiros, sem nunca se apartarem, ficou sobre maneira maravilhado; e como entraram no Paço, — « Ouvistes, lhes disse, as palavras d'aquella mulher? pois vos affirmo que se algum de vós se houvera de mim separado um só instante, sem nenhuma falta as pagaria agora com a cabeça. » — Que nos relevem censores a simpleza d'esta memoriasinha: assim no-la emprestou a tradição, assim lha restituimos: he uma pobre florita, mas he sua, conserve-a.

V.

Dias não eram passados quando, uma segunda feira dez do mesmo mez de Março, saía pelas portas de Coimbra o Rei mancebo, não com hoste ordenada e em som de guerra, mas com uma pequena e lustrosa cavalgada que não excederia a duzentos e cincoenta Cavalleiros; tudo gente de bom sangue e provado esforço, e em muitos dos quaes brilhava a famosa cruz da milicia do Templo. De Coimbra são todos, todos presados de D. Affonso, muitos officiaes de sua Casa e seus privados. Mem Ramires, e os tres do Arnado que vão junto do chefe, são

talvez os unicos sabedores de seus projectos: todos os mais o seguem á ventura, mas bem crentes de que para onde quer que caminham, caminham para a victoria: e a via revessada que levam, adrede escolhida para não dar rebate ao inimigo, lhes impossibilita adivinhar o seu verdadeiro destino. — Em Alfafar se assentaram as tendas da primeira noute. — Chegados ao outro dia a Dorneilas, mandou El Rei a Martim Mohab com dois companheiros, que adiante se fosse com toda a diligencia dar aviso a Auzéchri como eram rôtas as treguas. Costume era d'aquelles tempos e lei de guerra, sob infamia de aleivosia, avisar o inimigo tres dias, pelo menos, antes da quebra das pazes. He porque toda a guerra era então de ferro e não de fogo; de perto e a braço, e não de bala e de longe; mais de força que de destreza; mais pelejada que jogada: punham um povo defronte de outro povo como cavalleiro defronte de cavalleiro; viam-se os rostos e trocavam se fallas batalhando; e em duello o nome de desleal fere e mata mais cruamente que a lança. — A' quarta feira já Martim Mohab e seus companheiros eram outra vez com El-Rei em Aldegas. Os mouros estavam apercebidos. — A maior parte do seguinte dia se detiveram na serra de Alvardos, d'onde partindo pela noute foram amanhecer em Ebrahaz, no alto de Pernes. Santarem dista apenas poucas horas de caminho.

He este o logar e a occasião que El-Rei escolheu para declarar o seu segredo. Os que ainda o não tinham podido presumir, ouvindo-lho dos proprios labios, e confrontando um tão pequeno feixe de lanças com uma tal montanha de pedra e ferro, estremeceram: mas D. Affonso, sem dar mostras de que o notava, continuou dizendo: — « De Santa Cruz, n'esta hora, como de um vaso de eleição, estão subindo á presença de Deus fragrancias de orações em favor nosso. Primeiro que eu e vós combatamos estes mouros, ja o Santo varão Theotonio e sua communidade haverão vencido com as armas espirituaes a misericordia divina. Elle me abençoou, como a vosso cabeça, antes de partir: e quando ajoelhado pela ultima vez lhe beijava a mão debaixo das abobadas sagradas, — « Ide, ide, me disse, que aqui vos fico aguardando para as acções de graças » — e por seus olhos transverberava um não sei que lume de inspirada profecia! N'esta mesma hora se rompeu tambem o segredo em toda Coimbra: clerezia, povo, mulheres, tudo intercede em roda dos altares. Quereis mais? no proprio coração de Santarem se invoca por nós o Deus das batalhas: mais? e tudo? d'esses muros a dentro estão mãos compradas que nos hão de abrir as portas! » — Era esta ultima circumstancia um fingimento artificioso, que o apêrto do lance parecia desculpar, e de que El-Rei tacitamente pedia perdão a Deus.

Apoz isto, ordenou o modo que se teria no accommetter. Cento e vinte homens escolhidos foram mandados construir dez escadas, uma escada para cada doze homens, os quaes por ella subiriam a todo o risco a senhorear o muro: esses matariam as vigias, alçariam a Sina Real, desceriam a receber pelas portas o resto dos lidadores, e todos junctos passariam aos fios da espada o povo adormecido ou mal desperto.

Bem traçada estava a temeridade: mas quando os soldados souberam, da boca de El-Rei, que determinava elle proprio entrar no conflicto, o perigo d'aquella só cabeça poude mais com elles do que o seu: supplicaram-lhe que deixasse a elles sós todo o balanço da aventura, e aguardasse o exito para que, se caissem, houvesse quem os vingasse, e a patria se não visse de repente sem a sua columna. Resistia o Principe, redobravam se as instancias dos vassallos, crescia o tumulto, era ja uma sedição de lealdade — « Partamos (bradou elle com um gesto que emmudeceu tudo) para Santarem! toma-la-hemos junctos, ou junctos morreremos! » — Declinava a tarde. Deixadas no alto d'aquellas matas as tendas e mais bagagens, saltaram de repente em seus cavallos, e partiram.

Caminhando ja pelo escuro da noute e em profundo silencio, contra os dilatados e solitarios olivedos de Santarem, como que desejosa de tomar tambem parceria em tamanho feito acudio a Natureza com um portento dos seus, mas que a occasião, e o mui levantados que liam os animos, representou sobrenatural. Accende-se no ceu um luzeiro como de estrella grande, precipita-se como um facho, e rompendo pela parte direita as planicies do ar, e resplandecendo ceus e terras, voa ao longo do Tejo contra o Oceano. Com aquelle dia entornado repentino no seio da noute os cavallos atonitos se enovelam e se retraem, nos olhos d'elles e dos Cavalleiros faisca o espanto, os rostos enfiam, as lanças apertadas nas dextras relampagueam tremendo, curvam-se joelhos, os estandartes se derrubam como acatando a passagem de um archanjo de Deus, soa um brado por todo o campo « *Caio Santarem: aquelle fogo do ceu o annuncia!* » Era a voz de D. Affonso Henriques. Cerrou-se novamente a noute: a pequena hoste continuava alegre e alvoroçada a sua marcha pela solidão.

VI.

Ja a cidade vem perto: apeam-se sem ruido, e deixando os cavallos com os pagens embrenhados nas trevas, procedem ordenados em dois bandos: a vãguarda, com os cento e vinte e cinco escaladores, guiada de Mem Ramires, a restante gente, capitaneada por El-Rei. Sobem, como duas legiões de fantasmas, pelo valle entre o monte Iria e a fonte chamada dos mouros *Tamarmá*, ou *agua de tamaras*. O lanço da muralha que demandam he, segundo o guia, o menos guardado de velas: tanto o ingreme do accesso e a sua propria altura o defendem! Ja com os corações pulando, bocas e ouvidos abertos a todos os sons da noute, e as mãos apertadas nos banzos das escadas se imaginavam subir por ellas, quando de cima do muro se sentem fallas. São duas vigias n'uma guarita ali posta de novo; estão-se uma á outra esforçando contra o somno, que tão copioso se orvalha das estrellas n'aquellas horas perdidas do quarto d'alva. Que farão os Portuguezes? uma seara de trigo os convida; somem-se n'ella, aguardando dessocegadamente que adormecidas as guardas, retiradas, ou como quer que fosse divertidas, se demovesse o perigo. E então erguendo-se Ramires, e adiantando-se com os seus por Alcudia, se chegou outra vez ao muro; e porque ahi não soava rumor algum, alçou não sem custo a primeira escada. Jurára a fortuna vender-lhes esta noute a victoria por grandes sobresaltos: a escada resvalou, baqueando-se com grande estrondo no telhado de uma oleria contigua ao muro. Corre da fronte de Ramires um suor frio; de pé no mesmo telhado, chama a si um mancebo por nome Moqueime, sobre os hombros o exalça ao muro para que nas amêas lhe prenda fortemente a escada, pela qual manda logo subir e arvorar o estandarte: elle e outros dos seus o seguem de após. Não eram ainda mais de tres em cima, quando despertaram ou acudiram de maior distancia as velas, e dando com os olhos n'aquella nuvemsinha movediça do estandarte e vultos negros por baixo, com voz rouca de sobresaltados, lhes bradaram rijo: « *Man hom Man hom*, quem sois? quem sois? » A nenhuma resposta lhes respondeu: e logo, com vozes engrossadas do terror, lançaram tres vezes por cima dos sonhos da cidade este grito: « *Annassara, Annassara, Annassara!* Christãos, Christãos, Christãos! » ao qual, como raio a trovão, seguiu outro, disparado da alma de Ramires « Santiago e D. Affonso! » e a esse, outro d'El-Rei, lá por baixo das muralhas: « Santiago, e Santa Maria! Avante, Portuguezes « meus! Sou eu, o vosso Rei e Senhor, D. Affonso! Avante, invenci- « veis; e ande tudo á espada! » Foi este um pregão de sentença, á qual o ceu não quiz, a terra não poude pôr embargos.

Uma grande e antiga cidade, dominadora por largos annos, está sentada no patibulo, sob a mão do executor da divina justiça: infernal, não só temeroso, he o misturado clamor d'elle e d'ella, sentindo-se fronte a fronte, e luctando a lucta suprema da desesperação no meio das trévas, silencio, e desamparo do mundo. Meia nua e meia armada, com os braços meio tomados do terror, meio furiosos, a gigante condemnada se debate na sua agonia, urrando ameaças e blasfemias, só ouvidas das estrellas, que lá lhe vão arrastando a sua para o occaso, e que em volvendo ámanhã, ja em seu giro haverão podido dizer ao levante: « Morta he no occidente a mais poderosa filha da Arabia! a que « do alto da Alhafa despenhava os seus criminosos ao Tejo, caío como « elles do cume das suas grandezas ao nada! »

Quizeramos seguir ponto por ponto o fio da narração, mas passou este espectaculo de execução sem espectador nem luz, e o estrondo que deu o todo do feito afogou o echo de quasi todas suas circumstancias. — Por duas sós das dez escadas havia subido gente ao muro, que não passava ainda de vinte e cinco espadas. Solicito El-Rei pelo ruido que de dentro soava, manda parte de sua gente que, rodeando pela direita, accommetta pelo lado de Alphan a porta de Leiria; e Gonsalo Gonsalves, com o restante, que voem a tomar a entrada da rua de Serigo, por atalhar aos mouros a passagem para a porta de Atamarma. Crescia o estrepito: Mem Ramires com os seus descia, acutilando os resistentes, direito á mesma porta: ja a alcançam; não ha chave! as armas, as pedras, a raiva, e a final um martelo, segundo dizem, atirado de fóra por cima do muro, a suppriram; e no momento em que El-Rei hia talvez para galgar como os outros o muro, Atamarma se lhe abriu diante de par em par! De dentro do limiar mourisco soou o brado de Santiago! e a conhecida voz de Ramires lhe gritou: « Promet- « ti-vos hastear a bandeira; lá está! abrir-vos a porta; entrai, D. Affon- « so, na vossa cidade de Santarem! » — Cahio El-Rei em joelhos, apertando as mãos para o ceu: a oração que orou n'aquelle relance ninguem a ouviu senão Deus, mas quão fogosa se lhe desentranharia da alma! acção de graças, preces, agonia, tudo se resumiu na curta frase que só soou como um afogado gemido. Inspirava-o aquella fé robusta, da qual está escrito que basta ella a transportar os montes: inspirava-o a esperança viva, virtude que unida ao querer constitue meia omnipotencia: ah! para ter sido essa, de todas as orações de homens a mais digna de Deus, só lhe faltou que a houvesse igualmente inspirado das tres grandes virtudes a principal, o amor: mas a cruz que ante os olhos tinha, era a da espada, o sacrificio para que se aparelhava orando, era o de um povo.

Cresce de instante para instante a vozeria, soa rebate de todas partes, todas as casas vomitam armas e alaridos, por todas as ruas retroam atabales e retinem trombetas, correm tropeis para todas as torres e portas. He medonho o bracejar de uma cidade na escuridão: cada um treme de mil perigos que imagina, e vai de encontro ao que o ha de devorar; foge-se diante do fugir do amigo, pede-se refugio ao adversario; tudo lembra para a consternação, tudo para o remedio esquece: cada voz, cada som he hum agoiro, cada passo uma incerteza: occorre a casa e os bens, e veem-se bens que se dispersam, e casas que desabam: clama-se pela mulher e filhos, ouvem-se gritos consternados: por toda parte gira na escuridade a morte em redemoinho. Mas nos lances desesperados acode a natureza com a desesperação, e aonde

animosos muitas vezes esmorecem, os fracos e as mulheres se transformam de repente em leões. Não foi uma tomada sem defeza; foi um combate de mil combates, foi um destruir furioso e barbaro, mas não sem gloria até para os vencidos. Em muitos logares e por muitas vezes andou vacillando a victoria. Todos obraram extremos; nenhum mais do que El-Rei. Essa eterna Illíada de poucas horas, deixou-a a noute cuberta com o seu manto para sempre. Aquelles a fantasiem que sabem o que deva ser pugnar pelos sepulchros, pelos berços e pelos altares, pugnar de valorosos com valorosos a batalha ultima, e não em campo com horisontes, senão em ruas tenebrosas; não em livres despovoados, mas entre as estancias edificadas para o viver, para o folgar, para a segurança e para o repouso.

Rompeu a madrugada, formosa madrugada das ribeiras do Tejo. A corrente, alastrada de serena luz, vai rindo para os ares clareados; o nascente, como enfeitando-se para a festa do dia novo, está ensaiando e trocando os matizados florões da sua grinalda aérea. Amanheceu morta uma cidade, e a Natureza, sublime poeta, sem ouvidos nem olhos para as revoluções passageiras dos homens, vai continuando na formação do seu poema, que he um mundo! fende, córa, e desdobra curiosamente os casulos das flores para os fructos; espalma, lustra, e viceja as folhas das plantas para sombras; amplia, condensa, e perfuma nos ares cidades movediças para as suas aves: absorta na primavera, não repara na morte senão para d'ella extrair a vida; não dá pelas ruinas senão para ahi resemear novos entes e diversos futuros. Onde, e como hontem allumiava as luas, allumia hoje as quinas; por sobre montes de cadaveres e lagoas do sangue giram as olorosas virações de Março: e o sol eterno, mergulhando a pleno por todas as janellas e portas, visita aquellas repentinas solidões, como se ainda foram alvergues humanos; e qual em deredor aviventa os ninhos recem nascidos, assim aquece os corpinhos alvos das creanças mortas, beija os cadaveres das formosas mouras, doura os alfanges nas mãos frias de seus donos cahidos, reluz na barba prateada dos velhos que ahi pagaram á espada a pobre dívida que ja o tempo lhes estava requerendo. Sós os raros Cavalleiros Portuguezes, que prefizeram a incrivel façanha, e os captivos que de sob a terra vieram reflorir á luz e espalhar-se ao ar, sós esses animam cidade pouco ha tão rumorosa; giram mais espantados do que alegres descubrindo o que hão feito n'um tão mesquinho lanço de noite; e só recordando uns aos outros a miude Soure, Thomar, Leiria, e tantas outras terras pisadas aos pés d'esta agora defuncta, se podem defender de lhe dar lagrimas. A morte he huma grande absolvição; e a humanidade que por algum tempo cede á vingança ou ao interesse, assim como o interesse ou a vingança se preencheu, resurge sagrada como expiação a abraçar a alma que a repellíra. Triste he o contentamento dos Portuguezes: suspiram entrando pelas officinas onde as obras ficaram á espera dos obreiros que não voltarão; pelos armazens, que uma cega providencia atulhava para outrem; pelas estancias, onde a meza da vespera inda está posta, o fogão inda tépido, a alampada nocturna da alcova talvez inda accesa, mas onde ja não ha segredo nem resguardo, e por entre os donos se póde passar rijo sem os acordar: visitam silenciosos as mesquitas sem oração, as torres sem soldados, os Paços sem morador.

D. Affonso entretanto, no alto da Alcáçova, de cima da torre do Alcorão, em pé como um colosso da victoria, parece não curar do rico painel immenso a que está sobranceiro. A pallidez da larga vigília e o rubor da trabalhada noute lhe pleiteam no rosto, mas nos olhos reluz inextinguivel o fogo do valor; e em quanto o astro do dia se recrea a cingir-lhe de resplandores o arnez, e a n'elle seccar-lhe o sangue mouro e o orvalho scintillante da madrugada, procura o Principe com a vista longa, quatorze leguas pelo Tejo abaixo, enchergar novo inimigo, digno de sua espada; e disséreis que ja em espirito anda a braços com elle. Jaz Santarem sob suas plantas, mas de pé está Lisboa! a Deus agradeceu a victoria, mas alegria he triumpho em que elle não consente em quanto não prender ao seu carro ess'outra Rainha moura. Para lá apontando com o ferro, por entre as nuvens do horisonte, assim o jurou, alçando o braço para o visinho ceu; e assim o cumprirá.

E Auzéchri, o furioso açoute de christãos, o invencivel Auzéchri onde está? na peleja o sentiram, mas não jaz entre os mortos. Auzéchri com poucos de seus cavalleiros, tanto como entendeu que Allah havia fechado e sellado o livro das suas victorias, cedendo á fatalidade, partiu, de redea larga e espora fita, pela porta, dizem, a que ficou nome da Carreira, caminho de Sevilha, para levar a seu Rei e Senhor, não as chaves da cidade que d'elle recebêra, mas a do caixão em que a deixava finada. E conta-se que, estando o monarcha a folgar com seus privados ás ventanas da torre a que chamam do Ouro, avistára para além do Guadalquibir a subita cavalgada; e dando-lhe uma pancada no coração que poderia ser aquelle Auzéchri, dissera contra os seus: « De pouco boas novas me parecem a mim nuncios os que ora lá vejo vir, mas deixemo-los metter ao rio; que a serem os de Santarem que vem pedir soccorro, não se deterão a dar de beber aos cavallos, e se se detiverem entrada lhes fica a cidade, e perdida sem remedio » — e que vendo-os parar na corrente a dar de bebor, se retirára consternado, onde logo entrados os fugitivos lhe converteram os supersticiosos presentimentos em terrivel certeza.

Este foi o injurioso fim do senhorio infiel em Santarem! Bem votaram os mouros vingar-se e retoma-la, e para o conseguirem bem desataram alguns annos depois toda sua furia: mas o fadario de Santarem tinha-se quebrado para sempre n'aquella noute: as multidões barbaras só vieram trazer novos louros aos Portuguezes; o Evangelho nunca mais cedeu aquelles altares ao Alcorão.

NOTAS.

Pag. 27 no principio. —— Sendo tão curiosa e miuda a narração que fazemos da tomada de Santarem, e podendo parecer que n'ella fabulámos a historia, quando só e apenas a lustrámos com uma leve mão de poesia, convirá que um pouco nos detenhamos a conversar com os nossos leitores, ácerca das fontes em que bebemos, e do apreço que merecem materia esta, como tantas de nossa primitiva historia, cheia de cegueiras e disputas. — O documento principal d'onde arrancámos todo o vulto, que aqui damos pintado de novo, he a Relação, ou segundo lhe outros chamam Oração, escrita em latim, e inserta no Codice CCVII do Real Mosteiro de Alcobaça, pag. 147 e seguintes, e trasladada pelo Dr. Fr. Antonio Brandão no *Appendice* da *P. III* da *Monarch. Lusit. Escriptura XX.* — Principia á maneira de hymno ecclesiastico, ou cantar de Laudes. — *Cantemos ao Senhor, Irmãos carissimos, cantemos ao Senhor em tímpano e coro, e jubilemos nas cordas e orgãos com voz de exultação, porquanto ha usado de suas magnificencias, submettendo gloriosamente ás nossas plantas as gentes adoradoras de Mahometh ....* E adiante: *Erguei por tanto vós tambem, ó Rei e Senhor nosso, D. Affonso, erguei jubilosamente a voz, e confessai que não a meritos vossos nem ás proprias forças attribuis este grande prodigio, senão a Christo, verdadeiro Rei, cuja he toda a terra, a quem devidamente se acurva todo joelho, e o qual so he Deus por todos os seculos bemdito: e declarai-nos de tão maravilhoso feito o principio, progresso e exito final. D'aqui avante falla El-Rei. " Tomo por testemunha o Deus do ceu, &c*

Este documento tão singular pela sua fórma, qual se acaba de apontar, tão curioso pela individuação com que noticia tudo, e tão necessario por ser o unico onde se narra uma das maiores façanhas de era tão farta d'ellas, tem sido chamado a juizo e accusado de falsario, mas em nosso entender mui de leve, e sem a gravidade de provas que se devem requerer para abrir mão de uma joia rica, pertencente ja de ha muito á coroa da patria. A mais forte razão allegada, e talvez a unica merecedora de resposta, he a que se tira da fórma da letra que, segundo Fr. Joaquim de Santo Agostinho [na sua *Memoria sobre os Codices manuscritos e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaça*, no *Tom. V* das *Memorias de Litteratura Portugueza da Academia*], não póde remontar acima do seculo XVI. Não nos deteremos em apreciar os quilates de verdade, que possa haver em tal asserção, bastando-nos, quanto a isso, dizer de passagem, que nos parece que a ser cousa tão sem dúvida, não deveria ter escapado ao nosso paleógrapho insignissimo João Pedro Ribeiro que, *no Appendix IX da VI Dissertação Chronologica*, pondo o ferrete do seu asterisco em quantos Documentos lhe pareceram não genuinos, falsos, ou suspeitosos, tocantes aos factos mais notaveis da nossa historia, deixa a pag. 130 correr este illeso, e nas notas honrado e acreditado: por onde nos parece que bom sería que algum outro sisudo investigador reconsiderasse o assumpto antes de se deixar passar a sentença em julgado. Supponhamos porem demonstrada e verdadeira a recentidade da letra, a que ainda assim não recusam o melhor de tres seculos, ¿de quantos documentos historicos nossos e estrangeiros se não perderam os originaes por milhares de diversas causas, e a que todavia ficaram cabalmente supprindo os seus traslados? Renovam-se os tombos, escripturas e foraes, reformam-se os cartorios, remoçam-se os edeficios monumentaes; traduzem-se linguagem e costumes, acode-se por toda a parte com materia nova ao que o tempo arruina, e só no meio de um mundo de renovação á pobre memoria da tomada de Santarem prohibiu Deus que podesse ser renovada! Centenares de considerações nos acudiam aqui, que por muito obvias ou prolixas ommittimos. A verdadeira e mais sólida regra de crítica em semelhantes casos, não he que se receba um documento pela antiguidade da letra, porque ainda quando por ella se possa inferir coevidade, pequena próva he a coevidade só por si, e nem d'ella se deduz veracidade do contheudo no instrumento, ou certeza de haver sido feito pela pessoa a quem se attribue. quantas mentiras documentadas por escripturas coevas se não tem descuberto na historia das familias e dos povos! e se alguem jamais de tal podesse duvidar, não seriamos nós os contemporaneos dos chamados *contemporaneos*, ou jornaes. Sim he respeitavel e muito respeitavel a coevidade, mas a importantissima regra de crítica he reconhecer as entranhas do objecto narrado no documento, syndicar se podia haver razão de interesse particular para o fingirem, e acarea-lo com outros documentos, com a historia, e com a tradição, que junctamente he historia e documento. E por cada uma d'estas considerações, e por todas as tres reunidas, não se póde negar que seja a cópia de que tractamos, feita sobre original coevo e sobre maneira veridico.

Oração mais em estilo de romanse que de historia lhe chama o supracitado Fr. Joaquim de Santo Agostinho He censura futil sobre vaga, porquanto não he este um capitulo de chronica ou um fragmento de historia seguida; he uma como memoria particular [talvez de algum religioso para uso dos seus confrades]. O estilo he puramente ecclesiastico e biblico, e não de romanse. — E se romanse lhe quizessem chamar pelas cousas de que resa, nenhuma ha ahi com foros de impossivel para El-Rei D. Affonso. A formula da *redacção*, ainda que não usual, o começar por hymno e convite de jubilo, e passar a prosopopea, não sabemos que nenhuma lei o probibisse n'aquelle ou em qualquer outro seculo, e sabemos pelo contrario que o proprio foral concedido a Santarem por D. Affonso Magno, escriptura por consequencia anterior a esta, se lhe assemelha por esta parte, e não pouco.

Quanto ás datas que aponta, parece-nos que em vez de o tornarem suspeito, o abonam. A do anno, que he o de 1147, e que em outros documentos e historias se lê errada, concorda com o letreiro sobre a porta da Igreja de Santa Maria d'Alcaçova, com o Chronicon Lusitano, &c. — a do mez, que he Março e não Maio que erradamente dá o Chronicon Lusitano, a quem seguiram outras chronicas e escriptores, acerta, como bem adverte a *Monarchia*, com as preparações necessarias para o subsequente cerco de Lisboa, que ja pelos fins de Maio teve principio: e que em Abril estivesse Santarem tomada, se prova pela escriptura de doação de todo o ecclesiastico da mesma villa feita aos Templarios por D. Affonso Henriques — finalmente a do dia, que foi um Sabbado 15 de Março, ajusta-se, como observa João Pedro Ribeiro, com a letra dominical *E* d'aquelle anno Isto pelo que toca á propria jornada. todas as outras datas, taes como a do nascimento de D. Affonso, a do começo do seu governo, e a do seu casamento, tanto se estremam por excellentes d'entre as contradicções e confusão em que n'essa parte laboravam as historias antes de Brandão, que para todos os que souberem apreciar a impossibilidade que havia no seculo 16, sem cartorios revolvidos nem estudo de paleologia, para se precisarem rigorosamente semelhantes datas, esta só razão fica sendo de sobra para canonisar de completamente authentico o documento, o qual para saír feito como está, a não o ser em tempos modernos, só o podia ter sido nos de D. Affonso.

Agora, que razão de privado interesse haveria para no-lo tornar suspeito? Nenhuma, porque a nenhum interesse privado serve de alicerse ou de arrimo; pelo contrario, o silencio que guarda ácerca da conversação d'El Rei com D. Pedro Affonso na serra de Albardos, do voto que se diz fizera a S. Bernardo para a edificação do convento de Alcobaça, da revelação que sobre isso teve o Santo lá em França, &c., não só desajudava os interesses da mesma casa de Alcobaça onde o documento se achou, mas valentemente os contrariava, desfazendo por uma tacita negação o que em favor de taes fabulas resavam outros papeis com este encorporados no mesmo volume.

Á argumentação do Padre Vasconcellos na sua *Historia de Santarem Tom. 1 pag. 31*, não nos fazemos cargo de responder. tão debil he que, se a encaraes com seriedade, por si mesma vos che morta O *Agiologio*, a quem se elle reporta, bem he, por sua nenhuma crítica, digno de lhe ser autoridade.

Não saiamos da materia sem mencionar um argumento contrario, que ainda que de pouca força, póde enganar aos desacautelados. Diz um laborioso Academico, dos nossos dias, na pag. 111 da sua *Dissertação sobre os Erros Historico-Chronologicos de Fr. Bernardo de Brito, na Chronica de Cister*, — " *Não he menos prova da ficção d'este Documento, declarar n'elle o Snr D. Affonso, siquidem avus meus Alfonsus Hispaniæ Imperator, non potuit eam debellare nisi famis deditione, quando este Monarcha estava em Coimbra a 22 de Abril e por consequencia a sua conquista contrasta com a fome que obrigou praça tão forte a entregar-se tão brevemente, circumstancia que tambem faltou quando a reconquistou Cyro. (Historia dos Soberanos Mahometanos, a pag 179 Cap. XL).* " = A parte d'este argumento que diz relação a D. Affonso Magno, ja Brandão a havia citado, e ao mesmo tempo destruido no Cap. VI do Liv. VIII da Monarchia; remettemos para lá os leitores. pelo que toca a Cyro ou Sairi, eis aqui o que diz a citada Historia dos Soberanos Mahometanos " *No mez de Dul Kaada do anno 404 (1111) expugnou o Principe Sairi, filho de Abu-Bacar, Santarem, Badajoz, Evora, Lisboa, e todo o paiz occidental.* " De haver sido expugnada Santarem, segue-se que se não rendeu á fome!!! O autor do argumento deixa-se levar em demasia longe, pelo seu zelo de syndico á Historia: á força de a esfregar para lhe levar os erros, leva-lhe de envolta, e sem dó, verdades, e verdades ricas. Desejáramos nós que se tomasse por exemplar a cautellosa prudencia do nosso fecundissimo antiquario, o Exm.º Sr D Francisco de S. Luiz. No que vamos dizer, que não será senão um apontamento do muito que a materia requereria, não pretendemos injuriar qualquer escriptor determinadamente. Suggere-nos a consciencia reflexões geraes como taes as lançamos ao papel, dirigidas as consciencias de todos os que leem, e melhor ainda de todos os que escrevem só nos pesa que, merecendo e requerendo o assumpto um tractado, lhe não possamos dar mais que o desvão de uma nota.

Na historia do passado poucas verdades ha, força he confessa-lo, de rigorosa e infallivel certeza, e por isso mui poucas tem deixado de ser, no todo ou em parte, na substancia ou nos accidentes, combatidas e refutadas. Em nossa litteratura, não só nas estranhas, eruditos ha, aliás mui benemeritos, cujo principal estudo está sendo reprocessar de novo, rigorosa e inexoravelmente, e ponto por ponto, toda a historia que o consenso e boa fé de nossos maiores ja tinha deixado trancada. Louvar-lhes-hemos a intenção metaphysica; agradecer-lhes-hemos a nova solidez com que vão deixando firmadas muitas presunções, o desenriçarem de fabulas e absurdos os acontecimentos grandes, que tão má visinhança estruia e desvenerava; e sobre tudo e sobre maneira a elles e a nós nos damos parabens pelas minas que, á custa de arduos esforços e diligencias, nos vão descubrindo de costumes e usos que são, passe o termo, os fósseis moraes por onde só se reconstrue no espirito o mundo velho. Mas quando os vemos arremetter de longe, e com igual zelo, contra factos assentados, possiveis, provaveis, gloriosos; forcejarem acintemente pelos abalar; espreitarem-lhes as minimas fendas da base; forjarem e aguçarem na imaginação alavancas e todo genero de instrumentos para os alluir, e quando julgam tê-lo conseguido ufanar-se mais que um Faraó pondo a pedra cimeira na sua piramide, não sabemos perdoar-lhes odio, porque aos taes nem vale a desculpa do *nesciunt quid faciunt*. Para mais distinctamente determinar e pôr claro o objecto da nossa queixa, não nos seria mister ir por longe procurando exemplos, bastar-nos-hiam as materias dos nossos dois precedentes capitulos; a esplendida batalha de Ourique, e o heroico desempenho da palavra de Egas Moniz. Um e outro facto foram maliciosamente, e a poder de atormentado engenho, oppugnados; e ja esses dois brazões, a não serem inabalaveis, houveram caido da frontaria da nossa gloria. E vindo ao ponto d'onde partimos, ésta tão memoravel batalha de Santarem, se não resistisse, como resiste, aos seus apostados contradictores, que deixaria nas historias em seu lugar? Nada. A uma pagina, que nos engrandece aos nossos proprios olhos, substituir-se-hiam estas mui incontestaveis e mui escusadas palavras: *Foi tomada Santarem aos Mouros, não se sabe quando nem como.* E com estes louros, extorquidos da fronte da patria, he que taes censores pertendem coroar-se? Que lhos inveje alguem, não nós. Em nome de Deus vos esconjuramos, que onde não tiverdes, como tão a miude vos acontece, para vos oppordes a grandezas nacionaes que parecem afrontar-vos e impacientar-vos, mais do que essas pobres razões de uma probabilidade moral, tão variavel como genios e juizos humanos, um quem sabe?, um talvez; um mal estreado e tartamudo argumento negativo; uma falta de documentos contemporaneos; uma suspeição temerariamente lançada contra a tradição; e outras quejandas ballas de estopa; em nome de Deus, segunda e terceira vez vos esconjuramos, que não ponhaes mão na gloria que vos não pertence; que não imiteis com ella o que em Roma fazia o verdugo á donzella condemnada, que a forçava e deshonrava antes de lhe dar a morte! Eis aqui o que nós fizeramos, a ter a vossa profissão e saber Apresentado que nos fosse cada facto d'aquelles que nossos maiores vieram recebendo e passando com veneração de mão em mão, em vez de começar como vós pelo suppor falso, começáramos por suppô-lo verdadeiro; em vez de nos ensoberbecermos de antemão com a ignobil esperança de vir a dizer: "Esta fama portugueza justicei-a eu," deliciar-nos-hiamos desde logo com o pensamento de a ter melhor firmado sobre a sua ara: porque, advirta-se que a predisposição do animo tambem n'estas litterarias disputas influe singularmente no juizo, e quem por um caprixo encetou logo a questão como impugnador, póde depois com sinceridade tomar por boas quaesquer razões que façam ao seu proposito; adoptado um sistema, tudo para lá se torce. Assim que, perigo por perigo, preoccupação por preoccupação, antes inclinar para o alto do que para o baixo, para o fecundo do que para o esteril, para o recebido, acceito e amado, que para o novo, repugnado e ingrato. Não tractariamos historia portugueza como a poderia tractar um mouro desalmado. Ainda mais: se nos ella descubrisse que o segredo de suas prodigiosas forças lhe estava, como a Sansam, nos cabellos, que lhos cortasse quem quizesse, não nós, para a entregar maniatada, caida e abjecta a escarneos de inimigos.

"Mas a verdade? [direis vós, e dizei-lo] a verdade? a verdade?.." Se eu as tivesse todas fechadas na mão, vos respondêra Fontenelle, não sei se a abriria. Mas vejamos que cousa he a verdade: he a conveniencia entre a expressão de uma cousa e a cousa mesma. Existem no mundo perfeitas verdades? Sim, as mathematicas, muitas das sciencias physicas, algumas das moraes, poucas na historia humana presente, na do passado menos, nenhumas na do futuro. A esta raridade da verdade accresce ser muitas vezes a verdade mais prejudicial que a ignorancia d'ella, ou menos util e nobre que o erro e que a mentira. *Magnanima menzogna, or quando é il vero si bello, che si possa a té preporre?* E d'aqui se conclue: 1.º que alguma cousa existe, além da verdade, que entra como elemento na constituição do nosso mundo humano. 2.º que essas outras cousas que, sendo diversas d'ella, com ella concorrem para grandes e predestinados fins, são igualmente necessarias e respeitaveis. Por esta consideração de pequena superficie e immensa profundez, chegaria até a concluir-se que muitas vezes se deveria forcejar por conservar na historia certas mentiras. Apontemos exemplos. Primeiro: sem a acreditada mentira da origem divina das leis de Numa, essas leis tão uteis no seu tempo, houveram perdido o melhor da sua força. Segundo: sem as falsas revelações de Mahomet, não teria o seu povo ganho metade das suas victorias. Terceiro: a fé na existencia e feitos heroicos de um Guilherme Tell, feitos e existencia tomados hoje por contrabando pela companhia dos malsins historicos, aquella fé viva e religiosa de quasi todos os Suissos, he a Vestal que guarda e perpetúa em seus montes o fogo da Liberdade, e o ancílio da independencia. "A escola positiva [escreve a este proposito Alexandre Dumas], essa alcateia negregada da poesia, declarou que nunca jamais existíra Guilherme Tell, e toda ufana com o seu descubrimento, tentou arrancar ao grandioso dia da Liberdade Suissa os mais resplandecentes raios de sua aurora; mas ainda bem que o bom do povo de Valestetten não quiz perder o santo respeito á tradicional religião de seus maiores, e conservou illesa a devoção a essas memorias velhas." Quarto: se o rigor de algumas verdades historicas realmente destruisse os fundamentos do Christianismo, como seus inimigos tem affirmado, quanto melhor não fôra enterrar taes verdades, do que arrancar do mundo a crença da civilisação e da moral! Mil outros exemplos poderamos citar: mas bastam estes para convencer que as mais santas cousas do mundo, o respeito ás leis, os brios guerreiros, o amor á Liberdade e Independencia podem fortalecer-se com a mentira, e que de todas as cousas santas a mais santa e augusta, a religião, para fundamento a podéra ir buscar, se a verdade lho não déra solidissimo.

Mas he ja tudo isto mais do que nós pedimos e se nos faz mister. Tão rica he a Historia Portugueza que não carece de joias falsas para ornamento, sóbra que lhe deixem as suas. Não dizemos pois, que mintamos a nossa historia, que a lavremos com a phantasia para a sem... de magnificencias, e que ousemos, como Brito, Lousada, D. Nicoláo, Purificação, Higuera, &c., inventar provas ou forjar documentos: o que lhe não pertence não lho dêmos; porém não lhe tiremos o que era seu por posse immemorial, emquanto uma demonstração positiva e incontestavel nos não provar a illegalidade de tal posse. Em tudo o demais lembremo-nos que, assim como o homem se compõe de corpo e alma, e nem o corpo sem a alma, nem a alma sem o corpo he homem, assim a historia, para ter vida e poder ser a mestra da vida, se compõe de uma parte bruta, inerte e exterior, que he a narração, e de outra intima, subtil, activa e immortal, que he o exemplo ou a moralidade. Como relação do feito sómente, a historia e a novella seriam quasi de igual inutilidade, se lhe não accrescesse a natureza moral de parabola; como memoria, apenas passa de curiosidade; como entendimento e vontade he que he sciencia e estudo.

Em uma nota do nosso precedente Quadro perseguimos os demolidores dos monumentos: mas os demolidores dos monumentos são nada em comparação dos demolidores da historia. Os demolidores dos monumentos fazem obra de ignorancia, mas são ignorantes; estão, como se hoje diz, no seu direito, destroem com o ferro, mas he para edificar ou semear, ou pelo menos dormir ou passear, que lhes apeteceu, n'aquelle sitio: os demolidores da historia matam a poesia com o engenho; a gloria, as saudades uteis e fecundas com argucias. Os primeiros só atacam pedras que eram retratos imperfeitos, simbolos incompletos e formulas caducas de cousas grandes, cuja memoria por si mesma se perpetuará: ás mãos dos segundos essas mesmas cousas immortaes morrem. Quando um edificio historico desapparece, a propria magoa que um tal sacrilegio excita se converte n'outro tanto respeito para com o objecto n'elle historiado; a imaginação acode com o seu condão a recompô-lo melhorado; e onde as pedras não diziam senão: "Aqui foi uma acção illustre, seja este lugar sagrado para os vindouros!" "Aqui, diz a saudade, aqui, além de uma acção illustre, existiu um illustre padrão que a memorava; este logar he duas vezes sagrado!": quando porém se destroe uma formosa tradição, defrauda-se a herança do futuro, e desenterram-se os seculos mortos para lhes furtar as poucas joias e flores com que foram sepultados. Os fanaticos da primeira especie pelo menos não são contradictorios, todo o seu olhar he para o porvir: os da segunda votaram-se todos ao serviço da antiguidade; semelhantes aos sacerdotos da Mãi dos Deuses fizeram-se eunuchos, renunciaram, para só e melhor a servir, os laços que os podiam e deviam prender igualmente com as gerações ulteriores, e infieis aos interesses da sua Divindade, despem-na perante olhos profanos, apeam-na com fádiga até ao infimo degrao do seu throno, e as luzes com que antes a cercavam de resplandores para lhe attrair e conservar a devoção do povo, em deredor lhas agitam para lhe ir apontando na completa desnudez não só os defeitos, aleijões e nódoas, mas a trivialidade, mesquinhez e baixa humanidade de todo seu ser. Quanto n'isto perdem a poesia e a moral, que tambem he poesia, e a felicidade, que he consectario da moral, ocioso seria demonstra-lo mais largamente, depois do que levâmos dissertado.

Ja que estamos em materia tão conveniente, façamos, com a nossa costumada sinceridade, uma confissão necessaria. No primeiro capitulo d'esta Obra, intitulado *D. Affonso Henriques, Côrtes de Lamego*, alguns erros cairam, no que só foi culpada a pressa com que nos vimos obrigados a apertar n'um feixinho tantas, tão diversas e tão disputadas cousas como as do primeiro reinado: erros e não mentiras, para os quaes agora implorâmos perdão, e que, não faltando vida e saude, algum dia emendaremos.

Pag. 27, col. 1, lin. 28. —— Vid. *Monarch. Lusit. P. III. Liv. X. Cap. XVII.*

Pag. 28, col. 1, lin. 3. —— Que de Santa Irena, Erea, ou Iria se derivasse o nome a Santarem, era persuasão ja anterior ao principio da Monarchia, como se prova pelo Foral dado á villa por D. Affonso VI. A vida da Santa [religiosa Benedictina em Nabancia, que depois foi Thomar, e degolada por vinganças de um amor despresado, pelo meado, segundo apontam, do seculo VII], póde ler-se em Brito, *Part. II da Monarch. Liv. II. Cap. XXIV*, e mais largamente no livrinho do P.e Mestre Fr. Izidoro de Barreira. Deu-me na vontade tracta-la em verso, compuz uma xácara que por longa não pôde caber no texto; substitui-lhe esta especie de cantar de solão. O metro he dos mais antigos em nossa lingua: n'elle foi escrito o Poema da Perda de Hespanha; e se isto não satisfaz para próva, pelo suspeitarem apocrypho, do mesmo metro ha tambem exemplo de sufficiente ancianidade no Cancioneiro do Collegio dos Nobres, [hoje da Real Bibliotheca da Ajuda] e na Collecção Castelhana de Sanchez. Desculpar-me-hei de interromper, ja segunda vez com esta, as tapadas da prosa com clareiras poeticas? não; mas pedirei só que pela visinhança do verso me não suspeitem a prosa contaminada de mentira, o que sería pena, porque toda ella consentirá em ser acareada com a historia, salvo algum folheado poetico, que logo por tal se reconhece.

Pag. 29, col. 1, lin. 23. —— Resumiremos n'esta nota o que, ácerca de diversos nomes arabes, empregados no texto, teve a bondade de nos communicar o Snr. Rebello da Silva, professor de lingua arabe, extracto dos muitos apontamentos para uma Obra nova, em que trabalha, sobre as etymologias arabicas da nossa lingua, em additamento e reforma ao Lexicon de Fr. João de Sousa, aumentado pelo Snr. Moura. — *Alplan*, parece dever ler-se Alphan; assim o traduziu Galvão, e assim se acha em outro logar da escriptura latina. A significação de *plano*, que na mesma escriptura se lhe dá, parece falsa. *Al-hami* significa o sitio guardado por guarnição, e defendido para se manter; presidio, cidadella. Deriva-se do verbo *Hamá*, guardar com presidio, segurar-se contra o mal, o que bem concorda com a descripção do sitio. — *Alhafa*, segundo Sousa, deriva-se de *chafa*, temer, recear: conforme o Snr. Rebello, Alhafa significa ribanceira, borda, praia. He voz muito usada dos sabios e do vulgo, e todos entendem ser o sitio despenhado, d'onde lançam os cavallos e animaes mortos. — *Alanse*: o Lexicon seguindo a escriptura latina, deriva-o de *Al hanaxe*, cobra, vibora: o Snr. Rebello, de Albanj, obliquidade e tambem torcedura. — Quanto finalmente a *Tamormá*, que em geral os historiadores, assim como a escriptura latina, traduzem agua amargosa, dêmos-lhe a significação de agua doce ou de tamaras, por n'isso concordarem os dois Duartes, Galvão e Nunes, e os dois mencionados Padres Mestres, Moura e Rebello.

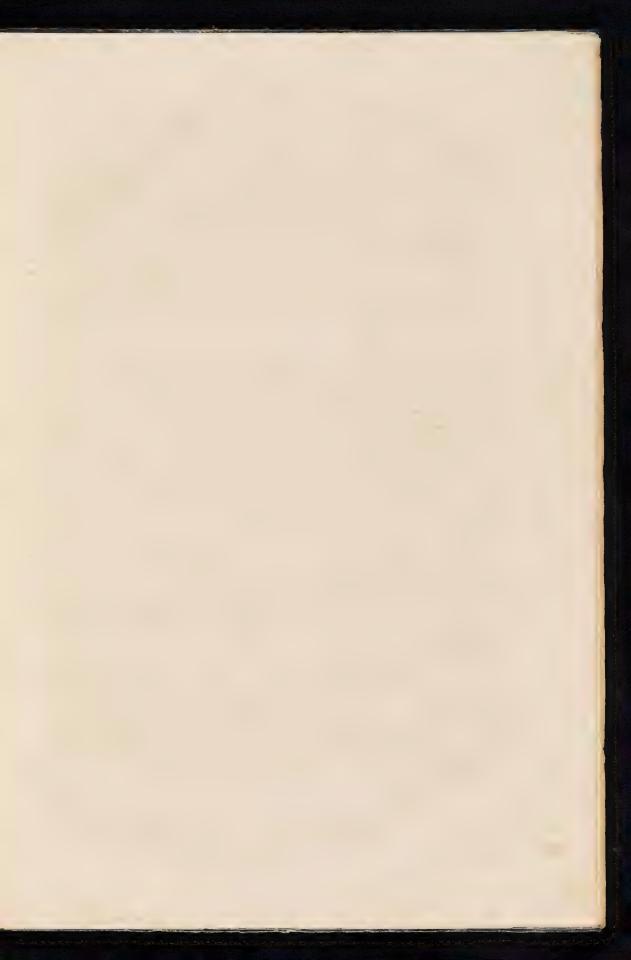
Pag. 29, col. 2, lin. 61. —— As proprias palavras com que relatámos o caso da regateira velha, pertencem a Duarte Galvão. Pareceu-nos conserva-las com todo seu desalinho, porque a tenuidade da cousa e um tal modo de a dizer, se por ventura desfazem um tanto na magestade da historia, em troca lhe accrecentam os creditos de sincera. E quanto á sua tenuidade, aos que nos arguirem de a não desprezar, diremos que, assim como a nós nos recreou o acha-la na chronica velha, alguem poderá recrear-se de a achar em nós, que demais nos abonâmos já com o exemplo do grave e judicioso Brandão. E que mal fará quem não aspira á difficil e sempre contestada fama de mero e secco historiador, e poeta desambicioso está sentado á beira da corrente dos tempos, só para respirar as virações sonoras e fragrantes que lá vem de cima, que mal fará se, contando as vagas possantes, seguir não menos com a vista alguma bolha da espuma que as acompanha? Uma grande differença fazem entre si, quando se contemplam, a idade actual, qualquer que seja, e as idades extinctas, ainda que todas se componham da natureza que he sempre a mesma natureza, e dos homens que são sempre com pouca differença os mesmos homens. Na idade actual estão-se vendo, porque assim o digamos, todas suas particulas, e pouco ou nada de suas grandezas: das eras mortas vemos as grandezas e nada ou pouco das particulas que as entremeavam, as encubriam ou disfarçavam. No presente que he vivo, as rosas da cutis, o scintillar de olhos, a musica das fallas, o respirar, o mover-se, bastam para nos absorver a attenção: o passado he esqueleto despido de tudo isso, são aquelles ossos nus os que a historia desenterra, estuda e mostra: mas a fantasia pede ao mesmo sepulchro mais alguma cousa, e exulta quando áquelle craneo chega a restituir um resto de madeixa, uma sombra de face, uma d'essas partes menos solidas, mais destructiveis, porém ao mesmo tempo mais repassadas, coradas e quentes de uma alma. Não arranquemos a ultima folha á arvore do inverno, o ultimo torrão á penedia entrevasada das chuvas, nem ás antigas tradições essas poucas nódoas preciosas do que chamam commum e trivial, e que são os ultimos vislumbres de sua vida. A mais antiga de todas as historias escritas são os livros santos: e porque deleitam ainda hoje? ¿porque se representa muitas vezes á imaginação mais humana e mais vivaz aquella historia, que a de tantos povos mais modernos e menos remotos de nós em usos e costumes? He principalmente pelo chão e usual das circumstancias que lá cercam os varões altos e os feitos memoraveis.

Pag. 29, col. 2, §. V, lin. 4. —— Sobre o numero dos 250 combatentes que D. Affonso Henriques levou comsigo para a expugnação de Santarem, segundo Brito fundado nas memorias de Alcobaça, diz o sabio auctor das *Dissertações Chronologicas*, *Dissertação XX*, pag. 113. = "Dei-lhe diversa intelligencia, lembrando-me do costume da meia idade, não só de Portugal, mas do resto da Europa, de contar sómente nas *arrancadas*, ou expedições bellicas, o numero de cavalleiros que n'ellas entravam. Muitos Ricos Homens e Infanções eram acompanhados de grande numero de cavallos, e aos mesmos cavalleiros seguiam trez e quatro escudeiros. Feita assim a conta ja fica mais verosimil a escalada de Santarem." =

Pag. 30, col 1, lin. 18. —— Na serra de Albardos, em a madrugada da quinta feira, indo-se de caminho para Santarem, [escrevem autores, e principalmente Brito *Chronic. de Cister, Liv. III Cap. XVIII*] practicava El-Rei com D. Pedro Affonso nas difficuldades da empreza, para a qual só em Deus punha toda sua confiança; ao que o Infante lhe acudia, que no tempo que por França andára [querem que fosse cavalleiro andante], grandes maravilhas ouvíra e víra de S. Bernardo, por cuja intercessão ja famosas batalhas se haviam ganho: e sobre isto tanto e tão bem lhe soube dizer que, inflammado El-Rei em viva fé, votou que, se fosse Deus servido, pelas orações d'aquelle seu servo, dar-lhe nas mãos a cidade que ía buscar, elle edificaria para a religião do mesmo santo um convento grandioso, e regiamente dotado com quanta terra avistava d'aquelle monte, aguas vertentes até ao mar. Estas palavras, ditas em Albardos, foram de S. Bernardo ouvidas em Claraval; e convocando em capitulo os frades, lhes deu nova da revelação que tivera, e lhes encommendou que intercedessem de todo o coração a Deus, pelo bom successo das armas de El-Rei D. Affonso, n'aquelle apertado lance. Mais escrevem, que á seguinte noute, ou em vigilia ou por sonhos, recebêra El-Rei a visita do Santo, e que um a outro entre si se deram e tomaram as mãos para firmeza do que um do outro esperavam, e que ambos mui pontualmente cumpriram. Por documento e penhor d'esta verdade, accrescentam, ficou a tradição que sempre se conservou em Alcobaça, e um passo de figuras de vulto, muito antigas, que está no remate do côro do Mosteiro, e outro em uma formosa vidraça de trez que ha no capitulo, onde se divisa esta representação ao natural, e El-Rei com a mão dada ao santo, e as mesmas figuras andavam pintadas ao antigo, em um livro de pergaminho, escrito na era de 1203. No alto do monte, onde se fez o voto, foi posteriormente levantado um arco triumphal de pedraria, com a imagem d'El-Rei D. Affonso em vulto, no qual arco se não chegou a abrir o letreiro que, por ordem do seu Geral, para esse fim compozera Fr. Bernardo de Brito, e era o seguinte.

Hic, Scalabim expugnaturus, Alfonsus Primus Port. Rex, votum Christo vovit daturum se Ordini Cisterciensi cuncta quæ oculis cernere posset, decurrentibus aquis in mare, si meritis D. P. Bernardi fretus, urbem cepisset. Quod dum Pater Sanctus suis suorumque orationibus obtinet, Rex promissa adimplet, surgit Alcobatiæ Regale cœnobium, cujus Principatus hic initium, in oris maritimis terminum habet. Gesta sunt hæc omnia anno Domini MCXXXXVII. XIII Idus Maj.

Por manifestamente fabuloso, apesar de taes testemunhos, ommittimos no texto este episodio, do qual tambem, como ja advertimos, não faz menção o documento latino da tomada de Santarem. Muitos annos não ha ainda que, de envolta com outras questões de antiguidades, se tractou profundamente esta entre dois nossos athletas litterarios, João Pedro Ribeiro, que, não por odio nem inveja, mas só pelo amor da sciencia, urbanissimamente negava o facto, e o eruditissimo Fr. Fortunato de S. Boaventura, que por zelo talvez desculpavel de religioso de S. Bernardo, mas com bem pouca placidez de espirito, o defendia. Tudo que por uma e outra parte se allegou e provou n'esta curiosa controversia, acha-lo-ha o leitor estudioso nas *Dissertações Chronologicas, Dissert. II pag. 60, not. (2) — Dissert. XVI e Dissert. XX* — assim como na *Historia Chronologica e Critica da R. Abbadia de Alcobaça, por Fr. Fortunato de S. Boaventura*, e na *Resposta de Fr. Fortunato de S. Boaventura ás Reflexões do Conselheiro João Pedro Ribeiro.*

Pag. 30, col. 1, lin. 39. —— D'esta mentira artificiosa de El-Rei D. Affonso, quando affirmava aos seus que em Santarem tinha mãos peitadas, faz expressa menção a escriptura latina, e traduzida diz o seguinte: "Algumas das vélas se tem prestes para nos receber. [Perdoe-me Deus o peccado d'esta mentira, porque aquillo dizia eu á minha gente, de proposito para a enganar, e esforçar-lhe os animos]." He curioso confrontar este dizer com outro da *Historia dos Soberanos Mahometanos*, traduzida do arabe pelo Snr. Moura, onde fallando-se succintamente, a pag. 291, d'esta tomada de Santarem, e algumas outras terras, se accrecenta esta clausula: *As quaes foram tomadas por intervenção do filho de Razin, ao qual Deus amaldiçoe; e tambem o filho de Gania entregou aos christãos as cidades de Evora e Baeça, das quaes se apossaram e de suas comarcas.* Este depoimento mouro abona portanto o que El-Rei proclamou aos soldados, e desmente a sua retractação. Póde bem ser que esta ultima fosse posteriormente introduzida no documento; o que não deixa de ter seus visos de verosimilhança, se se repara como tal declaração vem estranha e dissonante no lugar onde se acha.

MARTIM MONIZ, ENTALANDOSE NA PORTA DO CASTELLO

TOMADA DE LISBOA.
(ANNO 1147.)

Que Cidade tãof orte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não póde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?

Cam. C. III. Est. LXI

Em que hora dourada te bemfadou a natureza, terra de Portugal! E's tu o seu ultimo adeus ao sol formoso e ás formosas estrellas da Europa: em ti resumiu todo o amor de uma despedida, todas as carícias e feitiços de namorada que estuda deixar saudades. Terra de Portugal, e quem te desamaria! o teu halito attraíu sempre multidões dos povos estranhos, e em todo o tempo os teus filhos, encantados do teu condão, se esquivaram a pôr pé fóra do teu paraiso, salvo quando Fé ou Gloria lhes acenavam. Terra antiga do Endovéllico, de Jupiter, de Mahomet, e do Christo, salve! e reverdeçam na memoria todas tuas palmas, mau grado á fortuna; e resurja honrado o teu nome, a despeito de vilãs invejas de estranhos, inda hontem barbaros. Tu, tu lhes déras a mão para que se erguessem; tu gigante em pequena base a elles em bases immensas pigmeus; e elles te adoraram quando, debruçada para o oceano, te viram no alçar do braço esquerdo correr-lhes o pano ao mundo do sol, no estender do direito desenrolar-lhes novos mundos; e do que então te adoraram, agora se vingam insultando-te! He porque te embriagaste na taça cheia das prosperidades, e a raposa venceu o leão; he porque a omnipotencia da riqueza e poderío que soubéras ganhar pelo esforço contra inimigos, das garras de amigos a não soubeste defender. Embora: tu viverás e florirás: ainda caída, inerme, roubada, despida do manto de Rainha, serás grande e magestosa no teu dormir, porque o ceu que te cebre será sempre o mesmo ceu de bençam, e as ondas que orlam o teu perfumado leito murmurarão de contínuo aos teus sonhos as tuas glorias, tão numerosas como ellas. Terra do meu Portugal, não esmoreças: tu jazes, mas he para descançar não para morrer. Tambem as nações tem dia e noute: em quanto a alva de um futuro esplendido te não acorda, continuemos a pascer os olhos no occaso, que inda de todo se não desbotou das purpuras. Sôem as nossas narrações como cantar do selvagem, quando, entre seus irmãos que dormem, ao pé da sua fogueira no deserto, e com os olhos na rede alva em que de uma arvore lhe pende o filho, lhe entoa os feitos memoraveis de seus avós, e procura ja d'ali ir-lhe amamentando o animo para as vindouras façanhas de sua tribu.

Se he Portugal a digna coroa da Europa, Lisboa resplandece como digno carbúnculo em tal coroa: he a Acrópolis do Tejo, a Cidade dos marmores, dos templos, dos palacios, dos jardins; a cingida de verdura, de flores, de abundancia; a Mãi dos grandes homens, das grandes armadas e de uma familia grande de cidades espalhada nas cinco partes do Orbe. Quem lhe fosse primeiro autor, ou em que recuadas eras do mundo, nem á historia lembra, nem se afouta o discurso a fareja-lo. Que importa que se lhe escondesse a origem, adormecida para sempre á sombra harmoniosa das fabulas? Não acerta fundadores, mas do proprio ser e feitos derivou melhor nobreza, até que desnecessitada e desdenhosa das fidalguias de antiga, os documentos com que as podia provar os converteu em galas de namorada: aos terremotos e incendios atirou as ultimas cãs e o segredo de sua idade. Se não alardea monumentos decrépitos, se as Artes a não alfáiam das suas mais excellentes maravilhas, se ja nas entranhas lhe não circulam o ouro e os aljofares, ainda, e cada vez mais puras as virações da saude adejam pelos seus outeiros; ainda, e dir-se-hia que cada vez mais formoso, lhe está o sol coando primaveras por todas as estações; ainda o seu rio despojado do tridente e do cortejo das frotas, ainda o seu porto o melhor do oceano, attraem docemente e despedem com saudades o navegante. Todos seus dias respiram festa; e em quanto de seus cumes os olhos serpeam enlevados pelo labirinto dos seus valles, pelo dilatado dos seus horisontes, do alto das suas torres a harmoniosa toada de tantos sinos vai acordar ou ajudar se não ja o pensamento religioso, ainda ao menos o genio folgazão de seus filhos: sim, alegres são ainda os seus filhos como nos dias das esvaídas prosperidades; o encarar o futuro ainda lhes não gelou o sorriso, o sairem das ruinas do passado com os pés descalços e ensanguentados, ainda, mercê de Deus, os não fez suspender as dansas, nem largar das mãos a cíthara: alegres são como um pobre bando de orfãosinhos brincando na casa de lucto, emtorno do paterno esquife. — Dias de D. Affonso Henriques, anno de 1147, tomai-nos, tomai-nos depressa.

1.

No meio d'esta Lisboa que tão grandiosa se estende de sul a norte, e desmedida de nascente a poente, que no crescer duas vezes rebentou o seu cinto de muralhas, até que nem mãos de Rei valeram a cingir-lhe terceiro, ¿ vedes vós aquelle monte que leva ás costas a sua rede de ruas velhas, ao longo do bairro mais central, povoado e formoso? ¿ aquelle monte, que levanta de improviso sobre despenhadeiros a cabeça torreada, por detraz das duas praças do Rocio e da Figueira, e vai serenamente descaindo de norte a sul, até fallecer ás abas do Tejo por detraz do Terreiro dos antigos Paços Reaes? Pois eis ahi no meio da vossa Cidade a Cidade moura, no meio de Lisboa a christã e deliciosa, *Lissibona* ou *Aschbounah* a arabe e guerreira. ¿ Notaes na sua extrema do norte, bem ao cimo do despenhadeiro, affrontando o monte de Santa Anna e o da Graça, outr'ora *Alfella*, e d'elles separado pelo valle onde dos mouros vencidos que o povoaram ficou o nome de *Mouraria*, ¿ notaes aquelle pallido lanço de muralha carcomida que blasona de romana, que se tem salvado com suas outo torres d'entre as convoluções dos terremotos, e dos renovadores? Ahi era a cidadella, ahi o alcáçar dos Alcaides ou régulos saracenos; e ahi permanece como guarda d'aquellas pedras a memoria de um grande feito portuguez. La prendiam as duas fiadas do muro que, recurvando-se logo uma pelo nascente a outra pelo poente, corriam divergentes ao longo dos dois recostos, até entestarem com as aguas, ao rez das quaes dando-se as mãos, outra vez se fechavam: longa e tombada piramide de povoação, cuja base assentava no Tejo, o vértice na cidadella! Por doze portas se abria para toda a parte a muralha, guarnecida de torres; torres e muralha que um chronista d'essa idade, tendo-as visto e por ventura pelejado, appellidou *de admiravel estructura, e inaccessivel* o monte que fechavam. O mar e outeiros circunstantes contemplavam com respeito aquellas torres, colossos de pedra que entre si se bradavam álerta, que nem de noute nem de dia cerravam olho, não depunham nunca as armas, e cujo quarto de vela poderia ser de mil annos sem as cançar. Das doze portas era a principal contra o occaso a *Porta de Ferro*, quasi no sitio onde veio a nascer, e hoje convertida a sua casa em templo se adora protector do reino, Santo Antonio, o Santo popular dos milagres, das alegrias, dos achados e dos cazamentos: do Sol nascente tomava seu nome a *do Sol*, que respondia ao posto onde outro templo se veio a consagrar mais alteroso a S. Vicente, particular advogado da Cidade: outras quatro portas emfim, alguma das quaes retem ainda o nome de *Porta do Mar*, davam para o Tejo: entre ellas e as aguas não mediava aquella porção de terra hoje descoberta e arruada, que appellidamos Ribeira Velha; vinham as ondas pulsar-lhes os limiares, e trazer á Cidade com as barcas e navios dos mercadores, dos corsarios e dos Principes alliados, a fartura, o tráfico, a riqueza, as armas, os brios e as presumpções de inconquistavel. Se escutamos uma vaga mas plausivel tradição, ahi onde com voz arabe se diz *Alcaçarias*, tiveram os Reis Mouros uns sumptuosos Paços, recreados por fora com o movimento das suas ondas e do seu povo sempre em actividade, no interior deliciosos com estas mesmas aguas tepidas e saudaveis que ainda hoje nos banham abundantes, e onde então se banhavam as formosas invisiveis do serralho. A' vasta e carrancosa fortificação exterior accresciam as interiores providencias de que o arabe guerreiro e ingenhoso não usava esquecer-se: espaçosas cisternas para os apertos de um assedio; para o ultimo apuro e terror de uma entrada irresistivel a *Porta da Traição* sobre a encosta mais defeza, goelas abertas no solo, e fugidas subterraneas para a campina e para a ribeira. Não ha ainda muito que uma profusão de echos ruidosos respondiam d'aquelles occultos caminhos aos brados que de cima se lhes atiravam, d'onde a imaginação do vulgo logo fingiu e pregoou maravilhosos templos soterrados de infinita fabrica, e florestas de columnas e arcarias: cisternas mais recentemente abertas cortaram com suas paredes aquellas veredas militares, e com os echos ajudadores de fantasias emudeceu e se finou a fabula.

Taes eram os fortalezamentos e reparos da industria ajudada da natureza do sitio: por fora de toda a muralha trasbordam arrabaldes, os quaes semelhantes a um bando alegre de creanças que espairecem, mas

temem alongar-se do amparo maternal, não ousam sahir-lhe da sombra e aventurar-se pelas solidões dos arredores. — O numero dos moradores, da cêrca a dentro e a fóra, por duzentos mil ou mais o computam as memorias escritas. — Moldurai este quadro, imaginando os outeiros e plainos circumvisinhos aproveitados com arvoredos e pomares, ferregiaes, searas, hortas, pastios e rebanhos, manadas de bois e cavallos por toda essa amplidão de occaso, de septemtrião, e de nascente, que o nosso povoado cobrio de suas calçadas, ladeou de seus edificios brancos, aviventa com o seu bolício perenne. — E para concluir, accrescentai ainda a pintura da scena, representando um esteiro do Tejo ao longo do valle que assoberbam emparelhadas as tres ruas dos formosos nomes (a Augusta, a da Prata, a do Ouro): por onde agora pisamos longos passeios de marmore entravam e refluiam as marés, e onde as lustrosas carruagens voam amotinando o dia e a noute, resvalavam serenamente em suas barcas indo e vindo os arraes e gente mourisca com seus barretes de grãa, com seus pellotes, aljubas, marlotas, balandráos e capelhares colorados: sim, mas quem o crêra, se das entranhas da terra não houveram surdido os documentos? tempo houve até em que grandes argolões de bronze seguraram embarcações sob o claustro de S. Domingos.

Vistes a cidade: espraiai mais ao longe os olhos; divisareis povoações fortes e castellos que a saudam e tractam como boas visinhas. No alem rio, dominando as aguas Almada, a mineira do ouro — sentada nas nuvens Palmella, a atalaia de duas provincias — Sizimbra a pescadora, a folgar com o estrondo do seu oceano — Alcacer a Romana e indomavel, revendo-se no rico estendal de suas marinhas: — para aquem do Tejo, entre outras, Sacavem, Mafra, Cintra.

II.

As victorias ultimas de D. Affonso, a notoria grandeza de seus projectos, a recente queda e tragica noute de Santarem trazem as Cidades mouras em sobresalto. Lisboa, por mais forte e principal, não ignora que, primeiro que nenhuma outra deve ella tremer. Sabe como El-Rei tem apellidado suas terras; como, contra seu genio e costume, ja trascorreu dias e mezes em aprestos para uma expedição estrondosa: está por tanto apercebida para o receber. Com a fronte levantada ella espraiava por suas aguas e terras a vista até ao horisonte, á espreita d'onde assomará inimigo; e a paz mais profunda e amorosa lhe ria nas papoulas côr de fogo e malmequeres amarellos, com que Maio largamente recamava a boleada superficie dos seus campos; nenhuma proa suspeita commettia a serenidão do Tejo. Senão quando, (eram fins do mez) pelo norte se lhe descobre a nuvem da tempestade. He nova e mais crescida hoste portugueza, he a Sina de Ourique, he D. Affonso!

Ao primeiro rebate de tal noticia, subio tudo ao alto dos muros e cobellos, ás cumieiras das casas e mesquitas: toda a povoação está pousada em pinha, como um enxame que trepída e susurra sobre o tecto da colmêa ameaçada; os soldados para se esforçar, as mulheres para se carpir, as crianças para se gosar do espectaculo, os velhos para verter lagrimas caladas, e todos cubiçosos de ver a estatura, as armas, o numero de gente que tanto fez e tanto ousa. D. Affonso e os Portuguezes podem, n'um relancear de olhos, fazer o alardo do immenso inimigo que os espera. — Todas as ferradas portas do muro se trancaram rijamente; todos os postos militares se guarneceram conforme ao tempo; todos os inuteis á guerra desceram para deixar livre o espaço a seus defensores, servir-lhes, ajuda-los, e orar. Lisboa e D. Affonso estão na lice, e rosto a rosto; Lisboa com seu membrudo corpo e immensa alma, D. Affonso comsigo, com Portuguezes, e com Deus, que he a sua fortuna.

Fugio Maio, entra e cresce Junho, e ainda entre si se medem; nenhum levantou o braço para esta lucta de morte: a Cidade, porque em defender-se lhe vai muito mais do que em accommetter, e porque com olhos longos, a todas as horas espera ver chegar e descer por sua parte á arena as cidades e fortalezas visinhas: El-Rei, porque, posto que se reforçou com quanta hoste poude, não tem ainda braços assaz longos que valham a apertar pela cinta e suffocar aquelle monstro descommunal. Em roda lhe gira, estudando como e por onde lhe varará o golpe ao coração.

Era chegada a vigília dos dois Principes dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, tão celebrados sempre na christandade. Jejuavam os nossos, encommendavam-lhes a demorada empreza, oravam ao celeste porteiro que antes de lhes abrir a elles o empyreo, franqueasse á Santa Fé cujo era patrono, as ferrenhas portas d'aquella barbaria, e sob as armas ociosas não ousavam de abrir o coração aos patrios folguedos de tal dia: eis que, de velas desfraldadas ás escaças virações do estio, sobem serenamente, como um bando de cisnes, pela deserta vêa do Tejo, obra de cento e cincoenta, ou mais navios christãos. Saídos de diversos portos do norte da Europa para ir ajudar a conquista geral da Syria, esperados de D. Affonso para temperarem primeiro com elle as espadas no sangue arabe das Hespanhas, convidados tambem sem duvida do desejo de conhecer tão deliciosas terras e tão apregoado Capitão, e sófregos de n'ellas e com elle ganhar mais riqueza para si, não menos gloria perante os homens, e aos olhos de Deus iguaes merecimentos, remontavam alvoroçados e ao som de muitas musicas, pelo tão fallado rio, uma das mais soberbas têas de seda e prata que jamais a natureza desenrolou. Crescia-lhes aos olhos a Cidade valorosa, esvoaçavam-lhes os corações no acampamento dos baptisados, as armas e bandeiras de suas diversas gentes reluziam ao sol de um dia festivo, no mais bello clima que nunca sonharam.

Ao estrondo com que os dois exercitos de terra e mar se victoriaram de longe, Lisboa segunda vez ergueu a sua cabeça de tantos mil olhos, apertou mais fortemente na mão as armas, e suspirou com dobrado fervor pelo auxilio de suas Irmãs mais novas. Ja pára em frente d'ella e ao largo esta cidade aventureira, lançados ao fundo os seus alicerses de ferro. El-Rei acompanhado dos Bispos de Portugal e principaes Capitães da hoste, desce á praia para receber ao limiar da sua terra nova os amigos de seu coração grande, os filhos de tão apartadas regiões.

São estes que em cardume vem desembarcando, Inglezes, Francos, Lotharingos, Flamengos, Allemães, e alguns outros septemtrionaes. Por Cabo geral da expedição pregoarão com altos lou vores as nossas Chronicas, um Guilherme de Longa Espada, irmão de Guilherme Duque de Normandia e Rei de Inglaterra: mas não faltam n'ella barões, por sangue, por esforço, por piedade e por sciencia de grande conta e apreço. Erico, pelo suave da sua condição appellidado o Cordeiro, que troca o manto Real da Dania pela loriga do soldado, que logo despirá pela cogula do religioso, e vencido no thro no, lidador no campo, descanço e triunfo só os encontrará no claustro com a morte: — Theodorico, Duque de Lorena, Conde de Flandres, capitão da maioria do exercito, e pai d'aquelle Filippe que ha de receber por esposa uma filha de D. Affonso Henriques, D. Thareja, e a deixará viuva, perecendo soldado de Christo em Terra Santa: — Arnoldo, Conde de Areschot: — o Condestavel Christiano: — Roberto, Senhor do Caste llo Insolense: — Arnulfo, douto ecclesiastico flamengo, de quem chegará uma carta á posteridade com a relação do cêrco: — o Abbade Dodechino, Chronista do seculo, que igualmente lançará ao futuro um pregão do que se vai passar a seus olhos: — o Bispo de Breme: — os Bispos Atrebatense por nome Alviso, e Noviomense Simão: — o virtuoso inglez Gilberto, que regerá primeiro Prelado a restaurada Igreja Lisbonense: — muitos outros Sacerdotes e Monges, alem dos cavalleiros de quem nas relações portuguezas se fará particular menção sob os nomes de Childe Raolino, D. Licherte, D. Ligel, dois Lacornis D. Guilherme e D. Roberto, D. Jordão, e D. Alardo. Quem poderia descrever toda a diversidade de trajos que de repente arraiou as praias; o ima ginario de tantas tenções e divisas bordadas de ouro e prata nas cotas, entalhadas e relevadas nos escudos; as distinctivas cores das charpas de cada Senhor, reflectidas nos adornos de seus vassallos e sequazes; os telizes e arnezes dos cavallos; as armas dos comba tentes, arcos, béstas, fundas, lanças, archas, massas, espadas, estoques e montantes; e o confuso susurro de alegria em tantas linguas, por estes ares inda ha pouco silenciosos!

Recebia-os El Rei como a bons au xiliares e amigos, e convidando aos seus apozentos no arraial os principaes Senhores, Barões, e Prelados da gente estrangeira e propria, lhes disse: « Mal era para se hospedar n'uns pobres Paços de panos como estes, coados dos raios do sol e esvoaçados dos ventos calmosos, um tão luzido e numeroso concilio de magnates: mas não he aqui mais do que o vestíbulo; a sala onde vos darei festim pela boa vinda, he aquella que logo se vos vai abrir. (E com a mão lhes indicava os muros de Lisboa.) Senhores Cruzados, a Cidade que aos olhos tendes he talvez entre as das Hespanhas a mais forte. Por sete annos vai que eu o experimentei: cerquei-a, ajudado de outra frota de setenta navios francezes, que tambem navegavam para a Terra Santa, e dispartimo-nos cançados, sem havermos conseguido senão deixar-lhe assolados os burgos e a campanha. Desde então ella se tem refeito e melhorado, como vedes: mas tambem desde então cada anno tem accrescentado na balança de Deus os crimes e insultos da gente saracena, e por esse meio facilitado a corrente das nossas victorias. O meu antigo voto de levar a cabo esta empresa, segunda vez o renovei logo em mim mesmo, e terceira e ultima o confirmo hoje diante de vós. Lisboa he o meu sonho de sete annos: atravez de cada uma das outras cidades que oppugnava eu via sempre Lisboa, e agora que a tenho presente, por nenhum caso do mundo a abrirei da mão senão morto. Se perante ella nos achastes detidos, não era coração que nos fallecia; mas Lisboa tem, bem o conheceis, as suas raizes na agua; pelo Tejo se lhe renovariam perennemente as forças. Faltava-nos ainda uma armada para completar o assedio, a Providencia vos elegeu; Santiago, debellador de pagãos, que vindes de visitar romeiros, vos inspirou; S. Pedro o patrão dos mares e da fé vos desembarca; o neto de um conquistador de Lisboa, vos recebe! Vós sois tambem os netos e muitos de vós os filhos dos primeiros Cruzados, e as espadas que herdastes são as mesmas que tanto resplandeceram ao sol do Oriente, e renderam Nicea, Antiochia, Jerusalem. Com taes auspicios e taes auxiliares, que impossiveis deixariam de se tornar faceis a gente de Portugal? Crede-me, quanto homem pode desejar, tudo agora nos dará esta boa inimiga: antes do rendimento, exercicios de valentia, mortes preciosas, fama por toda a christandade; depois de captiva, a mim e aos meus multidão de escravos, dilatação de Estado, aumento de segurança, as chaves do Tejo e do mar; a vós ouro prata e alfaias com que vos retirareis opulentos, que a vós só concedemos, outorgamos e manteremos desde esta hora todo o despojo. Tendes tambem o arbitrio de comnosco vos ficardes, e de fundar, povoar, e desfrutar n'esta região abençoa-

da. Descendentes vossos, se o acceitardes, se ufanarão com se chamar Portuguezes, como eu, eu tambem, que tal nome não dera ja hoje pelos mais honrados do mundo: não, que o não déra; e a rasão com que o blasono, vós mesmos a presenciareis nos proximos conflictos. »

Recebeu toda a assemblea com estremado applauso as palavras do Monarcha, e muitos agradecendo-lhe e acceitando ja d'ahi o benevolo convite, que a terra o ar e a quadra do anno pareciam estar ajudando, folgaram do ensejo para apertar com as suas, aquellas mãos tão veneradas no largo mundo por seus feitos. Tantas glorias reunidas em tão pequeno espaço produziam n'uns e n'outros uma embriaguez mutua, e cada um sentia menos o orgulho, que a sua presença e nome podiam accrescentar áquelle concilio, que o engrandecimento que de taes companheiros lhe resultava. Os mais illustres não julgando, nem esses mesmos, ter merecido tanto, appellavam para o futuro, e se impunham o dever de pagar generosamente á fortuna o que ella ahi generosamente lhes adiantava. Era a massa do vulcão que hia submergir Lisboa, a ferver ja accesa na mina!

El-Rei, tanto pelo gosto de conhecer particularmente a cada um de tão luzidos cavalleiros, como por melhor os affeiçoar a si, ás suas cousas, e terra, os conversava, ora separados ora junctos, com a boca cheia de riso, detendo-se menos em relatar seus feitos que lhes elles perguntavam, que em lhes perguntar e louvar os d'elles tanto privados como publicos, especialmente os principios que então corriam da segunda Cruzada, que de suas terras os demovêra: e essas narrações tão recentes e ainda tão novas ca nas margens do Tejo, e ás quaes a presença de Lisboa saracena refinava o sabor, eram para elle e para os Portuguezes o mais apetecido passatempo. —

III.

Morrêra o esforçado seculo XI, esse que apoz infortunios, talvez merecidos, entregára aos Cruzados os Lugares Santos; morrêra com elle Gofredo de Bulhões que os manteve quasi só; com Gofredo morrêra emfim a fortuna. O Mahometismo tornava a revolver-se; as suas ondas ameaçavam afogar em breve todas as ja vacillantes victorias christãs n'aquellas partes. De forças e união se carecia para lhes resistir: as forças attenuára-as o sol da Asia com a molleza, com os vicios, com as enfermidades, com a morte; a união entre os diversos Principes Cruzados, privadas dissensões e invejas mutuas a desfizeram, fructo venenoso da feudalidade transplantada para um clima de fogo. As cidades e fortalezas dos baptisados hiam pois caindo umas apoz outras aos fios da simitarra barbara, e Jerusalem estremecia ja no seu deserto, como a tenda do viandante abanada do primeiro sopro da tempestade ao cair da noute. O scetro, que fôra clava na mão de Gofredo, progressivamente enfraquecido nas de seus successores, agora de todo viuvo por morte de Fulcon, via-se indeciso entre uma mulher e um minino. Deixando estes ruins auspicios se acabava o anno de 1142. Empeoravam as cousas de dia a dia. Sanguino, o mais formidavel capitão da Syria, chegára ja a arrebatar a forte Edessa no dia do Natal de 1144, e na sua manopla triunfal a torcêra e esprêmera de todo o sangue christão: e depois d'ella ainda outras muitas praças e cidades correram os mesmos ou semelhantes fados. Todo o lado oriental do edificio da christandade, alçado a tanto custo, estalava, desabava, subvertia em ruinas os seus moradores. O alarido dos que sobreviviam echoava por todo o Occidente. Os que de lá vinham augmentavam com seus terrores a fama; e aos pés da Cadeira Pontifical de Roma um velho Prelado, representante e documento dos infortunios e transes da Palestina, invocava com os olhos afogados em lagrimas, e as mãos apertadas na cruz, a misericordia da Igreja para com sua irmã deshonrada e moribunda entre salteadores. Eugenio III se levanta, desembainha o gladio de S. Pedro, grita ás armas. El-Rei de França Luiz o Moço convoca na cidade Carnotense todos os Senhores e Prelados. Assemblea tão lustrosa ou tão vasta nunca d'antes a houvera; não ha casa nem templo que os abranja. N'um campo se congregam livre e descoberto, em cujo meio, subindo com El-Rei a um cadafalso o grande servo de Deus Bernardo, primeiro Abbade de Claraval, tão inspirada voz levantou por cima do attentissimo silencio da multidão, tão vivo poz aos animos o painel do aperto e necessidade dos christãos orientaes, tão bem ungiu com palavras de piedade os corações, que todos os olhos eram fontes, todas as vozes uma só voz « Cruz! Cruz! » e todos os braços se estendiam para a tomar. Foram os primeiros que no hombro a pregaram El-Rei, a Rainha, os Prelados, os Grandes: necessitou-se até que o santo Abbade rasgasse e desfizesse o proprio hábito para dar o suspirado emblema aos que na repartição innumeravel não haviam podido ter parte. Este segundo e melhor Pedro Heremita, cuja palavra accendia um reino, parecia a todos, pela austeridade de seu viver, pelo venerando de sua presença, pelo alumiado de seu entendimento, e pela fama de seus milagres, o mais forte e bem acondicionado general para a empresa; mas a sua humildade contrapezava todos seus outros meritos; o que a sua voz havia valido com toda uma nação, o clamor de toda uma nação não o pôde acabar com elle: outra era a sua predestinada milicia. Proseguia apostolando, e evangelisando, pela Europa alem, a guerra que não podia capitanear religioso. Os principes e as cidades se lhe rendem e se cruzam á porfia. O poderoso Imperador de Allemanha Conrado, como presago dos infortunios que o aguardam, resiste; mas prodigios, mas uma eloquencia que he de todos elles o maior, mas a furia santa é contagiosa que essa mesma eloquencia lhe accende em de redor, o subjugam: a Germania sobre as pisadas da França desceu emfim á malfadada arena. Conrado e Luiz conduzirão em pessoa os seus valorosos: as suas bandeiras serão os guiões de todo o Occidente. Para ellas se voa de toda a parte da Europa; e se um ou outro Principe, mais amigo dos fructos da oliveira que do susurro da palma, ou mais tibio na fé, ou menos confiado na estrella das aventuras, se deixa ficar entre seu povo, da hoste dos Cruzados recebe, por presente de despedida, uma roca e um fuso.

Entrava por sua primavera o presente anno de 1147. Dois famosos exercitos terrestres estavam em pé para marchar; o dos Theutónicos em Maio, o dos Francos em Junho: aquelle de setenta mil, este de oitenta mil combatentes: um e outro espantosamente accrescentados de infinidade de serventes, de mulheres, de devotos, de monges, de clerigos, que eram como o musgo denso d'aquelles grandes penedos, e que, augmentando-lhes o volume, lhes difficultavam o rodar, e lhes amorteciam muitas vezes o embate. Mas primeiro que estas duas hostes de terra se abalassem, ja os ventos de Abril haviam despegado das praias do Rheno e do Véser, uma armada naval de Flamengos, Lotharingos e Allemães, que reunidos no porto de Colonia, se partiam adiantados para a bellicosa romaria. Eram todos presenciaes testemunhas e argumentos vivos da pathética eloquencia e prodigios do solitario de Claraval. Celebrada com suas familias a Paschoa, á semelhança dos antigos Hebreos em pé e ja cingidos para partir, aos vinte e seis de Abril desferem velas: e navegando em vinte e tres dias o pouco mar que os dividia da Inglaterra, e a que um chronista da era chama *amplissimos espaços do oceano*, surgem no porto de Tredemunde ou Cremunde, d'onde, reforçados com Arnoldo Conde de Areschot e boa copia de Inglezes, saem em numero quasi de duzentos navios. Açoutados de porfiadas e descompostas tempestades, dispersos, percorridos varios portos das costas septemtrional e occidental da Hespanha, desembarcam a implorar mercê de Santiago no seu altar de Compostella, e alegres e esperançados com sua bençam, tornam-se ás ondas. Proseguindo no intento que ja traziam de vir estrear-se nos infieis mais visinhos, remontam o Douro uma segunda feira depois das outavas do Spirito Santo. Com braços abertos os recebeu o Bispo do Porto, que ja sobre aviso d'El-Rei os estava aguardando. Nos onze dias que ahi se detem á espera do Conde de Areschot e do Condestavel Christiano, que a tempestade trazia desgarrados desde a Ascensão com parte da armada, receberam com o melhor agazalho dos da terra, abastança de mantimentos e refrescos, que a munificencia Real lhes facilitava, e que o deserto das praias de Lisboa lhes tornava indispensaveis. Reunidos todos, deixam o Douro pelo Tejo, onde com dois dias de próspera viagem acabamos de os ver entrados e recebidos com tanto contentamento de parte a parte.

IV.

Desembarcadas todas as forças, entendeu logo El-Rei em inteirar o cêrco. O primeiro dia de Junho os viu assentar as tendas; ás tendas succederam immediatamente estancias mais commodas, despejados á força todos os arrabaldes de seus moradores. Para si e para os Portuguezes tomou El-Rei o meio do cêrco, não só para poder mais igual e facilmente reger a direita e a esquerda, mas sobre tudo porque essa fronteira do norte era a mais ameaçadora e a que sem armas por si contradiria os mais impetuosos assaltos. O nascente, guarnecem-no os Flamengos, Allemães, Lotharingos; os Inglezes e alguns Francezes o occidente: a armada, cerrando o sul, tolhe aos da cidade toda a esperança de fuga, ou de soccorros de gente e mantimentos, que da Africa ou do Algarve ou do Alemtejo acudissem.

Ao dia decimo, esculcas e atalaias entram pelo arraial d'El-Rei, denunciando como a poucas leguas para o norte recresce com pavoroso ruido uma desmedida nuvem de pó, afrontando os campos e escurecendo o sol, que para estas partes se endereça, e que segundo novas, traz em si cinco mil mouros de cavallo e corredores, dos castellos de Thomar, Torres Novas, Alemquer e Obidos. D. Affonso rasga do seu campo uma porção de mil e quinhentos cavallos e corredores, e á desconhecida fronte de quem o procura a arremessa. Em Sacavem se embateram os dois esquadrões, onde ja, pela ponte que ahi havia, eram entrados os Agarenos. Foi peleja memoravel: cáe dos christãos a maior parte, dos infieis passante de tres mil. Não dá a ponte vasão á fuga dos inimigos: muitos entre a morte do ferro ou da agua trepidam um momento. . . precipitam-se, desapparecem. Os vencedores poucos, mas emfim vencedores, faltando-lhes ja resistentes, vão bater ás portas do castello sobranceiro ao pégo: abre-lhas o Alcaide Bezai Zaide: com suas mulheres e filhos prostrado no limiar, lhes entrega as chaves. Convertido pelo milagroso do vencimento, pede o baptismo, e se consagra hermitão para o restante da vida ao serviço da Capella que no alto do outeiro começa de se levantar á Mãi de Deus. Ahi, n'esse templosinho, o primeiro que houve de christãos nos arredores de Lisboa, foi depois enfiando como perolas finas em rosario, annos sobre annos de penitencia e charidade, abençoado de Deus e abençoando os homens, e tão bemquisto da terra e do ceu como da sua consciencia. Uma hermida o conchega melhor do que um alcáçar; o som da sineta o deleita mais que o dos anafis; o seu borel secco e aspero ja o não dera pelas galas do Califa de Cordova. Por entre as amiudadas cruzes de pedra, plan-

tadas em de redor da Capella, ás cabeceiras dos Portuguezes mortos, ajoelhado ou passeando Bezai Zaide ora por D. Affonso, o mouro intercede pelo descanço dos christãos. Para si nada pede na terra, afora algumas raizes que o sustentem, flores que renove no altar da sua Virgem, e um canto onde elle tambem ao cabo durma á sombra da cruz, á beira d'aquellas aguas serenas, perante os olhos da que he estrella da manhã e porta do ceu.

V.

Reforçou brios aos cercadores a victoria de Sacavem, mas Lisboa não dá mostras de quebrantada. Todos os dias e por todas as partes menos inaccessiveis se veem os de fora assaltar galhardamente, e galhardamente os de dentro repelli-los: a astucia encontra sempre com a vigilancia, o valor embate o valor, as muralhas e a campanha se tingem igualmente de vermelho. Com estes jogos de soldados se desenfadavam os christãos do esperar em quanto se aprestavam as necessarias machinas e artificios para um assalto geral. Por espaço de um mez se misturou o retinir das escaramuças com o estrepito do trabalho de milhares de soldados obreiros ao longo da agua, á direita e á esquerda da cidade, por onde menos inclinada se offerece a serventia para os muros. Em ambos os arraiaes dos estrangeiros se fabricam d'aquellas torres de madeira, ja dos Romanos e Godos usadas nos assedios. Por toda a parte se carream e arrastam os tóros das mais corpolentas arvores: entregues a braços nervudos gemem sob o golpear dos machados, rechinam com o vaivem das serras, rangem por entre a grita do alar, pousam, travam-se, e entre o trovejar dos martellos vão formando paredes sobre paredes, andares sobre andares, até que o derradeiro iguale ou sobrepuje a altura da fronteira muralha. Desdenham estas briosas bastidas alicerces que as arraiguem como as torres de pedra: semelhantes a animaes monstruosos e ferozes, anceam o movimento e o espaço: com a rugidora fronte nos ares, o ferrado corpo aberto em bocas e ouriçado de lanças, de alto abaixo prenhes de vida e furia, correm com seus pés rolantes, arremettem com uma cidade, aferram-na, luctam, e ou vomitando-lhe por cima torrentes de armados a rendem, ou morrem gloriosamente na demanda.

A trez de Agosto, festa da invenção do Protomartyr, estavam as duas torres, fructos de largo dispendio e fadigas, levantadas, perfeitas, munidas, e prestes a marchar, cada uma de seu lado, á vista dos navios attonitos. Quatro d'elles tambem, deputados da frota, devem accommetter de rosto a cidade, lançando do alto de suas armações contra o muro das quatro portas outras tantas pontes, desde a *Porta Antiga do Mar* até á que depois se chamou do *Chafariz d'El-Rei*.

Lissibona entre tanto não está ociosa: espreitou e seguiu attentamente do cume de suas atalaias os trabalhos dos cercadores; conhece todo o perigo que a ameaça, e tem-se aparelhada para o resistir. De duzentos mil moradores nenhum deixou de contribuir para a defensão commum. Aquelles a quem a fraqueza de idade ou sexo impossibilitava o uso das armas, afervoraram-se em aprontar e junctar nos sitios convenientes todos os meios e instrumentos de defeza, amontoar pedras e cantos para arremessos, azeite, pêz, enxofre, e mil invenções de fachos volantes e traves. Tudo que era ou podia ser força, tudo que era ou podia dar morte, saíra de seus armazens, depositos, e recantos, e subíra estrepitosamente para o redor dos defensores, os quaes confrontando a carranca de sua cidade com a do campo adverso, a sua multidão com a pouquidade dos inimigos (porque aos christãos não attribuem as historias mais de treze ou quatorze mil cabeças), e a sua vantajosa posição com a de quem por qualquer parte só debaixo dos pés os poderia pugnar, apressavam com os desejos a hora do conflicto, lançavam olhos satisfeitos aos terrados de suas pousadas e mesquitas, e ja uns a outros se convidavam para o despojo dos quarteis e navios dos Portuguezes e Cruzados.

Estando assim todas as cousas a ponto, dá El-Rei o sinal de accommetter, a que responde como um immenso echo o rugido de uma Cidade. De fora todas as sinas e balsões se meneam, floream-se todas as armas; de dentro toda a coroa de homens que peza sobre a muralha, fica firme como ella: e em quanto o cêrco, á feição de uma serpente que enrosca e aperta um elephante, se vem ruidosamente contraindo, e ameaça todas as portas, e obriga os cercados a lidar igualmente por uma circumferencia desmedida sem poder concentrar-se em parte alguma, as torres e os navios, contra a frontaria e extremos lados avançam com galhardia, prestes ja ja a arremessar-lhes a um tempo as suas seis pontes, seis estradas aéreas para o martyrio e para a victoria. O pequeno espaço intermedio se diminue de instante a instante; vai desapparecer; vão travar-se a braços. Mas uma tempestade de ferro e fogo rebenta de cima do muro e dos cobellos: o vento, que se levantou fero, peleja pelos infieis, repelle os navios cravados de virotões e alastrados de mortos, propaga e enfurece as chammas que se ateam na torre dos Inglezes. Imaginai o tumulto n'esta parte do campo! Edificio de tantos suores e tamanhas esperanças entre os braços freneticos e ferozes de um elemento devorador! Com os estralos das chammas, apupadas dos Mouros, assoviar dos tiros, gemidos dos moribundos e estrepito das pedras pelos broqueis e capellos de ferro, mescla-se aquella celeuma rouca do terror de quem lucta com um incendio. As labaredas zunindo, vãmente perseguidas a ferro por todos os andares, e invulneraveis como um cardume de serpes infernaes, escoam-se d'aqui para silvar acolá com mais furia, dispartem-se para confluir em mais amplo espaço, torcem-se, destorcem-se, labirintam, repassam, triunfam: e o desemparado edificio desabando a lanços sobre lanços, mais não deixa juncto das accommettidas muralhas que um montão abrazeado de ruinas, de madeiros, e de homens, e por cima do Tejo uma cortina de fumo que o vento do norte dispersa d'ante a face da altiva Lissibona, por sobre os topes de duzentos mastros seus inimigos. — Em quanto assim a fortuna a servia e desaffrontava pelo meio dia e pelo occaso, os Theutónicos pelo nascente accommettiam com outro genero de industria, e procuravam pertinazmente á força de machinas romper o muro. Nova torrente de fogo reduz as machinas em cinza: o mestre que ja da brecha incitava os trabalhos, cáe apedrejado e submergido sob um montão repentino de penedos; a ruptura que á sua voz se abríra elle a fica ajudando a tapar com o cadaver.

Por este e varios outros modos larga e memoravelmente se pugnou em todo o circuito da Cidade com perda grande dos Saracenos e maior dos christãos, particularmente dos Francos, os quaes mais leões que soldados, mais temerarios que valorosos, confiados na grandeza e estranha força de seus corpos, corriam, ja singulares ja tumultuarios, a esgrimir mais perto do muro onde choviam bastissimas as frechadas, e cessando só de porfiar quando com o nome de Christo a ultima alma lhes fugia d'entre os labios.

A noute que sobreveio nem para uns nem para outros poude ser de alegrias. Os ouvidos ávidos das esculcas mouras, no seu ir e vir pelos adorbes ou andamos do muro, não ouviram nenhum cantar de soldado pela amplidão do arraial, nenhum folgar estivo de marinheiros dos remotos baixeis negros ao longo das aguas; só passos dos que vão recolhendo os mortos, só alguma sumida toada de cantos lugubres. A cidade colheu sim esperanças e ganhou ufania: nas mesquitas alumiadas dão-se graças a Mafoma, triunfador do Christo; na frequentada alcáçova o Alcaide soberbo, com seus conselheiros e capitães saborêa-se na vingança, e julga ver aberto o dique á torrente das prosperidades; mas em muitas casas chora-se, e em todas, ás portas fechadas que o não ouçam visinhos, ainda se teme: são Cruzados, são Portuguezes, he D. Affonso!

VI.

N'uma tenda humilde, retirada a um dos mais escusos confins do arraial, palpita com as virações da antemanhã a claridade de uma tocha sobre as cãs de alguns religiosos adormecidos por terra, e as faces graves e penitentes de outro, que ajoelhado entre elles e diante de um crucifixo, com alma toda assomada nos olhos, aspira celestes visões nas floreadas paginas de um Psalterio. Mão de fora levantou mansamente a cortina: as estrellas espreitaram aquelle painel digno do seu Creador, até que a um adejo do norte o lume ondeou e se extinguiu, e o solitario, recaindo no mundo, desentranhou do coração um suspiro. — « Não me hajaes a mal, D. João Ovelheiro, que a taes deshoras vos procure (lhe disse o que abríra a tenda): dormido vos fazia e não orando: certo que menos enfadamento vos causára então a visita. Mas pois o desbaptisado d'este vento aguião, de que tanta afronta recebemos hontem nós outros, vos apagou a luz, sahi ora se vos praz, que ja agua acima me parece quer alvorecer, e praticaremos um pouco no que me ha tolhido os somnos de toda a noute. » —

A's primeiras palavras, o Arcebispo de Braga (que esse era) conhecendo a falla d'El-Rei se levantára presto, e ambos saíam, caladamente por algum espaço, contra a beira do Tejo. — « Em dois mosteiros heis sido fundador, meu Senhor Arcebispo de Braga: e tamanho amigo do ermo, lealdade de vassallo e zelo de religioso o trouxeram onde uma barraca em terra infiel lhe suprisse templo. De Matinas vos ergueis, e quando os Anjos alegres da alvorada hospedam vossos antigos irmãos la nos verdes e chilreados hortos de Santa Cruz e de Alafões, discorreis vós ao lado de um homem sangrento, á vista de muralhas e armadas, por entre martyres insepultos. » — « He meu dever (respondeu o Arcebispo) esforçar-vos com a fé até ao humbral da morte; mortos, interceder por vós ao Deus, cujos somos servos tanto os do arraial como os do ermo » — « E de ambos officios vos ides desempenhando fielmente (atalhou D. Affonso): mas outra dívida temos ainda, que na consciencia me carrega; de vós oro ma ajudeis a pagar. Todos esses que ahi jazem sem vida, quanto podiam e tinham a nós e a Deus o hão dado, deixando até seus corpos como moedas á conta do preço que ha de custar esta Cidade. A's suas almas ja Deus, como esperamos, haverá pago: mas a estes pobres corpos, que pelos perigos do mar e pelos inda maiores d'esta desconhecida terra largaram as suas; que se arrancaram d'entre abraços para se arremessarem ao ferro e ao fogo, e ousaram querer morrer onde para a agonia faltavam consolos, prantos para o cadaver, e terra benta para a sepultura; a estes corpos, que hontem nos faziam sacrificio de si, e hoje nada nos pedem nem nos sentem passar, insta que demos sem dilação, como a reliquias de soldados e santos, um campo santo e honrado onde durmam em o Senhor. Duas vozes mo estão clamando; uma d'aqui de dentro, outra la de cima, as quaes me não consentirão nenhum descanço sem que as haja obedecidas. Entendei por tanto em escolher logo e ja, perto de um e d'outro arraial, os dois sitios que mais acondicionados vos parecerem para o effeito, sagrai-os, e recebei o voto que ja d'aqui faço, de n'elles alçar, se Deus for servido ajudar-nos na conquista, as primeiras casas de oração e collegios de re-

ligiosos que haverá n'estes suburbios, os quaes lhes fiquem por monumentos, e onde para todo sempre se lhes perpetuem os suffragios. » — D. João Peculiar (ou Ovelheiro) transportado em espiritual contentamento, derramava lagrimas, esgotando por ouvidos, boca, e olhos as palavras d'El-Rei; a quem, depois de algum silencio, respondeu: — « Grande he a vossa alma, ó D. Affonso, onde cabem ao mesmo tempo a guerra e a piedade. Não vos quebrantem provações de Deus, que o voto haveis de a final paga-lo vencedor, porque em toda a obra santa sempre vos hei visto ao meu lado ou diante de mim. Na paz vós nos ajudastes a fundar retiros para os fugidos do mundo; no meio da guerra vós nos mandaes aparelhar portos para os desembarcados das tormentas da vida; e dilatando para Deus a Igreja, e o reino para vosso povo, nem dos tristes dos estrangeiros vos esqueceis, dando-lhes, quando ja não são, a unica patria que lhes he possivel achar; um torrão, em que junctos pouzem os que nas mesmas regiões nasceram, por iguaes trabalhos peregrinaram junctos, e junctos vieram a acabar do mesmo ferro. As recompensas da Providencia eu vo-las auguro; a gratidão dos vossos, elles vo-la provarão sempre; pela dos estrangeiros, estas minhas lagrimas suaves que vos respondam, que ainda que uso de annos e mercês vossas me hajam feito portuguez, da minha França me lembro, sei o que saudades da patria doem na alma, e nenhuma cousa me apiada as entranhas como o achar estes affectos entre gente não minha. » —

Os dois cemiterios são immediatamente assignalados. O Arcebispo, seguido dos Bispos D. João de Coimbra, D. Oderio de Viseu, D. Mendo de Lamego, D. Pedro do Porto, e dos estrangeiros, e de toda a numerosa cleresia do exercito, os consagra invocando a Trindade Santissima, e aspergendo-os com um orvalho de agua abençoada. Toma depois duas pedras que igualmente benze e entrega a D. Affonso. Este, com devoto animo ajoelhado, as lança para fundamento das duas religiosas fabricas promettidas; e em hora magnifica se foram das mãos Reaes á terra essas sementes, de que brotaram e cresceram dois dos mais sumptuosos templos: aqui, mais visinho da Cidade, no cemiterio dos Inglezes e Francos, o de Santa Maria, denominada para sempre *dos Martyres*, pelo numero grande dos que em tal sitio acharam o somno perpetuo depois das batalhas da fé; alem e mais remoto dos muros, no cemiterio dos Theutónicos, o do padroeiro S. Vicente, occasião das futuras armas da Cidade; basílica e predestinada urna de grandes Reis e Principes. Em um e outro alto, começaram desde logo com as solemnidades rituaes da Igreja os enterramentos dos soldados, caídos na vespera.

De quam perfeitas harmonias não era painel aquelle complexo! Ao meio, a Cidade moura viva e bellicosa: nos recostos, á sua direita e esquerda, as mudas povoações dos finados christãos, como que postos em anfitheatro, para animarem ainda com a sua presença as pelejas, e cambiando misteriosas saudades com a corrente das livres aguas, e com a turba movediça dos navios que ao primeiro vento se podem abalar para suas praias: e entre os milhões de esperanças e alegrias remotas susurradas nas velas, e de alegrias extinctas e gelado nunca dos sepulchros, um acampamento de mocidade a devanear futuros, debaixo de baluartes inaccessiveis!

A Senhora dos Martyres (se por ventura vos recrea folhear para traz nas eras) começou-se desde logo a fundar pelos seus estrangeiros, que na armada se diz lhe trouxeram a imagem: não saíu por então opulenta como hoje a vedes, joia de marmore engastada em povoação rica: foi uma hermida proporcionada com a aspereza do tempo, e (quem o imaginára hoje!) com o desacompanhado do monte. Ahi se congregavam para celebrar e orar quotidianamente pela boa sorte da guerra e descanço dos mortos, muitos clerigos e monges de grandes letras e maiores virtudes, companheiros da expedição — Em S. Vicente, principiada a Igreja, pozeram-lhe os Theutónicos Reitor um Sacerdote seu por nome Roardo ou Vivardo, acompanhado de um leigo, Henrique. Roardo cantava missa todos os dias, todos os dias repartia pelos fieis ao costume antigo as eulogias, o pão bento ou de amor, e recebia do zelo publico as esmolas com que se adiantava a edificação. Henrique, singelamente albergado á porta da começada Igreja, guardava-a dia e noute; e onde hoje ouvimos do alto de grandiosas torres os festivos sons dos sinos revolutear pelos ares estremecidos, tangia elle ás horas uma sineta solitaria á usança de sua terra, mas cujas conhecidas toadas com o seu coração, e com o de muitos, bastantes segredos deviam conversar, bastantes deleites de infancia e de familia. D'este leigo e d'este cemiterio, porque nos desenfademos um momento das armas, apontam as memorias velhas um caso, que se como historico vos travar na garganta, como fructo silvestre ao menos o acceiteis das religiosas crenças e poesia d'aquella idade. — Perecêra no conflicto, guerreando muito gentilmente, um nobre e virtuoso cavalleiro, tambem Henrique, natural de uma villa que se dizia Bona, quatro leguas acima de Colonia, na ribeira de Reyna. Enterrado confusamente com os outros seus conterraneos, acudio a omnipotencia a estremar-lhe com milagres a sepultura, como foi o de dois surdos e mudos de nascença, que tendo-o em sonhos visto em figura de peregrino, com a sua palma ao hombro, cobraram ouvido e falla, com espanto e edificação de todo o exercito. Morrendo alguns dias depois d'elle um seu pagem muito amado, succedeu que lho sepultaram os companheiros mais desviado do que era rasão. Dormia o porteiro alta noute no seu cubículo do atrio: apparece-lhe o Cavalleiro defuncto, e lhe pede com fervorosas instancias, que logo logo lhe desenterre aquelle seu servo e lho restitua, posto a par da sua jazida. Havido o sonho por sonho e despresado do velho, segunda vez lhe torna a visão á seguinte noute com o mesmo recado e mais grave sentimento no aspecto e vozes. Não acabava ainda de se resolver, quando terceira vez se renova o portento, porem mais temeroso pelo agastamento e ameaças do santo. Levantou-se o coitado tremulo e espavorido: era alta noute e morava sosinho n'aquelle funebre deserto. Accende como pode uma candea; e abordoando-se na enxada, apressando os pés trópegos de sepultura em sepultura, chega á do pagem; cava, alça o corpo defuncto, carrega-o sosinho ás costas, e vai-se sepulta-lo ás plantas do seu senhor; bemdita amizade que nem por morte consente apartamentos! Quando ao dia seguinte, se viram e ouviram taes novidades, não só espantaram ellas, senão o presencear-se outra que as confirmava, qual era, estar o bom do leigo, apoz noute assim trabalhada, tão são, fresco, e inteiro de forças, *como se jouvera em sua cama, folgando, sem fazer nada.*

A viva fé n'estes e n'outros milagres renovava e accendia a devoção; que n'aquelles peitos vestidos de ferro se transformava em valor bastante a romper por tudo: nem de menos se carecia que de maravilhas para abonar a presença do Deus das victorias em arraiaes ja quebrantados da fortuna.

VII.

Progredia o cêrco e hiam por diante os aprestos para futuros assaltos, reparavam-se as machinas destruidas, construiam-se novas. A contínua presença d'El-Rei por toda a parte, multiplicava os animos e as esperanças: as frequentes refregas por aqui, por acolá, alimentavam os odios: e n'estas cousas, com varia fortuna se vai consummindo o mais de mez, que decorre desde o grande assalto frustrado até aos outo de Septembro.

O tempo que abastecia e reforçava os de fóra, com todo o mar e terra communicados, exhauria a olhos vistos a por nenhum modo renovada substancia da Cidade. Sobram-lhe braços para se defender, mas d'essa mesma força nasce a fraqueza. A peor inimiga da multidão he a multidão: as vitualhas e aguas decrescem com arrebatamento medonho, e o terror da fome anticipa nos rostos mais animosos a pallidez. Tem a guerra seus fluxos e refluxos, e a gloria pelo menos a contrabalança; a peste escolhe suas victimas e deixa-se resistir; mas a fome de uma cidade, nada a desconta nem consola nem distrae; as fadigas a aggravam, o descanço a exacerba; relaxam-se as virtudes, as azas dos pensamentos nobres descaem, egoismo cego e surdo vai empedrando todas as entranhas. ¿Não será a fome a que mais dissocia as feras e lhes referve a silvestre natureza? Uma consternação feroz murmura pelas ruas e casas. A cada hora, mais um armazem que se exhaure; mais uma matmorra, ou celeiro subterraneo, que se varreu; mais uma cisterna que restitue a mãos tremulas um cantaro vasio, ou espedaçando-o nas lageas descobertas do fundo, ás vozes que de cima a amaldiçoam respondeu com gemido soturno de sepulchro. Só algum abastado que poude precaver de longe a penuria, devora em segredo o que amontoou, regala-se tragando as lagrimas e entranhas de seus irmãos, acautela que nenhum fumo da sua chaminé o accuse em público de viver, e renova graças ao Profeta cada vez que d'entre as cerradas gelosias vê conduzir mais um mirrado para o descanço ultimo do almocabar. Se n'esta infinita povoação, onde cada indivíduo com uma consciencia íntima de forças que protesta raivosamente contra a anniquilação, sente sem embargo acercar-se o seu fim inevitavel; se n'esta povoação desesperada, onde cada um de pé e com a alma inteira conta e calcula as horas da sua agonia; onde se vão pisando um a um todos os espinhos e brazas do declivio para o sepulchro escancarado: se n'esta povoação condemnada, onde cada moribundo não tem mais lagrimas por si que as suas proprias, algum exemplo ainda apparece de generoso affecto, essas excepções sublimes, esses arrojos da natureza para alem de si mesma, só nos entes que ella fadou mais fracos, só nas mulheres e mãis os encontrareis. Essas sim, que primeiro que em si morram teem de morrer nos seus filhos. Quando ja lhes fallece com que renovar um ultimo sôro nas duas fontes da vida, quando espremendo-as ja os labios infantis repugnam saibo de sangue, dão ainda lagrimas, procuram alimentar com beijos; e perdida ja de todo a esperança, apertando nos braços aquelles pinhores, como se os podessem conservar, lhes riem para os distrair, lhes cantam branduras para os adormentar, dormidos os mostram ao ceu, oram, e em favor de um amor prodigioso todos os prodigios crem possiveis. Quem, senão mulher, rastrearia, e mui por longe, o que pelas almas d'aquellas mouras passava, quando se assomavam com os pequeninos ao collo pelos eirados de suas casas, a contemplar os progressos do cêrco, e a inquirir insoffridamente os futuros? — « Que de bandos de soldados a folgar em de redor das abundantes caldeiras dos Ricos-homens pelo arraial! que ir e vir de barcas, de carros, de azémolas assoberbados de todo genero de mantimentos; e um innocente sem ter onde humedeça a lingua! Tantos peixes a sair nas redes por esse dilatado Tejo, tantas aves atravessando estes ares livres, tantas hervas e raizes por esses montes, tanta caça por essas brenhas; e toda esta nossa afortalezada terra sem a substancia de uma folha verde, e até ja erma dos animaes que Allah creára para companheiros dos homens! Invejam-nos o ouro, a prata, as pedras finas, as riquezas de nossas casas: tomai tudo, afóra o ferro, e dai-nos pão. Sim o pão, a agua, e o fogo, para que se não diga de vós : cercaram um grande

tumulo vasio e venceram fantasmas. — Se inda invejaes os louros do Sexto Affonso de Leão, que Deus confunda, se lhe haveis a façanhosa cavalleria o entregar-se-lhe a nossa boa Santarem, quando ja não tinha para lhe oppor ás lanças senão corações espremidos da fome dos quaes não podia correr sangue, aguardai, valorosos de Christo, aguardai poucos dias mais. Se porem sois os que diz a fama, dai-vos pressa em quanto ha de pé quem vos possa receber: com os nossos filhos em braços desceremos ás portas a encontrar-vos, para que humanos uma vez, a elles e a nós encurteis com a espada este agonisar incomportavel; ou a elles os salveis, baptisando-os muito embora. E nós vos pagaremos o maleficio, servindo-vos escravas toda a vida: na paz arrastaremos como animaes as charruas das vossas terras; recolhidos dos combates, com as hervas de nosso uso vos pensaremos as feridas, lavaremos os freios e os pes dos vossos alfarazes.

Continuamente crescia o desalento. Ja se ousava murmurar contra o Profeta: a fé, arraigada por tantas victorias antigas, açoutada da presente calamidade desmaiava n'uns, n'outros hesitava, em muitos se convertia talvez para um culto que assim prevalecia contra o seu. Desatado este principal vinculo de fidelidade, nada podia contrastar o instincto da vida; e a despeito de todos os perigos, e da altura das muralhas, e do trancado das portas, e da vigilancia das guardas, se viam sair da Cidade infelizes, e vir correndo pedir em joelhos baptismo e pão. Nas horas das trevas principalmente, quando á volta dos lumes a christã soldadesca alegrava com jogos e contos a derradeira refeição, se viam despontar de longe aquelles semblantes pallidos que a claridade da chamma promettedora attrahia, e cujas faces descarnadas sorriam triste, quaes se pintam finados que uma luzerna de feiticeiras congrega, e forçados mas pressurosos acodem ao prestigio. Uns, vem ainda escorrendo a agua do Tejo, a cuja torrente de cima do muro se arremessaram; outros, mostram as mãos e vestidos rasgados no descer de pedra em pedra desde o viso dos baluartes, até que fallecendo-lhes as forças ou o animo, ou onde se apegar, o juiso lhes remoinhou, cerraram os olhos, caíram; muitos se resvalaram a salvo por cordas ou longas hastas, mas quando ja respiravam, com os pés na terra promettida de seus desejos, presentidos das esculcas, ouviram das alturas um estalido d'arco, um zunir de setta pela escuridão, e logo nas carnes um topar de ferro. Embalde se irritava na Cidade a vigilancia, se requintavam as cautelas, se punham por obra para exemplo os mais atrozes castigos; os poucos alimentos enthesourados quasi unicamente para as parcas rações dos pelejadores, e tão defendidos com mão armada ao povo como as muralhas ao inimigo, bradavam mais alto que todas as considerações. A migração se amiudava de dia para dia, como de dia para dia se torna mais frequente, em arvore onde o outomno estancou a seiba, o despegar e cahir das folhas amarellas e mirradas, que pois que em seus ramos nataes ja não podem viver, na minima aragem se deixam hir volteando a acabar em qualquer parte. Se a alguns porem d'estes malaventurados os salvava a fuga, a quantos outros não aguardava com mais desabrida morte! aos quaes, ou porque sedado o delirio da inedia que os tinha arremessado aos pés da Cruz, novamente a blasfemassem, ou porque renascido com a vida o patrio amor, tentassem refugir para os seus, ou ja porque insidiassem com falsos ou verdadeiros terrores os seus generosos hospedes, ou emfim porque a arabica altivez lhes não consentisse acurvar-se sem reluctar a christão jugo; lhes eram decepadas as mãos a golpes de machado pelos estrangeiros, que logo com os contos das lanças os repelliam do arraial para o muro. Rugindo e raivando como javalis em meio de cêrco e apupos de caçadores; desatinados entre o mundo que de toda a parte fugia e a eternidade que por todas avançava; passando a revezes subitos da furia á humildade, da desesperação ao espanto; baqueando-se, surgindo, correndo, ajoelhando, erguendo-se, e fugindo sem nunca fugir; ameaçando sem mãos, implorando sem mãos a terra e o ceu; esguichando dos pulsos o sangue contra as muralhas, forcejando trepa-las com os dentes e com os pés, endoidecidos do alto dos cobellos com uma saraiva de pedras e maldições; uns invocando Mafoma, outros blasfemando Mafoma e Jesus, estalavam em torrão de ninguem, senão da morte, sem esperança de lagrimas, de sepultura, de salvação, nem de vingança.

VIII.

Assaz provas tem ja dado de si os Portuguezes guerreando e vencendo mouros; assaz está patente o coração bellicoso dos Cruzados: toda a suspeita de cobardia resvala por seus arnezes ensanguentados como o vento pelos rochedos, e vai expirar aos pés das cruzes de seus cemiterios. Não se espera em ocio torpe que, ralada do interno mal a Cidade, se prostre clamando misericordia, e se deixe sem resistencia despir e agrilhoar: não, outras conquistas estão chamando por D. Affonso, a Palestina pelos aventureiros: o que a fome havia de acabar mais tarde e a salvo, urge que esforço e industria, atravez de perigos, o antecipem.

Desde o outavo dia de Setembro, no lugar da torre abrazada se está levantando outra, de admiravel fábrica e desmedida altura. Sabe-se a patria, não o nome do insigne mestre que a traçou e dirige, he de Pisa: o official que a executa he todo o exercito: o seu dispendio em tempo tres semanas, em fazenda a liberalidade d'El-Rei. — Em quanto assim por um lado descobertamente se aparelhava por onde descer ao alto do muro, pelo lado do muro opposto se mergulhava a furto nas entranhas da terra, por baixo dos alicerces. Ao longo d'elles se estira, ja para mais de duzentos pés, uma tenebrosa estrada, onde até o lume dos archotes desmaia. Aqui os obreiros, se inimigos arremessos os não disturbam, se a guerra com os seus olhos de basilisco os não descobre, com peores terrores se affrontam, porque sobre suas cabeças descança, carregando no vacuo e apenas sustida de escóras de madeira, a monstruosidade de uma muralha com suas torres. A cada passo que adiantam, a cada punhado de terra que subtráem, a cada novo golpe que encetam calados, de ouvido á lerta, medrosos de ruido, póde o mundo sobreposto repentinamente affundar-se. Consideram-se uns a outros, e o estranho sitio onde se embrenham; mortos se afiguram reunidos em noute aziaga n'um só sepulchro. — Como assim procediam pelas trevas humidas e soturnas, percebe-se de um lado um surdo amiudar de enchadões! os homens de armas, que por cautela seguem aos obreiros, se condensam contra essa parte. De instante a instante claream os sons; ja a terrenha parede estremece, esboroa-se, desaba! Descobre-se, como frecha que veio de longe desferida por mão certeira romper o lado de uma serpente e susta-la no seu correr, outra subterranea estrada que por esta entra, reluzente de armas e archotes. Grita de Jesu e Allah roboou a um tempo por aquelles echos novos: as espadas se entreteceram com as espadas, um rio de sangue estreou a virgindade da terra. Era o dia de S. Miguel, quando na igreja se memora a lucta do Archanjo com o Principe das trevas: disséreis que o vencido no ceu viera retentar o combate nos abismos. Recrescia a mourisma em ondas sobre ondas; recuavam brigando os Christãos; até que por sobre cadaveres e moribundos de uns e outros, desembocou ao sol aquella tempestuosa torrente de batalha. Acodem Christãos, não descontinuam de surdir Agarenos; cresce o baralhado redemoinho por cima de toda a mina, retine o ar com os golpes, retreme a terra com o tropear; por entre os vivos que tumultuam junca-se e altea-se de caídos o campo. Com medo de ferir os seus, de envolta com os contrarios, debruçados estão os de cima do muro, devorando com os olhos e accendendo com gritos aquella scena de vertigem, que se representava um como crivo de povo bandejado entre as mãos fortes do demonio da guerra. — Desde a hora nona da manhã durou a matança até ao desmaiar da tarde. Quebrantados então finalmente os infieis, não podendo ja levar por diante a gloria da sua desesperação, determinam recolher pela mesma fauce que tão numerosos os vomitára: mas os frecheiros que defendem a boca da mina, os recebem, e coroam a derrota: raros escapam, nenhum volta á praça senão crivado de feridas.

Senhores novamente os Christãos do subterraneo, continuam de dia e noute em o rechear de materias inflammaveis, o linho, o enxofre, o alcatrão, os vimes, os matos esmirrados, ungidos em pêz e em oleos: revestem de grossas capas denegridas a cerrada falange dos esteios; pelos pés, pelas cintas, pelas cabeças os travam uns com outros: o tecto, as paredes, o pavimento tudo he armado dos mesmos tapises. Representação temerosa de uma leva de demonios negros, que n'um corredor do abismo aguardassem agrilhoados o instante de um alto maleficio!

Mina e torre estão em fim concluidas aos dezeseis de Outubro. N'essa mesma noute se desampara a caverna ao fogo, em cuja actividade confiados, se vão quasi todos esperar em repouzo que o invencivel elemento seu auxiliar lhes haja aberto um caminho para as armas. Mudo está o arraial, mudo o ceu e o rio, muda a valente Cidade, com um mugir crescente de vulcão debaixo dos pés. O incendio invisivel se propaga e enfuroce: pelo boqueirão da caverna vomita, apoz alguns momentos de reflexos ondeantes, linguas de chammas; logo uma só columna desmedida e massiça de labaredas sanguineas, que o fumo aos rolos, aos novellos, ás nuvens, aos torreões, ás florestas de mil braços, rodêa, corôa, mascára, descobre e realça com as varias cores e fórmas de suas cambiantes fantasias, e os ares da noute serena se precipitam com um rugir de trovão soturno, atropelladamente devorados n'esta espelunca de inferno: he um tufão, he a alma do incendio que se esgota e se renova. Tres elementos se estão atormentando na contenda dos homens: o da terra succumbe. Sôa para a Cidade a hora da meia noute com um estampido pavoroso: duzentos pés de muralha desabaram, o fumo e o pó se amontoam pelos ares! Foi este terremoto o rebate de alarma. Flamengos, Lotharingos, Allemães, acordando sobresaltados em suas tendas, lhe respondem com alarido triunfal, e voam tumultuariamente contra a brecha, d'onde o terror deve ter afugentados os defensores. Chegam; as suas ondas trepam e inundam as ruinas: o veo de fumo e pó ja está rôto, e um escarpado monte de fortificações novas lhes apparece carregado de Saracenos, erriçado de morte por toda parte! Enfurecidos com a imprevista resistencia os Cruzados, investem denodadamente: os inimigos os recebem nas pontas e gumes dos ferros com todo o rancor da religião, da fome, do susto e das longas injurias mal vingadas. Começou a peleja sobre a meia noute, continuou até ao meio dia, andou pelos Mouros a fortuna. Os estrangeiros redescenderam quebrados, como as vagas na resaca da maré, e vieram aguardar em seguro que assomasse do outro cabo a bastida d'El-Rei, e que tentados e divertidos os cercados por differentes partes, deixassem esta menos inaccessivel.

Tudo annunciava então um proximo desenlace, e que, n'este ultimo estrebuxar de tão cançada lucta, ou o exercito afogaria de uma vez a cidade, ou a cidade esmagaria para sempre o exercito, ou exerci-

to e cidade pereceriam rugindo e abraçados pelas garras como dois tigres. Mas os contendores, que eram dignos um do outro, fizeram revolver-se ainda a sorte na urna da Providencia por mais quatro dias de transes mutuos. Que de memorias de heroicidade d'essas duas gentes e religiões rivaes não engulio este solo que pisamos! Se o que então se desdenhou ou desesperou de escrever, as caveiras enterradas sob nossas ruas e casas no-lo podessem revelar, que honradas soberbas se não levantariam tanto aos netos dos vencedores, como aos dos vencidos!

IX.

No dia vinte e um de Outubro, dia ja memorando, e assignalado com sangue nos fastos da Igreja pelo martyrio de onze mil santas, determina El-Rei concluir a todo custo. No accommettimento, que vai ser geral, ha dois pontos sobre maneira arriscados; a torre ambulante, e a despenhada sobida do Norte: aos seus experimentados Portuguezes os confia. Deixa aos Lotharingos a brecha: aos restantes estrangeiros reparte os varios lanços do muro: para si nada reserva, apparecerá por toda parte, ajudará e acudirá a todos. He Martim Moniz o Capitão a quem toca vingar com um bando de Portuguezes a mais que difficil espalda da Cidade, e descarregar-lhe ao centro da nuca um golpe temerario, e por ventura decisivo.

De quem este fidalgo fosse quasi não alcançâmos noticia: só o divisâmos como certos Deuses Indígetes da infancia dos povos, que transparecem resplandecendo por entre nuvens. De um Conde castelhano, que a Portugal viera pelos dias de D. Henrique, o presumem neto; mereceu pelejar em Ourique entre os valorosos de El-Rei, na dianteira do exercito; foi por dois filhos origem de duas series de nobreza que ainda permanecem; a só claridade da sua morte lhe supre uma vida patente de façanhas, e o seu nome se vinculou indelevel na Porta da muralha que ainda hoje lhe serve de Monumento.

Chegados á fralda da encosta, Martim Moniz se volta de repente contra os companheiros que, alçados os rostos, contemplavam attonitos o aprumado e fragoso do monte, onde só alguma herva de longe em longe parecêra haver podido tomar pé, e em cuja crista por cima do muro fechado e torreado resaía ainda a alcáçova; massas monstruosas, penduradas, ameaçando despenhos, e cuja mínima parte sobraria a alaga-los: e sobre a alcáçova, sobre as torres, sobre a muralha, os terçados, os alfanges, as azagaias que giram resplandecendo! — « Procuraes o caminho, disse, eu vo-lo ensinarei. Se o accommetter he agro, impossivel nos será a fuga. Se nos recusarem a porta, força la-hemos. Se entramos, captiva está a Cidade: se caíssemos, caíriamos tão alto que vencessemos em gloria os vencedores! Tende fé nas divinas promessas, recordai-vos de Santarem. Adverti como somos postos hoje em exemplo a naturaes e estrangeiros! Encommendemo-nos aos Anjos, que nos acudam com suas azas, e subamos por onde jamais não volveremos a descer. » — E elles subiam arremessadamente: o Capitão lhes levava uma larga dianteira. A cada passo que davam, o terreno decrépito se lhes esboroava debaixo das çapatas ferradas. Ora lhes era forçado tomar as armas entre os dentes, debruçar e valer das mãos para trepar, ora ir fincando pelo resvaladiço do solo as pontas das lanças. Choviam de cima os penedos que, rondando dispartidos para todos os cabos, tomavam alguma da gente, com a qual se hiam, de tombo em tombo, mergulhar no fundo do valle: e as risadas dos mouros ferviam nos ares, e todas as frontes portuguezas tresuavam, e as respirações resfolgavam amiudadas, e os corações pulavam de furor, e a muralha se avisinhava, e os olhos que d'ella se despregavam de relance descobriam por toda parte um estendido e formoso painel do mundo, o mar, a armada, os montes, as povoações mouras, e para traz e para baixo um abismo cada vez mais profundo!

Vendo os cercados que se ousava arvorar escada contra aquelle muro, pôr mão violenta n'aquella porta; como valentes que eram e seguros de si, deixados em cima os necessarios para derrubar os escaladores, descem a abri-la, saem generosamente a campear. Martim Moniz lhes tem rosto, os aperta, os rechaça, os persegue; pela mesma porta que os despejou os recalca para a praça, e embevecido na matança se interna apoz elles. Aqui principiou na apertada senda um fluxo e refluxo dos dois bandos contendores. Mais numerosos os de dentro, não menos varões, e avantajados como gente de casa, precepitam-se rijo, arremessam ante si os Portuguezes. A porta, temerariamente aberta, vai-se fechar; de cima do muro a salvo consummarão a derrota. Moniz, a quem o malogro de tantas fadigas desespera, á porta se atira novamente como trave balouçada de aríete, aguenta-a contra o pezo e esforços de dentro, ruge como leão appellidando os seus soldados, fa-la gemer, bocejar, entre-abrir-se. Inclinado contra ella, com os pés ambos repulsando a terra, com o hombro e com a fronte o madeiro, sobejando-lhe ainda alma da que em todos os membros lhe pullulla para esgrimir a espada, ora com ella acena aos companheiros, ora pela abertura cada vez mais devassa a rodêa como corisco pelos rostos e braços dos resistentes, até que fraqueando estes um pouco, e sendo ja perto Portuguezes, pondo no empenho o ultimo de suas forças e escorrendo em sangue que ja de largas feridas lhe repuxa, entre o umbral e a couceira se arroja; deitado e moribundo barafusta ainda; offerece-se por ponte á vingança portugueza; e sentindo sobre si o correr de soldados seus, que ja não pode ver, despede com um grito de alegria a grande alma, e abre da mão a espada, finalmente viuva.

Emquanto assim a Cidade era perseguida pelo norte, defendia-se ella nas suas duas orlas de nascente e poente. Os Lotharingos, desde que a torre assoberbada de bellicosos varões portuguezes se avisinhou do opposto muro, recommetteram a brecha. Os Flamengos e Allemães assaltam com maravilhosa galhardia a muralha, trabucam machinas por toda parte; não tardará a se arrear a ponte levadiça da torre. A fama, que voa e revoa desacordada por dentro da povoação, encarece e multiplica os perigos, diffunde ao mesmo tempo a heroicidade e o desalento. O valor e o terror dos desesperados, os alaridos dos inermes, e o retinir dos anafiles, e o vozear dos Capitães se accendem mutuamente. He uma nau grande em temporal desfeito, perseguida de todas as vagas; os passageiros fechados no fundo a carpir-se da morte que ja ouvem rebramir por fora, os mareantes e mestres todos em seu officio, anteparando a entrada ás ondas, despejando as que entraram, e trabalhando pela salvação commum até depois de perdida a esperança. Taes andavam grandiosos, a braços com todos os fados, os indómitos filhos do Profeta. A torre, a torre sobre tudo os affrontava, que alem de desconforme na grandeza, horrenda na solidez, e por artificios e engenhos pugnacissima, tremúla no vértice o estandarte de Ourique, trasmostra por todos seus andares de frestas, cabeças e armas portuguezas. Contra ella pois se encarreira a maior furia: um vendaval de pedras disparadas das manguellas mouras, lhe açouta a frontaria e os lados, como saraiva densa, e lhe varre da esplanada quantos lidadores ahi renascem. Quasi he cercada a flor dos cercadores dentro na sua propria fábrica, retraindo-se ja da morte que em todo o de redor lhes troa e os desarma. Os infieis, animados de tão próspero agouro, ruem em chusma ao campo, e com a espada na direita, esgremindo-a e fazendo praça, sacudindo na esquerda archotes e lanças com fogareos inextinguiveis, arremettem contra a bastida, contra o monstro que, de garras encolhidas, e caminhando vagaroso, se achegava á muralha. Ja esta listra movediça de fogo e ferro se encurva para o abraçar. Não bastam os de dentro a resistir, alvorota-se de longe o campo, acodem os estrangeiros: o incendio começado, com o sangue dos Mouros se apaga; e mais feliz que a sua predecessora, a torre soltou emfim as cadêas de ferro á ponte levadiça, a qual assentando estrepitosamente sobre o muro e mostrando logo Portuguezes, produziu o effeito repentino de feitiço atirado a mar tempestuoso. Lissibona deixou cair os braços e as armas pasmada! E como se a sua hora derradeira lhe houvera dos ceus resoado no espirito, em signal de paz estendeu a dextra á do inimigo.

X.

Reina a alegria no acampamento e na armada. A desesperação da Cidade transformou-se em tristeza misturada de esperanças: nem um alfange passea sobre os muros, nenhuma voz ameaçadora os insulta de fora. Os Capitães Portuguezes que sobrevivem metteram nas fundas as sinas, e as plantaram em de redor do pavilhão Real; sinas e pavilhão os soldados os coroaram dos ramos ainda verdes que o benigno outomno da terra conquistada lhes offerecia. D. Affonso assentado no meio dos barões, prelados, e ecclesiasticos graves, naturaes e forasteiros, com serena magestade recebe o Alcaide Mouro. Este Principe, em cujo semblante descarnado vinha expresso o infortunio e constancia da sua Cidade, á porta da tenda se deteve, contemplando com amargura, mas sem altiveza nem humildade, os descobertos e reserenados rostos dos descrentes. A presença d'El-Rei o absorvia principalmente. Disséreis que a sua alma estava procurando consolar-se da forçada vassallagem, com a só gloria de o haver por tanto tempo contrastado.

Emfim, tirando do seio as chaves dos ja abertos muros, e não lançando-lhas aos pes, mas pendendo-as no mais alto da lança arrimada ao lado d'El Rei, disse: « Não ha Deus senão Deus, nem mal que elle não dê para bem, nem bem que d'elle se não dirive: Mudador das cousas, segundo seu entendimento, Facilitador do difficultoso, Distribuidor dos poderes, e riquezas! Ben Enrik, poderoso cabeça de Christãos, estava escrito que tu nos vencerias. Quando do norte baixavas contra estes baluartes, vimos uma noute a Lua sobre nós eclipsar-se: e agora, um dos nossos astrologos nos annunciou que o proximo Sol do mez Jumadit-tani se nos eclipsaria igualmente: a noute e o dia conversam para o alto com os Anjos sabedores do occulto, e escrevem com trevas aos olhos do mundo o comêço e remate da nossa ruina! Mas os que te resistiram na esperança e na desesperação, merecem o teu respeito. Nada para mim te peço, que na hora em que a minha espada morreu diante da tua morri eu ás felicidades; e a mão do lavrante de marmore rijo, seroará á candea da meia noute, para concluir a tempo o turbante esculpido na pedra do meu monumento: só para os restos d'este meu povo te supplico misericordia. Merecem-na elles, que são ouro fino acrisolado em cadinho de infortunio, e a misericordia coroa as victorias como o diamante sem nevoa que abrocha um ramal de coraes encendidos, e doce recende como o cacho das támaras que brota no cume das palmas. De nós se hão apartado os olhos do Profeta em castigo de peccados, porque o Saraceno anda a braços com o Saraceno; o sangue dos Almoravides contaminou as mãos dos Almohades, e o dos Almohades as dos Almoravides, desde a Mauritania até Córdova, desde Córdova até a estas costas do mar grande. O' Ben Enrik, tu foste o açoute de Deus, punidos estamos; não sejas como os Magioges, que no anno 229 da hegira, ha mais de trezentos agora, vieram das ultimas terras boreaes des-

truindo tudo o que respirava, o minino sem odio e o velho sem forças, as mulheres ramalhetes e favos da vida, e os animaes domesticos, as casas do orar e do viver, e os bosques, os pastos e as searas, que são a mesa posta de Deus para passaros, brutos e gente; e por treze sóis se embriagaram com o vapor de seu maleficio, até que Deus, que por elles nos castigava, pelas armas dos nossos chefes Muslimes os desbaratou para os mares. Não uses de crueldades escusadas contra gente sem defeza, para que o destino, que pela mão te guiou, te não dê com a outra mão cerrada nos peitos para traz: concede as vidas aos que pela religião de seus maiores as baratearam; dá acabar em suas terras aos que tão briosamente as defenderam. Prohibe á tua hoste a entrada na Cidade antes de tres dias andados, para nos despedirmos quietamente e sem testemunhas das casas onde foram acalentados os nossos berços, festejadas as nossas bodas, carpidas as nossas mãis: e então nós sairemos para o bairro que Deus por ti nos conceder, ou para povoar e cultivar os teus campos. Sairemos como Agar e Ismael, com as mãos vazias, deixando-vos amontoados todos nossos thesouros, e não levando comnosco senão as nossas penas. Aquelle que rege a fortuna, de Mossolemanos e Nazarenos adorado, Allah Grande, Poderoso, Justo, sem principio nem fim, te remunere a misericordia de que usares para comnosco, bafeje lealdade aos corações de teus subditos, como a alva bafeja fragrancias ás rosas da estação de Arrabio, e o calor substancia ás espigas da quadra de Assaif: te mantenha castidade na esposa, esperanças em filhos numerosos, contentamentos na consciencia, em quanto durar o exercicio sereno do somno nocturno e o melódico arrulho dos pombos sobre os ramos das arvores. »

El-Rei, havido conselho com toda a assemblea, despediu honradamente o Alcaide, que se tornasse para os seus com o bom despacho de quanto requeriam. —Tres dias depois saíam por todas as portas da Cidade ondas e ondas silenciosas de familias saracenas; umas para o burgo do norte que El-Rei lhes consentia, outras para as aldeas circumvisinhas, que ainda hoje pelas fisionomias, e immemoravel nome de *saloio* estão recordando o arabe de sua origem. Ao mesmo tempo sobiam em solemne procissão pelas estreitas ruas de Alfama o Arcebispo Metropolitano, e o luzido concurso dos Prelados, clerigos e monges, naturaes e estrangeiros, atroando com os hinnos da Igreja, e canticos de Laudes as despovoadas casas, por traz de cujas adufas nem um rosto de donzella se via alvejar a furto, nem reluzir uns olhos curiosos e vivos de creança. A' legião santa dos levitas, que ufanamente arvoram o balsão da cruz, seguem-se em mãos de lustrosos alferes o estandarte das quinas e as mais alferenas de diversas cores dos Ricos-homens portuguezes e Senhores auxiliares, que todos vão com passo grave, fronte descoberta e inclinada, aos lados de D. Affonso. Logo, os atabales, tambores e trombetas, pregão da guerra emprestado ao triunfo, sons alvoratadores das entranhas, que semeam a festa nos combates e a soberba nos regozijos. Atraz, os pelejadores, que no seu pisar rijo e pezado, como que vão cunhando o seu dominio no solo que mercaram a ferro. Por ultimo, o borborinho do vulgo, tropel e relinxos dos cavallos, rolar dos carros, e todo o estrondo da futura vida de uma cidade a fermentar confusa e apertada no germen. Emquanto estes se derramam pelas desconhecidas ruas, se engolfam pelas casas, ou remontam aos muros e torres, vai a procissão com as preces, agua benta, incenso, e flores, convertendo, santificando e ornando as mesquitas que, semelhantes a esposas restituidas a seus primeiros amores, se alegram nas galas de outra vez se ouvirem chamar igrejas. — O bordão que ha de pastorear o rebanho, com sujeição á cabeça de Braga, he entregue ao virtuoso Gilberto, como ao Rico-homem Pero Viegas as chaves e espada da Alcaidaria da Cidade. — Por tudo olha, a tudo dá movimento a providencia d'El-Rei: reparte pelos estrangeiros as promettidas riquezas; aos que hão de ficar amalha ou demarca terras em que vão povoar; as ferteis planicies de Balata (Valada) ao Conselho do Municipio Lisbonense as commette, para maternalmente se distribuirem em cada um anno pelos pobres do Termo; aos Mouros forros, arruados na sua Mouraria ou repartidos pelos campos, concede segurança e protecção, que alguns annos depois lhes confirmará por escriptura, para que nem christão nem judeu lhes possa empecer, e elejam d'entre si um Alcaide para os seus negocios e contendas. Culto, costumes, trajo, tudo lhes será consentido; e por conhecença de vencidos e subditos pagarão os tributos; um *maravedi* por cabeça, no dia do anno novo — *alfitra*, *azaqui*, *e moque*, que serão a dizima dos gados, a de todos os trabalhos, e a quarentena de quanto possuam; com o encargo mais de amanharem as vinhas da Coroa. — Com todos estes cuidados da paz, e com os das proximas batalhas, que ja apparelhava aos castellos visinhos, se misturava o que de tudo era em El-Rei raiz e remate, o pensamento religioso; e simultaneamente pulavam para os ares a magestosa Cathedral, e os dois votados monumentos da victoria, a Episcopal Igreja dos Martyres, e a fastosa basilica de S. Vicente de Fora.

Leitor, se alguma vez passares em treze de Maio por diante dos Martyres, ou em vinte e cinco de Outubro pelo terreiro da Sé, e ouvires la dentro as toadas dos orgãos e canticos, e vires logo pelas portas patentes ir saindo uma Cruz, brandões, sobrepellizes, dalmaticas, rezas, incensos; abstem-te do sorriso da moda, descobre nobremente a fronte portugueza, lembre-te que são as acções de graças pelo principio e fim do assédio, que desde o anno 1147 se tem sem interrupção até ao presente renovado. Se impellido de um pensamento antigo, acompanhares tambem essas procissões ao recolher, nos Martyres mostrar-te-hão ainda as reliquias dos soldados santos: na Igreja Maior, ao passar pelo vestíbulo, saúda a pedra veneranda que te falla do lado direito.

NOTAS.

Pag. 33, no principio. — De documentos portuguezes, para a relação que fazemos da Tomada de Lisboa, só nos ajudou a Escriptura da Fundação de S. Vicente de Fora, publicada por Brandão no *Appendice da Part. III. da Monarchia:* o Chronicon Lusitano ou Gottorum, e o Lamecense contentam-se com apontar ou encarecer esta Tomada, sem entrar em particularidades. — He documento de grande respeito pela sua quasi coevidade, tendo por data o anno da Encarnação 1188, terceiro do reinado do Senhor D. Sancho I, quando ainda existiam testemunhas vivas e muito auctorisadas, que nomea. Algum moderno, á falta de boas provas para lhe dar garrote, mostra como pode a sua boa vontade de o arruinar, dizendo, sem mais razões, que *não responde pela sua authenticidade*, e isto ao mesmo tempo que declara não o conhecer fora de Brandão. He o grande achaque dos utilissimos folheadores de cartorios por officio: a sequidão de escripturas de doações, compras, vendas, contractos, e testamentos, resequiu-lhes toda a parte viçosa do ânimo; a descarnada linguagem do necessario os affez á mais religiosa abstinencia do deleitoso, e onde lhes apparece relação um tanto viva e circunstanciada, ja os tomam frios e febres, ja lhe fazem cruzes como hermitão santo que viu mulher, ja fogem para o escuro da cova ou para as penitencias das silvas. Assim fôra esconjurada, com bem pouco fundamento, a Escriptura da Tomada de Coimbra por D. Fernando, e sem nenhum a do Rendimento de Santarem por D. Affonso Henriques. — Ora, tambem nós não houvemos presente o original d'esta relação de S. Vicente, e todavia temo-la e havemo la por authentica e genuina; e ahi vão os porquês. Mas antes de tudo, á auctoridade do moderno que a não viu, e pela sua authenticidade não responde, contrapomos a auctoridade do grande Brandão, que não cede em crítica a nenhum dos modernos, o qual tendo-a visto a reputa verdadeira.

Ha alguma cousa mais e muito mais que a auctoridade, he a convicção que resulta da attenta anatomia por todas as entranhas do documento. O anno de 1148 em que elle dá a tomada, não he bem liquido se se não imprimiria por erro, sendo que o mesmo Brandão na *P. III Cap. XXVI do Liv. VIII*, lê 1147: mas se o não houve de impressão, tambem de cómputo o não haverá fazendo-se a devida distincção entre o anno da Encarnação e o da Circuncisão, como advertiu J. P. Ribeiro quando em geral tractou de tal materia, e quando particularmente menciona esta Escriptura em o *Tom. III das Dissert. Chronol. Append. IX. p.* 131 e 132. Demais, a clausula, *decimo octavo regni sui anno*, que igualmente se acha, como ja notamos, na chamada Oração da Tomada de Santarem, tira toda a suspeita de que fosse aqui escrita com erro a data da Tomada de Lisboa, pois que recuando dezoito annos do de 1147, nos acharemos em o de 1129, em o qual, levantado o cerco de Guimarães, se pode dizer principiára o reinado do Senhor D. Affonso em todo o Portugal de então.

Agora, acareado o documento com todas as Chronicas estrangeiras, que talvez se não conheceram entre nós antes do Sec. 16, tempo em que ja elle era velho, assim como com outras que só nos Sec. 17 e 18 vieram á luz, de nenhuma he desmentido, antes de todos esses testemunhos se ajuda e os ajuda. Longo seria escrever tal confrontação, assim como a nós fizemos para nosso convencimento, póde o leitor curioso e desoccupado repeti-la para o seu. —

Uma só suspeição poderiam pôr, que seria o dar-se ahi a El-Rei quarenta annos de idade dissolvamo-la. A data do nascimento d'El-Rei ainda hoje não he demonstrada. Mas demos que a verdadeira he a de 1110, como quer Brandão, e não a de 1107 de que o documento reza; o que se segue d'ahi he que o escriptor não teria bem presente essa circunstancia, o que não fôra para espantar, porque nos parece que a cousa não estava bem assente n'aquelles mesmos tempos, e isto talvez por ter o Principe nascido fora de Portugal, quando o Conde D. Henrique andava mais envolvido em guerras com Galegos e Leonezes, e o sul dos seus Estados mais revolto com levantamentos de Mouros e perdimento de muitas e boas terras: periodo este em que a historia anda tão desatinada, e esquecida até das cousas principalissimas, tocantes ao Conde, que nem sequer acerta a dizer-nos que partes fossem as que n'essas mesmas guerras elle seguia. Que muito he logo que em tempos, alem de tão perturbados, tão ignorantes e descuriosos, se não tomasse na memoria de todos nota fixa do nascimento de uma creança, que procedia não de Rei mas de um Conde que a fortuna parecia desamparar, de uma creança de quem ninguem podia adivinhar que viesse a ser o que foi. Sabido he haver documentos, de inconcusso credito, entre si discordes no datar este acontecimento, sendo todavia de notar para ajuda da nossa hypothese, que todas as variantes se limitam entre o anno de 1106 em que por morte de D. Affonso VI. rebentaram aquelles disturbios, e o de 1110 em que mais accesos andavam. — Advertiremos, para que melhor se avalie o desinteresse da presente apologia, que a Memoria a que alludimos de pouco nos serviu, porque das Chronicas estrangeiras colhemos quasi tudo que no nosso artigo desenvolvemos.

Convirá agora dar alguma conta d'essas outras fontes, flamengas, allemãs, francezas e inglezas, das quaes algumas ha nunca citadas nem conhecidas de escriptor nosso, quer antigo, quer moderno.

Veterum Scriptorum et Monumentorum amplissima Collectio. Parisiis: 1724. N'esta preciosa compilação dos Benedictinos de S. Mauro, Martene e Durand, acha-se a pag. 800 do Tom. I. uma Epistola do Padre Flamengo Arnulfo, testemunha ocular, para Milão Bispo Morinense. O primeiro que entre nós a mencionou, e traduziu em parte [ainda que ás vezes mal entendida] foi o João Bautista de Castro na *Quinta Parte do Mappa de Portugal.* — He este o principe de todos os documentos que temos de mencionar. Quanto aos factos, sua ordem e datas, nunca d'elle nos apartamos. Só o taxamos de que se deixasse cegar tanto do amor da sua gente, que dos trabalhos e louvores dos Portuguezes, assim como dos bons serviços dos Inglezes e Francos, quasi não dissesse palavra.

Appendix ad Chronic. Mariani Scoti, pelo Abbade Dodechino, tambem testemunha presente. Parece um resumidor do supracitado, com quem muitas vezes até nas palavras se encontra: Tem só de mais o declarar muito expressamente a derrota que os Mouros fizeram nos christãos *circa beatæ Mariæ Assumptionem*, que á vista de Arnulfo, entendemos ser no dia da Invenção de Santo Estevam, e immediatamente anterior á fundação dos dois cemiterios, por vehementes conjecturas suggeridas da lição attenta da Escriptura da Fundação de S. Vicente.

Annales Helmoldi seu Chronica Slavorum. Francofurti: 1581. Helmoldo vivia no mesmo seculo, e foi parocho no Bispado de Lubeque, por ordem de cujo Prelado escreveu a sua Chronica. Particularisa melhor d'onde eram os estrangeiros: abunda porem em erros intoleraveis, taes como, confundir Portugal com Galisa, e talvez o Porto com Compostella; pôr D. Affonso Henriques, a quem chama Rei da Galisa, presente ao desembarque dos Estrangeiros em Santiago; fazê-lo marchar por terra para Lisboa, ao mesmo tempo que elles partiam por mar: o que porem de tudo, mais he para riso, he o despejo com que diz, formaes palavras: *tomada a Cidade e expulsos os barbaros, pediu El-Rei de Galisa aos forasteiros que lhe dessem a Cidade despejada, sendo primeiro entre elles repartido socialmente o despojo;* e isto depois de haver dito que El-Rei trouxera um forte exercito, *validum exercitum.*

Roberti de Monte Appendix ad Chronographiam Sigeberti. — Rerum a Germanis per multas ætates gestarum. Francofurti: 1613. Roberto Abbade do Monte de S. Miguel, em Normandia, muitas vezes citado, e com apreço, pelos historiadores do norte, foi tambem contemporaneo. Sendo tão diminuto como exacto na narração do itinerario dos Estrangeiros e duração do cêrco, he comtudo o primeiro que nos offerece o numero dos cercadores, que poem em 13.000.

Rogerio de Hoveden, Inglez. Viveu não menos no Sec. 12. Não se nos deparou fora de Brandão. Accrescenta á tomada de Lisboa a de Almada, e mais terras visinhas, com o soccorro dos estrangeiros.

Henrique, Arcediago de Huntingdon em Inglaterra. — Repetimos d'elle o mesmo que dissemos do antecedente.

D'aqui avante os não contemporaneos do acontecimento ou do Seculo, quanto podermos na sua ordem chronologica

Gervasio.... } *Historiæ Anglicanæ Scriptores. Londini.*
João Bromton } 1652. Floreceram nos Sec. 13 e 14. O 2.º d'estes dois Chronistas affirma que uma *grande parte dos estrangeiros era da animosa gente de Inglaterra.* Ambos tresvariam em attribuir aos Cruzados a expugnação de Almeria, que foi anterior alguns dias á de Lisboa, e na qual, alem de Hespanhóes, só concorreram Francezes e Italianos. Talvez os enganasse a semelhança dos nomes *Almada e Almária*, e a proximidade de tempo em as tres conquistas.

Jacobi Meyer — Compendium Chronicorum Flandriæ: an. 1538. Traslada Roberto do Monte: e no que accrescenta do seu acha-se um erro de ponderação, quando affirma que D. Affonso instituiu em Lisboa um *arcebispo*, sujeitando lhe seis outras cidades tomadas aos mouros.

Christophoro Brower e Jacob Messenio, Jesuitas — Antiquitatum et Annalium Treverensium. Dão o dia da chegada da expedição maritima de Colonia ás costas de Inglaterra, que em nenhuma outra parte achámos; mas parece ser menos exacto o que affirmam, que fosse ahi, e não no proprio porto de Colonia, que a armada de Lotharingos e Allemães se reunisse com a dos Flamengos.

Joannis Buzelini — Gallo Flandria Sacra et Profana. Duaci: 1625. N'esta obra achamos a primeira menção do Conde de Flandres, Theodorico, no numero dos aventureiros. O autor da-nos a noticia curiosa de que, apoz a tomada de Lisboa e de algumas outras cidades em Portugal, o Conde partíra com a sua gente para a Syria a auxiliar o assedio de Damasco, e a odios e rivalidades entre elle e os outros chefes attribue o desgraçado exito d'essa jornada. Numéra tambem, como socios da expedição Cruzada em Lisboa, o flamengo Roberto Senhor do Castello Insolense, Simão Bispo Noviomense, e Alviso Bispo Atrebatense.

Francisci Haræi — *Annales Ducum seu Principum Brabantiæ totiusque Belgii. Antuerpiæ*: 1623. — Quer que a armada dos Cruzados se destinasse á Terra Santa. Nada adianta.

Sethi Calvisii — *Opus Chronologicum ad annum* 1685. *Francofurti*. 1685. Enumera entre os aventureiros, alem do Conde de Flandres, Erico Rei de Dinamarca, o Bispo de Breme, e *Burgundus*, que não chegámos a entender quem seja. Erra a data da saída de Inglaterra, que poem a 12 de Abril, no que todavia vai conforme com o *Fortalitium Fidei lib.* 4., assim como erra o dia do rendimento de Lisboa, que foi aos 21 e não aos 25 de Outubro, sendo este ultimo dia notavel comtudo por ser o da entrada, segundo a conciliação de Brandão. A estes erros de data accrescem outros muito graves de factos. Attribue aos aventureiros a tomada de Córdova e Almeria, que os mouros, diz, tornaram a recuperar depois da partida da armada. — A expedição de Cordova teve sim lugar n'este [illegible] em Janeiro, isto he muito antes que os Cruzados [illegible] sahissem de suas terras para as Hespanhas; não figuraram n'ella estrangeiros mas só hespanhóes com o seu Rei Affonso, e os mouros almoravides, então seus alliados. Emquanto á tomada de Almeria, bastará o que acima dissemos.

Hertenberger, Jesuita — *Historia Pragmatica Universalis: Francofurti*: 1765. Accrescenta que o Imperador Conrado, [illegible] se em Colonia, apparelhára a armada dos Belgas e Lotharingos inferiores, para irem accommetter os Saracenos de Hespanha, para o que muito concorrêra tambem S. Bernardo. Faz proceder estes aventureiros *ex Ubiis, inferioribus Lotharingis, Flandris et Frisiis*. — Conclue reportando-se ao Cardeal de Aragonia, na Vida do Papa Eugenio III.

Henrique Schäfer — Historia de Portugal, escripta em allemão. *Hamburgo*: 1836. He este Escriptor o mais sciente e exacto dos estrangeiros ácerca das nossas cousas, como aquelle que bebeu, quanto lhe foi possivel, nas melhores, e até nas mais modernas fontes; e escreve com a elegancia e filosofia de allemão. Emquanto ao nosso assumpto, segue, como nós, Brandão, em dar aos preparativos para o cerco de Lisboa o Abril e parte de Maio que decorreram desde a tomada de Santarem. Entende, e n'isto discordamos, que o auxilio estrangeiro appareceu inexperado. — Não atinamos em que autor achou que o Conde Arnulfo, ou Arnoldo, de Areschot fosse o Cabo da armada. — Segue nas circumstancias do cêrco a Carta de Arnulfo; e conclue que havendo-se os Cruzados contentado com os thesouros do despojo, depois de invernarem em Lisboa, se fizeram á vela no principio de Fevereiro de 1148 para o seu destino, o Santo Sepulchro.

Terminaremos esta Nota dizendo, que nos parece poder affirmar, sem presumpção, que pela primeira vez agora vai miuda e o menos incompletamente contada a conquista de Lisboa por D. Affonso Henriques. Permittimo-nos orna-la com o esmalte, com descripções e discursos de fantasia: he a nossa moda, ja d'ella démos rasão, e conserva-la-hemos.

Pag. 33 *col.* 1 *lin.* 9 — Sobre o Endovélico, antiga Divindade dos Lusitanos, pode-se ver uma Memoria publicada por Matheus de Sousa Coutinho, em o *Jornal de Coimbra Num. XL. P. II.* e o *Elucidario*.

Pag. 33 *col.* 2 *lin.* 11 — *Lissibona* por Lisboa acha-se em autores arabes. *Aschbounah*, segundo Herbelot na *Bibliotheca Oriental*, parece ser o nome com que elles antigamente a designavam.

Pag. 33 *col.* 2 *lin.* 13 — *Alfella*, segundo Fr. João de Sousa, significa campo ou arraial, onde os arabes do campo armam suas tendas e fazem morada por certos tempos. Deriva-se do verbo surdo *halla*, pernoitar em um lugar, morar por certo tempo. Era, conforme a *Chorographia Portugueza*, o nome do sitio onde depois se fundou o Convento da Graça. Mas o Padre João Bautista de Castro, em lugar de *Alfella* lhe chama *Almofala*, que parece significar o mesmo. — Seguindo este mesmo Autor, ao alto da Penha de França se chamava *Cabeço d'Alperche*, que vale tanto como do pecegueiro.

Pag. 33 *col.* 2 *lin.* 46. — Ha quem pertenda que *Alcaçaria* designasse um mercado, por ser esse o nome que os Arabes davam a um edificio á feição de claustro, com muitas casas e lógeas para os mercadores, e uma unica porta que se fechava de noute, e só com dia claro se abria: de *al Caiçar*, o Cesar, derivam os arabes este nome, por terem para si ser este Imperador quem primeiro mandára edificar taes casas á romana, no Oriente. O Senhor Moura, traduzindo a *Historia dos soberanos Mahometanos*, diz a pag. 37, que o Principe Edriz «edificou em Fez as alcaçarias, que cercou de mercados por todos os lados» e em uma nota dá a esta palavra a sobredita significação. As Alcaçarias de Lisboa bem podiam, pelo seu assento, e contiguidade do rio, ter servido para semelhante uso. — Segundo outros, Alcaçaria exprime lavanderia, ou lugar dos banhos, do verbo *caçara* lavar. Tambem, e melhor ainda, toa esta interpretação, porque são aquellas aguas, alem de abundantes, famosas para banhos, e as abluções, sobre suas outras particulares virtudes, entravam nos usos rituaes dos Musulmanos — Outros emfim, e d'esta conta he Bluteau, derivando alcaçaria de *alcacer* que na lingua mourisca designa Palacio Regio e acastellado, querem que os Reis mouros ali tivessem uns Paços. Nós preferimos esta ultima explicação por irmos com um resto confuso de tradição, mas nada affirmámos positivamente.

Pag. 33 *col.* 2 *lin.* 56 — Veja se a *Academia dos Humildes e Ignorantes, Tom.* 1. *Confer. II.* Ahi vem miudamente a noticia do echo da cisterna do castello, o qual repetia uma palavra por espaço de um quarto de hora, e do que um burro que la desceu contou acerca da immensidade e magnificencia do subterraneo, e da opinião que se teve de haver sido aquelle um dos mais famosos templos da gentilidade, ou mesquita estendida por baixo não só do castello mas de toda a Cidade, e cuja entrada era pela rua de S. Crispim. Nós fomos fallar ao boral d'esta mesma cisterna, e nenhuma voz nos respondeu. Um amigo nosso, que levado de igual curiosidade, havia feito alguma cousa mais, e mandado descer exploradores, averiguou ser toda a fama de templo uma pura fabula, e não ter nunca ahi havido senão o que affirmamos no texto.

Pag. 33 *col.* 2 *in fin.* — Entendemos que o burgo ou arrabalde de Lisboa mourisca se estendia tambem pelo lado do norte, e não só pelos de poente e nascente, como parece a Brandão, estribado na Escriptura da Fundação de S. Vicente. D'essa mesma Escriptura, e precisamente do passo d'ella d'onde tira a sua persuasão, tiramos nós a nossa em contrario. Diz-se ali que os Theutónicos occuparam e habitaram a plaga oriental da Cidade *expulsis inde Saracenis* — os Inglezes, Bretões e Aquitanios se albergaram nos suburbios do occidente, *fugatis inde paganis* — o Rei com os seus capitães e mais barões cercava da parte do Septemtrião, nos valles e outeiros que por ali ha, *fusa multitudine vulgi*. Brandão traduz esta ultima clausula: *estando a multidão de seu exercito espalhada* etc. nós traduzimos: *desbaratada d'ali multidão de povo*. Por nós e contra elle estão 1.º a correspondencia de expressão nos tres membros parallelos d'este periodo — 2.º a significação mais natural das duas palavras, *fusa*, *vulgi* — 3.º uma presumpção tirada da rasão do sitio, que de certo não era o menos, se já de todos não fosse o mais accomodado para povoação. — Finalmente até para nós temos que dos tres lados seria este o mais habitado, pela circunstancia *multidão de gente*, que em os outros se não poz, e porque foi este o bairro que se veiu a deputar aos mouros para sua residencia, depois de tomada a Cidade.

Pag. 34 *col.* 1 *lin.* 3 — Dissemos que em memorias escritas se dava á Lisboa dos mouros o numero de duzentos mil moradores, e Brandão diz que segundo essas memorias estrangeiras duzentos mil foram os mouros que morreram no discurso do cerco. Deixando para logo o averiguar qual das duas asserções seja mais racional, agora examinaremos qual d'ellas he a mais auctorisada. O maior de nossos abonos, por ser de Arnulfo, testemunha ocular, cuja carta Brandão não viu, diz expressamente que *a victoria foi consummada em duzentos mil e quinhentos Saracenos*, cómputo este adoptado pelo Abbade Roberto do Monte, escriptor do mesmo seculo. O *Fortalitium Fidei* pelo proprio Brandão citado e traduzido no *Cap XXXI do Liv. X da Monarch.* diz: *Foram vencidos os inimigos cujo numero chegava a duzentos mil e quinhentos.* E por não deixarmos de fora, com quanto seja moderno, outro escriptor, que tambem d'isto falla, o Jesuita Hertenberger assenta quasi no mesmo numero. Isto por nossa parte. Pela de Brandão não achámos um só autor. Não pertendemos [e Deus de tal nos defenda] suspeita-lo de menos veridico; estamos porem persuadidos que, apesar do seu muito juizo e escrupulo, caíu tambem d'esta vez em erro de interpretação. Elle mesmo se constrange para tragar o que nos appresenta, e ajuncta o seguinte correctivo, que *o numero dos duzentos mil se deve entender de todos aquelles que pereceram em o discurso d'este famoso cerco, assi da gente da Cidade, como da que lhe vinha em soccorro de varias partes*: e que, *se ainda assim parecer o numero demasiado, o accommode o leitor ao que julgar por mais ajustado á rasão, que a elle, lhe basta referir n'este ponto o que os antigos disseram.* — Esta ultima clausula, *o que os antigos disseram*, ja fica refutada por negação: agora, quanto á gente que de varias partes vinha em soccorro á Cidade, se se exceptuar aquella arrancada de cinco mil cavallos e corredores mouros destruidos em Sacavem com perda de tres mil e tantos, logo no principio do cêrco, não nos consta que em todo o discurso d'elle houvesse outra alguma. Se por instincto de probabilidade o conjectura, oppomos-lhe primeiro o silencio de todos os chronistas que, se taes cousas houvesse, as não deixariam de fora. antes a Chronica dos Godos ou Lusitana, tantas vezes citada com fé pelo mesmo autor, diz que El-Rei por toda a duração do cerco, não consentia que pessoa alguma saisse da Cidade ou n'ella entrasse. 2.º a temeridade e quasi impossibilidade da cousa, estando o cerco inteirado por mar e terra, e a navegação do Tejo tolhida a inimigos desde a foz até Santarem. — Fica pois a nossa supposição a unica auctorisada, e parece nos que tambem muito racional, com um pequeno mas não forçado correctivo, qual he o de tomarmos a sobredita população de duzentas mil almas, não pela permanente e ordinaria de Lisboa, mas sim pela que resultaria n'esta occasião de accrescerem aos filhos da terra os moradores dos campos, granjas, aldeas e povoações não defensaveis ou menos fortes dos arredores, os quaes todos diante de um exercito exterminador, e com as imaginações ainda assombradas da recente mortandade de Santarem, deviam de ter fugido para o abrigo mais seguro e commodo que se lhes então deparava. A isto força era que accrescessem reforços de gente de guerra, pedidos e recebidos pela Cidade de antemão.

Pag. 34 *col.* 1 *lin.* 10. — Não cuidamos que se possa hoje pôr em muita duvida a antiga existencia de um esteiro do Tejo pelo valle que se alonga entre o monte do Castello por uma parte, e os de S. Francisco da Cidade, Carmo, S. Roque &c. pela outra. A nós pelo menos fizeram grande força para assim o crer, as rasões, que iremos dando.

Pareceu-nos muito terminante o seguinte paragrafo do grave chronista de S. Domingos Tom. 1. *Liv. III Cap. XVII.* tractando da fundação do seu Convento de Lisboa. «Achamos » por memorias antigas que entrava por este sitio um grande » esteiro do mar, que devia ter fundo pera agasalhar navios: » do que vimos por nossos olhos certeza, não só conjeituras no » anno de 1571, quando se abriam os alicesses para o dormi- » torio que agora serve: porque se descobriram sylhares de » pedraria bem lavrada, e a partes grossas argolas de bronze » travadas e pendentes d'ella, como em cáis, pera servirem » de amarrar navios, e por outra parte montes de casca de » marisco. D'onde não fica sendo maravilha que houvesse ou- » tro tal esteiro, que subisse até o Mosteiro de Chellas polo » valle de Enxobregas, no tempo que ali aportaram as reli- » quias dos Santos Martyres, sendo o caso succedido muitos » centenares de annos antes.» — Ja aqui ficam dois argumentos ponderosos, a saber, memorias escritas antigas, e a vista dos proprios olhos do Autor.

O nosso curiosissimo Resende na *Epist. ad Kebedum*, tractando da entrada do corpo de S. Vicente em Lisboa «*Tandem adplicuisse Olisiponi juxta fanum divarum Justæ et Rufinæ; quo loci porta Urbis etiam nunc est Sancti Vincentii adpellata. Eo enim usque mare tunc erat, quod paulatim postea propulsum, ampliandæ Urbi locum reliquit.*» Daqui se colhe, quando menos, a tradição de ter o mar chegado navegavel em o principio da monarchia, á Igreja de Santa Justa. — O documento latino da Trasladação e milagres de S. Vicente que Brandão addux em ultimo lugar no Appendice da *P. III da Monarch.* se não confirma, tambem não encontra aquelle testemunho. — Mas o que de algum modo o corrobora, e deve solver todas as duvidas que só se fundarem em meros escrupulos, he a tradição corrente que ainda hoje dura entre o povo, e que o mesmo Brandão menciona *(Liv. XI. Cap. XXIII.)*

Porem se o documento da Trasladação se cala, ahi vem fallando claramente o, ja tantas vezes citado, da Fundação de S. Vicente e tomada de Lisboa, que descrevendo os postos que os estrangeiros occuparam, diz: *Hos itaque Rex ex parte maris quod prædictam* circumfluit *urbem, oppugnare constituit.* Ou nós nos enganamos muito, ou a palavra *circumfluit* alaga todas as objeções: porque se o Tejo só corresse então como hoje corre direitamente, e ao soslaio d'aquella pequena frontaria de cidade, nem a mais pyndarica desenvoltura ousaria dizer que circumfluia a cidade. He por tanto indispensavel dar-lhe braços com que a tome e apanhe por algum modo, e não muito curtos, porque se não tem de cerrar um abraço, tem pelo menos de o representar, que tanto pede a bom literato o *circumfluit*. — Mas, dirão, como abraçaria o Tejo com um só braço? melhor certamente que sem nenhum. porem não só um lhe havemos de dar senão dois, e o segundo de que tambem a tradição se lembra, e de que ha boas provas, será o esteiro de Chellas, posto que arredado, com o que não repugna o circumfluir. — Parece-nos de mais [e perdoem-nos hydraulicos se mettemos, não fouce em alhêa seara, mas remo em suas aguas] persuadidos que por nenhum d'estes dois valles baixos [illegible] Tejo, podiam aguas entrar, sem que mais ou menos entrassem ao mesmo tempo pelo outro. Grande vantagem he pois a nossa, a quem bastam as provas de um esteiro, para com ellas comprarmos dois, em quanto aos opponentes se faz forçado nega-los ambos para destruir a qualquer d'elles.

Respondamos agora a Brandão que do mesmo documento da fundação de S. Vicente deduziu a sua contraria sentença, e entendeu que já na epocha da tomada de Lisboa não devia existir este esteiro occidental. Confessa *(Monarch. Liv. XI. Cap XXIII)* que tal era sim a fama popular, mas com ella lhe parece repugnar o credito que se deve ás escaramuças que no mesmo occidental valle, diz o documento, havia entre os cercadores e os cercados. Em tudo se engana, porque nem de taes escaramuças no valle falla a Relação, mas só de acommettimentos ao muro; nem com a existencia do esteiro seria incompativel a de sufficiente campo para escaramuçar entre a Cidade e a agua, nem em se dizendo esteiro se ha de entender pélago profundo e invadiavel a gente de guerra, sendo especialmente muito possivel que no descer das marés, como ainda hoje vemos no esteiro de Alcantara, ficasse a baixa despejada ou quasi: e por ultimo não havendo contradicção alguma para imaginarmos toda essa porção povoada e servida de jangadas e barcos, para os commodos da tropa e uso da guerra.

Outra vehemente conjectura, por lhe não dar melhor nome, no-la offerece a Carta de Arnulfo, quando diz que em quatro das náos se construiram pontes para se entrar, por cima dos muros, na Cidade. Se pois a muralha das portas do mar tinha as çapatas em tanta agua, como era possivel que o Terreiro do Paço pelo menos, e ainda boa parte da planicie pela terra a dentro, que os invernos não podem deixar de ter alteado com os despojos dos montes, jazessem descubertos?

Não he difficil de imaginar como as torrentes que as invernadas atropellavam antigamente por aquelle dilatado valle abaixo, colligidas de todas as vertentes da direita e esquerda, o deviam trazer desempedido, fundo, e capaz de receber larga copia do Tejo. Lêa-se outra vez a supra citada *Historia de S. Domingos, Liv. III. Cap. XVIII.* «Nos primeiros annos &c.

Julgamos ter dito o bastante. Aquelles, em quem a natural inercia pode tanto que resistem a qualquer idea de mudança ou differença nos sitios do seu costume, se alguma vez passeando ociosamente no seu bote pelo Tejo em uma tarde agradavel, conversarem com o remeiro ácerca dos diversos sitios de uma e d'outra margem, n'aquelle livro vivo aprenderão quantas e quão notaveis metamorfoses da mesma especie se não tem por ahi realisado, e se vão realisando de anno para anno.

Pag. 34. *col.* 1. §. II. *lin.* 47. — Fallando da entrada da armada no Tejo, damos-lhe obra de cento e cincoenta ou mais navios, e adiante dizemos que ella saíra de Inglaterra com quasi duzentos navios. Não ha contradicção. Para a saída seguimos Arnulfo, Dodechino, Roberto do Monte, Jacob Meyer, Hertenberger: para a chegada, não achando memorias em nenhum dos estrangeiros, encostamo-nos ao documento portuguez da fundação de S. Vicente. He possivel que os cincoenta navios pouco mais ou menos da differença, ou o mar com as continuas tempestades os comesse, ou tornassem rumo para casa, ou para a Palestina e possivel he tambem que o numero de duzentos fosse pôsto mais oratoria do que arithmeticamente, por a totalidade da armada exceder a cento e cincoenta. Não espante nem por grande o numero dos navios, nem por desproporcionado com a pouquidade da gente, a qual ainda depois de sommada com o exercito de D. Affonso Henriques, que não devia ser pequeno, não dava mais de 14.000 homens. — Se foram navios pouco mais ou menos como os de guerra de hoje, a cousa se tornaria incrivel. mas não passavam de grandes faluas com remos e uma só vela, que não levariam mais de 30 a 40 homens. He assim que muito naturalmente se deve tambem explicar a quantia de trez mil navios [segundo autores antiquissimos] que, outenta e dois annos antes, Guilherme o Conquistador levou das costas da Normandia ás de Inglaterra, contra o seu competidor Haroldo. — Fallando d'estes que a Lisboa vieram, diz o Documento da Fundação de S. Vicente, *in centum et sexaginta navibus, quas barcias nominamus*, aonde o *barcias* traduzido por barcas ou barcaças, dá um sentido ainda hoje muito acertado. Mas d'estas materias teremos occasião e talvez necessidade de fallar mais largamente, quando chegarmos ao nosso septimo Quadro — D. Fuas Roupinho, primeiro triunfo naval dos Portuguezes —

Pag. 34 *col.* 1 §. II. *lin.* 49. Foi a vinda da frota Cruzada a Portugal obra imprevista das tempestades, ou tenção feita com que logo saíssem de suas terras? Das antiquissimas fontes portuguezas, apenas o Chronicon Lusitano diz que inexperadamente viera este auxilio; circunstancia que foi adoptada pelo muitas vezes desorientado Duarte Galvão, e d'elle veio passando de mão em mão até aos modernos historiadores, que todos a copiaram. Nós porem, depois de termos particularmente conversado as autoridades estrangeiras, que são para o ponto as mais competentes assentámos em contrario parecer. Os em que fundamos a nossa conjectura, são Jacob Meyer, João Buzelino, Christophoro Browero, e Hertenberger, que todos expressam vir a frota com tenção na Hespanha: de Helmoldo que falla em contrario não fazemos nós cabedal, porque ja apontamos como em tudo tontêa. — Aos argumentos da autoridade, podemos ajunctar agora alguns de discurso. Saíu a frota primeiro que os exercitos terrestres se pozessem em caminho, devendo aliás esperar-se que muito mais tempo gastariam em chegar elles do que ella. Podemos logo inferir que alguma outra cousa trazia em intento. —

De mais, sabemos nós que El-Rei ja annos atraz tentara em vão tomar Lisboa, posto que ajudado de setenta navios francezes: como pertenderia por tanto, sem igual ou maior soccorro, leva-la agora, que sem duvida estaria muito mais forte? E que de feito elle esperava por um soccorro, não consente dissimula-lo o mez e meio que diante d'ella se deteve, sem fazer tentativa alguma de que ficasse memoria. D'onde, sem temeridade podemos presumir que ja contava com esta frota.

Accrescenta forças á conjectura, que não foi por tempestade que ella entrou ao Douro, cujo porto não era de mais a mais preferivel nem comparavel a alguns outros que deixavam nas costas de Hespanha, para se pôrem surtos á espera dos navios esgarrados. — Mas o que nos parece trocar todas as probabilidades em certeza, são as palavras de Arnulfo que tambem ali concorreu. *o Bispo do Porto, ja com grande alvoroço, segundo recado d'El Rei, estava aguardando pela nossa chegada . . . e na terra achámos para nós bom barato de vinho, e mais refrescos, do que tudo fôra causa a boa vontade que nos El-Rei tinha.*

Agora, ponderamos nós: uma grande parte da expedição vinha de Colonia e terras visinhas, onde S. Bernardo principalmente prégava a cruzada: ha até historiadores que affirmam, como Hertenberger, *ser cousa incrivel quanto poderam os trabalhos do santo para engrossar este exercito maritimo, e subministrar-lhe para os gastos.* Era o abbade de Claraval o maior varão do seu seculo, o maior movedor de reis e povos, e certo de grande influencia no Pontifice Eugenio III, religioso e filho de sua mesma Ordem. Quer sejam ou não apócryfas as cartas que existem entre o Santo e D. Affonso Henriques, naturalissimo he que por semelhante occasião não deixasse El-Rei de lhe requerer, ou directamente ou por intervenção do Papa, que visto podia tanto com os Cruzados, que só lhe era custoso o defender-se de os commandar, os persuadisse a virem lhe dar auxilio contra os infieis; ao que o abbade, solícito, como era, de accrescentar a sua Ordem, não deixaria de se prestar, pois que, se ja então não era introduzida por El-Rei em Portugal, não tardou muito que o não fosse; e com quanto favor e magnificencia todos o sabem. E em quanto a Eugenio III, esse em auxiliar os Christãos da Hespanha contra os Mouros, não fazia mais do que imitar o exemplo ainda recente do Papa Calixto.

Pag. 34. *col.* 2. *lin.* 14. Brandão, traduzindo Setho Calvisio, diz que na expedição cruzada viera o Duque de Borgonha: mas as palavras d'aquelle auctor são as seguintes: *In hispanica expeditione militarunt rex Ericus Daniæ, Episcopus Bremensis, Burgundus, Comes Flandriæ Theodoricus.* Não nos pareceu que a simples palavra *Burgundus* consentisse em tal intelligencia, que não achamos abonada por nenhum dos antigos, e ommittimo-la. Representava-se-nos por mais natural, que *Burgundus* fosse o nome proprio do Bispo de Breme, visto que as outras personagens apparecem aqui nomeadas; mas a virgula que precedia e poderia não ser erro, nos embaraçava, comparado principalmente este membro com o seguinte, aonde a palavra Theodoricus não he precedida de virgula. Escapámo-nos da difficuldade pelo silencio: tanto he, apesar do nosso officio de portar, o nosso amor á verdade.

Pag. 34. *col.* 2. *lin.* 17. — A Guilherme de Longa Espada dão em geral os nossos autores o commando da expedição cruzada. Nós, com segura consciencia não podiamos segui-los, nem sem temeridade rejeita-los abertamente. Contra esta personagem havia, 1.º o silencio dos proprios chronistas da sua nação, e de todos os mais estrangeiros, varios dos quaes nomeam senhores de menos vulto — 2.º não nos depararem as historias d'aquella epocha nenhum Principe com este nome e appellido, sendo muito anterior outro em que estas duas circunstancias se dão — 3.º a difficuldade de se conceber que tão diversas gentes aventureiras, cada uma das quaes tinha seus naturaes capitães, se accommodassem á sujeição de uma cabeça suprema, mormente pertencendo esta a uma nação que se

aggregára em ultimo lugar á frota, e não formava n'ella a maioria. Mas por outra parte todos estes argumentos eram negativos, e sabido he quanto esses muitas vezes enganam em historia, e sobre tudo na de tempos tão obscuros. Ficava-nos por tanto a cousa em grande duvida, inclinando se todavia o nosso juiso, mais para negar do que para affirmar. Que deviamos fazer? o que fizémos. ¿Será este Guilherme um do mesmo nome, ainda que a alcunha de Longa Espada se lhe não saiba, irmão de Estevam que então reinava em Inglaterra, e não de Guilherme como as nossas Chronicas dizem, e que por ter sido como foi desherdado do Condado de Blois, por sua mãi Alix ou Adela, filha de Guilherme o Conquistador, se metesse a aventureiro?

Pag. 36. *col.* 1. § *V. lin.* 30. — Foi este um dos lugares em que João Baptista de Castro não soube entender o original de Arnulfo que traduzia.

Pag. 36 *col.* 2. *lin.* 17 — Em todo o tempo o francez foi valente soldado, e alegre desprezador da vida. O que n'esta parte do texto dizemos, vem na Escriptura da Fundação de S. Vicente.

Pag. 36 *col.* 2 § *VI. lin.* 10. — Acerca do Arcebispo de Braga D. João Peculiar, veja-se o que ultimamente escreveu J. P. Ribeiro nas *Dissertações Chronologicas* Tom. IV. P. II. p. 61. Por ahi se vê como em documento antigo se lhe deu o nome de *Ovelheiro*, que não he mais em portuguez que a versão do seu appellido em latim, *Peculiaris*.

Pag. 37 *col.* 1. *lin.* 24 — Costumavam em geral os Bispos na meia idade acompanhar as grandes expedições contra infieis, e ainda as de Christãos contra Christãos, nem era estranho que elles proprios militassem. No preciosissimo monumento de Bayeux que representa a historia de Haroldo até á sua morte e conquista de Inglaterra por Guilherme Duque de Normandia, copiado e explicado por Montfaucon nos Monumentos da Monarchia Franceza, em o fim do Tom. 1. e principio do II, posto que não fosse aquella uma guerra da Fé, apparece um Bispo defensiva e offensivamente armado á moda d'aquelle tempo. Na nossa historia são triviaes taes exemplos, e todos sabem o do Arcebispo de Braga D. Lourenço que sahiu ferido da batalha de Aljubarrota. Os Bispos portuguezes que mencionamos presentes no cêrco de Lisboa, não nos consta, nem dissemos que pelejassem corporalmente, mas ajudaram muito com seus conselhos e presença, como se vê em o Concilio Provincial de Braga do fim de 1147 ou principios do anno seguinte, que traduzido do Livro da Sé de Braga, diz assim. « Na era de 1186 [ann. de Chr. 1148] D. João Arcebispo de Braga teve colloquio na mesma Cidade com todos os Bispos portuguezes seus suffraganeos; a saber com D. Pedro Bispo do Porto, D. Mendo de Lamego, D. Odorio de Vizeu, e D. João de Coimbra. . . e ao dito collóquio foi tambem presente um Flamengo, arcediago de Lisboa, a qual Cidade entao fôra resgatada do senhorio saraceno, e trazida com divino auxilio, a poder dos Christãos por El-Rei D. Affonso, por diversas gentes que ahi vieram por mar em soccorro da causa de Deus e d'ella, e *por conselhos do sobredito Arcebispo e de todos os Bispos nomeados.* » — N'uma cota á margem de certo passo do documento da Fundação de S. Vicente, concluiu Brandão que no cerco de Lisboa assistiram os Bispos de Portugal, posto que de tão attendivel circunstancia se esquecesse no lugar proprio

Pag. 37 *col.* 1 *lin.* 36. — O navio com os dois corvos, que Lisboa adoptou para as suas armas, he uma recordação da barca, onde se conta, que vieram os restos de S. Vicente do Monte e Cabo do seu nome para esta cidade. Dois corvos vivos se tem conservado desde immemorial tempo, com aposento e ração certa, como merceeiros, nos claustros da Sé. Honravam-os com o titulo de corvos de S. Vicente, e até de *Vicentes*, tendo para si o povo que eram, ainda agora, os da primitiva. De um, ja o tempo deu cabo; do outro, dá-lo-ha a fome, assim que algum philosopho reparar em que um passaro, que serve ainda para menos que um merceeiro e um frade, está *devorando* carne que podia ajudar a sustentação de um philosopho, e lha empolgar, que nem umas a outras perdoam as aves de rapina.

Pag. 37 *col.* 1 *lin.* 51. — Quem desejar muitas e curiosas noticias da Igreja e Parochia da Senhora dos Martyres, consulte a *Demonstração Historica da Primeira e Real Parochia de Lisboa de N. S. dos Martyres por Fr. Apollinario da Conceição.* Lisboa 1750. N'ella, a pag. 31 se menciona um quadro que se conservava na Casa do Despacho da Irmandade do Sacramento, que por muitissimos annos esteve na Capella Mor á parte do Evangelho, do qual affirmava Antonio Coelho Gasco (*Primeira Parte das Antiguidades de Lisboa*) [illegible] ser antiquissimo e quasi feito no tempo da Conquista. N'elle se representam combatendo os catholicos com os mouros, e a hermida de Nossa Senhora em forma rotunda, cujo telhado se finalisa com uma como cúpola, e o material da parede pela cor indica ser de barro vermelho sobre escuro.

Pag. 37. *col* 1. *lin.* 62. Sobre as Eulogias veja se o curioso artigo de Fr. Francisco Brandão, no Tom. 6 da *Monarch. Lusitan.* Liv. XIX, cap. XXIV, [onde se ha de emendar, assim como em Bluteau, a citação do *Decreto* de Graciano *Cap.* 8 *da Dist.* 12. para *Dist.* 19.] e Binghamo na sua excellente Obra das Origens e Antiguidades Ecclesiasticas — Applaude-se o citado Brandão de ter firmado a memoria das eulogias, por occasião de fallar do *pão bento* ou *de charidade*, que se punha juncto ao sepulchro do Bispo D. Giraldo, na Cathedral d'Evora porém esta noticia não remonta por ventura para alem da morte do mesmo Bispo em 1320; em quanto, pelo que nós resuscitamos no texto, se colhe que já quasi dois seculos antes as houvéra ahi, e não só usadas na festa do Domingo, senão todos os dias. Veja-se o documento da fundação de S. Vicente — Como escapou materia tão christã e tão humana, tão moral e tão poetica a Chateaubriand, que podéra ter d'ella feito um de seus mais donosos capitulos? mas agradeçamos ao grande ceifador que atulhou os seus celeiros, e ainda deixou tantas e tão gradas espigas aos rabuscadores. Dia poderá vir, se no lo [illegible] cousas consentirem, que ainda nos lancemos a respigar n'esse mesmo campo, com os olhos principalmente na espiritual penuria e necessidade cada vez maior de nossa casa portugueza.

Pag. 37. *col.* 1. *lin.* 78. — He muito para notar que do milagre dos surdos mudos, que sobre a sepultura de Henrique cobraram ouvido e falla, façam expressa menção, alem do Documento portuguez da fundação de S. Vicente, estrangeiros contemporaneos, e que estiveram no assedio, como são Arnulfo e o Abbade Dodechino: d'onde deduziremos dois corollarios: 1.º que fosse qual fosse o facto e as causas d'elle, foi acreditado no exercito por milagre, e como tal, em que pêz a discursadores, se tornou historico. 2.º que esta concordancia de testemunhas oculares com o documento de S. Vicente fica sendo, em que pêz aos devastadores e polilhas litterarios dos papeis antigos, um dos bons argumentos da authenticidade d'este.

Pag. 37 *col.* 2 §. VII. *lin.* 22 — Diz Viterbo no *Elucidario*, á palavra *Cova*; « he um celleiro subterraneo, a que antigamente chamavam *Silo*. Os Mouros ainda actualmente usam d'estas *Covas*, a que chamam *atamorras*, *matamorras*, *e matmorras*, que são do feitio de uma cisterna com tres ou quatro braças de alto, e largas á proporção, e n'ellas conservam o trigo talvez por cinco, seis ou mais annos, sem a mais leve corrupção. E para isto, depois de debulhado e bem limpo, em estando frio o mettem na *Cova*, cubrindo-o com palha e depois com terra. Assim nas casas como nos campos elles usam d'estes celleiros. E parece que do tempo que estiveram em Lisboa seriam alguns que se acharam entre o Convento de S. Francisco, e a Igreja dos Martyres da dita Cidade, quando se abriram novas ruas e se levantou das fataes ruinas que lhe havia causado o grande terremoto. Os antigos Portuguezes usaram igualmente d'estas *Covas*. Em um documento do Sec. 14, que se acha em S. Vicente de Fora, se lê. *Ha mais a dita Capella cinco covas de ter pão, que estão na dita aldea da Cuba no terreiro que está diante das portas da dita casa: e são duas d'ellas grandes que levarão ambas VII moios pouco mais ou menos convem a saber, uma IV moios, e outra III.* » — Fr. João de Sousa deriva matmorra de *Tamara*, esconder debaixo da terra, enterrar por certo tempo.

Pag. 38. *col.* 2. *lin.* 18. — Pela carta de Arnulfo, não se entende se a excursão dos mouros em dia de S. Miguel, se fez por porta do muro, ou por contramina. Preferimos a contramina porque nos pareceu accommodar-se melhor com as palavras do auctor, e por que pelas rasões militares, costume dos mouros, e particular sisthema de guerra n'aquella idade, se nos figurou ser o mais provavel.

Pag. 39. *col.* 1. § IX. — No capitulo de Martim Moniz, parecerá a alguns leitores que nos deslizámos da escrupulosa fidelidade com que fomos levando todo o mais da narração: e oppor-nos-hão que em nenhuma Chronica ou Historia se apontam tão miudas circunstancias. Seja embora assim: mas em tudo isso que fantasiámos, por assim se nos fazer mister, nos conservámos todavia historiadores escrupulosos. He a mais seguida tradição que Martim Moniz com os seus Portuguezes accommetêra pela porta do Norte, inda hoje chamada *do Moniz*. Necessario era logo, que para lá chegarem, trepassem o despenhadeiro. descrevemo-lo com todas as circunstancias das dificuldades d'aquelle passo temeroso e arriscadissimo. Não podia ser que os Mouros, bordando as muralhas que dominavam aquelles abismos, se ficassem de braços encruzados; fizemo los atirar pedras, e defender-se. Vingada aquella fragosidade, que teriam ganho os nossos, com um muro altissimo pelos rostos, baluartes inexpugnaveis, e portas fechadas? Imaginamos o que não podia deixar de ser, uma escalada. O fim de Moniz engasgado na porta, quem o poderia conceber sem que fosse pelos de dentro aberta para uma sortida, porque nas circunstancias da mesma morte temos a prova de que não fôra despedaçada? Basta, e sobra isto: e de uma vez para todas fique entendido, que em nos apparecendo causa necessaria nunca poremos duvida em lhe exprimir como certo o effeito, assim como de qualquer effeito a causa certa: e quasi que só n'isto se cifra toda a licença que como historiadores tomâmos. De algumas outras usamos como poetas, em discursos, e descripçoens, mas que todas levam claro o sello e cunho da fábrica.

Sobre o genero da morte de Moniz havia na historia uma variante, porque dizem alguns que fôra acabar ja dentro no castello, com a cabeça aberta, e pelejando ainda em quanto se poude ter de pé. Não seria fim menos heroico, mas o a que nós nos encostámos tem por si a tradição corrente do povo, e o letreiro aberto em marmore por baixo do seu busto, que na estampa mostramos.

De Portuguezes que no cerco se assignalassem, não nos pareceu particularisar senão este, dado que de outros dois nos fizessem memoria alguns modernos historiadores. Paio Goterres, quem ler o *Cap. XXVIII* do *liv. X. da Monarch.* entenderá facilmente o porque o ommittimos. Em quanto ao episodio do Infante D. Pedro Affonso, que aprisionou a Princeza filha do Alcaide mouro de Lisboa, quando hia fugida para Alemquer, e depois a restituiu generosamente a seu amante Cid Achio, mouro de Silves, quizemos deixar essa novella onde estava na *P. I.* da *Chronica de Cister. Liv* V. *Cap* XVI. E agradeçam-nos a abstinencia os que sabem quanto é triste ir arroteando enormes paginas e paginas de que só brotam armas e guerras, como da lavoura de Cadmo, sem poder semear n'ellas uma rosinha de amores: um nome de mulher alegraria no meio d'estes celibatarios conventos, chamados exercitos, como uma lua bem dourada de verão resplandece serenidade pelas ondas ermas. Agradeçam-nos e louvem nos, que sendo poetas, e seculares, resistimos á tentação, e guardámos melhor n'um só lance os trez votos de pobreza, castidade e obediencia de historiador, que o historiador e religioso Fr Bernardo de Brito.

Pag. 39. *col.* 2. *lin.* 37. — Fica indubitavel, depois dos depoimentos das duas testemunhas oculares, ter sido rendida a Cidade no dia das Onze mil Virgens, a 21 de Outubro. Não obstam dois Monumentos; o da Fundação de S. Vicente, e o antiquissimo letreiro na pedra da entrada da Sé, [illegible], em se fundou para puchar o successo aos 25 d'Outubro, dia dos martyres S. Crispim, e Crispiniano. Bem averiguado o primeiro, ver-se-ha que se nos 25 poem a entrada, ja dá a tomada por feita, *captam ingreditur urbem*: o que a pedra canta do *Crispini festo* pode, com muita verosimilhança alludir igualmente á entrada, porque *Ulixbona capta*, indicará o acto de tomar posse, o que mais se confirma pelo *fidei reddita catholicæ*. A conciliação do primeiro documento he de Brandão, mas será nosso o confirmar a conciliação de ambos com uma rasão nova. No modo porque Lisboa se entregou, que foi a partido e honradamente, era necessario que se lhe respeitassem as estipulaçoens, e que se houvessem como cousa sagrada as vidas dos inimigos. Difficil empenho seria esse ainda hoje, policiada, e como dizem civilisada a guerra, se depois de um dilatado e mortífero cêrco, se franqueasse de repente o ingresso da praça; quanto mais n'aquelles tempos com tantos cabeças, tantos interesses de avareza e de ambição, com tanta diversidade de gentes, com tanto fanatismo, com tanta soltura de aventureiros. Posto por tanto que se deviam dar e se deram os trez dias entre o rendimento e a entrada, foi isso mesmo o que nós (sem demaziada liberdade) pozemos em petição na boca do Alcaide, e ao que dissemos que El-Rei graciosamente deferíra.

Pag. 39 *col.* 2, §. X. *lin.* 21 — Ben Enrik quer em arabe dizer, filho de Henrique. Veja-se Conde, c. 38, onde D. Affonso Henriques he chamado *el tiranno Aben Enrik senor de Colimbria*.

Pag. 39 *col.* 2 §. X. *lin.* 23 — Houve com effeito os dois eclipses, um da Lua antes de começado o cerco, outro do Sol, depois de acabado. Pela Arte de verificar as datas, o primeiro a 17 de Maio pelas 5 ½ horas da manhã, grandeza 10 ¼ digitos. o segundo a 26 de Outubro ás 11 da manhã, annular, e visivel na Europa, Asia e Africa. Acerca d'este ultimo traz Setho Calvisio observações miudas.

Pag. 40. *col.* 2. *lin.* 16. — Veja-se o *Elucidario*, na palavra *Balata*.

Pag. 40. *col.* 2. *lin.* 25. — Veja-se o *Elucidario*, na palavra *Alfitra*.

Pag. 40. *col.* 2. *lin.* 30. — A Cathedral que hoje existe em Lisboa, não he ja, quanto a edificio, a primitiva. Os terremotos alli a destroçaram por vezes e os reis a resurgiram. O que hoje conserva mais antigo he de D. Affonso IV, e se alguns vestigios mostra de tempo mais atrazado ou da fundação, são poucos e incertos. Mas que a origem deste templo se deveu a D. Affonso Henriques e não aos mouros, não consente duvida á vista do Documento da Trasladação de S. Vicente, que se conservava no Cartorio da mesma Sé e em o Convento de Alcobaça, a que se deve todo o credito, segundo Brandão, por ser o seu autor Estevam, Chantre que era da dita Sé e vivia n'aquelle tempo. -Sobre a grandeza e forma presumivel da infancia da casa, assim como sobre todas suas antigalhas, memorias, e circunstancias que a recommendam, escreveu um amplo e curioso Tractado, o Sr. Villella, Conego que foi da Basilica de Santa Maria. Esta Obra não saíu, nem tal vez sairá á luz pela falta de meios de seu autor. Que lastima he que a rasoura das proscripções politicas não exceptue os homens que nasceram para as letras, que se consagraram a ellas, que pertencem por consequencia a uma região superior a esta das tempestadinhas mundanas, e cujas horas quando forçada penuria lhas não envenena ou lhas não devora, são todas generosamente dispendidas no interesse dos presentes e vindouros. Honra gloria e amor ao Governo que tiver olhos para procurar estas miserias que tão caras sáêm á Patria, e mãos para as remediar!

Pag. 40. *col.* 2. *lin.* 42. — O ja citado Fr. Apollinario, na sua *Demonstração Historica*, diz que em o altar das Almas onde ha immemoriaes annos se conservavam as reliquias dos Martyres, era o lugar da sua residencia todo o vão que ha por debaixo, que não he pequeno: e ali eram adoradas por um postigo que havia no frontal da parede do altar, por onde lhe introduziam as luzes, com que se expunham á veneração dos peregrinos quando particularmente o pediam, ou á de todo o povo em o dia da Senhora dos Martyres a 13 de Maio. D'estas reliquias dizia o Licenciado Antonio Coelho Gasco na Primeira P. das *Antiguidades de Lisboa* c. 80 — *Vi, não com pouca consolação, muitas cabeças, e muitas d'ellas com todos seus dentes, cujos santos ossos mostram serem de grandes homens no corpo.* Soffreram estas reliquias grande diminuição pelos roubos piedosos. » Ao presente, pela mesma causa e pelos estragos do terremoto, acham-se reduzidas a duas caveiras ja mui gastas, e alguns ossos que para pouco mais dariam de um esqueleto. Guardam-se em um nicho entre as preciosidades da Casa, e mostram-se aos devotos, no dia do Orago, não na Igreja mas na Sacristia, em um altar da Senhora, onde esta um retábolo de marmore, que representa em relevo e summariamente, Lisboa acabando de ser tomada. Igual representação em marmore se acha por cima da porta principal da Igreja. No meio do tecto do templo ha uma pintura, onde se vê a Santa Virgem recebendo ao ceu guerreiros ornados com a palma do martyrio, e embaixo junto a um castello com a bandeira das armas portuguezas, em acto devoto D. Affonso Henriques e Guilherme de Longa Espada.

Pag. 40 *col.* 2 *lin.* 43. — No vestibulo da Sé de Lisboa, está aberto n'uma pedra do lado direito, e trasladado para caracter mais moderno, em outra do lado esquerdo, o seguinte letreiro.

Tunc anni Domini cum centum mille notantur
Cumque quater denis, quatuor atque tribus,
Cum per Christicolas Urbs est Ulixbona capta,
Et per eos Fidei reddita Catholicæ

Æra millena fuit hoc, deciesque vig na.
Quinque decem demptis, in Crispini quoque festo

Esta Inscripção diz J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.* T 2 p. 14 e 116, por ser em lettra allemã majuscula, não pode ser mais antiga que o reinado do Senhor D. Affonso III. Nós temos por mais que verosimil, que será do Senhor D. Affonso IV, de cujo tempo são a maior parte das cousas antigas que ali permanecem.

PORTA E BUSTO DO MONIZ NO CASTELLO DE LISBOA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA, Pag. 43.

A porta representada no principio [illegible], he a chamada do Moniz, ainda que não falta quem presuma que não ali se passara o memoravel acontecimento mas em outra porta para o lado do nascente. Por cima d'esta nossa, em um nicho que vai apontado, se acha o busto do heroe, que para maior clareza se desenhou sôlto, e em ponto grande. Tem a porta apenas onze palmos de altura desde o mais alto do arco até á terra, e quasi dez de largura. A' direita de quem a olha de fora, se acosta ao muro, que he de [illegible] grossura, uma torre que a defendia. O painel que os olhos d'ali relanceam he magnifico. S. Vicente de Fora, Graça, Campo de Sant'Anna, Senhora do Monte, campinas graciosas e montes ao longe, por baixo dos pés Cidade, e por um recanto da esquerda o Tejo a fugir. A propria muralha tem sua magestosa formusura, que se ajuda com a cor e rugas da sua velhice. — Por cima do nicho houve uma cruz de pedra embebida na parede. He o busto de marmore branco: ja tem algum estrago. Note-se o cabello não muito comprido, e as barbas rapadas. Sobre a sua verdadeira antiguidade não parece facil o dar sentença. Para ser quasi contemporaneo do acontecimento, parece em demasia bem conservado, alem de dizerem os peritos que o cinzel não deveu ser de tempos totalmente barbaros. Comtudo, eis aqui litteralmente o que se lê no quadro de marmore entre o alto da porta e o nicho:

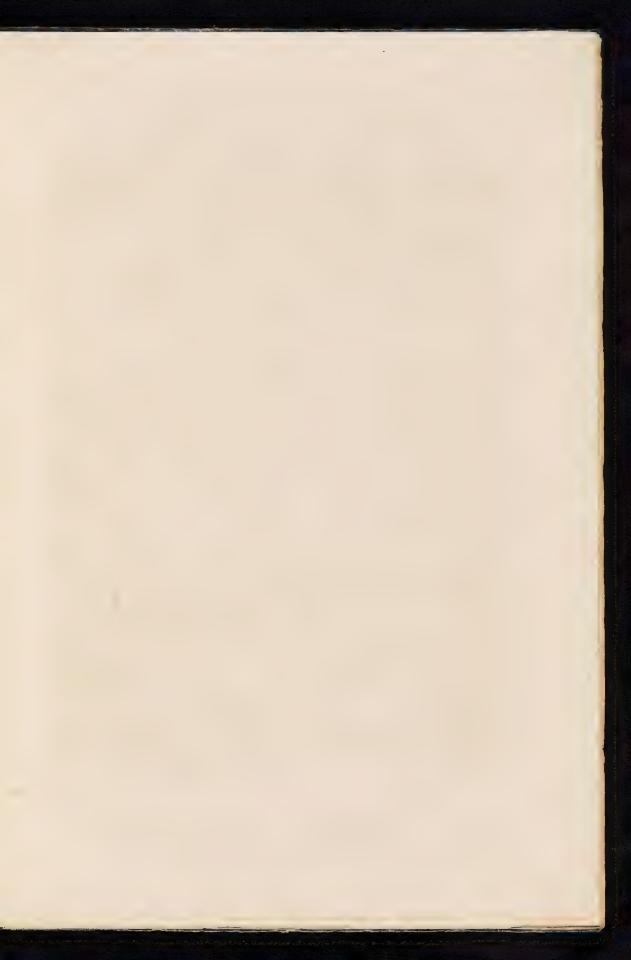
ELREI DÕ AFONSO HENRIQUES MANDOU AQUI COLOCAR ESTA STATUA E CABECA DE PEDRA EM MEMORIA DA GLORIOSA MORTE QUE DÕ MARTĨ MUNIZ PROGENITOR DA FAMILIA DOS VASCONCELOS RECEBEU NESTA PORTA QUANDO ATRAVESANDOSE NELA FRANQUEOU AOS SEUS A ENTRADA COM QUE SE GANHOU AOS MOUROS ESTA CIDADE NO ANNO DE 1147

JOÃO ROIZ DE VASCONCELOS E SOUZA CONDE DE CASTEL MELHOR SEU DECIMO QUARTO NETO POR BARONIA FES AQUI POR ESTA INSCRIPSÃO NO ANNO DE 1646.

Da porta para dentro fica um terreiro não acanhado, defronte a Igreja de Santa Cruz do Castello, e para a direita o senhoril aspecto da cidadella mourisca, defendida com barbacã, e torres, uma das quaes contêm uma boa cisterna. Dentro na Cidadella estão ruinas de alcaçar ou palacio antigo, que devia ser do alcaide, e uma das entradas para os caminhos subterraneos. Visinha da porta do Moniz ficava, segundo se crê, a *Porta da Traição*.

Busto de Martim Moniz sobre a Porta de seu nome, no Castello de Lisboa

Castello de Lisboa: contra o Norte. Porta do Moniz. Lanço do muro da Alcáçova

London —

GIRALDO SEM-PAVOR.
TOMADA DE EVORA.
(ANNO 1166.)

> Eis a nobre Cidade, certo assento
> Do rebelde Sertorio antigamente,
> Onde ora as aguas nítidas de argento
> Vem sustentar de longe a terra e a gente
> Pelos arcos reaes, que cento e cento
> Nos ares se alevantam nobremente,
> Obedeceu por meio e ousadia
> De Giraldo, que medos não temia.
>
> Cam. Lus. C. III. Est. LXIII.

I

A serra de Montemuro, a duas leguas para o nascente da cidade de Evora, existia no undecimo seculo um rude castello, recem-formado no viso do mais alto e fragoso de quantos cabeços por esta parte se alevantam. Entre as suas ruinas, de uns tresentos passos de circuito, inda hoje appellidadas *Castello de Giraldo*, folgam os caçadores encalmados de se ir banhar no puro vento do ceu, recostados em meio de uma espessura de medronheiros, carrascos, urzes, estevas, rozellas, alecrins e rosmaninhos. Vario e saudoso he o quadro que os rodêa: para o sul, até ás serras de Portel e Vianna, vastas campinas com suas searas e arvoredos, onde resaem, aqui um antigo convento recreação dos filhos de Loyola; la, juncto da Igreja de Ourega, as reliquias de um palacio, como tantos outros da provincia caído ao desamparo; e pouco avante a hermidinha de Santa Comba, onde affirmam piedosas legendas ganhára a virgem a palma do martyrio. Se os olhos fogem do poente, afrontados da multidão de outros cabeços bravos da mesma serra, vão descair consolados ao noroeste no formoso valle do oratorio de N. Snr.ª de Monserrate, fundação e antiga acolheita espiritual dos *proves irmitaés*, como lhes chamava a escriptura, que esse terreno lhes doou no seculo XV. Mais a longe, inclinando para o norte, alveja a hermida de N. Snr.ª de Guadalupe. Banha pelo nascente os pés ao enramalhetado outeiro do nosso castello a ribeira de Rio-Mourinho, que o divide de Valverde, assento de uns nobres Paços dos Arcebispos, e de um humilde convento dos Capuchos, fundação do Cardeal D. Henrique, encolhido em fabrica, grandioso por fama de milagres. E rematam por esta parte o horisonte os gigantes pinheiros de S. Bento, filhos, segundo tradição, d'aquell'outro que, desde os tempos dos mouros, como que ja preterido da morte, permaneceu até ao meio do seculo passado: e logo alem dos pinheiros as torres da cidade.

Em uma noute do mez de Maio do anno de 1166, perto do Castello Giraldo estalava uma fogueira; o seu clarão só as estrellas la por cima o descobriam: tanto era encantado o sitio, e apertado no reconcavo de um labirintho de rochedos, cómoros, e matas silvestres! Cêrca da labareda, era alta noute, homens de duro semblante estirados, armas pelos ramos pendentes, cavallos de guerra e azémalas de carga pascendo. Algumas raparigas aprestam ao lume uma refeição selvatica de javali e caça brava, e em quanto os rouxinoes trinam a espaços pelos cabeços suas namoradas porfias, vão cantando em meia voz xácaras mais de pelejas que de amores: nenhuma roca de linho ou de lã, nenhum vagido de creança. Não he uma povoação fixa, parece uma d'aquellas pequenas sociedades que em nenhuma parte se aparentam com a terra por mutuos beneficios; para quem o mundo não tem norte nem sul, não ha no tempo futuros nem passados. Nada de leis humanas he a sua constituição, o desprezo dos perigos a sua providencia, e a sua fortuna não aquella que senhorea e arrasta os successos, e n'elles e por elles transforma as vontades, mas uma fortuna escrava que entre armas se leva á força para onde e por onde se quer. He finalmente uma d'aquellas cabildas que giram por entre os povos assentes, como os cometas errantes e excentricos, infecundos e agoureiros, por meio da ordenada familia dos planetas e sóis. Nada lhes minguava de quanto requer a primeira natureza: o pão ceifava-lho a espada, sendo o lavrador mouro e o lavrador christão igualmente seus tributarios; agua e fogo lhes offerecia a terra; as covas e arvores abrigo e cama; a astucia ou a força lhes grangeava companheiras e servas; e o castello, obra barbara de suas mãos ainda mais barbaras, lhes segurava um refugio contra as perseguições. Mil outras ventagens, como fructos de arvore silvestre em tempestade, lhes choviam da lança; e onde quer que acampavam, o terror do seu nome, ainda maior que a sua possança e maleficios, lhes servia de muralhas e baluartes. Seriam felizes se dos visinhos troncos e penhas houveram nascido, se no peito lhes não morára coração que não caleja, como os hombros e mãos, sob o peso das armas. Mas o aborrimento, enfado e tristeza trasbordava então pelos rostos e se exprimia pelas posturas e movimentos de todos aquelles homens; e posto que esta noute, como outras muitas, só por espancar o tedio com a variedade, houvessem trocado o recinto da fortaleza pelo desagasalho da brenha, a memoria e consciencia de sua miseria os seguia e estava com elles, e as nocturnas carícias da primavera tão malogradas escorriam por seus sentidos, como falla de donzella por um coração desfeito de annos. Por crimes seus se desterraram do seu Portugal, suspiravam pelas casas e familias que mais não veriam, e onde nem talvez a amizade, o amor, nem o parentesco se atreviam de vergonha a nomea-los. Eram esforçados como o seu seculo, e cavalleiros como o seu Rei; e fora das lides do seu seculo se consumiam em perigos sem gloria, em quanto seus irmãos em roda da sina de D. Affonso destruiam os inimigos da fé, se enrequeciam de despojos e fama, firmavam e dilatavam o Estado. O Minho e o Mondego, o Douro e o Lima vinham susurrar em todos os seus sonhos; e os seus dias se arrastavam eternos pela aspereza das serranias. O ocio, a noute e a solidão são paraiso de anjos para os heremitas que tambem n'esta hora velam na visinha Serra de Ossa: mas para os bandidos de Montemuro o ocio, a que de alguns dias acá os condemna a ausencia do seu Capitão, mais lhes he supplicio do que folga; a solidão que os cerca lhes representa o desamparo em que se pozeram de ceu e terra, e a calada da noute deixa ouvir a cada um os rugidos da consciencia: carecem do tumulto, do latrocinio, do espectaculo de alheas penas para se aturdir, e anceam afogar as memorias negras do seu passado seja em que for, embora em novas negruras, em novos sangues, em novas lagrimas

Que faz Giraldo Giraldes seu chefe que ahi os mandou esperar? partiu sosinho e não volta. Por terras do Alemtejo andam armas vencedoras d'El-Rei: ¿dar-se-ha que se lhe fosse arremessar aos pés, supplicar-lhe perdão do crime que, despojando-o da graça e valimento do Monarcha e entregando-o ás iras da justiça, o forçára de renunciar o reino florecente pelo exilio escabroso entre infieis, o nome de D. Giraldo Sem-Pavor pelo do salteador Giraldo, a companhia dos heroes pela dos bandidos? Em quanto elles na alta brenha, como abutres em ninho á espera da mãi, se impacientam a aguarda-lo, ¿pactuará elle, em cambio da sua vida e fortuna, entrega-los nas mãos de seu commum inimigo? ¿virão ja marchando sobre seus vestigios pelas intricadas sendas da montanha esses destemidos caçadores de homens, que ao primeiro raio da manhã se verão negrejar em coroa densa e movediça por todos os cabeços circumvisinhos? Taes começavam a ser as fantasias, se não as murmurações do bando. Faceis vem desconfianças de traição aos que de traição vivem e romperam com todos os deveres de homens; e a distancia a que sempre os deteve a alma taciturna do Chefe, ainda quando a communidade de perigos e interesses mais pareciam uni-los, recordando-lhes no meio da presente igualdade as sempre suspeitas e nunca bem esquecidas desigualdades entre o rico Filho d'algo e populares e vilões que todos eram, relaxava ja nas vontades o laço da obediencia. Elles, que do mais poderoso Rei da christandade se haviam redemido, como se não indignariam de depender de um igual que, se ainda não atraiçoava, ja pelo menos trascurava ignominiosamente os deveres que lhe elles sós impozeram quando com huma palavra lhe conferiram o direito summo de os capitanear, porque emfim de vassallo perseguido elles o alçaram a Rei de homens livres; foram estas espadas que pendem vilmente á cinta das arvores as que saudaram scetro a sua lança e converteram os penhascos em throno que elle agora parece desdenhar. Se algum n'aquella hora houvesse ousado arremessar pelos labios este pensamento de todos, quebrado era o encantamento, e o imperio do Capitão perdido sem remedio: mas o respeito devido á sua mui provada valentia, o terror que inspirava por uma parte a sua severidade e por outra a grandeza do seu genio, que parecia adivinhar tudo, calcular tudo e tudo vencer, os opprimiam como um fado, e os agrilhoavam a seu pesar no fundo do ermo, como condemnados no abismo.

Soa de longe um grito, acode-se em tumulto ás armas. Foi o brado de uma das sculcas nocturnas, denunciando ter ouvido passos vir subindo contra o arraial; passos de um vulto, que perguntado = *Por quem?* = não respondêra nem se detivéra. Accendem archotes, montam a cavallo, vão-se arremessar contra o perigo desconhecido e reforçado pelos fantasmas da noute, com o denodo de quem tomou por vida o baratea-la a todo o lance, e não podendo ja aspirar a restituir-lhe a doçura, folga ainda de a sentir pelos grandes abalos. = « Christãos ou mouros, poucos ou innumeraveis, a elles companheiros! ha dias que os nossos corvos se não banqueteam: amanhã quando o sol os acordar festejarão o bom almoço de que lhes haveremos carregado estas encostas. » = E ja de espora fita e redea larga se abalavam, quando da parte d'onde se ouvíra o rumor apparece um homem desacompanhado que, levantando a voz, os fez a todos parar: era Giraldo. E que outrem houvera ousado ou ousando houvera conseguido dobar pelas trevas as enriçadas veredas d'aquelle labirintho e chegar são e salvo ao arraial dos salteadores? Era Giraldo, que havendo partido armado e cavalleiro, volvia peão com as armas sumidas sob a capa, e por cima d'ella pendente ao lado uma tiorba, como trovador que de aldêa em aldêa e por alpendres de casaes, em horas de sesta e do sol posto vai cantando façanhas, amores e peregrinações de guerreiros em longes terras. Mas o seu rosto nada perdeu do costumado imperio, um signal da sua mão desarmada faz que todos se apêem e esperem em silencio as suas ordens: breves são ellas, porque Giraldo não conversa senão com a sua alma, e as razões dos seus projectos não he jamais elle senão o exito quem as explica. = « Companheiros, despedir esta noute da montanha e das tristezas; e apparelhar para amanhã me seguirdes! » = Ditas estas palavras, subiu ligeiramente ao castello, e se recolheu sosinho no seu silvestre palacio que uma cama de feno enchia todo, que nenhuma porta defendia, e em cujo tecto, antes de se deitar, devassou com a mão uma larga fresta, ou para que fosse a alvorada quem o acordasse para um dia emfim de felicidade, ou para considerar pela derradeira vez as estrellas da sua serra, as confidentes unicas de suas noutes afanosas, as celestes influidoras de seu projecto heroico. Dentro em pouco todos os lumes uns apoz outros se extinguiram, todas as vozes emmudeceram, e ao tenue ruido do orvalho sereno pelas folhas mil sonhos contradictorios de pelejas e delicias volteavam pelo profundo somno do campo.

II.

Fóra e não longe dos muros da mourisca Evora, contra o noroeste,

no cume de outro vistoso outeiro que chamam de S. Bento, avultava uma torre alta, redonda, de grossa cantaria, sem porta nem entrada por parte alguma. O passado seculo na sua infancia ainda a saudou inteira; o presente ja a herdou destroncada, senhoreando ainda todavia a cerca das visinhas religiosas a cavalleiro do seu muro elevado; o seculo que vier não herdará nem alicerces. Com a solidez, com a figura e com o fechado imaginára o architecto arabe fadar-lhe inviolabilidade e eternidade; e de todas essas pedras que amontoou só um resto coberto de hervas signalará ainda alguns dias o sitio; o mais se transformou pelas encostas em moinhos, que volteando ufanamente as suas grandes velas brancas, e cantando ao som do trabalho, parecem uns com outros escarnecer do decrepito avarento de quem repartiram os bens para os desfructar. Por aquella só parte se podia a cidade moura temer de algum subito accommettimento, que por todas as outras dominava alta e desafrontadamente, como inda agora, um estendal mui chão e patente de planicies. A' diurna e nocturna vigilancia da torre estava pois confiada a segurança da primogenita e princeza da provincia Transtagana.

Dentro n'esta torre reside um valente mouro com uma filha moça e formosa. Desterrados voluntarios do commercio dos seus, annos ha que cifram o mundo em tão estreito espaço. Por premio do muito que em sua mocidade servíra com as armas, pediu elle a honra de ser, em quanto vivesse, a vela e providencia da cidade onde nascêra; e esta honra fôra facilmente concedida á sua mais que provada lealdade. O pai que ja nada para si ambicionava, afóra o ver crescer em seguro as graças da filha, e a filha que não imaginava ainda outra felicidade alem da que possuia com seu pai, habitando assim um com o outro tão fóra e tão por cima das moradas humanas, como que tinham contraído uma natureza mais sublime. Limitadas em numero as suas affeições, as pouquissimas que ainda lhes restavam haviam adquirido uma força invencivel, e ao mesmo tempo uma pureza, uma luz e uma serenidade, que da maior visinhança do ceu pareciam filtradas. O amor da terra natal e da religião de seus maiores eram as principaes d'estas paixões: as gloriosas historias e o alcorão, o recordar, o orar e o esperar as suas perennes occupações n'aquelle ermo aereo. Susurrava a cidade como um enxame confuso que só negocêa o viver, em quanto elles, como duas aves no cume de uma arvore inaccessivel, viviam mais do que a vida, viviam suas fantasias, viviam harmonia e paz, viviam coração e viviam alma, que he de todos os vivêres o mais chegado a Paraiso e o mais para invejas, se de fóra o entendessem. Ao seu amor de patria nada igualava a não ser o seu odio a christãos. Com o longo descostume do verdadeiro mundo, a imagem de seus conterraneos, despindo-se insensivelmente de quanto no commercio dos homens produz tedios, cançasso e aversão, purificada, perfumada pela saudade, divinisada pela religião, facilmente se lhes convertêra em idolo dourado, enflorado, digno de todos os sacrificios. Cousa he a patria que mais e melhor se ama ao longe do que ao perto, suspirada do que lograda: a idea porém dos christãos portuguezes pelo contrario se carregára e denegríra; a memoria e a fantasia desoccupadas, exagerando-a á porfia com quanto podiam, a haviam transtornado n'uma idea completamente monstruosa e infernal. Não havia crimes possiveis ou impossiveis que nos inimigos os não supposessem, como nem virtudes e excellencias que não figurassem nos seus. N'estas convicções os confirmava a solidão: dos oppostos affectos que d'ellas nasciam os repassava cada vez mais a propria vista de cada pedra do edificio, cuja alma eram, documento e monumento da irreconciliavel inimisade dos dois povos.

A' seguinte noute apoz aquella em que Giraldo se recolhera a Montemuro, finda a derradeira refeição e oração, « Filha, disse o velho á virgem, agora mais que nunca importa velar. Grande he Allah de quem mana toda a virtude: com tantos olhos da alma havemos de observar todo o arredor, quantas são as estrellas que espreitam do alto o segredo das terras. O cavalleiro que hontem vimos passar para a cidade, ao entrar e ao saír deteve-se a considerar a torre: christão era, raça condemnada, sem fé nem verdade; e o que passou com o Alcaide bem mo ouviste ler n'esta carta que o mesmo Alcaide nos enviou com o ultimo mantimento que içámos á torre. = Não ha Deus senão Deus e Mafoma » he o seu Profeta: sabei vós outros, atalaias da torre posta á cabecei» ra da cidade como mãi que não dorme ao pé do berço do filho primei» ro, sabei como he vindo a nós um Nazareno por nome Girald ben Gi» rald, e por appellido Sem-Pavor, Capitão dos ladrões acastellados na » montanha, que tantas vezes fazem entradas por terras assim de mou» ros como de christãos, com os quaes ladrões (que Deus confunda) » trazemos nós pazes, até que possamos de subito um dia colhe-los na » rede de nossa vingança: Sabendo elle como o tiranno de Coimbra » ben Enrik dispoz submetter a seu jugo esta nossa provincia, e enten» dendo que igual perigo como a nós o ameaçava a elle e aos seus, gen» te criminosa, fugida á justiça da terra do seu nascimento, a nós por » divina mercê Alcaide de Evora nos propoz unir as suas armas com as » nossas, para commum defensão e complemento de vingança estrondo» sa, que por muitas e graves offensas jurára em sua alma sacar do ti» ranno. Duvidâmos nós de sua fé, porque se por uma parte he revel, » perseguido e desterrado, por outra o considerâmos nobre, cavallei» ro e saudoso da patria, e primeiro foi nosso adversario que seu of» fendido: todavia trocámos com elle a requerida promessa de mutuos » auxilios. Pelo que agora vos recommendamos sete vezes, e novamen» te vos tomamos juramento pelas azas escuras do Anjo da morte, e vos » emprazamos para a ponte delgada do oceano de fogo, no dia da con» ta, em que todo este povo se vós o traísseis iria vozeando pender-se » da orla do vosso alquicé, e precipitar-vos de chofre no golfo das cha» mas, que veleis dia e noute e nos deis rebate de qualquer novidade » sentida de longe. » — « Meu pai (interrompeu a virgem, fechando-lhe nas mãos a carta, e tomando-a por cima da cabeça) sobre mim cáia todo o sangue da nossa cidade, e á hora da morte me enlutem a alma com as aguas do infame baptismo, se jamais por nosso descuido entrar a ruina aos victoriosos filhos do Profeta. Minha he esta noute, que ma promettestes; ide-vos a descançar, e sonhai felicidades, que eu as gozarei ainda maiores, mantendo sosinha no meio do enlevo das trevas caladas os altos destinos da nossa cidade. »

Só está a formosa Moura de pé ao humbral da ventana, bebendo por olhos e ouvidos a escuridão e silencio dos campos. O somno que ella havia de dormir dorme-lho a cidade, e o santo orgulho que por isso lhe alvorota o peito, quasi tão docemente a dessocega como a outras as amorosas fantasias de sua idade. Virgem até no coração, até no pensamento, se alguma cousa invejasse mais, seria só a gloria de vestir armas e de pelejar contra christãos, como ja outras muitas de seu paiz, celebradas nos cantos dos poetas. A alma do pai se infundiu na sua; o seu seio só palpita com as relações das pelejas; o seu olhar só se inflamma vendo passar por longe algum christão, e n'esses momentos déra ella todos os palacios de safiras dos contos orientaes, todas as musicas e aromas das sultanas de Córdova, por ter o olhar do basilisco. Todas as suas supplicas ao Profeta imploram a peste e a destruição sobre o nascente reino dos descrentes portuguezes. Nos extasis do seu zelo religioso cuida até que presenciaria com delicias a tomada, o exterminio, o incendio de uma d'essas cidades infieis; as mães arrastadas pelos cabellos nos regatos de sangue, os filhos longe d'ellas, esmagados sob os pés tumultuosos dos cavallos; os soldados da cruz trazidos em cadeas para virem em lugar dos brutos puchar nos longos dias do verão as gemedoras noras nos hortos e pomares dos arrabaldes. E todavia não he ella cruel; mas extrema piedade para com o pai, unico ente vivo do seu mundo, e para com a patria de quem elle a nomêa anjo, lhe dá toda a crueza. O fanatismo fortificado pela solidão occupa todo o lugar que fóra d'ali sentimentos mais doces e humanos haveriam senhoreado. Oh quem assim odêa os inimigos d'uma patria que não desfructa, que não fizera amando! olhos que assim se deleitam em perder-se pelos ermos da noute ao pé d'um velho adormecido, que não exprimiriam em mais doces vigilias! Mas essas vigilias que ahi vão por baixo de tantos tectos, não as inveja ella, que as não conhece: do amor nada tem ouvido mais que o canto d'alguma avesinha que no meio do vôo pára a descançar no cimo da torre: dos prazeres só sabe o verdejar dos montes apartados: da primavera, d'essa quadra tão irmã e tão uma com os seus annos viçosos, só as virações que vem como por dó, contender com alguma florinha que, nascida entre as pedras do edificio, desabrocha como ella em desterro, e desenvolve formosura nem d'ella propria conhecida.

Mas na vespera por juncto da torre passou um peregrino, e sentando-se defronte a descançar á vasta sombra fresca e rumorosa do grande pinheiro, cantou ao som de tiorba um romance, cujos sons e palavras lhe desceram suavemente ao fundo da alma e lha trazem desde essa hora enlevada.

Viva Allah, foi meu padre um bom mouro,
Moura madre me deu de mamar,
Moura fada fadou-me um thesouro,
Moura virgem mo tem de entregar.

Honra a Allah que o porvir nos decreta
Quando os olhos abrimos á luz!
Tu és gloria aos fieis do Profeta,
Eu horror aos de Affonso e da Cruz.

Manda Allah que eu te colha a meus laços,
Fenix rara, em teu proprio jardim,
E que só ao sentir-te em meus braços,
Virgem moura, os meus males dem fim.

Voto a Allah, meu laude cançado,
Se consigo esta flôr das huris,
Que hade em Meca pender n archetado
D'ouro e perlas, de prata e rubis.

Allah bom, Allah forte, Allah grande,
Lá do setimo ceu me ouça já;
E um pelo outro a descanço nos mande
Cedo, ó virgem mimosa d'Allah.

E ditas estas trovas se partíra, voltando-se muitas vezes para a torre e ventana onde ella ficava. Desde então mais o não havia avistado senão por sonhos. Nos poucos momentos que dormíra representava-se-lhe vê-lo, sem saber como, entrar na torre, e toma-la em braços; e sempre n'aquelle ponto o tumulto do coração e um terror involuntario a despertára sobresaltada. Nada ousára confiar ao pai nem quasi a si propria de tão estranhos desvarios; mas creada com as superstições mouras, costumada ao alcorão, onde sonhadas vem as profecias, mulher, moça, donzella, e imaginária como quem por falta de universo revolvia de contínuo o do seu interior, debalde procurava dar de mão a um presentimento confuso d'algum grande lance que a aguardava com aquelle desconhecido. Pela primeira vez agora sente estreita a sua prizão, e segue com a vista as nuvens que se desvairam pelos ares livres. A expressão do rosto attento do peregrino não a entendêra ella; feição por feição a está recordando; procura por algum modo traduzi-la ou rastrear-lhe sequer o sentido; mas o bemquerer que os versos expressavam e pediam não se lhe figurava que morasse no mesmo coração d'onde elles pareciam rebentar. O olhar poderoso d'aquelle mouro a fascinára apossando-se de todo o seu destino: em qualquer parte não sabida para onde os passos o levaram, onde quer que dorme ou vigia ausente, ella está juncto d'elle, ajoelhada como escrava aos pés de senhor offendido. Se elle volvesse n'esta hora a assentar-se na mesma pedra, presenti-lo-hia de longe, conhece-lo-hia na escuridão, e teme até que, attrahida por esses dois olhos resplandecentes nas trevas como duas estrellas, absorta e arrebatada como a ave que de ramo em ramo se despenha na boca da serpente, deixaria a alampada só velar na torre juncto ao pai adormecido, e desdobrando a escada levadiça aos sons do alaude, desceria saltando atropelladamente a encontra-lo, e cravar lhe um ferro nas entranhas para revoar á torre, acordar o velho, refugiar-se-lhe no peito, e dizer-lhe ao ouvido: « Salvei-te a tua filha: defende-me, esconde-me, que trago as mãos ensanguentadas. »

Aqui, correndo a espertar a luz que, ainda mais cançada de velar do que ella, ja começava a ondear sombras perturbadas no aposento, foi juncto do leito procurar no rosto sereno e forte do ancião adormecido mudas inspirações da paz e valor que lhe falleciam. Depois sorrindo de si mesma, embraçou o escudo, empunhou e meneou convulsamente a lança, e repondo novamente lança e escudo, e chamando-se louca, voltou para a ventana a desempenhar-se de sua penosa tarefa. Nenhuma luz surdia la das janellas de Evora, nem dos casaes pelos montes ao longe: ja os galos responderam ao canto da meia noite que entôa o galo invisivel e celeste do Profeta. O insensivel lentor da noute, o rumorejar monotono das folhagens com o frouxo meneio das virações relaxam pouco e pouco azas ao alvorotado pensamento da solitaria. No rebate da janella se reclina contra o campo confiado á sua vigilancia, com a face sobre o braço curvado, a outra mão cerrada ao peito, e os olhos nas estrellas por onde, como por umas serranias de diamantes, faz subir suas orações candidas ao throno d'Allah; até que o cançasso, o silencio, a hora e o seu destino lhe fecharam os olhos: somno profundo a afogou, e sobre a grande cidade só ficou vigiando, como sobre um mausoleo desamparado, a chama incerta d'uma desamparada alampada.

Em quanto sonhos talvez d'antigos combates, talvez das glorias do mahometico paraiso, enfeitiçavam o descanço do mouro, era o culpavel somno da virgem imprudente atravessado de visões, carrancudas como fantasmas, pesadas e frias como a morte. Dissereis que as nuvens, que volteavam cada vez mais densas pela face das estrellas, e atormentadas do vento se transtornavam á porfia em mil formas agoureiras e monstruosas, pelas palpebras transparentes lhe estavam coando para os reconcavos da alma as suas sombras, e que as idéas esvoaçando soltas do jugo da razão se infundiam n'ellas, ou as trajavam para a atormentar com uma scena fantastica de inferno. Eram somno e sentidos horrendamente misturados; era aquelle estado, que ainda ninguem, mormente pela noute das grandes paixões, deixou de experimentar, em

que a mentira e a verdade, o interior e o exterior, o real, o possivel e o impossivel se conspiram para nos desatinar. Todos seus membros estremeciam, grandes gotas geladas lhe escorriam da fronte, o peito arquejando anceava sacudir de sobre si a mão dormente que o esmagava com um peso igual ao do mundo. A voz procurava, sem encontrar, uma fuga por entre os labios convulsos até ao ouvido paterno, e a cabeça desesperando-se immovelmente por se agitar, anhelava ferir-se contra a pedra e sacudir n'um grito o torpor em que se sentia finar. Os esforços da vida contra a morte começavam emfim a prevalecer: ja sopesava o braço; ja despregava e erguia o rosto; ja se descerravam os olhos; quando entre as visões do animo não bem apagadas, e o aspecto do ceu carrancudo, creu ver, viu, vir surgindo por fora da torre e cosido com ella um braço nu e forçoso, uma fronte larga e requeimada, uns olhos reluzentes, um semblante como o que em sonhos a perseguio. Ainda mais atterrada com esta apparição aerea, a qual sem azas e suspensa no vacuo, a contempla absorta com os olhos quasi pregados sobre os seus, e agitando-lhe ja os cabellos com a respiração afanosa, retrair-se foi o seu primeiro instincto; mas o braço, como garra de leão a aferrou subito: o segundo impeto precipitar-se; aguentou-a o proprio peito de que fugia. N'esse instante a desesperação lhe restituio o que o pavor lhe havia roubado: com forças maiores que do seu sexo, e proporcionadas a um lance tão apressado, fechando os olhos por não ver o seu inimigo, se travou estreitamente com elle arca por arca, e se empenhou entre os dois uma lucta mortal de que eram arena uma estreita lagea e o ar profundo, e uma luzerna agonisante o unico espectador. O seio nu e melindroso da virgem tressua contra um peito cerdoso, fornido, armado de cicatrizes; a face tenra se magôa nos tufos de umas barbas hirtas; um hombro requeimado repelle um hombro de marfim: só são iguaes os dois corações que um a outro se sentem bater atropellados e que o mesmo fogo tem abrazado das mesmas furias. O mais profundo silencio envolve este tenebroso combate. Prova cada um o extremo das forças que a posição agra e temeraria lhes consente empregar, e parecem immoveis por algum tempo como duas estatuas abraçadas. Em qualquer outra parte o varão logo ao primeiro encontro houvera roto o equilibrio da contenda, ou antes, cavalleiro costumado a guerrear cavalleiros, desdenhára victorias taes d'uma donzella, mas aqui a desvantagem de sua posição contrabalançava immensamente a melhoria do sexo: uma cunha mal entalada entre as juntas externas da cantaria da torre, era o unico pedestal que o sustinha sobre um abismo; com um só dos pés descalços se aferrava a ella, com o outro procurava, palpando na parede lisa, uma pedra resaida, uma falha, uma hervinha. Com um só dos cotovelos se chumbava ao rebate da tão defendida e porfiada fresta; a cada esforço para se alçar sentia gemer a cunha, curvar-se, e lascas de caliça cair resaltando ao longo da parede até ao alicerce. A moura, com o meio corpo debruçado sobre o seu, temendo menos despenhar-se com elle do que vê-lo entrar comsigo, lhe augmentava o peso, lhe encobria a passagem, e arrimando no ir e vir da lucta, as espaldas ora a um ora a outro humbral, lha trancava; com a face lhe vendava os olhos, com os dentes procurava devorar-lhos. Oh se elle podesse alcançar á mão a espada que se lhe balança e tine ao lado, a desesperação o fizera talvez commetter uma vilania! Cresce e reveza-se de um a outro a incerteza do exito; ora pendem balançados para o campo ora para o aposento, como dois arbustos unidos que um redemoinho embalouça na alta ameia d'um castello derrocado. Nenhuma ou uma só d'estas cabeças saudará o novo dia, e qualquer que succumba, grandes e alheios fados afundará comsigo! Tal certeza lhes redobra de continuo as forças.

A musulmana começa a animar-se pelo seu longo resistir, rouqueja surdamente o nome do pai e o de Allah, solta-se do contendor, retrae-se; como vaivem sacudido contra muralha, volta logo com todo o peso a embater n'aquella massa que ja sente vacillante e que não comprehende como tanto haja podido suster-se sem alicerce no meio dos ares. Ao mal esperado encontro, estremece o valoroso; o seu peito que ja se debruçava para galgar, se despega do amparo da pedra: com a direita estendida procura desacordadamente onde se apegue e não atina; vai precipitar-se... quando por um arrojo temerario, ennovelando todas as forças no interior, repulsando com o pé a ja quasi inutil cunha que lho sustentou e estala, pulla, retoma com um braço a janella, com o outro colhe pelo collo a destemida que ja voltava a segundar o tiro; aperta-lho como em uma tenaz, sacode-a duas, tres, quatro vezes como um gigante que procurasse desentalar um dragão d'entre penedos; pouco a pouco a curva, a debruça, ja os olhos da sua preza não podem ver o ceu, nem a luz da torre, mas só o anoutecido fundo do precepicio. Por um momento pendeu aquelle corpo librado entre a vida e a morte; um leve e derradeiro toque rompeu o equilibrio, revoluteou sobre si mesma! Os echos visinhos não ouviram mais do que um gemido curto e estranho, um fracassar successivo de cunhas, e logo um baque soturno que não souberam repetir; e tudo recaiu no silencio. A's trevas agradece o vencedor o encobrimento de tal victoria, e só lhes pede assaz espaço para lavar em correntes de mais digno sangue esta ultima sobre ja tantas outras nodoas do seu nome. Com a espada apertada no punho, entra senhorilmente pela torre; mas a luz, como que fiel ás mãos que a accenderam e a que sobreviveu, longe de lhe facilitar o conhecimento do recinto, lho turva de repentinas sombras, revolvendo-se entre as vascas do apagar-se. A um de seus clarões instantaneos, percebe ainda intacto o facho com que nos perigos da noute era dever da atalaia fazer signaes e almenaras do alto da torre, e pelos movimentos e direcção da chama indicar ás vigias internas da cidade a que parte, com que forças, e por que modo importava acudir. Accende-o, dá com o mouro adormecido: « Torre maldita, exclama, não terás para offerecer a um braço cavalleiro senão infamias? » Viu armas: considerou um pouco se o acordaria, mas reflectindo que um só adversario mal valia o tempo tão apertado e precioso que despenderia a espera-lo, de um golpe lhe fez saltar a cabeça. Corre com a luz exploradora a todas as partes, e certo de que ninguem vive no edificio, desenrola a escada levadiça, crava na ponta da espada, sem a olhar, a cabeça defuncta, desce velozmente. Ao pousar pés em terra, he um cadaver o primeiro objecto em que topa! Affirma-se, reconhece a moura que dorme n'um banho de sangue o seu somno ultimo: deu-lhe um suspiro, « Tão moça, fermosa e sem culpa!.. oh gloria! oh patria! quanto muitas vezes custais caro! » Foi um raio de piedade que rompeu por entre as nuvens tormentosas do pensamento até á flor do coração do guerreiro, e antes de lho haver podido aquecer, se esvaiu. Se ha horas bemaventuradas que não admittem penas, outras ha tão negras que nenhum reflexo benigno as pode matizar. Todo abrazado na sede de um futuro para o qual tão largos passos deu ja por uma vereda de cobardias, nada pode haver n'esta noute que o detenha. Com o gume que destroncou a cabeça do pai decepa a da filha, a mesma espada bebe duas vezes o mesmo sangue, e as duas almas n'aquelle momento reunindo-se por ventura para deixarem junctas o mundo, ou para ficarem girando e gemendo em redor da sua torre que não poderam salvar, folgariam de ver na inimiga mão reunir-se ainda uma vez aquelles rostos que só um ao outro se olharam tantos annos, que exprimiram sempre os mesmos pensamentos e as mesmas vontades.

Assim descia Giraldo semi-nu, qual havia trepado á torre, pela encosta do silencioso outeiro: sob as suas çapatas ferradas, que juncto aos alicerces recalçára, resoa o caminho, que a largas passadas o despede. O tinir da espada o importuna como um escarneo: carregada e fêa vai a sua alma como um espelho da noute; n'uma e n'outra só uma estrellinha incerta reluz ao longe. O vento que doudejando por entre os ramos não vistos, tantas vozes humanas arremeda a ouvidos perturbados, de quando em quando o fórça a deter-se para escutar. N'um d'estes momentos figurou-se-lhe ouvir ja as fallas de sua gente, a quem intimára o mais profundo silencio, e estremeceu e córou pensando nos despojos que de sua victoria lhes trazia. Esteve para os arremessar; mas alçando na mão e encarando pela primeira vez aquellas duas cabeças junctas, lhes sorriu um sorriso triste, que dizia: « Porque? não eram as vossas mortes necessarias condições para uma grande façanha e uma felicidade ainda maior? Oh que vos invejára eu, se não fora este meu sonho do porvir! Na patria morrestes e pela patria; morrestes puros e sem remorsos; morrestes onde amastes e com quem amastes. As peores amarguras da hora suprema, nenhum de vós as tragou, nem os terrores do expirar, nem as saudades do mundo, nem a pena de testar lagrimas a quem só se desejaram alegrias. Tu findaste dormindo, tu combatendo e esperando; ambos perto, nenhum aos olhos do outro. E agora, em quanto eu, vivo e vencedor, não tenho um rosto de mãi, de filha ou de amigo onde encoste esta cabeça condemnada, esta face enrugada antes da velhice, estes labios desafeitos de branduras, os vossos rostos se tocam, e o mesmo vento desabrido parece estar folgando de vos emprestar uma sombra de vida e amor, quando entremescla mollemente as ondas negras d'estas madeixas com a prateada espessura d'estas barbas. Se alguma cousa sensitiva permanece em quem viveu, dos tres que descemos da torre não sois vós, não, os mais mal afortunados! »

Entre tanto embuscados em um souto, nas fraldas do outeiro, os bandidos de Montemuro esperavam e desesperavam. Para que fim desampararam o seu castello da serra? ¿ porque se lhes mandou que trouxessem, alem das armas bem aparelhadas para ferir, uma multidão de páos curtos e delgados, indignos de suas mãos, incapazes até para pelejas de mininos? e porque rasão despartindo-se d'elles, antes da meia noute, se despojou o capitão da mór parte de suas roupas, se enfeixou em ramas verdes, levando alem da espada e de uma lança altissima, alguns d'aquelles mesmos páos, constante assumpto de seus motejos? Saudades teimosas da patria, asperezas de vida, e penas sem desafogo nem esperança, ¿ transtornar-lhe-hiam a cabo o juizo, e estarão elles, elles terror forte do Alemtejo, elles javalis de Montemuro, representando sem o cuidar um arremedilho ridiculo de um comediante? No meio d'este cuidado geral cochichando e papeando todos em meias vozes, soa de repente uma que os emmudece. « Valorosos, exclama Giraldo, minha he a torre da atalaia; eis aqui os que a mantinham! Minha e vossa será por tanto Evora ainda esta noute, e ámanhã teremos um presente de Rei para offerecer a D. Affonso em troco de nos restituir, como espero, a patria. He o derradeiro empenho em que vos metto; havei-vos n'elle como nos demais, e fiai o restante da fortuna, coroadora certa dos arrojos magnanimos. Pelo que ja me ha servido, julgai se podemos ou não confiar n'ella. Em quanto me vós suspeitaveis ou traidor,ou inconstante, ou cançado, preparava eu só comigo os meios para a redempção de nós todos, sem que nem vós, nem os inimigos me adivinhassem. Enganando, socolor de fingido interesse, o Alcaide nosso falso amigo, visitei e estudei a cidade, suas entradas, saidas, forças e industrias defensivas. Desfarçado em peregrino, sentado hontem em face da torre que me importava reconhecer, com um cantar mouro ao som d'alaude attrahi á janella os guardas para ver ao sol os adversarios que nas trevas havia de destruir; e em quanto me elles contemplavam do seu asilo inaccessivel, debuchava eu na memoria as juntas das pedras que me haviam de servir de escada. Tudo sahiu como o eu traçára. O escuro dos ramos de que ainda agora me vesti, ajudado do negrume dos ares, me consentiu volver la sem ser notado: juncto ao pinheiro aguardei se adormeceria a vela; mal a cri dormida, soccorrido das cunhas, e fazendo firma na lança, sobi, e vo-lo repito, estou senhor d'aquella verdadeira chave da cidade, com a qual juro abrir-vo-la antes de uma hora. Se alguem ha que tema entra-la comigo, que fique, e no seguro d'estas moutas ouvirá de longe o alarido da nossa victoria: e se até os echos de guerra o assustam, parta, que todos nós lhe abriremos caminho; parta, e va-se acolher a Montemuro entre as mulheres. » — Todos elles levantaram as vozes e as armas jurando segui-lo: poucos minutos apoz, só havia entre aquellas arvores duas cabeças mortas que pareciam surgidas de sob a terra, para escutar ao longe o estertor de uma cidade. Os cavallos corriam á redea larga para um posto assinalado, e o mais da gente, semelhante a uma nuvem densa, que sem ruido aloja em si o temporal e o leva ás cegas por onde e para onde apraz ao vento, ascendia rapida e silenciosamente com o Capitão pelo caminho da torre, contra as muralhas de Evora.

III.

Um edificio sobrepuja dentro na cidade a todos os tectos, calado como toda ella, mas não como ella adormecido: he um como ouvido e olho que o grande corpo do povo tem sempre de fora da coberta do seu leito em quanto descança. Aos sculcas d'esta segunda torre toca explorar a larga campanha de que a povoação se rodea, receber da torre externa no outeiro de noroeste os signaes de accommettimento por aquella parte, e havida certeza ou receio de novidade, dar rebate aos moradores. Eis que la de cima a sentinella do quarto da modorra vê arvorar-se inesperadamente um facho na coroa da torre redonda! Sobresaltada com o despontar de tão mal agourado cometa, não tarda em lhe responder com outra igual chama que « alerta está, que ainda porem não alcança pela calada da noute rumor algum, nem atina para que sitio importe dar repique aos homens de armas. » Giraldo (elle era) tão encantado com o lume do mouro quanto o mouro assombrado com o seu, lhe significa por novos e successivos signaes, « haver passado inimigo que la se vai correndo para os plainos, fora das portas do nascente. »

N'este momento, a uma bafagem que soprou d'aquella parte, ouviu a sentinella claramente um frémito de cavallos e armas vir recrescendo contra o muro. Para acudir á trombeta de rebate largou o facho, o qual Giraldo vendo caír para fora ao longo da torre, que branquejava e se escurecia successivamente, disse, arremessando o seu a larga distancia: « Assaz conversaram guerra as torres com suas linguas de fogo; agora a nós pertence, a nós varões fazê-la e acaba-la com braços de ferro. Avante! cahida he a estrella de Evora, e sumido para sempre, como raio, o nosso infortunio! »

Aos arrastados rugidos da trombeta, seguiu a voz estrondosa da atalaia, clamando sem cessar alarma alarma, e denunciando a porta e lanço do muro para onde urge confluir os soccorros. De instante a instante clarêa o tropear da cavalleria; a trombeta e o pregão da vigia se revesam com mor furia, echoando pelas ruas ermas e tenebrosas. Por baixo dos tectos ja lavra um rumor confuso; ja vultos alvos vem assomando pelos eirados; ja aqui e acolá se descerram portas e estampam nas frontarias oppostas uns movediços paineis de luz, onde desapparecem e reparecem tecendo-se e correndo confusas figuras de terror, homens que se vestem arrebatadamente, mulheres que lhes trazem alfanges e broqueis. Ja os tambores surdem, e discorrem tumultuariamente todos os caminhos: o fragor de um rufo geral innunda e estremece a cidade até ás intimas particulas dos edificios e dos homens, como uma fervura em cachão atormenta o vaso e revolve quanto n'elle se encerra; e por entre este som grande, poderoso, escuro, atravessam solitarios os gritos e gemidos dos clarins, como os corvos da tempestade pela amplidão da tempestade. Agigantadora de perigos é a noute; lembram-se de D. Affonso e da miseravel tragedia de Santarem. Uns se armam e correm offerecidos a toda a fortuna; outros se detem assombrados em suas pousadas, incertos se mais convem morrer defendendo-as de dentro, se desampara-las pela salvação commum; e ao mesmo tempo que os visinhos inquirem aos visinhos e aos desconhecidos que passam, sobre o que ninguem conhece, e os transes do coração se trocam nas fallas em mal fingidas afoutezas, o Alcaide com um bom numero que ja chegou a congregar de pelejadores resolutos, espera em cima do muro e com o ouvido attento a tornada dos exploradores que pelo campo enviára a descobrimento. « Cavalleiros christãos, cavalleiros christãos, (gritam estes, recolhendo-se turvadamente ao meio dos seus) cavalleiros christãos! que se não sahis apercebidos a rechaça-los, não tardarão que nos não commettam, tanta he a soberbia de suas vozes e feros, e a arrogancia do seu campear, certo maiores do que se havia de esperar de tão pequena copia de gente! Sahi logo, sahi os que ja sois prestes, que vos fiamos havereis d'elles bom barato. » — Com tanta furia foram estas palavras ouvidas, que toda a companhia com grita de Allah, aberta a porta, se arremessou em torrente ao campo e se foram de tropel contra os mal estreados quebrantadores de seu somno. Giraldo, que por este ensejo anhelava escondido não longe com a sua turba, como sentiu assaz desviado o tumulto, investe com a porta ainda patente, qual, ou de confiados ou, o que he mais para crer, de attonitos, a conservavam os porteiros e guardas d'ella: estes, cegos do escuro e confusos com a revolta, só reconheceram pelas obras a quem vinha entrando, e quando ja não havia resguardarem-se; porque, recebendo em cambio das perguntas com que festejavam o victorioso regresso dos seus, resposta de botes, talhes e revezes, logo ali se desampararam das vidas. Entrados os christãos e deixado aquelle passo a bom recado á conta do golpe de inimigos que andava fóra, se espalharam correndo pelas ruas com grandes vozes de « Victoria, Portugal e S. Thiago! » e acutilando quantos mouros armados lhes occorriam. Então o conhecimento claro do mal presente restituiu aos moradores a resolução que os annuncios d'um perigo não sabido lhes tivera embargada. Tambem isto o previra Giraldo, e para acautelar que n'essa hora se não viesse a perder o valor afogado da multidão, e desejoso de acabar este feito o menos enchovalhado, que ser podesse, de sangue até de infieis, he que fizera trazer aquellas estacas que a sua gente agora hia atravessando pelas argolas de todas as portas, a fim de salvar pela prisão as vidas dos que ainda se não tivessem lançado a perde-las. Continuava não obstante por toda a parte, antes crescia o reboliço. Ao estrepito das armas, gritos e gemidos dos moribundos e precipitadas carreiras de perseguidos e perseguidores, se accendiam pelas casas os chóros e clamores feminis; pelos minaretes o rebate; pelos eirados a raiva que de tudo fazia armas, e as chovia ruidosamente sobre os adversarios de envolta com as maldições e improperios. Os melhores dos mouros que fóra andavam a braços com os cavalleiros da trilha, pouco tardou que pelo resoar da cidade cahissem na conta do que podia aquillo ser, e entendessem quanto importava acudir, se ainda fosse tempo, ao centro e somma de todos seus interesses; pelo que pelejando e refugindo, se vieram outra vez caminho da porta. Chegados a ella, e quando esperavam que para recebê-los se abriria, a viram escancarar-se para vomitar um bando de espadas que tempestuosamente os tomaram pelos rostos, em quanto os de cavallo os alanceavam pelas espaldas. Aqui foi o desmaiarem totalmente os corações: arremessam as armas os que sobrevivem, e por cima dos corpos dos feridos e mortos, por entre os cavallos e os golpes, o alarido e as trevas, se dispersam voando e desapparecem, mais acossados do pavor que do perigo, porque os christãos desprezando segui-los por acudir ao arruido dos muros adentro, se deram toda a pressa de entrar; e reposta em bom seguro a porta, se derramaram pelas ruas a ajudar os companheiros assim com as obras como com as novas do desbarate ja feito.

Como esclareceu a manhã, sentindo Giraldo quietada com o terror toda a cidade por jazerem mortos, ou andarem fugidos os mais valentes de seus filhos, e não poderem nem ousarem os outros saír-se das casas, ordenou que na mortandade se pozesse ponto, contentando-se os vencedores por direito de guerra e em paga da perdida noute, com o saque geral de povoação tão rica e tão a subitas apanhada. Assim se viram de repente os foragidos de Montemuro senhores de uma capital, servidos de escravos e escravas, abastados de tudo, até de fama para entre christãos e infieis. Duas sos cousas lhes falleciam, a honra de outr'ora, e a faculdade de rever a patria. Ambas essas maravilhas se cifravam na graça de El-Rei: nem sequer ousavam deseja-las. Porem Giraldo, sua antiga Providencia, inda os não desamparou. Assim como houve a cidade ás mãos despachou embaixador a D. Affonso, encarregado de lhe pôr aos pés as chaves d'ella, e a espada que a ganhára, com uma carta mui bem concertada de termos de lealdade, na qual lhe pedia fosse servido mandar logo tomar conta d'aquella pequena menagem, qual para elle e para a fé a haviam gostosamente grangeado os sem ventura não ha muito seus filhos, e ainda agora e sempre seus soldados e servidores: que elles ahi lh'a ficavam guardando, prestes a entregar-se-lhe com ella, e receber sem queixume da mão de seu Senhor e Rei o perdão ou castigo com que alfim lhe prouvesse allivia-los de seu longo desterro.

Cheio estava ainda o Principe, quando a embaixada lhe chegou, do contentamento que recentes victorias suas lhe influiram: Cesimbra tomada, El-Rei de Badajoz com soberba cópia de gente destruido, a formidavel Palmella, ao simples som de nossas trombetas, como Jerichó humilhada e entregue, outras muitas entradas felicissimas por terras de mouros transtaganos! Acresciam-lhe ao contentamento as esperanças dos novos louros que ja traçava colher de Moura, de Serpa, de Alconchel, de Coruche e de Elvas, que esse mesmo anno de 1166 lhe veio a entregar. Acolheu com boa sombra o mensageiro, e dando a Deus muitas graças por até em criminosos florir a heroicidade portugueza, o tornou logo a despedir com as chaves da cidade, a espada que a ganhára, e lettras cerradas de resposta para o capitão D. Giraldo, pelas quaes o nomeava seu vassallo e Alcaide perpetuo da sua cidade de Evora, com o perdão, honras, e mercê da fazenda ganha, a todos e cada um de seus valorosos sequazes.

Assim veio a poder de christãos, para nunca mais sair d'elle, esta formosa cidade, ja insigne de tempos antiquissimos: — em quanto Lusitana resistidora das legiões do Tibre, e amada de Sertorio, de cuja mão recebeu parte das joias que ainda hoje alardea, o seu colar de muralhas, e o seu aqueducto da agua da prata: — Romana, tão mimosa de Julio Cesar, tão enrequecida por elle de foros e privilegios, que *Liberalidade Julia* foi o seu nome; e tão bem olhada do ceu, que nascido o sol da fe, madrugou com as primeiras a recebê-lo, e a quasi todas se anticipou nos triunfos do martyrio. — Rebatisada, depois de quatro seculos de Arabe, reassume o baculo pontifical, que ja por outros tres seculos empunhára quando Goda, e com elle alçado por cima dos outros da provincia, para sempre se fica pastorando um vastissimo rebanho. — Abastada de nobrezas pela multidão de suas antiguidades, pelo venerando aspecto de seus edificios, pelo numero das suas casas religiosas e opulencia da sua cathedral, pela fidalguia de suas familias, pelos varões com que tem honrado as lettras e a milicia, pelas sciencias de que ja foi deposito, pelos monarchas a cuja côrte ja deu assento, Evora d'entre tantas glorias só quiz e conserva por brasão de suas armas um cavalleiro com a espada erguida, e duas cabeças cortadas.

NOTAS.

Pag. 45. *Principio.* — D'esta tomada de Evora temos antiquissimo testemunho no Chronicon Lusitano, mas tão sucinto, que só diz que na era de 1204 [anno de Chr. de 1166] fôra a Cidade de Elbora tomada entrada e saqueada de noute por Giraldo, a quem davam sobre nome *O Sem Pavor*, e ladrões seus companheiros, do qual Giraldo foi entregue a El-Rei D. Affonso. — Noticias mais miudas não ficaram escriptas por contemporaneos, ou se perderam. O velho Duarte Galvam, na sua estonteada chronica, não só erra o anno d'esta façanha, senão que inteiramente ommitte n'ella o nome de Giraldo, contentando-se com dizer que tomara El Rei D. Affonso, de envolta com outras cidades, esta. He André de Resende o primeiro que pelo meado do seculo XVI apparece com uma relação circumstanciada, na sua *Historia da antiguidade da Cidade de Evora*. D'onde a tomasse não o diz elle, mas he tão respeitavel a sua auctoridade, que Brandão, o irreconciliavel inimigo da mentira, não duvidou segui-lo passo a passo. Parece portanto que entendeu, assim como nós entendemos hoje, que, se ja não foi por documentos que inda poude alcançar que se governou o seu Rezende, a tradição sempre viva, constante, e uniforme entre os moradores da terra lhe pareceu sufficiente testemunho. Á narração do mestre Rezende accrescentaram depois Brito na *Chronica de Cister*, o P.e Francisco da Fonseca na *Evora Gloriosa*, e outros mais, um grande matiz de circumstancias cerebrinas que, se bem augmentam sabor a quem lê, todavia enganam a quem estuda, e que por não lhes reconhecer intenção poetica, lhes toma todas suas palavras sem cambio nem rebate. Quanto a nós, de Rezende tirámos a massa do feito, e no que a nosso modo lhe marchetámos para enfeite, e que bem se denuncia como tal, pouco mais empregámos ainda assim do que probabilidades e conveniencias.

Pag. 45 *col.* 1 *lin.* 1. — As descripções que fazemos do Castello Giraldo em Montemuro, e mais adiante, da atalaia no outeiro de S. Bento, podem ser recebidas com toda a fé. Para uma e outra nos conformámos com as informações que nos transmittiu o nosso amigo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, actual Bibliothecario da Livraria de Evora, mancebo estudiosissimo, escrupuloso antiquario, e engenho ja mui conhecido e presado dos amigos das lettras patrias por varios dos seus escriptos, publicados no *Panorama*, na *Revista Litteraria Portuense &c.* Folgaramos, se para isso houvessemos espaço e licença, de estampar aqui as duas cartas suas sobre estes objectos, onde largamente se desenvolve o que pelo nosso texto só vai tocado. Não pago, para nos obsequiar, com o que podia encontrar nos livros, foi-se aos sitios, e com tanta devoção de poeta os visitou, que nem lhe esqueceu colher d'entre as ruinas do Castello de Montemuro, na manhã do 2 d'este Abril de 1840, um raminho mui florido de alecrim para no-lo mandar. O presente e as lettras que o encerravam condiziam maravilhosamente: estavamos ao mesmo tempo vendo e respirando o sitio.

Pag. 45, *col.* 1, *lin.* 26. — Os quatro pinheiros annosos e robustos na cerca das freiras em o outeiro de S. Bento, he fama geral entre os Eborenses que procedem de outro pinheiro que ahi houve de maravilhosa corpolencia e ancianidade, de que duram illustrissimas memorias na tradição popular. D'elle se diz que ja em tempo de Giraldo Sem-Pavor era arvore alterosa. Foi derribado pelo vento em noute de 3 de Janeiro de 1739. Não era este objecto para escapar ao bom mofador de antiquarios, autor da *Historia das Antiguidades de Evora*, Amador Patricio. Vá, por galanteria e sem querermos desvenerar a arvore, um resumo do que se lê nas suas paginas 174 — 176. « Vindo aos campos de Evora a ave Fenix em o anno 3960 da creação do mundo, recolhia-se a descançar e dormir sobre este pinheiro. Ahi começou a fazer o ninho de paos cheirosos de canella, gingibre &c. para nelle se queimar e renascer das cinzas pela setima vez: mas sobrevindo um inverno muito aspero, abalou-se e não tornou mais. Ao pé deste pinheiro se escondeu o capitão Giraldo á espera que adormecesse na visinha torre a sentinella moura. Caíndo com um temporal derrubou o muro das freiras, e se profundaram algumas pernadas pela terra dentro perto de uma vara, foi tanta a lenha, que só da rama fizeram provimento por seis mezes todos os fornos de Evora: o diametro do tronco era de 13 palmos. Foi depois este tronco levado á cozinha das religiosas de S. Bento, e lá serve de cepo em que se faz o picado para tortas e pasteis, e dizem as religiosas que os picados ficam tão saborosos e cheirosos, que não he necessario lançar lhes adubos, o que só se pode attribuir a ter a Fenix feito ninho n'este pinheiro, que já dissemos era de substancias aromaticas. Não tinha o pinheiro raízes por todo o arredor como as mais arvores, mas só duas, em o meio das quaes ficava uma pedra que ainda está no mesmo lugar; a qual para a parte da torre de Giraldo tinha umas riscas que um homem muito insigne em ler escripturas antigas, declarou serem lettras, como umas que estão no frontispicio da Camara da Cidade para a parte da cadêa, e dizerem assim:

Apollo, Musas e poetas
Dos vindouros celebrados,
Á sombra d'este pinheiro
Farão versos amuados.

Todos os homens insignes
Nas armas e entendimento
N'esta cidade de Evora
Hão de ter seu nascimento.

Cairá este pinheiro
Se escapar de ser queimado,
O tronco dará um cepo
Em que se fará picado. »

Pag. 45, *col.* 1, *lin.* 30. — Não costumam os nossos historiadores apontar em que parte do anno 1166 caísse a tomada de Evora: consta porem por documento authentico, que foi no mez de Maio, ficando só por descobrir o dia. João Pedro Ribeiro, na Dissertação VI. Secç. IV. pag. 110, menciona a outro proposito uma escriptura do Cartorio do Cabido de Lamego, que data d'esta maneira: *Era 1204 Mense Maio civitate Ebora quando fuit ablata a Mauris.*

Pag. 45 *col.* 1 *lin.* 79. — No Capitulo 32 da P. III. Liv. 8 da *Monarchia* se achará como, com bons fundamentos, suppozemos, ja n'este anno da tomada de Evora aos Mouros, a visinha serra de Ossa habitada de christãos hermitães.

Rafael, inv. e pintou — Off. Lith.

D. FUAS ROUPINHO: PRIMEIRO TRIUNFO NAVAL DOS PORTUGUEZES.

D. FUAS ROUPINHO.

. . . . Hum D. Fuas, que de Homero
A cíthara para elle só cobiço!
CAM LUS. C. I. EST. XII.

ERMA está de navios a amplidão do Téjo. Lisboa, a anciã dos montes, olha do alto d'elles para o ceo, e para o mar. Vai saíndo o julho do anno de 1180: succedem-se as almejadas manhãs, deslizam-se os dias longos e chegam as noutes, sem que lá para a barra se tenha percebido branquejar de véla, borboleta marinha de boas novas. Cada crepusculo que se apaga deixa accrescentadas tristezas no coração da Cidade; cada somno lhas aggrava com agouros. He porque a armada naval, filha sua pequena e formosa, lhe saío do bafo e agasalho materno, e lá se anda mar em fóra á ventura dos planetas, monteando por entre as movediças brenhas das ondas, as alterosas galés mouriscas, assoladoras e ameaçadoras das vizinhas costas.

« Ja cá nas terras a possança infiel cança e contrasta a miude « a valentia dos christãos: que será ora, diz ella, sobre um elemento « que mal nos conhece ainda, e onde os barbaros campeam senhoril- « mente ha tantos annos de sul a norte e de nascente a occaso? Afigu- « ro-me eu vê-los remontados sobre seus castellos boiantes, rosto despe- « jado e seguro, como cavalleiros em campo seu, governando com a es- « querda mão as rédeas de suas furiosas carreiras contra os atrevidos « mas inexpertos de meus filhos, e com a direita armada derribando-os « onde o sepulchro por si mesmo se lhes abre, se fecha, e se perde. « N'esta minha fortaleza e em tantas outras se eclipsou a lua; mas en- « tre as ondas que suas são, poderá ella ter occaso? Toda tremo se com- « paro por uma e outra parte os auspicios; o numero e grandeza das « prôas, a multidão e pouquidade dos pelejadores, a facilidade e diffi « culdade dos soccorros, o uso e sciencia de uns, a desesperiencia dos « outros: e por cima de tudo, desmaio quando cuido que, se cá tem a « fortuna tantas vezes jurisdicção sobre o valor, lá ella que he vento, « que he estrellas, que he tempestades, lá ella só he tudo, e sem ter « que voltear a roda, com um só sôpro póde fazer e desfazer impe- « rios. »

Sobeja razão tinha Lisboa para tamanho dessocego: por dentro toda era tristeza e orações, por fóra toda ancias e curiosidade: pelo alto de suas muralhas e torres, pelo cume dos seus outeiros, pelas frestas e alpendres dos casaes circumvizinhos não descontinuam olhos de se volver para o oceano, em quanto a luz do dia, da lua ou das estrellas dava logar: prácticas de susto e conforto misturados susurravam por todos os cabos.

Para que o leitor possa fantasiar por si mesmo qual seria a substancia d'estas conversações, bom será que desdê comnosco um passo para traz, e troque Lisboa pela côrte de Coimbra. — Em Coimbra se estava pois El-Rei D. Affonso, ja adiantado em dias, cortado dos trabalhos e victorias, fructo quasi a despegar-se da arvore da vida para o regaço dos Anjos. Semelhante ao seu Mondego, que depois de estrepitoso correr e tumultuar por serras e gargantas, vem todo manso alargar-se para derramar abundancia e vida pelos campos da sua cidade, retratar em si o ceo, e imita-lo em bemfazejo; nas lidas de governar, legislar e orar se recobrava tambem elle das da guerra. Reconnecido e prezado da cabeça da Igreja, em paz com os vizinhos Estados, com a maior e melhor parte do reino ja redemida e segura, consolava os dias da viuvez e o forçado ocio das cãs com escrever e repartir ás suas queridas cidades nobres e uteis foraes. Era um pai de familias que, sentindo-se proximo a despedir-se de suas filhas, todo se occupava em lhes deixar ainda a sua alma em seu testamento. Mas se o seu cavallo das pelejas, a quem já não aguardava mais que uma só façanha juncto a Santarem, pascia, tristemente livre, a aborrecida erva dos valles silenciosos, a sua espada forjada sem bainha lá se andava em mãos do Principe herdeiro, mancebo de vinte e cinco annos, floreando e levando por diante o seu condão de triunfo, contra os mouros de Alemtejo; e a exemplo antigo de El-Rei, e aos recentes exemplos de seu Successor e Filho, a heroicidade portugueza continuava, onde quer que lhe a sorte offerecia materia, a assignalar-se por feitos, a que mais coubera nome de maravilhas que de gentilezas. N'este estado se tinham as cousas quando, na primavera sería ou ja estio d'este mesmo anno 1180, sem annuncio nem novidade de guerra pela vizinhança, dos verdes montes da frontaria de Coimbra descia para a ponte e crescia para a cidade de uma ruidosa multidão de cavallos, peões, bagagens e captivos. Alvorota-se o povo com a novidade, corre desordenadamente ás armas, acode-se ás portas, e áquella parte do muro que ainda hoje retem o nome de Couraça da Cidade. Orava El-Rei em Santa Cruz com os olhos pregados n'aquelle chão que ja para sua sepultura trazia demarcado: ao primeiro susurro ergue-se arrebatadamente, cinge seus membros velhos e ainda ferrenhos com as primeiras armas que topa, ordena que soem o rebate, e voa á defensão commum. Um clamor geral dos seus se ergue ás nuvens apenas o avistam: a presença d'El-Rei he a certeza da victoria. A causa do reboliço se avizinha . . . toda a cidade deixou cair das mãos as armas com um grito de alegria! Mouros, mouros são os captivos que lá vem, e o cavalleiro que na frente de todos se adianta he o Alcaide outr'ora de Coimbra e hoje de Porto de Mós, D. Fuas Roupinho, o velho e valoroso fidalgo, amigo do velho Rei, o aio e creador do Infante D. Pedro Affonso, e um dos memoraveis vencedores de Ourique! Reconhecêra-o a cidade, porque o ancião abalado como ja vinha com a vista do seu Mondego e da sua Coimbra, apenas de metade da ponte percebêra ao longe o Monarcha, desnudando do capello de ferro a grande cabeça alva, se lançára em terra de joelhos com o rosto para o ceo e os braços como de pai estendidos para o povo. — Não consentia a pressa alcatifar-lhe a passagem de verdura, mas as saudações rumorosas do vulgo apinhado, o estrondo festivo dos instrumentos bellicos, e o alvoroço dos sinos lhe improvizaram um triunfo mais saboroso que os do antigo Capitolio.

Recebido aos Paços e ao peito d'El-Rei, D. Fuas Roupinho manda que lhe vão pondo aos pés armas, bandeiras e thesouros recem tomados, capitães e principes maniatados, e por corôa de opima vassallagem, sobre um andor trazido ás costas de escravos, o ha pouco senhor d'isso tudo, um valoroso Rei de Mérida, pallido e moribundo das feridas e vergonha do vencimento. Ao nome ouvido de D. Affonso Henriques, Gamir, que assim se dizia o mouro, abrio pela primeira vez os olhos, que emperradamente trouxera fechados por não vêr as terras e os semblantes dos baptizados: cravados os deteve n'elle por algum espaço, como quem se assombrava de contemplar a imagem do Destino Omnipotente, e rodeando-os mudo pelos cavalleiros circumstantes, deixou correr algumas lagrimas silenciosas, onde reluzia uma d'aquellas profecias de moribundo que raras vezes sáem fallidas: « Assim como eu, desapparecerá de todas estas partes o poderío de Mahomet » e tornou-os a cerrar, sem que nem as palavras benignas e consoladoras do Monarcha, nem o ruido das cadêas que elle fez logo caír dos pulsos dos prisioneiros, nem o respeito que mandou se catasse aos principes vencidos, nem as ordens que deu a seus fisicos para desveladamente tractarem a Gamir como a Rei e a Filho em aposento dos Paços, nunca mais lhos obrigasse a abrir. A morte ja marcára com sangue a sua victima; alguns dias depois Gamir havia de jazer debaixo da terra estrangeira, e dormir irrequieto o seu derradeiro somno ao som dos campanarios christãos, saudadores de novas victorias.

Fôra em resumo de palavras o caso: que apercebido em segredo este potente Rei de maravilhoso número de bons soldados, entrára subitamente pelas partes do sul portuguez, e a correr e a devastar se veio voando até á comarca de Porto de Mós. D. Fuas Roupinho, que ahi era posto de El-Rei por Alcaide do castello, conheceu que não era para a pouca gente que n'elle havia, o contrastar até ao fim tão copiosa e soberba multidão: deixou n'elle a flor da pouca gente que tinha, com preceito de o manterem até sua tornada, e retirado á serra da Mendiga, e congregados com a furia que o apuro requeria os possiveis soccorros dos Alcaides de Santarem, Alcanede, e outras terras vizinhas, do alto da serra esteve vendo um dia inteiro lá em baixo e ao longe o seu castello, como penhasco em meio de temporal, assaltado, atormentado, e endoudecido das estrepitosas ondas dos barbaros. Enfiavam e pasmavam em redor de D. Fuas sereno os auxiliares insoffrídos. — « Esperai [lhes repetia o capitão]; nem se ha o castello de render, nem deixaremos nós de pelejar: hei fé em Deus, cujas são as victorias; havei-a vós outros em mim, que não he ja esta a primeira vez que me avisto com inimigos. Deixai ás horas do dia e aos olhos contentes do sol aquella formosa peleja de um contra centos: guardada nos está a noute: pouquissimos somos, e fallecer-nos-ha vantagem de posto; só nos cabe lidar quando ja a escuridão não permitta contar lanças, e quando cançados os adversarios pelo resistir de nossos irmãos, nos não fique impossivel o debella-los. » — E n'essa mesma noute, por um d'aquelles lances de ousadia temeraria de que se a fortuna costuma namorar quando commettidos por grandes homens merecedores de seus louros, n'essa mesma noute ficou o campo dos assoladores assolado, o castello triunfante, o Rei agareno mortalmente ferido e aprisionado pela propria mão do velho amigo de D. Affonso, que ora vimos lançando-lhe aos pés todos os despojos d'esta imprevista jornada.

Durava ainda na cidade a alegria do bom successo, quando entrando um dia D. Fuas á presença d'El-Rei, o achou pensativo e carregado. — « Tristes novas deveis de ter recebido de vosso filho que lá se anda a guerrear, disse duvidosamente o capitão. » — « Não d'esse, respondeu o Principe, senão do meu primogenito, que he todo este bom reino de Portugal: novas certas me são chegadas como por mar nos commettem os mouros: insultadas andam ja, não só ameaçadas, de suas galés as costas de Setubal até Lisboa. Que faremos, cavalleiro? não nos conhece ainda o mar, e a elles lhes leva e traz ás costas seus alterosos castellos, como elefante submisso: falcões somos nós e aguias; ¿ como nos haveremos com os lobos marinhos? » — « Mandai como quer que seja aprestar em que saír ao oceano; e Deus diante, e Santiago em grita, a quem como a pescador bemaventurado hão de obedecer as ondas e os ventos, partiremos; e ou voltaremos com a victoria ou não voltaremos: sagrado e do Senhor Deus he o mar não menos do que as terras. » — « Sois logo vós de todo o ponto o de que havemos mister e eu esperava, acudio El-Rei com o semblante ja alvorecido de serena alegria. Para Lisboa cavalgai logo a toda a rédea: cartas são estas para meus officiaes e para a cidade; apparelhar-vos-hão frota, gente, e todo o preciso. Tomai esta espada pelas invejas que me deixaes. No meio dos perigos, lembrai-vos que o vosso Rei e amigo está a essa mesma hora acompanhando em vosso favor as preces dos santos varões de Santa Cruz. Ide, vencei, e tornai. » —

E D. Fuas a cabo de poucos dias desferira com effeito algumas vélas, não muitas, das praias de Lisboa para o mar grande em demanda do famigerado almirante mouro Alfamim, e o coração da cidade se apertára, vendo-as ir resvalando na corrente quasi á ventura, e tenteando com prôa mal certa o caminho, como uma ninhada de cisnes novos que por instincto secreto de que um dia senhorearaõ o lago, a elle se arremessam pela primeira vez, e de aza estendida, collo emproado, com alegre ufania vão estudando e adivinhando o nadar. As despedidas mutuas que as galés e as praias, vendo-se umas a outras fugir e decrescer, foram por vozes e gestos cambiando até se desapparecerem, reviviam pela memoria da grande povoação, como um agouro de despedida derradeira. Uma barca de pescador que houvesse entrado com a nova de ter visto no horisonte uma velasinha á maneira das christãs, houvéra sido uma barca feliz, e alviçaras de ouro lhe teriam chovido de centenares de mãos agradecidas com milhões de bençãos e boas fadas.

Mas as horas longas como dias transcorriam todas uniformes, como as contas de um ramal rezado sobre uma sepultura, que uma a uma se vão deslizando e caíndo para o vão da eternidade, cheias das mesmas súpplicas e incertezas. Que de corações interesseiros de pais e mãis, de filhos e filhas, de esposas e namoradas, de parentes e amigos se não finavam com saudade dos aventureiros, e sustos que na falta de realidades se vão buscar á fantasia! O rumorejar ordinario das marés, a viração mais leve do vento eram ameaços de temporal: no sol, nas estrellas, no correr de cada nuvemzinha se conjecturavam mil agouros: o ceo e a agua eram diante da cidade, pelo seu muito amor supersticiosa, duas paginas de um livro aberto, onde ella procurava de caracteres de uma lingua desconhecida desentranhar o conhecimento do futuro. Com o progresso do tempo cresciam os receios, com o receio dos christãos as sonegadas esperanças da escravaria moura, e logo com os reflexos d'estas outra vez os receios christãos.

— « Vélas, vélas á barra, vélas entram o Tejo! » — « São nossas. » — « São inimigas! » — « Por D. Fuas apostarei. » — « Não apostarei eu por Alfamim, porém temo... » — « Cerrar as portas e acudir aos muros, segurar os escravos! » — « Ainda mais que entram: crescido número de galés! » — « Enxergai-me aquella maior, mahometana he sem dúvida. » — « Mas attentai vós n'aquell'outra, que sem nenhuma falta he das de Christo. » —

Crescia o ruido, e os balanços do coração pendente dos olhos. Acercava-se a frota: de galas a vestia o sol sobre a torrente alastrada de vagas douradas. Todos haviam acertado: eram Alfamim e D. Fuas, eram os estandartes das luas e os das Quinas, mas as Quinas nos topes de todos os mastros, e as luas dos infieis volteando-se por baixo d'ellas como um corvo debatendo-se em vão entre as garras da aguia real, e Alfamim possante de membros e catadura, semelhante ao tubarão que tirado em secco arqueja furiosas saudades do seu viver marinho e bellicoso, vem agrilhoado e deitado aos pés do Alcaide de Porto de Mós no castello de prôa da capitaina christã. Toda a cidade, delirada de jubilo, acode ás praias a recebê-lo; o vulgo, o Bispo e cleresia, os soldados e Senhores, a Camara da cidade, todos os Officiaes d'El-Rei. Saudações, musicas, benções, e coroas hospedam o vencedor ao abicar em terra o pequeno batel, que de bordo da galé, tão modesto como saíra para o conflicto, o reconduz para o triunfo. Não foi o seu de estrondosas vaidades, como o d'aquelle primeiro triunfador naval dos Carthaginezes romano Consul Caio Duillio, mil quatrocentos e quarenta annos antes: foi um triunfo sincero do público amor filial e devoto, tributado a um coração juvenil que vivia inteiro debaixo das cãs, a uma alma onde a prudencia temperava e refinava o valor, e cujo valor por terra e mar dominava a fortuna. Não se lhe alçou columna rostral como a Duillio; não se lhe cunhou, como a Duillio, moeda em memoria do seu feito; nem menos, como elle, o viram por haver bem merecido da patria, arrogar-se o jus de afrontar a rude simplicidade do seu tempo banqueteando-se todo o resto da vida entre esplendores de tochas e delicias de perfumes e musicas. Não, Fuas era mais que Romano, era Portuguez!

Por isso D. Affonso, que lhe medira a alma pela sua propria, por agradecimento e recompensa da consummada façanha concedendo em seu pedido, outra vez lhe ordenou que se saísse aos mares com a sua ja tão melhorada frota, a castigar a soberbía agarena: e D. Fuas, despejadas as galés do opulento despojo que trazia, em troco refeitas de vitualhas e munição, e repovoadas da gente que lhe pareceu escolher d'entre a muita que da cidade e campos concorria a se lhe offerecer, torna a abrir o vôo para as ondas ja menos desconhecidas, perlustra toda a longa costa até á extrema do Algarve e além, sem avistar a quem vença. Escorrida com a mesma fortuna a Andaluzia, chama seus capitães a conselho, e lhes propoem que, por não perder a saída e desaproveitar o fervor dos soldados, pois que ja o inimigo não ousa appresentar-se, o vão demandar onde he certo que o encontrarão. — « Não he longe Ceuta, accrescenta elle, Ceuta, a aurea porta da Africa, ostentosa de trofeos, resplandecente de aljofares e diamantes: valorosos a defendem de dentro; o seu castello he um promontorio, e em seu vestibulo que he o mar, lhe passeam diante, como sentinellas, as armadas. ¿Praz-vos como a mim, que vamos bater a essa porta um primeiro golpe portuguez com os copos da espada, o qual retumbando pelas praias africanas, lhes annuncie que um dia, no crescer e trasbordar de nossas victorias, volveremos a entra-las? ¿Praz-vos em fim, como certamente prazerá a Deus, e prazeria a El-Rei se elle aqui fôra, que torçamos para lá a prôa a aprezar as suas armadas? » — « Sim, responderam todos. » — E poucos dias apoz, segundo triunfo naval regozijava as praias de Lisboa, e todos os navios de Ceuta entravam arrebanhados, como escravos, n'este mesmo Tejo, que ja haveriam sonhado vir a pizar como senhores.

Mas a columna de Duillio, monumento da primeira Guerra Púnica, nos dias da segunda Guerra Púnica derribou-a um raio: assim veio a caír a maravilhosa prosperidade de D. Fuas Roupinho perante as praias da mesma Ceuta. Ahi o aguardavam apinhadas, se acaso voltasse, as forças navaes dos mouros. Voltou, levado do temporal ou da fatalidade: vio-se cercado de cincoenta e quatro galés grossas, prevenidas de gente e armas, ardentes, juramentadas para o desaggravo. Pelejou: recusou a Providencia terceiro milagre; pereceu elle e a maior parte da armada, que não excedia vinte e uma vélas, mettidas umas no fundo, captivas outras, e fugidas algumas para trazer ao reino o pregão do lucto.

Tal foi o fim tragicamente nobre d'este varão, tronco brotado de fidalgas raizes desconhecidas, cujos ramos se vieram derivando até á presente idade, e cuja fama como todas as famas giganteas e remotas, está por maior veneração revestida do pegadiço musgo dos seculos que são as fabulas, em que de puro respeito nem de leve agora tocaremos. Tal foi o seu fim: o orgulhoso mar lhe servio de digna campa, sobre a qual as quilhas infieis, ainda que tambem admiravelmente derrotadas, tripudiaram clamorosas danças de triunfo. Oh que não pasmariam se ahi mesmo houvessem podido descortinar nas profundezas do ceo os segredos do futuro! o Portuguez sobre cujas cãs se revolviam as vagas, ficava ali como quem ja tomava anticipada posse de Africa em nome de Portugal. Era uma fatal semente de victorias que em dias de D. João I haviam de começar a pullular, para logo aterrarem com a sua sombra os descrentes, coroar com as suas ramas os nossos heróes e armadas, e attraír as admirações e invejas do mundo em todos os tempos. Mas não anticipemos a grande fadiga de memorar as pompas nauticas com que ja esse e ulteriores reinados nos estão chamando a vontade: tomemos antes folgo cerrando repentinamente aqui a inexhausta e inexhaurivel chronica do mui cavalleiro, mui christão, e mui afortunado Senhor Rei D. Affonso Henriques e seus barões. A'manhã ousaremos commetter a de seu digno Filho e Successor.

NOTAS.

A' Estampa. — Annunciámos no Prologo d'esta Obra que seriam as estampas do Snr. Sendim e do Snr. Fonseca, e assim se foram revezando, até que partindo para Roma, por ordem do Governo o Snr. Fonseca, para fins de sua Arte, caío todo o peso da tarefa no Snr. Sendim, fecundo engenho, e de quem nunca se dirá que recusasse serviço á patria ou aos amigos. O painel porém d'este septimo capitulo, copiado para a [illegible] pelo mesmo Snr. Sendim, he do Snr. Joaquim Rafael, Professor de Pintura na Academia das Bellas Artes de Lisboa, e pintor historico ja de ha muito conhecido por suas obras nos Paços Reaes da Ajuda. e será o do outavo do Snr. Francisco de Assiz Rodrigues, Lente de Esculptura na mesma Academia, digno discipulo e successor do immortal Joaquim Machado de Castro, e autor de ja muitas e mui geralmente admiradas obras de estatuario. Assim que, ao revez da mor parte dos annunciadores, ja em vez de dois artistas portuguezes que promettêramos, presentamos quatro; pelo que pedimos e damos parabens, que, revivendo as glorias antigas, por ahi mesmo estamos vendo vir desabrochando outras novas. Se ja nos lá ficam passadas as da guerra, venham as das boas artes, como por Italia se diz, distraír-nos, se ja não póde ser consolar-nos: netos dos que sobraram para façanhas, cheguemos nós ao menos a lhes alçar monumentos. A mais se nos adiantam ainda com os desejos as esperanças: d'este concurso de artistas [illegible] sem falta invejas nobres e competencias mui fructiferas. Ao mesmo campo onde se estes illustrarem, [illegible] outros, aos quaes e a todos, como portuguezes sejam, abriremos de boa vontade a porta e daremos logar n'esta unicamente officina de fama patria. Quanto a nós, com esta só ficamos contentes, se a conseguirmos, que vingando de alguma parte do esquecimento os portuguezes que o foram, e incitando os futuros a que o venham a ser, aos presentes abrimos uma sala de exposição, como dizem, d'onde suas obras possam ser vistas para o mundo todo.

Pag. 49 — ao Titulo. He D. Fuas Roupinho, sujeito em fama tão remontado que a Homero cobiçava Camões a cíthara para o celebrar; e entretanto, [cousa muito para nos tirmos de historiadores ou de criticos, ou de uns e d'outros, e de todos e de tudo] poucas são as cousas que d'elle se referem, que ja se não tenham dado por improvadas, ou falsas, ou impossiveis. As principaes que n'este septimo capitulo memoramos, a saber a defensão de sua alcaidaria de Porto de Mós, e as suas façanhas navaes, parece-nos que não se ha mister de grandes forças para as manter de pé, rebatidas as baterias dos negadores juramentados, e muitas vezes amoucos. Não assim a maravilhosa historia da Senhora da Nazareth, por D. Fuas desencantada, e depois sua salvadora: a qual lenda, addozida por Fr. Bernardo de Brito na P. II da *Monarch. Lus.* foi cabalmente refutada por Fr. Manoel de Figueiredo, Chronista dos Cistercienses, na sua *Dissertação Historica-Critica em que claramente se mostram fabulosos os factos com que está enredada a Vida de Rodrigo Rei dos Godos &c.* &c. Não podiamos logo, porque não deviamos, encorpora-la no texto; mas como tradição popular e tão poetica, pareceu-nos reduzi-la, como fizemos, a uma Xacara ou Rimance, que homisiando-se entre a humildade das Notas, cá poderá escapar mais facilmente a alguns trabalhos, que os não ha maiores que ter de brigar com espadachins e embuçados litterarios. Procurámos dar ao Rimance cara, gestos, roupas e falla de antigo, e entendemos que não saío de todo baldado o empenho. este he o seu merito, se algum tem, e confessaremos que no grangear-lhe este dote não andámos exemptos de malicia, porque tinhamos e temos para nós que se por uma parte desagradar a ancianidade de taes formulas, como por outra condiz com a simplicidade de coração e entendimento [illegible] para crer, cousa que já não he d'este nosso tempo, [illegible] o conto mais acceito. Das difficuldades d'este genero de poetar, que tão facil se representa ao lêr, nada diremos: [illegible] alguma vez o tiverem tentado sobejamente as couberem, os outros não curam, e bem hajam elles, de taes cousas. Só diremos, e não no-lo terão a vaidade os que houverem reparado no como tantas vezes sentenceamos as nossas Obras, que raro será o portuguez romanceiro e contemporaneo que observe com tanto rigor as leis e clausulas, em nosso entender essenciaes, de taes poemas.

RIMANCE DA SENHORA DA NAZARETH.

Não ha taes memorias de tanto deleite,
Por onde a vontade melhor se esperguice,
Como as que recendem aos beijos e leite
De nossa apartada feliz meninice.
Cavar pelas minas de fundas verdades
He nobre fadiga,
Mas contos contados de idades a idades
Tem força de encanto que a todos obriga.

Lidai á luz triste das lampas nocturnas,
Cobri vos de brancas, mineiros da historia,
Mandai nos bom ouro das lobregas furnas
Que a vida vos comem sedenta de gloria.
E nós fundidores
D'esse ouro que achardes, e seus polidores,
Fa-lo-hemos estatuas aos olhos do dia;
E porque as o povo frequente á porfia,
As croas sabidas lhes pomos de flores.

E sem mais escudo,
Agora diremos primeiro de tudo
O que avós e padres ja creram de fé,
E será a origem da grão romaria
Que á Estrella dos mares, á Virgem Maria
Nas rochas do Oceano sagrou Nazareth.

I.

Em campos de Guadalete
Acabado se era o dia,
Co' o dia a grande batalha,
Co' a batalha a monarchia.

Os anafiles dos mouros
Resoam brava alegria,
Dom Rodrigo Rei dos Godos
A rédea larga fugia.

"Onde te vás, Dom Rodrigo,
"Tão só, com tanta agonia?,, —
— "Vou-me a fazer penitencia,
"Que este mal Deus mo devia.,,

"Ventura de Deus te guie.,, —
— "Justiça de Deus me guia,, —
"Boas horas boas fadas
"Vão com tua Senhoria:

"Que se te cobre o descanço
"Ao cabo d'essa agra via,, —
— "Boa fada he a Penitencia,
"Bom descanço a terra fria,, —

Ja vai a pé do ginete
Que mais correr não podia:
Co' o saial de um pegureiro
Trocou galas que trazia.

Assim pobre e quebrantado
Aberta uma igreja via:
Era de um mosteiro grande,
Cauliana se dizia.

Idos se eram ja os monges,
Alfaias, e pedraria:
El-Rei vendo a casa nua
Em lagrimas se fundia.

Suas faces afrontava,
Os seus cabellos carpia,
E por de tudo ser causa
Mui [illegible] mal se queria.

Um só monge que ficara,
Romano por nome havia,
La d'onde estava pousando
Estas lastimas ouvia.

E descendo a toda pressa,
O vio que em terra jazia
Estirado e a cor defuncta,
Aos pés da Virgem Maria.

Soccorrido do bom velho
Dom Rodrigo em si volvia,
E o segredo de quem era
Em confissão lhe dizia:

Que de seu perdido reino
Mais nada não pertendia
Senão só findar a vida
N'alguma cova sombria,

Fazendo mil penitencias
Cada hora, e cada dia,
Comendo só das raizes,
E pousando em terra fria.

Confessado e commungado,
Como a bom christão cumpria,
Só, qual veio, hia abalar-se;
O monge o não consentia:

— "Sim que ireis, mas não sosinho,
"Eu vos darei companhia:
"Companhia que hei de dar-vos
"Nunca assim Rei a teria.

"Mais he que espadas e lanças,
"Peões, nem cavalleria,
"Mais he que exercitos de anjos,
"Pois he a Virgem Maria.

"Nazareth em Terra Santa
"Esta imagem possuia,
"Mil venerada das gentes
"Por milagres que fazia.

"Mas vindo a ser perseguida
"Pelas furias da heregia,
"Acá se veio fugida,
"Um monge grego a trazia.

"Em braços do santo velho,
"[Cyriaco se dizia]
"Morenita e graciosa,
"Oh que bem que parecia!

"Elle chorava de gosto,
"Ella he fama que sorria;
"Acompanhavam-na os anjos
"Com celeste melodia.

"Aqui emfim cobrou templo
"Depois de tão larga via,
"D'onde ampara ha largos annos
"Esta ha pouco monarchia.

"Ora que o reino se afunda
"Com ondas de mouraria,
"Fuja com nosco por servos
"E com Deus por sua guia.,, —

E ditas aquestas vozes
Com grão pranto que vertia,
Os pés beijou da Senhora,
Os pés e as mãos á porfia.

E entregando-a a Dom Rodrigo,
Palavras taes lhe dizia,
Dizia-as elle chorando,
E El-Rei chorando as ouvia:

— "Peccador sob'rano de homens,
"Sus, sus, cobrai-me ousadia,
"Que a Santa Rainha d'Anjos,
"Da Trindade companhia,

"A nascida sem peccado,
"Frol de toda a galhardia,
"Luz que os infernos espanta,
"Ceo, terra e mar alumia,

"Por ir-se ao mesmo desterro,
"Com nosco se poem em via:
"Ja nada vos dê cuidado,
"Que a Deus levamos por guia.„

II.

Deserto fica o mosteiro
Mosteiro de Cauliana.
Peregrinos Rei e monge
Hão passado o Guadiana,

Guadiana aquelle rio
Que os pés ao mosteiro lava.
Cêrca das aguas o velho
Se detinha e soluçava.

E dizia agora olhando
O mosteiro, e agora a barca
— "Mais perdi eu sendo monge
"Do que este sendo monarcha!

"Elle só perdeu Estados,
"Mar que nunca tem bonança,
"E eu fujo-te, ai, cella minha,
"Minha bemaventurança!

"Ficai-vos, portas abertas,
"Que mais não sereis fechadas,
"Ficai, altares, viuvos
"D'estas reliquias sagradas:

"Com nosco vem as reliquias,
"Vós ficaes ás feras bravas.
"Adeus, rouxinol dos hortos
"Que as matinas acordavas.

"Meu desvello de trinta annos,
"Minha lampada dourada
"Adeus, e adeus sepultura
"Que eu já tinha tão marcada.„ —

— "Adeus mosteiro, e adeus reino,
Dom Rodrigo ali bradava,
"Adeus, bella Cava minha,
"Minha não, mas bella Cava,

"Causadora por teus olhos
"Da perda minha e de Hespanha.„—
Palavras não eram ditas,
Voltou a espalda com sanha.

E volvendo com ternura
A abraçar a imagem santa,
"Partamos„ disse com os olhos,
Que a voz cerrou-lha a garganta.

— "Partamos, tornava o monge,
"Fugi-lhe, e havereis a palma,
"Traidor foi seu padre ao reino,
"E ella vos matou vossa alma.

"E se inda em tanta miseria
"Dama vos póde ser cara,
"Cuidai na triste da esposa
"Que a deixaes viuva„—"Ai Zabra,

[Atalhava Dom Rodrigo]
"Ai Zabra triste coitada,
"Quem te aquesto houvera dito
"No S. João de madrugada,

"Quando de teus regios paços
"Lá n'essa africana praia
"Ao mar a folgar co'as damas
"Saiste em dourada faia.

"Tomou-vos brincando o vento
"Como umas flores cortadas,
"E vos lançou n'esta Hespanha,
"Onde fostes captivadas.

"Vi-te, morri, fiquei doido;
"Mutuo amor em ambos lavra:
"Baptismo e throno me acceitas,
"E á Cava eu quebro a palavra.

"Mas torno-a a ver, o amor velho
"Do novo se desaggrava:
"Ambas amo, offendo e perco;
"Adeus Zabra, adeus ó Cava!„—

Diz: encommendam-se á Virgem,
Sua guia soberana,
E vão-se embrenhando ás cegas
Pela terra lusitana.

De povoados e caminhos
Vão desviando as jornadas,
Rios e serras vencendo,
Medindo as noutes cançadas;

Sustentando se das hervas,
Orando, e carpindo magoas.
Penados vinte e seis dias,
Eis o mar das muitas aguas!

O mar, espelho de estrellas,
O bento mar que buscaram!
E vendo ao pé feras rochas,
Ahi dão graças e param.

III.

No cimo do monte bravo
Foram n'uma ermida entrar,
Paredes meio delidas
Crucifixo sobre altar.

Novas nem sinaes de gente
Não lhos soube a ermida dar,
Mais do que uma campa rasa
Sem letras para fallar.

Era sitio de tristezas,
Tristezas vinham buscar,
E por melhor serem tristes
Se quizeram separar.

El-Rei se ficou na ermida
Que foi mui triste ficar,
Passou Romano adiante,
Não houve muito que andar.

Nas mesmas fragas marinhas
Achou logo outro logar
Por escondido e medonho
Conforme ao seu desejar.

Jazia entre duas rochas
Que se arremessam a par,
Duzentas braças a pique
Perduradas sobre o mar.

N'uma lapa que era em meio
Foi a Senhora assentar,
Com mil desculpas e prantos
Por tão pobre a agasalhar.

Co'as magras mãos foi-lhe erguendo
[Que mais lhe podia dar?]
Paredes de pedra ensossa,
Ao som d'um longo cantar.

— "Senhora dos ceos, e he este,
"Lhe dizia, o teu solar?
"Pobres musgos, pobres conchas
"Que alfaias para brilhar!

"Em vez das harpas celestes,
"Ouvirás ondas roncar;
"Em vez de mil coros de anjos,
"Um só velho a te guardar,

"Um só velho, vaso impuro
"Cheio de antigo peccar.
"E em chegando a minha morte
"Que já não póde tardar,

"Nem sequer um servo indigno
"Terás para te guardar,
"Nem uma voz quebrantada
"Para o teu nome entoar.

"Ninguem virá renovar-te
"Os musgos do teu altar:
"Virgem minha, meus amores,
"Ai quão só que has de ficar!

"Mas virá dia algum dia,
"Quando o teu filho ordenar,
"Que de gente baptizada
"Te vejas desencantar.

"Dar-te-hão elles o que o velho
"Te não póde agora dar,
"Dar-te-hão casa, far-te-hão festas,
"Grão fama, grão triunfar.

"Juntarás aqui romeiros
"Como as ondas d'esse mar,
"E contará teus milagres
"Quem as arêas contar.

"De Nazareth por memoria
"Terá nome este logar,
"Nem sitio na christandade
"Não lhe ha de a palma levar.

"Virão pobres, virão ricos,
"Vir-te-hão reis a visitar.
"Todos de ti, moreuita,
"Moreuita singular,

"Todos de ti namorados,
"Que assim és de enamorar.
"E os ossos nus do teu servo
"Na terra se hão de alegrar.„—

Assim cantava Romano
Cada dia sem faltar,
Na madrugada, ao sol posto,
Ás estrellas e ao luar.

E aquella foi profecia
Que lhe Deus quiz inspirar,
Que por seculos avante
Se cumprio todo o cantar.

Morto o velho, Dom Rodrigo
Se foi para não voltar,
E só se ouviam nas rochas
O vento, os corvos, e o mar.

IV.

Manhãs frescas de Setembro
Quando orvalho está a cair,
Frescas manhãs de Setembro
Quem n'as podéra dormir.

Durma-as El-Rei nos seus Paços
E o pastor no seu redil,
As aves nas suas folhas
E as feras no seu covil,

Co' as damas os seus maridos,
Cada qual segundo a si;
Que para os tristes monteiros
Taes somnos não n'os ha hi.

Em luzindo a estrella d'alva,
E inda antes do seu luzir,
Dom Fuas Roupinho Alcaide
Das mantas os faz sair.

Voam corceis e sabujos;
Apupa, apupa clarim,
Que esta sina de fragueiros
Não tem descanço nem fim.

Tremei gandaras e montes,
O feras fugi, fugi,
Que logo nem pés ao gamo,
Nem val furia ao javali;

Só se lhes valer a nevoa
Que nunca mor se não vio.
Indo todos já perdidos,
Buzina ao longe se ouvio.

Buzina do Alcaide he ella,
Vai a chamar e a fugir
Traz o som correi, cavallos,
Em quanto se pode ouvir

Nem caminhos, nem atalhos!
Rasgar fragas e alcantis,
Que este apupar de Dom Fuas
He de correr javalis!

Tudo hia em redemoinho,
Homens, corceis e mastins,
Ladridos, brados, relinxos,
Fragor d'armas e clarins!

E escontra d'onde o som vinha
Ás cegas era o seu ir,
E a buzina era ja perto
Quando cessou de se ouvir.

Pararam todos á escuta;
E estando a escutar assim,
Sentiram perto o mar fundo
Quebrar com muito motim.

Rompeo-se com o sol a nevoa,
E ao resplendor que luzio,
Sôbre penha, que duzentas
Braças pende ao mar, se vio

Co'as mãos em vão sobre o abismo,
Trepidar e descair,
Ennovelar-se erriçado,
Pular atraz, refugir

Um cavallo! e o bom Dom Fuas
Que o remessára até ali,
Saltar por terra, clamando.
— "Por ti, Senhora, he por ti!„—

Prostrou-se humilde e deu graças,
Depois benzeo-se e surgio;
E ora ouvireis aos monteiros
Palavras que dirigio.

V.

— "Entre este grande rochedo
D'onde eu me ora hia a perder,
E ess'outro não menos grande,
Ambos ao mar a pender,

"Uma pobre ermida he posta,
Sem ninguem d'ella saber
Senão eu, que por acaso
Um dia a cheguei a ver.

"Nossa Senhora he lá dentro
Mui gentil no parecer,
E com o filhinho nos braços
Que não quer adormecer.

"Ou anjos a lá poriam,
Ou monges de bom viver,
Ou quiçaes trouxe-a ùm desejo
De estar seus mares a ver.

"Nunca a ninguem fallei n'ella
Nem ousei de a demover,
Que no semblante lhe via
Como estava a seu prazer.

"Ali pois se esconde aquella
Senhora de grão poder,
Entre estas penhas que vedes
Ambas ao mar a pender,

"Como um relicario ao collo
De uma piedosa mulher,
Que entre os peitos resguardado
Refoge de apparecer.

"Com Judas traidor no inferno
Sepultado quero ser
Se não foi aquella Virgem
Quem me ora veio valer.

"Andando vinha eu sosinho
Sem me de cousa temer,
Co' a nevoa não via as ondas,
Nem as ouvia bater.

"Surge-me além um veado:
Traz elle parto a correr.
Mas nem sabujos o alcançam,
Nem lança o póde romper:

"Quanto o mais sigo, mais voa!
Satanaz deveo de ser,
Que por caçar caçadores,
Se quiz veado fazer.

"E andou na escolha acertado
Quando besta assim quiz ser,
Que a unha raxada e galhos
Não teve que os esconder.

"Elle corria, eu corria,
E a nevoa sempre a crescer:
Eu a apupar aos monteiros,
E ninguem a apparecer.

"Vinhamos como dois raios!
Vejo-o desapparecer...
Ouvi-lhe o baque nas ondas;
Quiz o cavallo reter.

"Pendo-me atraz, puxo as rédeas,
Mas co' a furia do correr
Ja tinha as mãos sobre o abismo,
A arquejar e a se torcer;

"E ja lhe os pés resvalavam,
E estrabuchava a se erguer,
E hia baquear...—"Virgem, brado,
Valha-me o vosso poder!„—

"O mais vistes vós, que o sol
Acabava de romper:
Nem maravilha mais certa
Não creio que a possa haver.„—

Tendo isto ouvido os monteiros,
Cheios de grande prazer,
Á cova em tropel se foram
Graças á Virgem render.

A fama famosa d'aqueste milagre,
Herança que herdámos de padres e avós,
Á gloria do Alcaide de Porto de Mós
Por filhos e netos bem he se consagre.

E mais se refere que por ja sem medo
A Virgem Santissima a cães mahometanos,
Nos braços do Alcaide sabio do rochedo,
Onde tão sosinha cortira degredo
De ja quatrocentos sessenta e mais annos.

E logo no cume do monte eminente
Aquelle seu servo fundou para ella
Uma toda aberta, formosa capella
Para sul e norte, levante e ponente.
Do tempo que tudo consomme e desgasta
Inda esta capella não jaz desgastada;
Mas casa mais digna lhe foi levantada,
Em que hoje se adora de povo que abasta.

E as suas paredes estão recobertas,
Com serem tamanhas,
De grandes milagres, e curas mui certas
Que ha feito a devotos de todas Hespanhas.

Se um dia lá fordes curioso e romeiro,
Ouvireis o caso contado em geral,
E inda lá na penha vereis o sinal
Do pé do cavallo do bom cavalleiro.
O qual, porque tudo saibaes desde agora,
Foi esse Almirante que á mesma Senhora
Deveu a victoria do perro Alfamim;
E logo outra em Cepta da barbara frota;
Até que tornando na mesma derrota
Nas ondas traidoras achou sua fim.

Fenece o rimance da historia mui pia.
Quem quer que folgasse de ouvi-la contar,
Reze um Padre Nosso com uma Ave Maria
Por tódolos que andam sobre aguas do mar.

Um tal Rimance por si mesmo está confessando o porque não achou entrada no texto historico, sem embargo de valer elle litterariamente mais, em nosso conceito, do que o mesmo texto. Em summa, que D. Rodrigo morreu na batalha de Guadalete, e a escriptura que refere todo o demais da narração he manifesta patranha de Brito, ou de outro que tal. O perigo e salvamento do cavalleiro D. Fuas na escarpa da penha deve de ser uma equivocação com outro semelhante caso na mesma penha succedido a El-Rei D. João II, conforme o trazem Faria no *Epitome p. 3 c. 14*, e Manoel de Brito Alam *Antiguidade da Sagrada Imagem de N. Senhora da Nazareth*, c. 18. Este Alam era bisneto do Alcaide Mor de Alcobaça, que n'aquelle apêrto acudio a El Rei: sendo todavia para reparo que a muito individuada Chronica de Garcia de Rezende não faça d'isso menção alguma. — E troncando aqui de uma vez o que ácerca dos versos e seu contheudo se podéra mais dizer; quanto aos outros particulares concernentes á heroica vida de D. Fuas, com os quaes urdimos a nossa prosa, a supracitada *Dissertação* do laborioso, erudito e subtil Fr. Manoel de Figueiredo nada conseguio com todo o seu apostado afinco para os desacreditar. Notarão os que attentos o lerem, como os seus pirronicos argumentos, com terem bom apparato de torres, são torres levantadas no ar. Não se funda em documentos authenticos e antigos, nem em testemunhos de historiadores ou chronistas, nem em tradicções, mas só em algumas differenças accidentaes de datas e nomes com que por alguns auctores posteriores a Galvão vem narrados os successos, e em razões de improbabilidade, razões essas de pouca ou nenhuma força, por ser isto de probabilidade, cousa que tanto varía de um para outro seculo, de um para outro entendimento, e até no mesmo entendimento de um anno para outro anno e de um dia para outro dia: accrescendo que muitas vezes as improbabilidades não são mais que ignorancias, porque uma noticia, tendo-se perdido outras que a deviam preceder, seguir, acompanhar ou cercar, póde de mui corrente, natural e evidentissima, passar a implicada, absurda, e impossivel. Com esta só consideração applicada a cada argumento do nosso negador, vê-los-heis ir-se successivamente derretendo. Se a materia valesse a pena da demora, prova-lo-hiamos com a analyse da *Dissertação*, da qual só para amostra tocaremos alguns pontos.

Impossivel se antolha ao crítico ter sido posto por Commandante do pequeno Castello de Porto de Mós um ja tamanho e tão estremado Capitão como D. Fuas Roupinho, que em Ourique se assignalou, que ja governára Coimbra, e tão acceito na Corte que fôra Ayo e creador do Infante D. Pedro Affonso. Mas d'onde colhe o crítico ter sido n'essas eras o Castello de Porto de Mós um posto de tão pouco momento? Basta que pelo estado em que ainda então se achava o sul do reino, se devia aquella de reputar uma das arriscadas fronteiras, em que por isso se carecia de homens de muita conta. ¿Não podia ser tambem ahi o solar e casa de D. Fuas ou assento de proximos e parentes seus, ou por alguma outra particular razão terra de que o seu affecto podesse dizer, como o Lyrico romano, *he cantinho do mundo que mais se ri para mim que todo elle?* Toda a historia antiga, moderna e contemporanea não está rasa de exemplos de varões, que ao cabo de muito servir, muito grangear, muito merecer e valer, preferiram a tudo a bemaventurança de um retiro? Mil outras hypotheses, qual a qual mais verisimil, desfariam esta bolha de difficuldade do crítico, bolha que, sendo elle religioso e monge, não lhe devêra ter nascido, por não haver exemplos mais communs nas Chronicas de todas as Ordens, do que estas fugas e homisíos de grandes personagens por cançasso e tedio das fortunas mundanas ou por um especial toque do espirito.

Acha da mesma sorte inverisimil o accommettimento do Castello de Porto de Mós por El-Rei Gamir, tendo Porto de Mós por visinhas muitas fortalezas, taes como Santarem, Alcanede, Torres Novas, Thomar, Abrantes, Ourem, Leiria, Alcobaça, Alfeizarão, Obidos, além de outras muitas que lhe ficavam em maior distancia; fortalezas que seriam guardadas por Alcaides endurecidos na guerra, e criados na escola militar do Senhor D. Affonso Henriques, os quaes deviam ter saído a embargar o passo a El-Rei Gamir, visto que não foi a sua entrada furtiva nem subita, mas patente, e annunciada pela fama dos estragos que vinha fazendo. — Para que este argumento procedesse, devia o crítico não ter deixado na sua gaveta, mas appresentar-nos esse curioso Mappa comparativo das forças que havia n'esses castellos tão seus conhecidos, e das que o Rei mouro trazia. Mas quem lhe disse que o exercito mouro não era de temerosa multidão, encarecida ainda pelo terror, como he costume, o que ao principio embargaria a resolução aos nossos? Quem lhe disse que não foi aquella marcha repentina, e a chegada imprevista ou quasi imprevista? as assolações feitas no caminho podiam ser feitas correndo, a modo de javali. Quem lhe disse quando saío D. Fuas de Porto de Mós, e se houve tempo para mais do que então se fez? Quem finalmente lhe disse se todos esses castellos christãos estavam então guarnecidos de gente de peleja em bastante quantia para se sairem a receber um tamanho adversario, em vez de se fecharem e fortalecerem nos seus postos, para lhe darem de cima quando investidos? Sabe-se, nem se póde ignorar, quanto era ainda pouca e rara a povoação christã nas terras de Portugal, que sobre ser tão nova andava comida das continuas guerras: he logo mais que natural que a flor dos pelejadores d'esses contornos se andaria fóra com o Principe D. Sancho, cuja hoste, se a havemos de julgar por seus feitos, a devemos suppor muito crescida: e eis ahi o porque D. Fuas Roupinho, segundo Galvão a quem seguimos com Brandão, ainda depois de soccorrido pela fortissima Santarem e Alcanede, se não atreveu a declarar batalha, mas se vio forçado a valer da noute, quando o somno, cançasso e desapercebimento, junctos com os fantasmas da escuridade e ignorancia que os inimigos tinham dos passos da terra, lhe podiam, como no texto ponderámos, tornar facil o impossivel.

Por derradeiro; assenta o crítico no fundo da sua cella que tal entrada do mouro Gamir por terras de christãos, por de sobejo temeraria e ardua quanto a algumas de suas circumstancias, fica sendo incrivel. Eis-aqui a tal desastrada logica das probabilidades! como se a alma de um guerreiro mouro do Seculo XII se podesse bem medir pela de um religioso de

S. Bernardo do Seculo XVIII! como se as ousadias de um engenho militar não fossem em tudo oppostas á prudencia e serenidades do claustro! Seguindo com o mesmo discurso a não consentir ao proximo arrojos nem temeridades, podia o crítico negar todas as mais gloriosas historias antigas e modernas, especialmente a dos Portuguezes, apesar de attestada pelas quatro partes do mundo. Por esta má logica nos lembra a d'aquelle Marechal velho allemão, afeito e aferrado á sua táctica antiga, o qual desorientado e raivoso com as victorias de Nap[illegible], d[illegible] d'elle: "Ignora todas as regras da milicia; nada faz como se deve fazer: ahi tendes porque nos sempre vence e destroça.,,

Não pago o nosso Chronista Cisterciense com destruir na terra a tradicional gloria de D. Fuas Roupinho, passa a combatê-la tambem nos mares, com mais apostada sanha do que o faria o mesmissimo perro de Alfamim. Não quer que vencesse as frotas mouras, nem que embarcasse, e até na Chancellaria Historica poem embargos para que o não despachem Almirante, e vai tão levado n'esta sua carreira de negar, que estavamos vendo quando nos affirmaria, com alguma probabilidade das suas, que nem nunca víra o mar, nem ouvíra fallar n'elle, e que em tão provecta idade não era crivel que por mar se podesse batalhar por causa do enjôo. A nós certamente no-lo causam tamanho estes malsins, belleguins, sizeiros, e dizimeiros das glorias patrias, que ja com gravidade e cortesia de estilo lhes não podemos responder.

Nem o Chronicon Lusitano ou *Gottorum*, nem o Conde D. Pedro, diz elle, referem tal façanha maritima dos Portuguezes. Baste uma resposta: se a historia d'aquelle reinado houvesse de passar infallivelmente pelo haver de peso d'estas duas Obras, ficaria aguarentada de muitos de seus melhores feitos e circumstancias d'elles, feitos e circumstancias alias demonstrados por documentos.

Basta para amostra. Se taes dissertações e analyses são por sua natureza cousa tediosa a quasi todos os leitores, que não serão as analyses de taes analyses! Se n'esta a nosso pesar ainda assim nos demorámos, foi porque a grande e em muita parte justissima nomeada d'este Chronista Figueiredo poder a fazer força a muitos entendimentos, e por isso mesmo nos não merecia desprezo. Por despedida observemos em geral, que se o chamado espirito de dúvida he o melhor apurador da verdade e a mais limpa fonte da boa historia, entre nós e modernamente engenhos para melhores obras nascidos, e providos de bom saber, em tanta maneira tem encarecido este saudavel espirito de dúvida, que no mondar as searas historicas, de envolta com a zizania, ervelhacas e papoulas, tem arrepellado, levado e queimado mui contentes muitas das suas mais gradas pavêas: por odio a mentiras affirmadas, fazem-se elles autores de outras peores mentiras que bradam ao ceo, que são as das verdades negadas. Não quizeramos citar aqui nomes, porém são tão numerosos e flagrantes os abusos commettidos pelo ha pouco fallecido nosso Consocio Antonio de Almeida, n'uma serie de Dissertações que sobre o primeiro reinado publicou nas Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, que posto havermo-lo ja outra vez reprehendido, não podemos ainda agora perdoar-lhe. Estas Dissertações, que pouco passam de uma compilação do que ja outros haviam escrito, autorisadas como estão com o nome da Academia, podem induzir em graves erros a naturaes e estrangeiros. ¿Não seria obra digna da mesma Academia manda-las rever, expurgar, emendar ou refutar?

Pag. 49 — *column.* 1 — *lin.* 9. — N'este Capitulo em que estreámos o mar, e logo com triunfos, requeria a curiosidade e mandava o bom discurso que estendida e cumpridamente tratassemos dos nomes, feição, grandeza e armamento dos navios, e da maneira que tinham assim no navegar como no pelejar. Mas porque em tal materia nos deixou quasi ás escuras a descuriosa antiguidade, e em cousas de usos e costumes tão essenciaes, não havemos por licito o supprir faltas da sciencia com os sobejos da fantasia, houvemos que seria melhor arbitrio cerrarmo-nos á parte do silencio, como fizemos. Agora porém, e aqui em Nota, que ja póde o discurso vaguear destravado das pêas historicas mais rigorosas, acudiremos aos desejos dos estudiosos com as poucas noticias que lográmos colher mais da conjectura que de affirmação.

He indubitavel que a navegação dos povos mais antigos de que nos chegou noticia, era em comparação da moderna o que he um embrião á vista de um homem feito. Pouco a pouco, e de idade para idade foi crescendo com o uso, e enriquecendo-se com os inventos das artes e descobrimentos das sciencias, que umas e outras no seu progresso a foram fadando, como a tudo o mais. Em Homero, o mais antigo livro profano que existe, sommando as quantias de navios que adscreve a cada um dos gregos capitães que ao cerco de Troia confluiram, achámos ser o total da armada de mil cento e cincoenta e seis navios. O crescido de tal numero em proporção das forças presumiveis do exercito conjurado, e muitas outras circumstancias de difficuldades, empaxos, perigos e desastres dos mesmos gregos á ida e á volta provam a pequenez, imperfeição e impericia das embarcações n'aquella idade. — Mas deixando tempos tão apartados, e ainda os de menos antigos gregos, os de romanos e carthaginezes, para nos virmos chegando a uma epocha mais visinha da que tractamos, sabe-se quanto eram copiosas na meia idade as frotas dos Normandos, rudes mas atrevidos e muitas vezes felizes senhores dos mares e costas de Europa. Da armada naval de Guilherme o Conquistador ja em outra Nota fizemos menção, assim como tocámos na profusão de vélas de que se compunham as expedições cruzadas para a Terra Santa. Dos quaes factos por boa razão se ha de concluir que dos tempos heroicos e homéricos até aos tempos religiosos e cavalleiros, se a nautica se adiantou não foi senão mui pouco, porque o quarto e ainda o dizimo em numero de proas modernas fariam hoje tremer quaesquer Estados, e acabariam as maiores façanhas navaes.

Mas não poderemos nós desencantar algumas provas menos conjecturaes e mais positivas, do como eram no principio da nossa Monarquia as embarcações portuguezas? Cuidamos que não, e n'esta parte concordamos com o nosso Consocio Academico o Snr. Vice-Almirante Quintella, na sua excellente Obra recem publicada com o titulo de *Annaes da Marinha Portugueza*, onde por falta de documentos historicos, toda a discripção que faz das galés portuguezas n'esses primeiros tempos, da sua maneira de navegar e combater, a deduz da boa razão e dos exemplos das batalhas navaes dos Carthaginezes, Gregos e Romanos. Para não copiar o que deve andar nas mãos de todos, remettemos o leitor applicado para a Memoria primeira da dita Obra, onde achará a materia tractada com brevidade e clareza. Segundo o mesmo Autor, foi *a invenção da polvora e emprego da artilharia no mar, emprego que alguns affirmam se deve aos portuguezes*, o que transformou e engrandeceo a nautica. Mas diz ahi o Snr. Quintella cousa que não deve passar sem reparo. *Posto que as nossas Historias*, são as suas palavras, *não fallem de armamentos navaes no Governo do Conde D. Henrique, e mui poucos refiram no do seu Filho D. Affonso I, he comtudo evidente que estes dois grandes Principes armassem algumas Galés para defenderem as costas maritimas dos seus Estados, que deviam ser de continuo infestadas dos Mouros da Barberia, e dos que occupavam a melhor parte do littoral da Peninsula.* Eis aqui outro exemplo do que na precedente Nota dissemos contra os argumentos chamados de probabilidade e verisimilhança. O Monge Figueiredo contradicta façanhas navaes e militares, posto que affirmadas pelos historiadores, só porque se lhe não coadunam com o genio: o Snr. Almirante Quintella tem por *evidente* a existencia de uma nossa marinha militar, ja no Governo do Conde D. Henrique, apesar do silencio de todos os historiadores. Vê-se que o primeiro pensava nas recolhidas sombras das abobadas de Alcobaça, e nas pautadas horas do estudo entre as do altar e as do côro; e o segundo talvez entre os balanços da camara da sua náo, com o animo chêo de marinha pela muita que lêra, víra, e practicára em toda sua vida. Mas para mais prova de quão pouco o são estas de conjectura, ja a algumas do Monge oppozémos nós as nossas, e agora ás do Vice-Almirante opporemos tambem outras. — Tão recente era ainda o senhorio christão portuguez que veio em dote ao Conde D. Henrique, tão difficultoso de se manter internamente contra mouros fronteiros e quasi encravados, e tanto a custo se dilatava, quando se dilatava, por terras d'elles, tão rudes eram os nossos de então nas cousas da milicia, e tão pouco numerosos, e tão minguados de haveres os devemos forçosamente julgar, que ja fica sendo para espanto o que alcançamos se fizera e perfizera por terra em resistir, fortificar e conquistar, excedendo as medidas de prudencia e possibilidade o attribuirmos-lhes ao mesmo tempo distração de forças e espantoso accrescimo de gastos em manter sonhadas frotas contra aquelles que se em terra eram tão duros de domar e reduzir, ainda deviam ser muito mais poderosos pelo mar que então corria em grande parte por sua conta, e andava trilhado de continuos exercitos e colonias que Africa despejava para estas provincias. Defender as costas mas de dentro, acastellando e munindo os principaes postos d'ellas, he em nosso entender o mais que a fortuna por então consentiria, e o com que se haveria de conformar o bom juizo do Conde e a sua experimental sciencia de capitão. Não ja assim nos ultimos annos d'El Rei D. Affonso I a que as historias lançam a façanha que relatámos de D. Fuas. Tinha crescido o reino em territorio e povoação; hiam ja na vasante os fados mouriscos; com o sem numero de pequenas conquistas deviam de ter crescido as riquezas, com o tempo e necessidades as artes, com a boa ventura e fama devia de ter acudido numero grande de forasteiros cobiçosos de servir e fazer casa em solo e ares de tanta benignidade: d'estes mesmos estrangeiros, de que no nosso Capitulo sobre a Tomada de Lisboa dissemos se ficaram muitos, não faltariam alguns de conselho e autoridade que, saudosos da sua antiga vida maritima, não só persuadissem taes expedições, mas porque residiam em Lisboa e suas cercanias, as acompanhassem de boa vontade: e bons mestres deviam de ser esses nas cousas de mar para ajudarem com os seus dictames o apparelhar da frota, marear e combater sobre elemento mais seu conhecido ainda então do que nosso.

Mas tornando-nos d'esta digressão, não de todo escusada, pois valerá de escudo a outra parte do nosso artigo, digamos algum pouco mais sobre o assumpto dos navios por aquelles tempos. Quanto á figura, faltando-nos monumentos peninsulares que no-la determinassem, recorremos como era razão aos da França, por entendermos que sobre dever ser semelhante a construcção naval de todos os povos de então, á de nenhum outro se devia a nossa chegar tanto como á franceza. Mandamos por isso trasladar fielmente para a nossa estampa o padrão das embarcações de Haroldo, que das preciosas tapessarias de Bayeux mandou copiar e gravar nos seus *Monumentos da Monarchia Franceza* o Benedictino Montfaucon, e tomámos este padrão por ser o seu assumpto não remoto em tempo do nosso, e o unico por aquella Obra subministrado. Aos que estranharem na estampa assim como no texto o embandeirarmos os mastros, respondemos abonando-nos com a mesma autoridade franceza.

Acudamos aqui a um reparo que muito naturalmente se nos fará, por não apparecerem no nosso Quadro principalmente galés, pois que de galés se serviram os Romanos que por seculos cá moraram, e de galés usavam tambem os mouros contemporaneos com quem por paz e guerra conviviamos. Assim he, e estamos persuadidos que mais de galés que de embarcações propriamente de véla se comporia a frota de D. Fuas, e provavelmente só de galés a que trazia apresada. Mas como o Artista não julgou conveniente exprimir senão aquelles poucos navios, deixando os de mais á consideração e fantasia do espectador, e não tinha á mão documento das galés d'aquella idade, senão só das outras embarcações que tambem por cá se deviam de usar, a amostra que tinha de dar preferio com rasão que fosse d'estas ultimas.

Pelo que respeita aos nomes que aos diversos generos de embarcações se dariam, he questão que por nos não atrevermos com ella deixamos aos eruditos. O de *Barchas* de que talvez com pouca corrupção se deriva Barcas, e que segundo João de Barros, ainda em dias do Infante D. Henrique se dava a certa especie de navios, deve ter sido corrente no começo da Monarchia, pois que se acha dado genericamente ás embarcações estrangeiras que ajudaram a El-Rei D. Affonso na tomada de Lisboa, na escriptura latina da Fundação de S. Vicente de Fora, onde as palavras que para aqui fazem são as seguintes *in centum et sexaginta navibus quas barcias nominamus.* Os nomes antigos de Barineis, Caravos ou Carevos, Carracas, Fustas, Fustas-mancas, Galeaças, Galeotas, Pinaças, Setias, Taforeas, Urcas &c. não seria ja hoje muito facil empenho definir precisamente o que significassem, posto que usados de escriptores de tempos mais chegados aos nossos, nem affirmar se alguns d'elles ou semelhantes se usariam na marinha dos primeiros reinados.

Tomámos da *Nouvelle Serie d'Impressions de Voyages* por Alexandre Dumas, publicada no *Siecle*, jornal de París, de 9 de Julho d'este anno de 1840, a seguinte noticia curiosa e modernissima. Achando-se o Autor na cidade de Aguas Mortas, e chegando-lhe noticia que obra de um quarto de legua d'ali, se acabava de dar com o esqueleto de uma das galés d'El-Rei S. Luiz enterrada na arêa, acodio ao sitio, e diz elle: "Como chegamos á beira do Vidource, vimos a dianteira de um navio, ou por melhor dizer de uma barca grande: a popa jazia ainda sepultada na arêa. Era o comprimento patente d'esta embarcação de 63 pés, a maior largura 9, e a altura do fundo da quilha até á bancada 3. E quanto ao que se não via, avaluando-o pela curvatura do costado, teria quando muito 7 ou 8; com o que ficava sendo o total de 72 a 74 pés. Bastou-me isto para eu entender que não era aquella uma náo, senão barca: mas barca que fosse, nem por isso deixava de ficar sendo um documento curioso da civilisação commercial de nossos pais. Duas ou tres horas nos ficámos nós ali a tomar-lhe as medidas de altura, largura e comprimento.,,

Pag. 49 — *column.* 1 — *lin.* 49. — A subjeição de Portugal á Santa Sé por El Rei D. Affonso Henriques com o feudo annual de quatro onças d'ouro, he provada por documentos que J. P. Ribeiro dá por legitimos e incontroversos. O mesmo Senhor Rei desejando, segundo as idéas do seu tempo, tornar bom, seguro e inviolavel o seu titulo Real, por via do reconhecimento do Summo Pontifice, então dispenseiro em nome de Deus das Soberanias mundanas, votou accrescentar estas pareas com mais duas *marchas* de ouro por anno, além de um regalo que lhe mandou de mil aureos ou *bizancios*. Temos que não será desagradavel a quem lê encontrar aqui em vulgar a íntegra da honrosa Carta de S. Santidade, que então era Alexandre III, a qual principia. *Manifestis comprobatum.*

— "Alexandre Bispo, Servo dos Servos de Deus: ao carissimo Filho Nosso em Christo, Affonso, esclarecido Rei dos Portugalenses, e a seus Herdeiros para todo sempre. Cousa he comprovada por manifestos documentos, como por meio de fadigas bellicas e lides militares, extirpador intrepido dos inimigos do nome christão e diligente defensor da Santa Fé, has feito como bom Filho e Catholico Principe, mil generos de serviços á Sacrosanta Igreja tua Madre, deixando aos que para o diante vierem, um nome digno de lembrança, e bom exemplo para se imitar. He logo justo que o que assim foi escolhido lá em cima pela Divina Graça, para bem de um Reino e salvação de um Povo, a Sé Apostolica o fique amando com sincero affecto, e procure solicita prover de bom despacho a justiça de seus requerimentos. Por tanto, havendo nós conta á qualidade de tua Pessoa ornada de prudencia, dotada de justiça, e [illegible] acondicionada para a governança de um Estado, sob a protecção do bemaventurado S. Pedro e Nossa a tomamos; e esse Reino Portugalense, com todas as honras e dignidade de Realeza, como a Rei compete; e outro sim todos quantos logares hajas de arrancar com os auxilios da Divina Graça a poder de Sarracenos, a cujo Senhorio não possam allegar direito os visinhos Principes christãos, á tua excellencia os outhorgamos, e com a nossa Auctoridade Apostolica o confirmamos. E porque mais fortemente te accendas no serviço do bemaventurado S. Pedro, Principe dos Apostolos e da Sacrosanta Igreja de Roma, isto mesmo havemos por bem de o conceder aos sobreditos teus Herdeiros; e sobre estas cousas que por Mercê Divina lhes ficam concedidas pela obrigação que para tal nos impoem o nosso Officio do Apostolado, os defenderemos. Muito por tanto te releva, Filho carissimo, que te hajas por tal modo humilde e devoto no tocante a honra e obediencia de tua Madre a Sacrosanta Romana Igreja, e tanto te exercites em tudo que for para ventagem sua e dilatação da christandade, que a Sé Apostolica se dê parabens por tão devoto e glorioso Filho, e descance segura no seu amor. E para demostração de que o sobredito Reino existiria na jurisdicção do bemaventurado S. Pedro, e por maior documento de reverencia, determinaste que assim a Nós como a Nossos Successores se houvessem de ficar pagando duas *marchas* d'ouro: o qual censo, para utilidade minha e de meus Successores, tu e os teus Successores haverão cuidado que seja punctualmente entregue ao Arcebispo de Braga que a esse tempo for. Decretamos pois, que ninguem absolutamente haja por licito perturbar sem rasão a tua Pessoa ou a de teus Herdeiros ou esse dito Reino, ou tirar alguma de suas possessões, ou retê-la depois de tirada, ou dar-lhes nojo com outro qualquer vexame. Assim se para o futuro alguma pessoa ecclesiastica ou secular, sabendo do determinado n'esta nossa Escriptura, o tentar temerariamente contravir, se depois de segunda e terceira vez admoestada, não emendar com satisfação bastante essa culpa, fique despojada de seus poderes e honras, e entenda que pela perpetrada iniquidade permanecerá reo no tribunal divino, e seja sequestrada da communhão do sacratissimo corpo e sangue de nosso Deus Senhor e Redemptor Jesus Christo, e na conta final ficará subjeito a rigoroso castigo. Mas a todos quantos ao mesmo Reino guardarem estes seus foros seja dada a paz de N. S. J. Ch. para que n'esta vida se logrem do fructo de seu bom proceder, e perante o severo Juiz vão encontrar os premios da eterna paz. Amen, Amen, Amen.,, — Seguem-se as assignaturas de nove Cardeaes Presbyteros, e depois quatro Bispos e varios Cardeaes Diaconos &c. Esta Bulla he de 10 das Kal. de Junho, anno da Encarnação de 1179 e 20 do Pontificado de Alexandre III.

Pag. 49 — *column.* 1 — *lin.* 81. — Ayo e creador do Infante D. Pedro Affonso chamámos a D. Fuas Roupinho. Nem Galvão nem Brandão o dizem: mas veja-se a Nota [b] do supracitado Chronista Cisterciense Figueiredo a pag. 35 da sua *Dissertação* sobre El-Rei D. Rodrigo, Fuas Roupinho, e perigrinações da Imagem da Senhora da Nazareth. Este Infante, com quem tantas fabulas se tem levantado, não sendo a menor d'ellas fazerem-no irmão de D. Affonso Henriques, era evidentemente seu Filho. O autor das *Dissertações Chronologicas* achou no Real Archivo copiosas e indisputaveis Memorias que o provam.

D. SANCHO I. — TOMADA DE SILVES.

(1185 – 1189.)

> Sancho, forte mancebo, que ficára
> Imitando a seu pai na valentia
> . . . .
> Havendo poucos annos que reinava
> . . . .
> Do Germano ajudado Sylves toma
> E o bravo morador destrue, e doma.
>
> CAM. LUS. C. 3. EST. 85. 86. 88.

I.

Dous dias de lucto tinham pesado sobre a altiva fronte da antiga Coimbra: — dous dias de lucto no ceu e na terra. Desde o immediato ás nonas de Dezembro do anno do Senhor de 1185 até o quinto antes dos idos, as nuvens cubriam, como um toldo immenso, o alcacer armado da sua armadura de pedra, que campeava sobre a povoação, semelhante a um gigante posto na coroa do monte por guardador e vigia da cidade, que repousava á sombra delle reclinada na encosta. O vento ora rugia pelas troneiras do castello mourisco, ora sibilava por entre as ameias da torre albarran, ora varria os eirados dos edificios da povoação, ainda semi-arabe em seu gesto, e ía sussurrar nos estevaes e carças da planicie, que, ao longe, o Mondego cubria a espaços com as aguas caudaes do inverno. A atmosphera carregada e tristonha denunciara durante os dous dias uma terrivel procella, mas parecia que o anjo das tempestades a enfreava, querendo só que o ceu fosse como cuberto de um veu melancholico, que o tornasse accorde com as tristezas da terra.

E de feito, funda magoa apertava com mão robusta os corações dos christãos de Coimbra, e de todos os que começavam a povoar de novo esta terra portugueza, assolada por guerras d'anniquilação, mas remida do dominio dos Mosselemanos com sangue de muitos milhares de martyres soldados. Vestidos com sobrevestes de burel pardo, viam-se os cavalleiros subirem para a alcaçova, ou descerem de lá em silencio pelas ruas escuras e tortuosas da cidade, e os sobrejuizes e officiaes palatinos com vestiduras d'almafega encaminharem-se para a *côrte*, ou tribunal supremo, onde se distribuia a justiça. Semelhante á paz de um cemiterio, a paz que reinava em Coimbra era lobrega e pesada.

No campanario do cenobio de Sancta-Cruz um sino batia de quando em quando uma pancada soturna, e lá em cima nos paços do alcacer os prantos das carpideiras, discordes e agudos, reboavam pelas salas, e iam expirar pelas corredouras e arcarias, misturando-se e confundindo-se com o gemido do vento.

D. Affonso Henriques fôra depositar perante o throno de Deus uma larga vida consumida em grão parte nas batalhas pelejadas em nome do christianismo e da patria. A voz de bronze do mosteiro era o gemido da egreja: o murmurio profundo e sentido, que transverberava pelas ventanas e frestas da alcaçova, resumia e representava o pranto doloroso, que soava por todos os angulos da boa terra lusitana, ao verem seus filhos que o braço daquelle homem de ferro, cuja passagem na terra

fora uma incessante peleja, e a cujo nome, maldicto d'infieis, estavam ligadas as glorias portuguezas de meio seculo, largara a espada para nunca mais a empunhar quando por entre os eccos dos anafiles mouriscos retumbasse o grito de Allah, — o grito do accommetter.

As portas do templo monastico estavam cerradas havia tambem tres dias: os monges psalmeavam as orações dos finados ao redor de uma tumba vazia, e na capella fronteira uma campa, ahi posta de fresco, cubria o cadaver agigantado do fundador da monarchia, que de tantos senhorios herdados a seu filho, reservara apenas para si nove palmos de terra e uma lousa, que lhe servissem de derradeira morada, e dos avultados thesouros, accumulados por elle, só guardara para seu monumento uma espada embotada, e um escudo assignado de golpes das lanças e alfanges dos arabes.

Tal era o aspecto grave e melancholico de Coimbra durante os dous dias primeiros depois que se finára o vencedor d'Ourique: tal era o seu aspecto pelo alvor da manhan de nove de Dezembro do anno de 1185.

Mas o vento do norte começava a varrer pelas profundesas do ceu as nuvens até então quasi immoveis: o sol surgindo da banda do oriente vinha bater nas pedras amareladas do antigo alcacer e nas ameias da cathedral visigothica — nestes dous emblemas dos dous unicos elementos de civilisação da edade media — o soldado e o sacerdote; das duas unicas especies de homens que então representavam as molas perpetuas do existir das nações — a força e a intelligencia: as torrentes de luz, derramando-se pela atmosphera, como um liquido transvasado em outro liquido, inundavam a terra, e douravam os outeiros arredondados e suaves que rodeam Coimbra, os valles scintillantes de verdura rociada do orvalho matutino, e o arqueado vulto das aguas do Mondego, que passava solitario e lento por entre os sinceiraes, em seu eterno demandar o oceano.

Como o bafo de uma aragem trazida pelas correntes incertas do ar alegrara quasi subitamente a face carregada do ceu, assim o espirito movediço do homem fizera sorrir a cidade enlutada, como se nos raios tepidos do sol lhe tivesse descido de cima um pensamento de alegria: Coimbra despira tambem as suas vestiduras de dó.

O alcacer, onde na vespera apenas se via o atalaia encostado no cimo da torre de menagem, e cujo recincto parecia despovoado, trasborda de vida e de ruido: os trajos esplendidos das damas, as armaduras refulgentes dos cavalleiros, as vestes dos bispos, as garnachas negras e capas roçagantes dos sobrejuizes, os habitos monacaes dos abbades bentos e cistercienses, os tabardos variegados dos officiaes e domesticos da côrte, no cruzar continuo pelos aposentos dos paços, cujas altas e largas frestas estão patentes, pelos balcões e varandas, pelos terrados descubertos, offerecem a quem de longe olha para o castello um kaleidoscopo maravilhoso, que attrahe e contenta os olhos das multidões, ás quaes a povoação, trajando tambem suas galas, abre de par em par as portas dispersas em volta della pelo seu cincto de muralhas, parecendo convidar os estranhos a virem assistir a um grande regozijo publico da cidade rainha da terra portugueza.

Esta transformação subita; este enchugar repentino de lagrymas; este trocar de tristezas por alegrias; este simular esquecimento dos restos do rei soldado, juncto dos quaes os conegos de Santa Cruz rezam solitarios as orações de um trintario, pareceria impio a quem não soubesse o motivo de tal mudança. Mas nem ingrata, nem impia era Coimbra: morrendo, Affonso Henriques lhe herdara duradoura saudade; porêm as esperanças de Portugal não haviam descido ao sepulchro com o velho guerreiro. Ao lado do carvalho antigo e carcomido, que o vento da morte derrubara ao perpassar, um rebentão crescêra e bracejara, e já robusto e nodoso, affrontava as tempestades que cercavam o berço da monarchia. O infante D. Sancho, nascido á sombra do escudo paterno, educado pelas crenças vivas daquelle tempo, amestrado durante a juventude no exercicio das armas, ía na edade viril impunhar o sceptro de rei que então era mais de temer que de amar; porque o throno assentava sobre um solo movediço, como o revolver das pelejas, de cujo desfecho dependia muitas vezes a sua existencia; — porque então o titulo de senhor significava para aquelle que o recebia a obrigação de ser o primeiro em velar e combater, em padecer e soffrer; o ultimo em desrevestir as armas, em repousar na vida domestica, em folgar nos passatempos e deleites: a corôa real, dourada por fóra, era por dentro d'espinhos, e o homem que a punha na cabeça devia ter provado o animo para não se deixar vencer por muitas noites de vigilia e de angustia, por muitos dias de desesperança, por muitos intentos mal-logrados; devia ter siso e cordura de sobra para não adormecer nos triumphos, não abusar das victorias, não se deslumbrar por ambições insensatas: devia aproveitar todas as experiencias proprias, julgar rapidamente e por si os successos; porque então o entendimento do homem não podia prever o futuro pelo passado coberto de trevas, e, no meio da barbaría geral, o individuo quasi que só vivia com as suas idéas, em quanto no meio da lucta das duas raças e das duas religiões, que se debatiam sobre as ruinas da antiga Hespanha, os acontecimentos passavam como a luz do relampago, e eram cambiantes e incertos como o serpear do raio.

Mas nos ultimos annos do reinado de seu velho e cançado pae D. Sancho tivera largo ensejo para se doutrinar no officio de rei. Havendo nascido a 11 de Novembro de 1154 achava-se na florente edade de trinta e um annos, ja principe e capitão experimentado e practico, tanto nos negocios da guerra, como nos do governo da monarchia, ao qual com bons fundamentos se póde crer fora associado por D. Affonso nos ultimos annos do seu reinado. Ha quem diga que contando treze annos escaços D. Sancho acompanhara seu pae no infeliz recontro do Arganhal contra elrei de Leão, sendo talvez esta mal-succedida facção da sua infancia um como presagio das desventuras e revezes que lhe entristeceram os ultimos annos da vida. Depois, ja mancebo, tornara o seu nome famoso com victoriosas entradas pelas terras mouriscas de Andaluzia; e lidando por muitos annos contra os infieis no Alemtejo, coroara a serie de seus triumphos com a defensão de Santarem, onde, cercado pelo exercito innumeravel do émir Almumenin Abu-Jacub Jussef, se defendera com diminuto esquadrão de soldados, como leão em seu antro, até que elrei D. Affonso cingira pela ultima vez a terrivel espada, e cubrira as rareadas cans com o capello de ferro, para ganhar aos inimigos da fé a sua derradeira victoria, salvando o filho, que encerrado no alcacer, não tinha nelle muro ou torre, que não fosse uma ruina, nem peça d'armadura que lhe vestisse o corpo ou os córpos de seus cavalleiros, que não estivesse assignada de fundos golpes recebidos em combate horrendo de um contra mil.

Era, pois, com a aureola da gloria passada, com um nome que reboava ao longe pelas provincias d'Hespanha, que D. Sancho vinha assentar-se no throno paterno, do qual havia muito os portuguezes o consideravam como unico herdeiro, e em cujos primeiros degraus elle já puzera um pé firme durante a vida de D. Affonso. Deixando o tumulto dos campos, apenas soubera que seu pae se acercava da morte, o infante voara a Coimbra; mas as horas derradeiras do moribundo tinham corrido mais rapidas que o ginete do cavalleiro, e quando D. Sancho se approximou da cidade, os bispos e magnates o esperavam ja para o saudar como rei da nobre terra de Portugal. Mal enxutos os olhos das lagrymas furtivas, que por breves instantes lhe fôra permittido ir derramar sobre a terra ainda revolta, que escondia o cadaver daquelle que lhe dera o ser, elle cruzou a porta occidental de Coimbra para tomar sobre os hombros inteiro o peso da monarchia nascente, guerreada não só por odios implacaveis de mouros, mas tambem pela ambição e ciume do poderoso senhor do reino leonez.

Ornada estava a cathedral veneranda, como em um desses dias de grande festividade religiosa, nos quaes os hymnos da egreja retumbavam em suas abobadas requeimadas pelas mãos dos seculos. O bispo D. Martinho acabara a missa solemne que devia preceder o acto de alevantamento do novo rei, e este se approximara do altar, juncto do qual se havia de celebrar essa augusta ceremonia.

Os bispos das outras dioceses portuguezas que eram presentes, os abbades cisterciences e benedictinos, o prior de Sancta Cruz, os mestres das ordens de Calatrava e do Templo, e os priores das do Hospital e Sepulchro, o Mordomo da Curia, o Alferes mor, e o Mordomo menor ou Dapifero, os ricos-homens, infanções e cavalleiros, por um e outro lado do templo, rodeavam D. Sancho. Cuberto de armas brancas o mancebo ajoelhou aos pés do bispo D. Martinho, que revestido de habitos pontificaes tinha nas mãos a biblia e o livro das leis visigothicas. Sobre aquella jurou o novo monarcha respeitar este, guardando as immunidades da egreja e os direitos dos vassallos, e conservando intacta a herança do patrimonio real, e a independencia da corôa. Ahi prometteu tambem continuar na guerra contra os inimigos do Christo, alargando os ambitos da monarchia, e dando a vida, se necessario fosse, pela victoria da cruz. Então o veneravel D. Martinho ungindo-o, o abençoou, e os demais bispos, grandes, e povo o proclamaram rei, pondo-lhe a corôa na cabeça, e lançando-lhe sobre os hombros o manto real. Depois os prelados, os nobres, e os burguezes, que assistiam á solemnidade, ajoelharam tambem, e milhares de orações ferventes subiram ao ceu pela prosperidade e gloria daquelle que ía ser o principal defensor e pae da gente portugueza.

Ao alcacer, ao alcacer! — Como um vulto movediço, variegado, e informe, o mar de povo que enchia o terreiro da cathedral, e trasbordava pelo atrio e portal para dentro do seu recincto, se começa a escoar ao longo das ruas; mas d'ahi a pouco de roda da alcaçova situada no alto do monte, e desassombrada de edificios por uma larga clareira, se agglomeram de novo as multidões: a ponte levadiça está descida: homens d'armas a cavallo com as lanças em punho a guardam de um e d'outro lado: pelas seteiras, troneiras, e ameias veem-se os besteiros encostados ás béstas, e as roldas que d'hora a hora correm as muralhas e sobem ao alto das torres. Nos pateos interiores muitos cavalleiros, chegados mais tarde, esperam pela vinda d'elrei, que attravessando as ruas principaes de Coimbra voltará em breve aos paços paternos, para receber das alcaides, senhores de terras, e officiaes da côrte o preito e menagem, que lhe será feita na quadra principal dos antigos paços dos condes e alvazis, onde se alevanta o throno sobre um largo estrado, e cujas paredes de pedra se vestem de colgaduras primorosas do oriente. O ruido de vozes, e passadas, que soa pelos aposentos, corredouras, e cirados, mistura-se com o estrepitar dos cavallos, que attravessam a pon-

te, com o tinir e jogar das armas dos cavalleiros, e com os gritos e risadas dos peões, que apinhados á borda da carcova se assemelham de longe a um manto de muitas cores lançado sobre o terreiro, e rasgado d'instante a instante pelos escudeiros e homens d'armas, entrando ou saindo do alcacer á rédea solta, e abrindo sulcos tortuosos por entre o povo, que se une logo como as aguas do Mondego, que passa lá embaixo, cortadas pelas quilhas das barcas velozes, que cruzam de uma para outra margem.

Formosa cavalgada se approxima finalmente ao castello: é elrei que chega. Grande silencio se faz entre o povo, que se affasta e condensa em dous tropeis ennovellados e macissos de um e de outro lado da ponte. Cavalgando em mulas possantes rodeam-no os bispos, abbades, mestres, ricos homens e infanções. Cada um destes ultimos traz apoz si o seu possante ginete de batalha, montado por donzel imberbe, e, segundo sua riqueza, maior ou menor numero de cavalleiros e escudeiros, que seguem seu pendão: os homens de pé da mercê de cada um delles os acompanham correndo ligeiros por entre os homens d'armas, e trazendo ao hombro azevans, ou lanças curtas. O povo saúda com altos clamores elrei, ao attravessar o profundo portal do castello, e apenas elle desapparece seguido somente dos prelados e nobres, acompanha, em voz baixa, com affrontas e maldicções as comitivas feudaes, que se espalham correndo para todos os lados, em busca de pousadas nos bairros de seus respectivos senhores.

Já D. Sancho se assentou no seu throno de rei: o alferes-mor em pé do lado direito, tem na mão tendido o pendão ou signa real: o mordomo-mor, o meirinho da curia, o mordomo menor, o chanceller, e os mais officiaes da côrte estão em volta do throno: elrei vae receber dos grandes vassallos o preito e menagem pelas terras da coroa, que cada um possue. Os meirinhos ou adiantados das provincias, os alcaides mores, os mestres das ordens e os mais senhores de terras prestam successivamente seu juramento nas mãos do novo monarcha. Os potestades ou meirinhos, que administram os condados ou provincias, juram fazer respeitar a justiça, os foros do reino, e a suprema auctoridade real; os alcaides, recebendo d'elrei a investidura dos castellos, juram defende-los até a morte, nunca os entregar senão ao monarcha, ou áquelles que para os tomar tiverem seu mandado, servirem na guerra com um numero certo de lanças segundo as tenças que recebem do rei, e acolherem este ou os seus successores nesses castellos quando a elles chegarem; os mestres do Templo e das outras ordens, e os preceptores ou commendatarios fazem tambem preito e menagem em nome de seus irmãos nas armas e na vida monastica. Os senhores que possuem bens da coroa seguem-se apoz estes, e acabada a ceremonia, as sallas e os pateos cheios de infanções, cavalleiros, e soldados peões, e o terreiro cuberto de populares, restrugem com acclamações e emboras ao novo monarcha, que descendo do throno folga no meio de tão claros signaes de amor dos seus companheiros na guerra, e de todos os filhos da boa e formosa terra portugueza.

O banquete com que, segundo os costumes daquella epocha, se concluiu a solemnidade, foi esplendido, mas triste. O sol tinha desapparecido no poente, e a ampla salla d'armas da alcaçova onde se aprestára a lauta cêa era illuminada por muitas tochas, que os pagens traziam nas mãos, e por grossos brandões, presos por anneis de ferro, e enfileirados ao longo das lisas paredes de marmore, ou em volta das columnas que sustinham os tectos do aposento. Mas lá em cima, nos vãos profundos da abobada, por entre as laçarias e chaves, por sobre os frisos e capiteis, aonde a luz não subia, sussurrava a aragem da noite, como suspiro solto em galilé deserta por finado que não podesse repousar debaixo de sua lousa. Ao menos assim pareceu, porventura, aos nobres hospedes de D. Sancho; assim lhe pareceu talvez a elle proprio; porque todos os rostos, em vez de se alegrarem com o progresso do banquete, se carregavam e confrangiam. Debalde o escanção fazia correr novas taças, cheias de vinho, por detraz dos convidados; — quasi intactas estavam ainda as primeiras: e quando ao pospasto os dous truões do paço Bomamigo e Acompanhado quizeram com seus arremedilhos e visagens vir cortar aquellas, no seu entender, mal cabidas tristezas, D. Sancho lhes acenou que saissem, e dentro em breve tudo caiu no mais profundo silencio.

Tambem em silencio os prelados, e ricos homens começaram a saír da salla: por largo espaço só se ouviu o som rouco e abafado do tropear dos cavallos passando rapidos pela ponte levadiça; e D. Sancho, que por alguns momentos estivera involto em cogitações profundas, erguendo os olhos, apenas viu de roda de si os seus pagens d'armas, que immoveis esperavam os mandados do novo senhor do forte e nobre alcacer da velha Coimbra.

As ventanas do quasi deserto aposento estavam cerradas. Elrei ergueu-se, e encaminhou-se para uma dellas: um pagem lh'a abriu. Com os punhos cerrados na fronte, elle se encostou ao balcão de marmore. A noite fria e escura só recebia uma especie de tenue luz crepuscular das estrellas, que tremulas scintillavam no ceu, e das frestas ponteagudas da egreja de Santa Cruz, que transverberavam uma claridade pallida e immovel como o cadaver daquelle a quem tambem rodeavam, não pagens d'armas adornados de cotas bordadas d'ouro, mas cenobitas cingidos de cilicios e cubertos d'estamenha; não pagens d'armas em silencio, mas cenobitas resando os hymnos lugubres da morte; não mancebos fieis ás esperanças de beneficios, mas anciãos fieis á memoria delles, e que os pagavam na unica moeda que possuiam — as preces de homens innocentes e virtuosos.

D. Sancho ajoelhou com os olhos pregados no grande vulto das muralhas ameiadas e das torres de Santa Cruz, e orou largo espaço. Ao clarão de uma tocha que estava ao pé delle, disse depois um dos pagens, que pelas faces tostadas dos sóes das pelejas vira cair ao guerreiro uma torrente de lagrymas. Era que elle acabava de comprar um throno por preço de orphandade!

II.

O anno de 1189 havia começado. Entre os cuidados de povoar Portugal, e de defender a monarchia da cubiça e suberba do rei de Leão, D. Sancho tinha consumido tres annos de seu reinar. — Em quanto nos pateos e officinas dos castellos os ferreiros e armeiros teciam cotas e cervilheiras de malha, burniam capellos, arnezes e çapatos de ferro, e os alfagêmes temperavam e puliam lanças, montantes, achas d'armas e espadas, na salla do conselho d'elrei, em Coimbra, e perante elle e seus letrados, o notario da curia, Juliano, escrevia em rolos de pergaminho as cartas de povoação ou foraes, que, estabelecendo direitos e deveres para os que se offereciam a povoar as terras destruidas e ermas, faziam renascer a industria e a agricultura, moribundas no continuo revolver das pelejas de tantos annos. Assim o novo monarcha, sem deixar de attender aos exemplos guerreiros de seu pae, principiava a plantar na terra conquistada por elle a arvore ainda tenra da civilisação e da esperança.

Mas no meio destas occupações um grito doloroso, uma voz de terror e espanto reboou por todos os angulos do reino. Os vicios e crimes dos christãos do oriente tinham desaffiado a cólera de Deus, que suscitara contra elles o terrivel Saladino. Guido de Lusignam rei de Jerusalem, vencido juncto de Tiberiade, vira morrer ao redor de si a flor dos seus cavalleiros, e dos monges guerreiros do Templo e do Hospital. Elle proprio caíra nas mãos dos infieis, e o que mais duro era de soffrer para a Europa, a cruz do Salvador, alevantada no meio das batalhas como um penhor da victoria, ficara tambem captiva. O castello de Tiberiade, Ptolemaida, Naplusa, Jerichó, Ramla, Cesaréa, Jaffa, Beiruth, e Ascalon haviam aberto as portas, máu grado seu, ao vencedor de Guido. A mesma cidade sancta não podera resistir ao indomavel Saladino, e o sepulchro de Christo, profanado pelos sarracenos, caíra em servidão como o symbolo da fé — o madeiro venerando do Golgotha.

O reino christão da Palestina, fundado sobre os ossos de milhares de martyres e de guerreiros, deixára d'existir; porque apenas Antiochia, Tripoli e Tyro resistiram ainda aos innumeraveis esquadrões d'infieis. Mas o brado de agonia, que soltava a christandade do oriente no seu arranco final, não soara debalde no occidente. Por toda a parte se ergueu e restrugiu um clamor de guerra sancta em nome do evangelho — do evangelho, que o sultão de Damasco não podia vir arrancar dos corações dos valentes filhos da Europa. As nações agitavam-se como mares revoltos por violenta procella, e rangendo os dentes alçavam-se em pé, e mirando o oriente com olhar torvo, açacalavam as armas, e suspiravam pelo dia em que podessem alagar de sangue e alastrar de cadaveres os plainos da Syria.

A antiga Germania, em todo o tempo seminario feracissimo de homens valorosos, foi a primeira em arrojar contra a Asia os seus mais esforçados cavalleiros. Em quanto Henrique d'Inglaterra e Philippe de França proseguem em suas mutuas dissensões, antes de partirem para o oriente, o imperador Frederico, com um lustroso exercito de mais de cem mil soldados, se encaminha pela Hungria e Bulgaria para Constantinopola, e punindo as traições do fraco e refalsado imperador Isaac, attravessa o Hellesponto. Depois de repetidas victorias, chega aos muros d'Iconio, que fulmina como um raio desfechado do ceu, e repousando ahi algum tempo, embrenha se com o seu exercito nos desfiladeiros do Tauro, caminho da Palestina.

Entretanto, os portos d'Alemanha, de Flandres, e d'Inglaterra fervem de náus e soldados: muitos barões e simples cavalleiros, pregando sobre o peito a cruz da guerra de Deus, impacientes pela demora dos cabos supremos, se embarcam para soccorrer seus irmãos afflictos, e vellejam em demanda da Syria. As armadas vindas do norte transpoem a garganta, que une o oceano com o mediterraneo, entre Sebta e Gebal-Tarek, e vão levantar os animos quebrados dos christãos do oriente, que começam a guerra pondo cerco a Ptolemaida.

Os cavalleiros d'Hespanha não se mostraram nem mais tibios em deplorar o captiveiro da cruz e do sepulchro do Christo, nem menos fervorosos em vingar a affronta do nome christão. As náus dos cruzados, que as tempestades ou a necessidade de victualhas conduzem aos portos derramados pelas extensas costas da Peninsula, se pejam de novos moradores, que, alistando-se debaixo dos pendões dos guerreiros septemtrionaes, vão com elles, irmãos em armas e em fé, arrostar com as procellas dos mares, e com os combates de um contra dez, que os

aguardam na Syria, e a que elles já estão affeitos nas pelejas da sua terra natal.

Bem como os outros monarchas da Hespanha christan, D. Sancho arde em desejos de ir renovar na terra sancta as façanhas de seu avô D. Henrique: todavia, como elles, tambem não ousa abandonar o povo ainda infante, que a providencia quiz se abrigasse á sombra do seu amplo escudo. O imperio dos Almuhades abrangia então toda a Mauritania, e a ultima revolta da dinastia Almoravide tinha sido sopitada. Jacub ben Jussef, filho do Emir Almumenim, estendia o seu dominio áquem e álem do mar sobre vastos territorios, de maneira que os castellos dos infieis cingiam as terras dos christãos como uma faixa de pedra; — e se os ossos de martyres jaziam calcados aos pés dos sarracenos nos campos da Palestina, tambem no extremo occidente da Europa os cerros e valles das provincias christans tinham sido remidos com o sacrificio de muitas vidas, e a terra liberta do jugo mussulmano estava amassada com muito sangue de cavalleiros, para se haver d'expôr de novo, abandonada dos seus principes e soldados, á colera dos Almuhades.

Mas o coração robusto de D. Sancho não soffre pensamentos de paz e repouso, em quanto o estrondo da guerra sancta retumba por toda a parte. Gastada está a substancia e força de Portugal por largas e cruas luctas; porêm, nem a fé, nem os brios de seus cavalleiros se apoucaram ainda; e quando a signa real esvoaçar tendida ao bafo ardente da guerra, milhares de lanças hão-de rodea-la, como muralha solida, posto que movediça. E ai da mourisma por cujas terras essa signa passar erguida! — porque semelhantes ás pavêas de loura seara, por entre as quaes se vê surgir a fronte tostada do segador, os casaes e as aldêas, os burgos e as cidades serão ceifados e lançados em terra ao redor della por essa fouce agigantada de homens cubertos de ferro, que o pendão fatal guia e dirige, como se fosse dotado de vontade e de entendimento. Sabe-o elrei, e por isso pensa de noute e dia em que povoação das Hespanhas fará responder os gritos de arabes morrendo aos gemidos derradeiros dos sarracenos da Palestina caindo debaixo das espadas dos novos Cruzados. Entre as cidades assignaladas d'antemão para os dias de combates, Silves se apresentou á sua memoria — e Silves foi escolhida para theatro de pelejas.

Então, terra antiga do ultimo occidente, não eras tu como hoje um montão de ruinas, uma flor murcha e esquecida nos campos do Algarve, ora mirrados pelas tempestades das discordias civis. Então opulenta te revias nas aguas do teu rio, juncto das quaes alvejavas por entre as arvores frondosas dos pomares que te eram como estrado de princeza, sobre o qual assentada respiravas ao pôr do sol o cheiro das flores, semelhante ao arabe do deserto, que á mesma hora, involto no seu albornoz alvacento, se estira a viver entre os cespedes de um oasis. Então forte e populosa, achavas facilmente no meio dos teus vinte cinco mil habitantes, soldados com que guarnecer teus muros e torres, e marinheiros com que povoar tuas setias, que infestavam as costas das provincias christans.

Mas Deus e D. Sancho condemnaram-te, oh Silves, a seres serva; e Deus e D. Sancho prepararam os meios da tua ruina. Em quanto este ajuncta em Santarem os mais esforçados cavalleiros de Portugal, e o mestre dos engenhos e trons, Miguel, concerta e apresta os que hão-de servir para combater e derrubar os grossos panos das tuas muralhas e baluartes, os ventos, que o Senhor sopêa ou desfecha quando lhe apraz, guiam a Lisboa uma poderosa armada, que vae, caminho da Palestina, castigar na Asia aquelles, que, como os teus filhos, blasphemam do Christo, e que, como elles nas Hespanhas, guerream e perseguem na Syria os sectarios da Cruz.

Os olhos dos moradores de Lisboa se espraiam pelo horisonte occidental, onde ao longo da marinha que orla os reguengos d'Oeiras e Algés alvejam as vellas das Isnachias do norte, que sobem o rio, semelhantes a um bando de alcatrazes fugindo á procella do occeano. Os practicos do mar as conhceeram logo por de christãos; mas apenas as mais ligeiras, acercando-se da cidade, passam áquem do pequeno outeiro, onde, de pouco edificado, se ergue entre vinhas e hortas o mosteirinho de Sanctos dos monges-cavalleiros de Sanctiago, as bandeiras, assignadas de cruzes verdes e brancas, revelam a todos os olhos, que essa multidão de vellas conduz ao oriente esperanças para Jerusalem captiva, e estragos e mortes para os seus oppressores.

As náus lançaram ferro diante da cidade que ainda naquella epocha estava encolhida e abrigada á sombra do seu torvo alcacer, de roda do qual se pendurava, como filhinha do collo materno, pela ingreme encosta do monte, em cujo topo elle campeava orgulhoso então, e hoje mostra ruinas branqueadas. Saindo do breve esteiro, que se curva entre as egrejas de S. Julião e da Magdalena, muitas barcas remam ao largo e rodeam os navios, cujos castellos referverm de homens, e scintillam de brilho d'armas; — e pelos bordos das Isnachias, os vultos que sobem e descem assemelham-se ao formigueiro, que, aninhado no topo de arvore carcomida, anda ajunctando na veiga o seu provimento do inverno. Sobre o sólo vacillante das embarcações guerreiras os filhos tostados e espadaúdos do occidente, abraçam os louros e agigantados filhos do norte. Differentes em trajos, em armas, em linguagens elles são irmãos; porque tanto uns como outros se acolhem á sombra eterna da Cruz.

Já um mensageiro, mandado pelo alcaide de Lisboa, corre á redea solta caminho de Santarêm: pela volta da tarde o atalaia posto no alto da torre de menagem viu-o surgir d'entre uma nuvem de pó, e ao pôr do sol elle attravessou a ponte levadiça da alcaçova, onde elrei esperava impaciente que novas lhe traria, se de dor, se de folgar.

De folgar eram ellas, e sobradamente deleitosas naquella conjuncção; em que estes estrangeiros lhe eram como mandados de Deus por ajudadores da arriscada empreza que intentava, aspera de commetter a sós com os seus portuguezes. Assim, ao romper d'alva, seguido de poucos homens d'armas, o valente mancebo, alvoroçado com suas esperanças, se encaminhou para Lisboa, deixando a seu meio-irmão Pedro Affonso, alferes mór do reino, a capitania da nobre hoste que se ajunctava á roda de sua signa.

Aquelles, que attravessando os mares iam contrastar na Syria os esquadrões de Saladino, cujo nome enchia d'espanto a Asia e a Europa, eram por certo homens de grande e robusto coração. Para elles as horas lentas e tormentosas das batalhas passavam como momentos de jubilo, o restrugir das espadas afuzilando umas nas outras, soavam-lhe como toada harmoniosa de menestreis em saráu esplendido, e um campo tincto em sangue e semeado de cadaveres despedaçados era-lhes mais aprazivel que veiga povoada de boninas, quando ao romper d'alva exhala perfumes suaves, e scintilla com o orvalho da noute aos primeiros raios do sol. Facil foi por isso a D. Sancho persuadi-los a serem com elle participantes na gloria da tomada de Silves, e como se a cidade fôra já captiva, entre elrei e os capitães da frota se dividio de antemão a presa: a elles couberam os thesouros dos mosselemanos, a elrei as torres e muralhas que os defendiam, sobre as quaes havia de hastear o seu pendão de senhor.

III.

Muitos dias eram passados desde que Silves começara a debater-se em lucta feroz com os christãos que a estreitavam. As gálés dos cruzados do norte, e as náus de Portugal aproando á foz do seu rio tinham lançado na margem esquerda delle uma multidão de guerreiros; e quando da erguida atalaia da serra fronteira, o vigia dava rebate das muitas vellas, que demandavam o porto, viram as sentinellas das torres do alcacer a hoste portugueza, que descendo dos visos das serranias circumstantes, para o valle dos arredores da povoação, se assemelhava a serpe gigante rolando-se em collos variados pelo pendor da ladeira. O esforçado D. Mendo de Sousa, que era o capitão daquelle exercito, cingira Silves por um lado, e as suas alas iam entestar com as alas dos estrangeiros, de modo que a povoação ficara como embebida em espesso feixe de lanças.

A' força de rijos combates brevemente haviam sido tomados os arrabaldes; mas o valor e ousadia dos cercadores em vão tentara penetrar alem das altas e grossas muralhas que defendiam a cidade. Elrei viera com uma formosa batalha de cavalleiros dar novo vigor ao cerco, e mais náus carregadas de gente e engenhos de guerra haviam partido de Lisboa e entrado no rio de Silves; mas a cidade orgulhosa e confiada no numero dos seus defensores e na altura das suas muralhas, affrontava a colera dos inimigos do propheta, e folgava dos seus repetidos assaltos, em que diariamente eram vingadas, com mortes e estragos de christãos, as mortes e estragos que estes haviam feito na cerca exterior, de que, não sem brava contenda, se tinham assenhoreado.

Abastecida estava Silves para muitos mezes, e uma forte couraça, que descendo do alto vinha cerrar-se na margem do rio, lhe ministrava abundancia d'agua: assim, não por demorado sitio, mas por assaltos repetidos deviam os christãos combate-la. A couraça, porêm, alluida pelos tiros dos engenhos, solinhada pelos alveões, em um lanço extenso, a que tinham chegado as minas, sustida depois alguns dias sobre grossas traves aprumadas, desabara quando estas haviam sido incendiadas. Os christãos trepando por cima das ruinas, cubertos de leves escudos, pelejando peito a peito com os arabes, abraçando-se com elles, luctando e rolando de pedra em pedra até a carcova meia entulhada, para de novo tornarem a subir, haviam por fim firmado os pés sobre a corredoura no cimo da couraça. Ahi, os filhos d'Allah, vergando debaixo dos golpes dos pesados montantes dos portuguezes, e das largas e affiadas achas d'armas dos gigantes septemptrionaes, deixando esse estreito campo de batalha cuberto de craneos esmigalhados, de corpos destroncados e de armas feitas em rachas, tinham-se acolhido ao amparo da forte cerca, resolvidos a sepultarem-se debaixo das suas ruinas.

Não tardou, porêm, que este proposito de um valor tranquillo, este pensamento de resistencia meditada, esta tenacidade no soffrimento, virtude congenita no homem de guerra que nasce sobolo ceu das Hespanhas, fosse chamado a duras provas. Todos os dias se repetem assaltos á escalla vista; todas as horas os sculcas arabes, encostando o ouvido sobre a estrada que gira em roda dos muros pela parte interior da cidade, percebem o ruido subterraneo dos mineiros que se approximam de um dos cubellos, e sentem os golpes embaçados das alavancas batendo no coração das rochas sobre que se estribam as muralhas.

D. Sancho I salva do furor dos soldados os mouros prestados
em Silves

A's vezes os frecheiros immoveis, com os arcos curvos, e resguardados pelas ameias dos eirados, e pelos umbraes das setteiras exteriormente irregulares, que d'espaço a espaço seguem as escadas espiraes das torres, para darem entrada á luz, e saida á morte nas horas do combater, creem enxergar uma oscillação rapida e leve, que passa pelos membros desses gigantes de pedra, como um estremeção de terror. A's vezes, lançando os olhos para as serranias selvosas que estreitam o horisonte, descortinam nas florestas os pinheiros agitando-se, e os cimos dos mais altos vacillarem, e abysmarem-se no mar de ramas que os rodea. Entendem os arabes o que significa esse tombar das arvores seculares: é que as minas se approximam a seu termo: é que algum lanço dos muros vai trocar brevemente os seus alicerces de pedra por escoras de lenho, que incendiadas um dia farão desconjunctar os cubellos e torres, que o sólo sorverá n'um abysmo de labaredas e fumo. Mas elles não desmaiam: — guiados por esse ruido abafado que fazem os mineiros christãos rasgando as entranhas da terra, escavam tambem o pavimento das ruas, e sumindo-se pouco a pouco em o chão, que todos os dias embebe no seio maior numero de homens ousados, vão encontrar-se lá nas trevas subterraneas com os ferozes inimigos do propheta. Ahi se trava furiosa briga no meio da escuridão mal desbastada pelos fachos accezos nas mãos dos guerreiros, cujas cervilheiras retinindo, cujos rostos transfigurados pelos sulcos das espadas, que ao reluzir dos olhos banhados em cólera só atinam com aquelle alvo de faces humanas, fazem dessa peleja um quadro horrendo, semelhante a combate de demonios e reprobos travado sob as campas de um cemiterio. E quando, quebrados os alfanges africanos pelos machados germanicos, pelas achas d'armas portuguezas, os defensores de Silves são arremessados para a superficie da terra retraindo-se ante os seus duros contrarios, os christãos veem descer pelo respiradouro, que jorrou para as bordas do abysmo os pelejadores arabes, uma luz infernal, um rio de fogo, que se precipita em turbilhões, e contra o qual não valem nem armaduras de ferro, nem corações mais robustos que este. Então elles tambem recuam, e buscam erguer barreiras á torrente maldicta; e quando em fim alcançam interpor um muro de pedras, e de terra amassada com sangue, entre si e esse ultimo e invencivel defensor da povoação, sentem-no rugir, crescer, ennovelar-se, e resfolgar um bafo ardente que transsuda pela tranqueira macissa que os separa delle. Anhelantes, á luz incerta e avermelhada dos fachos, olham em silencio uns para os outros, nem sabem se devem fugir, se ficar: mas veem elrei immovel, e os mestres dos engenhos que examinam a caverna, e apontando para as paredes lateraes lhes bradam: ávante! — A esta palavra os alviões se cravam para um e para outro lado: o chão esboroa, e sobre a cabeça dos mineiros apparecem os fundamentos angulares de uma torre, como uma abobada achatada: grossos madeiros formam então, como por milagre, um peristylo egypcio, basto e achatado, sobre o qual repousam as torres, que, lá em cima, á luz do sol, parecem enraizadas eternamente na ossada da montanha. Assim os christãos abrem o sepulchro desses gigantes de pedra, que brevemente, cadaveres desconjunctados, descerão ao abysmo, que vae lavrando debaixo dos seus fundamentos.

Mas quando essa caverna, que se estende e alarga de dia em dia, d'hora em hora, como cancro ameaçador de morte inevitavel, se converter em fornalha encendida; quando as chammas e os rolos de fumo crepitarem em volta das grossas traves, enroscando-se nellas, e mordendo-as como a giboia em volta de tronco humano; quando as quadrellas e torres se fenderem, vacillarem e cairem desmoronadas, que será de Silves, indefensa, nua, como mulher violentada, cujas vestiduras foram rasgadas por mãos da sensualidade hedionda e bruta? Que será della quando as suas praças e ruas, abertas em frente dos esquadrões de nazarenos, só tiverem interpostas entre si e elles algumas pedras tombadas e soltas pelo pendor da encosta? — Estas perguntas terriveis fazem-nas lá comsigo todos os corações, e repete-as em alto som a pallidez de muitas faces.

O desalento, porêm, já antes disso começára a coar pelos animos dos mais esforçados. O somno já não visita as palpebras dos alfaquis, que desesperam do amparo do propheta; e o indomavel Albaino, alcaide da capital do Algarve, contempla tristemente a sua boa espada, sobre a qual nesse meditar de amarguras vê cair uma não sentida lagryma. A imminente ruina das antigas muralhas de Silves não é causa principal da angustia que despedaça todas as almas, porque os broqueis dos guerreiros arabes poderiam talvez suppri-las: mal maior opprime a povoação, que se confrange em lenta agonia. Um espectro descarnado e macilento, assentado no cimo do alcacer, estende os braços mirrados sobre a cidade apinhada em volta deste: o seu halito é como o do Simúm, e por onde elle passa tudo fica arido e çafaro como o tempestuoso areal do deserto. Os tres açoutes que Deus vibra contra as nações no dia da sua cólera, não são porventura tão crueis como este só, que os homens não contaram entre esses tres flagellos: a peste deixa o moribundo volver os olhos com saudade para os primeiros e derradeiros raios do sol; a guerra é como um banquete de ebriedade e delirio para o homem valente; a fome é martyrio longo e doloroso, no cabo do qual ha um adormecer suave na morte. Mas Deus tem maldicção mais tremenda! — Quando ella desce de cima, a luz do sol converte-se em fogo infernal; o pelejador despe as armas e rola-se furioso por terra; a noite não traz nem repouso, nem refrigerio; as arvores perdem sua folhagem; as flores pendem, murcham, mirram-se e caem em pó; e no meio desta desolação geral, o ceu tranquillo e azul, o ar diaphano e puro, a brisa que passa fagueira, são como um escarneo da natureza, que parece surrir-se no meio dos trances mortaes, das vascas atrozes, em que se debate tudo quanto vive, ou vegeta.

Este flagello supremo é a sêde: o seu espectro medonho era o que estava assentado sobre o alcacer de Silves.

Por isso uma lagryma tinha escorregado dos olhos de Albaino sobre o ferro luzente da sua boa espada. Contra este novo inimigo que lhe prestava ella?

IV.

A rainha do Algarve cedera, em fim, ao seu contrario destino: os mensageiros enviados pelo alcaide mouro tinham offerecido em nome delle entregar a cidade, salvas as vidas e as fazendas dos seus habitadores. Elrei generoso na victoria inclinava-se á misericordia, offerecendo aos cruzados vintemil morabitinos em satisfação do despojo que perderiam, acceitas as condições daquelles que se reputavam vencidos: mas os guerreiros septentrionaes deslustraram seu nome com a crueldade e cubiça. Invocando a sanctidade do pacto feito com D. Sancho, antes de commetter aquelle feito, não consentiram que essa multidão de desgraçados, que abandonavam a formosa Silves ao jugo de ferro dos christãos, levassem uma só reliquia, uma unica memoria do tempo passado, dos dias de felicidade. Desterrados do seu ninho paterno, condemnavam-os esses homens ferozes do norte a irem peregrinos demandar aos seus irmãos em crença não só um asylo, mas tambem o pão da esmola. Os vencedores ainda julgavam excessiva piedade o conceder-lhes as vidas.

Eram tres de septembro: o sitio começado a 20 de julho havia durado mez e meio, e neste dia Silves abria as suas portas aos christãos. Sem armas, e trajando simples aljubas e alquicés, os cavalleiros arabes, acompanhados de mulheres e filhos, começaram a desamparar a cidade, por cujas ruas resoava um terrivel sussurro de gemidos abafados. Albaino era o unico que vinha montado em seu ginete andaluz, e ao redor delle os alfaquis e cacizes a pé, que de quando em quando voltavam a cabeça para se despedirem ainda uma vez, com os olhos, das almenaras das mesquitas, d'onde nunca mais a voz sonora dos pregoeiros chamaria á oração os sectarios do propheta. Espectaculo lastimoso era ver a multidão de velhos, creanças e donzellas timidas, cujas faces tinha de tão perto bafejado a morte, correrem para o Drade, ou para o Odelouca, e atirarem-se de bruços sobre as aguas em breve turvas, procurando extinguir a sêde que lhes roia as entranhas. Os christãos, entrando ao mesmo tempo na povoação, recuavam a todo momento traspassados d'horror: cadaveres de homens e animaes, corruptos e fetidos, estavam amontoados pelos terreiros e encruzilhadas: semelhantes a phantasmas, pallidos e moribundos, viam-se muitos mouros irem-se arrastando de bruços para não soltarem o ultimo arranco entre as blasphemias e escarneos dos seus crueis inimigos, e outros, ja nos trances da morte, com a desesperação pintada no rosto, erguerem as mãos para os vencedores, pedirem agua, e expirarem. Os christãos captivos que jaziam nas masmorras de Silves eram quatrocentos e cincoenta quando começára o cerco, mas apenas restavam duzentos, tendo os mais perecido á sêde; e dos vinte cinco mil habitantes da cidade só quinze mil saíram vivos para irem levar noticia da victoria dos christãos aos alcaides almohades da Andaluzia, de Cordova, e de Granada.

Elrei com os seus cavalleiros, ao lado da porta da Almedina, assistia áquelle prestito lugubre de familias sem patria, e no rosto se lhe divisavam claros signaes de compaixão; pelo contrario os cruzados, cuja crença viva degenerava em fanatismo cego, cubriam de affrontas os miseros desterrados, e até maltractavam barbaramente os inermes guerreiros arabes. No perpassar pelas portas, onde a multidão dos que entravam, em frente dos que saíam, se assemelhava á revessa de duas marés encontradas em surgidouro estreito, embatiam se em confusão sarracenos e cruzados. Já alguns destes arrancavam as espadas, e já os gritos de morte soavam de boca em boca: mas, rapido como o relampago, elrei, seguido dos seus homens d'armas, se arrojou aonde mais acceso fervia o tumulto. A sua voz retumbou por cima de todas as vozes, e immoveis e em silencio christãos e mouros o escutaram.

Então D. Sancho ponderou aos cruzados, que a religião, a fé, e a honra de cavalleiros os obrigava a respeitarem a desventura dos habitantes de Silves: lembrou-lhes o[illegible] senhores de tantos despojos, o sangue de novas victimas não os faria m[illegible] ricos; e com aspecto carregado declarou-lhes, em fim, que elle com os seus portuguezes os constrangeria a respeitarem o pacto jurado com os que foram, e já não eram inimigos, mas sim malaventurados.

As razões, ou antes as ameaças d'elrei produziram o desejado effeito. Dentro de poucos dias os habitantes de Silves eram consolados no exilio pelos seus irmãos d'Andaluzia: os besteiros d'elrei guarneciam as muralhas e torres arruinadas da capital do Algarve; e a armada dos cruzados, rica de despojos, velejava ao longo do estreito de Gebal-Tarek caminho da Palestina.

NOTAS.

Pag. 53. — *A' Estampa.* — Em outra nóta deixáramos prometido, que seria este quadro, da Tomada de Silves, desenhado, e lythographado pelo Sr. Francisco de Assís Rodrigues: taes erão então as suas, e nossas tenções: o abôno da nossa promessa nol-o era a sua; da qual seja próva o baixo relêvo, que elle este anno presentou na exposição da Academia de Bellas Artes de Lisboa. Outros seus trabalhos porêm, aos quaes, segundo parece, lhe não foi possivel dar de mão, o obrigaram a fazer-nos, bem apesar nosso, e pela primeira vez, faltar agora á palavra da[illegible] Publico. Acudiu-nos neste apêrto como artista, como portuguez, e como amigo, o Sr. Sendim, compondo, em poucos dias, e melhor disséramos, improvisando, o painel, que offerecemos.

Pag. 53. — *Ao Titulo.* — Posto que só o meu nome se lêa no frontispicio desta obra, grande verdade é, e para que sabida seja, e lembrada fique a mando aqui estampar, terem sido sempre dois os seus auctores; meu Querido Irmão, e modelo de irmãos, Augusto Frederico de Castilho, e eu. Toda a parte laboriosa da obra, a tomára elle a si: seu era o immenso revolver, estudar, comparar, criticar, apurar, e digerir todos os successos, que se havião de escrever, seguindo, e liquidando até á minima de suas circumstancias; fadiga improba, immensa, mas não maior que o seu saber e perseverança, e certamente bem suave para o gôsto, com que elle no serviço das letras, e particularmente no meu, se desvellava; para mim, só me deixava o mistér tão facil, e agradavel de edificar com os materiaes, ja promptos, e ja todos á mão; aformosear, lustrar, pulir, sobredourar o edificio, ficar dentro, e chamar-me dôno. A historia, que era o tudo, lhe pertencia, e pertencia me a mim o estilo e poesia, que era o nada: com esta differença, que, se elle houvesse querido escrever em meu logar, tão bem como eu, e melhor do que eu, o houvéra feito; em quanto o estudar como elle, por nenhum modo o houvéra eu, nem com summo esfôrço, conseguido. Porque razão logo, o que substancialmente mais era d'elle do que meu, só em meu nome apparecia? porque tal era, não direi a sua generosidade, mas a abnegação, que sempre do seu e de si em meu favor fizéra, que nunca, a despeito de todas minhas instancias, o pude convencer a tomar para si porção alguma do louvor, que só elle me grangeava, e esta foi em toda sua vida, a sua unica, mas inflexivel resistencia aos meus desejos e boa razão.

Agora que eu e os amigos, as Letras e a Patria o havemos perdido, retomarei, que foi essa uma de suas derradeiras vontades, o pesadissimo encargo desta emprêsa, que irei levando como, e até onde Deus quizer; que por ventura não será tanto adiante, que possa ja meu filho, como eu tanto desejára, tomal a aos hombros em eu caíndo, e seguir jornada com mais inteiras fôrças e melhor fortuna, que o desaventurado de seu pae. Alguem entre mim e elle a levará, e não será esse outro, se os meus desejos se cumprem, senão o mesmo por quem tão alta e ricamente vae tractado este presente capitulo da Tomada de Silves. Escusas me coubéra aqui pedir aos leitores de lhes dar hoje o meu trabalho interpollado de mão alheia, e nem hum só as difficultaria, sabendo como, após a forçada interrupção de quasi anno, occasionada de domesticas penas acerbissimas, da longa enfermidade, e perda, e saudades de um irmão sem egual, este livro, tão amado de tantos por tão portuguez, que é, necessariamente ficaria ainda detido por mezes por minha falta de saude, e valor para ja o proseguir, se outro, pela amisade, mais que irmão, senão houvéra de boa mente encarregado desta parte, que hoje sáe; mas, para que as escusas se convertão em louvores e agradecimentos, bastará declarar o que a erudição, o estilo, e a linguagem do mesmo capitulo ja terão revellado, que é o nome de seu auctor, brilhante nome que nem ja consente epíthetos, Alexandre Herculano. Lisboa 2 de Maio de 1841. — *Antonio Feliciano de Castilho.*

Pag. 54. — *E na capella fronteira.* — Segundo o testemunho de Ruy de Pina [Chr. de D. Sancho 1.º c. 1.] elrei D. Affonso Henriques foi sepultado em sepultura rasa n'uma capella de Santa Cruz. Qual esta fosse não o diz elle, nem o podémos encontrar na chronica dos Conegos Regrantes por D. Nicoláu de Santa Maria, que, aliás, tão miudamente descreve o mosteiro antigo. Duarte Nunes de Leão assevera [Chr. de D. Aff. Henriques c. ultimo] que fora sepultado em uma capella que *para si mandou fazer*. O sepulchro deste rei que hoje se vê em Sancta Cruz ao lado direito do altar mor é obra d'elrei D. Manuel, que para alli mandou transportar os restos do seu illustre antecessor.

Pag. 54. — *E dos thesouros accumulados por elle.* — » Sendo elrei tão victorioso [diz Brandão Mon. Lusit. L. II. c. 39., fallando de D. Affonso Henriques] e conquistador de tantas terras, em que necessariamente havia de haver ricos despojos, não se sabe delle que ajuntasse thesouros como se conta de outros reis, que tiveram menos occasião de os acquirir. » - Esta affirmativa do grande, ou antes maximo, historiador portuguez, não parece exacta, á vista das duas notas que vem no fim do codice N.º 4 da livraria Mss. de Sancta Cruz [hoje N.º 23 da Bibl. Publica do Porto] denominado o *livro gothico.*

Pag. 54. — *As garnachas . . . as capas . . . os tabardos.* — Et costura de *garnachia* scotada. . . Et costura de *garnachia* de manicis . . . et costura de *capa* duplata . . . et *tabardo* duplato. Lei de D. Affonso 3.º de 1253.

Id. col. 2.ª — *Ao qual com bons fundamentos se póde crer fora associado.* — Fundado em um documento falso, ou pelo menos falsificado na data — a doação do castello de Mafra feita á ordem de Aviz no 1.º de Maio de 1183 [era 1221] na qual D. Sancho 1.º figura não só como rei, mas tambem como principal doador — Fr. Antonio Brandão suppõe que nos ultimos annos da sua vida D. Affonso Henriques associara ao imperio o infante seu filho. Contra esta opinião se alevanta o illustre J. P. Ribeiro [Diss. Chron. e Crit. T. I. pag. 30.] regeitando, com razão, o documento como supposto ou viciado, e o facto como sem nenhum fundamento, sendo os seus argumentos para negar a co-regencia do infante 1.º o não se fazer em nenhum documento menção de tal associação ao imperio. 2.º o não provar o titulo de *rex* dado a D. Sancho em vida de seu pae, nas differentes doações em que ambos figuram, que elles reinassem ambos conjunctamente, visto que o titulo de *regina* se costumava dar egualmente ás infantas, sem que por isso se haja nunca de entender que ellas tinham parte no governo ou administração da monarchia.

Apesar das reflexões do nosso celebre antiquario, do mestre da sciencia diplomatica em Portugal, estamos persuadidos de que o facto existiu, como Brandão o suppoz, e cremo lo fundado, não em um documento suspeito, mas em razões que nos parecem attendiveis.

O mais perigoso escolho em que, segundo nos parece, andam arriscados a naufragarem os indagadores e apuradores de nossas antiguidades, é no de não se collocarem á verdadeira luz quando avaliam os homens, as cousas e os successos da edade media: em vez de se transportarem a essas epochas, em que o pensar e obrar era inteiramente differente e até contrario ás idéas, habitos, e modos d'existir actuaes, medem e afferem ás vezes o passado pelo presente, e dão ás palavras, ás formulas, aos factos antigos a significação que hoje teem. D'aqui vem em boa parte as resoluções encontradas que se hão achado a varios problemas historicos; d'aqui muitos raciocinios falsos, que nem por isso deixam de assentar sobre premissas ás vezes exactas e verdadeiras, mas inapplicaveis áquelles tempos e circumstancias.

Tal nos parece o argumentar do respeitavel auctor das Dissertações Chronologicas contra a associação de D. Sancho ao governo em vida de D. Affonso, por falta de um acto diplomatico desta associação, e de expressa allusão a esse acto nos documentos contemporaneos. Este argumento, que teria inteira força relativamente aos tempos modernos, é nullo relativamente aos primordios da monarchia. Pelo contrario estamos persuadidos de que a associação dos successores ao governo é um facto constante nos primeiros reinados.

O caracter geral das instituições politicas e civís da edade media na sua primeira epocha era a mistura e, por assim dizermos, a *equipollencia* das leis escriptas, e dos usos tradicionaes, cuja sancção estava na practica perenne delles: estes usos incorporaram-se successivamente na lei escripta, mas a sua natureza primitiva era o serem norma de direitos e deveres, apesar de estarem estampados nos espiritos, e não lançados nos diplomas legaes. *Lei* e *costume* constituiam a jurisprudencia complexa dessa epocha, e por muito tempo, quando os dous elementos luctavam, triumphava, as mais das vezes, a instituição tradicional da instituição escripta. Assim nós vemos os *costumes* equiparados ao *foral* na jurisprudencia do municipio, e todos sabem que a lei municipal era em regra superior ás leis geraes do paiz.

Quaes eram estas no começo da monarchia? Como dissemos, e semelhantemente á jurisprudencia dos concelhos, consistia a jurisprudencia geral em leis escriptas e não escriptas, ou *costumes*. As escriptas eram, inquestionavelmente o Codigo visigothico ou *Forum Judicum*, e provavelmente o Foro especial de Leão, estabelecido nas cortes de 1020 por D. Affonso 5.º e estendido por D. Fernando 1.º á Galliza, Asturias e Portugal nas cortes ou concilio de Coyança de 1050: as tradicionaes, porém, que não é possivel apurar por extenso em uma breve nota, eram uma mistura de costumes leonezes, [illegible] feudaes, que forçosamente se haviam de ter introduzido, não só pelo tracto frequent[illegible] franceses, e por ser francez o Conde D. Henrique, e uma boa parte dos cavalleiros que [illegible]mpanharam e com elle se estabeleceram em Portugal, mas tambem porque ja em tempo dos reis leonezes havia essas relações com os paizes d'alem dos Pyreneus, e grande era portanto a *influencia* da sociedade feudal franceza, então quasi no seu apogeu, sobre a organisação social da Peninsula.

Suppondo que nos primordios da monarchia portugueza, o Foro de Leão fosse uma das suas leis geraes, e o Codigo visigothico a outra, é certo que neste havemos de buscar a lei politica desses primeiros tempos, e a lei politica no *Liber Judicum* relativamente ao rei era a applicação do principio electivo das nações aquilonares. Terminantemente o resolve a lei 2.ª e 5.ª do Exordio do *Fuero Juzgo*, ou Codigo visigothico. Esta disposição legal luctava contra um dos elementos constitutivos do regimen feudal, a propriedade *hereditaria* do senhor e o dominio dos feudatarios, elemento que devia influir por maioria de razão na successão do suzerano supremo, e que effectivamente influiu no estabelecimento do direito hereditario dos reis, fortificando-se na Hespanha pela lei tradicional ou *costume*.

Achando-se assim em opposição a lei escripta com o costume, os monarchas dos differentes reinos em que se dividiu a Peninsula haviam necessariamente de fazer toda a diligencia para que este prevalecesse, não só porque o proprio interesse os movia, mas porque nas Hespanhas, bem como nos paizes verdadeiramente feudaes, as sociedades que se tinham tornado sedentarias careciam de dar á principal das instituições — a propriedade — o caracter de fixa e perpetua, que até então não podia ter, visto que esse caracter seria contradictorio com a organisação das tribus germanicas, sempre volantes e em continuas migrações. No Codigo visigothico, o mais admiravel dos codigos barbaros, porque era redigido, para nos servirmos d'uma expressão de Mr. Guisot, pelos unicos philosophos daquelle tempo — o clero — apparece mais visivelmente que em nenhum a lucta das duas tendencias — a da fixação ou perpetuidade e a do transitorio — a lucta do socialismo e da barbaria. Ahi a propriedade particular e territorial tende positivamente ao hereditario, mas a corôa fica vitalicia e electiva: na terra triumpha o pensamento dos vencidos, a instituição romana: no throno prevalece o costume dos vencedores, a instituição germanica. Isto, porém, era absurdo e até ruinoso em tempos de rudeza, de ignorancia, e de paixões violentas e brutas. Cada nova eleição de rei trazia ao corpo social terriveis abalos, que o debilitavam a ponto, que, segundo se vê de varias leis do mesmo Codigo visigothico, até o caracter hereditario da propriedade particular era destruido. Foi assim que pouco a pouco os visigodos deixaram consolidar a corôa de paes a filhos, e que esta se achava de facto convertida em herança, quando a invasão dos mouros veio destruir na Peninsula os lentos progressos da sociedade germano-romana, para os substituir pela civilisação arabe.

Mas a monarchia leoneza, nascida desses fragmentos da familia christan salvos nas serranias das Asturias, tornou a atar o fio partido das instituições, costumes e tradições visigothicas: o facto da eleição foi practicado pelos leonezes mais como uma formula que como o exercicio e manutenção de um direito politico, que todavia continuava a estar consignado na lei geral do paiz, e que ainda nos começos do seculo 12.º produziu as graves contendas entre a rainha D. Urraca e os partidarios de seu filho Affonso 7.º, ainda então na puericia.

D'aqui nasceu [observa o erudito Martinez Marina] que os primeiros reis das Asturias e Leão, imitando os godos, para assegurar a successão da corôa a seus filhos ou parentes mais proximos, ou fazer que nelles recaisse a eleição, tractavam em quanto vivos de associa-los ao governo e dar-lhes parte no meneio dos negocios do estado, e até de sollicitar que o congresso nacional lhes attribuisse antecipadamente o direito de successão.

Por este modo ha fortissimas razões para suppormos que no começo da monarchia portugueza os nossos reis costumaram associar ao imperio o herdeiro presumptivo: 1.ª a influencia feudal immediata, por serem os nossos primeiros reis de familia franceza. 2.ª a conveniencia evidente de um tal uso para assegurar a perpetuidade do sceptro n'uma dinastia recente. 3.ª e principal, o costume da monarchia leoneza, de quem imitámos e herdamos costumes, instituições, e leis.

Por derradeiro observaremos que se em verdade o titulo de rei dado a D. Sancho 1.º ainda em vida de seu pae não é prova plena da sua co-regencia, visto que egual titulo se dá aos outros filhos e filhas de Affonso Henriques, não se póde dizer outro tanto do principe D. Affonso [depois 2.º do nome] a quem, sendo ainda vivo D. Sancho 1.º, se dá o titulo de rei em quanto a seus irmãos se dá o d'infantes, no testamento daquelle monarcha, (Mon. Lus. T. 4.º — App. do Doc. Escript. 3.ª) feito alguns mezes antes da morte de D. Sancho. E é tambem para notar que a formula ordinaria dos diplomas deste principe nos ultimos annos de seu reinado — seja: Ego Sancius Dei gratia, Portugal. Rex, *una cum filio meo, Rege D. Alfonso, et ceteris filiis et filiabus meis*: — sendo em geral de fé mui duvidosa aquelles em que se dá o titulo de rei aos outros filhos, depois de 1200.

Em fim, se esta associação ao imperio, ou co-regencia, não era senão um meio de tornar permanente e legal um costume introduzido lentamente — a successão hereditaria da corôa — para assim substituir a lei escripta, é claro que tal associação devia ser vagarosa e insensivel, sem acto ou solemnidade alguma, que lhe marcasse a epocha, e sem que se commemorasse nos diplomas, salvo por algum modo indirecto. O povo e os senhores habituavam-se assim a considerar o infante successor como rei, e a acclamação que se fazia pela sua accessão ao throno, se transformava por esse modo em uma ceremonia, que simulando o cumprimento da lei visigothica, não era na essencia senão o principio da transmissão feudal da propriedade applicado á corôa, ou uma especie d'investidura nacional.

Foi atidos a taes considerações, apenas aqui indicadas e que provariamos extensamente se a estreiteza de uma nota o permittisse, que seguimos no texto a opinião do auctor da Monarchia Lusitana relativamente á co-regencia de D. Sancho, affastando nos do sentir do nosso sempre chorado amigo e mestre o sabio J. P. Ribeiro.

Pag. 54. *col.* 2.ª — *O infante voara a Coimbra.* — Que o infante ahi não residia quando D. Affonso falleceu expressamente o diz o livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra: *Era* 1223 *quinto idus Decembris* ingressus est *Rex Santius Colimbriam, in die Sancte Leocadie*: coepitque regnare *in loco Patris sui Era* 1223.

Id. id. — *Os priores dos do Hospital e Sepulchro.* — Quanto á existencia da ordem do Sepulchro nesta epocha seguimos a opinião de José Anastacio de Figueiredo, que nos parece bem fundada. Veja-se a Nova Malta P. 1.ª §§ 30 e segg.

Id. id. — *O proclamaram rei.* — Brandão descreve de differente modo a acclamação de D. Sancho, e dá a esta solemnidade uma côr inteiramente moderna, suppondo até que fôra conjunctamente coroada a rainha D. Dulce, o que, segundo nos parece, não tem fundamento, nem nos costumes, nem na historia daquelles tempos. Nós seguimos restrictamente o que a este respeito se acha decretado no codigo visigothico, nos concilios toledanos, e na practica da monarchia leoneza, unico typo que no começo da nossa se podia seguir, em similhantes ceremonias, se é que ellas existiram, o que não nos atreveriamos positivamente a affirmar. No Prefacio ou exordio do *Liber Judicum se determina expressamente* que o rei deve ser eleito pelos bispos e pelos magnates *da côrte* ou pelo *povo* [lei 3.ª]: que qualquer homem antes de ser rei, e de receber o reino deve prestar juramento de guardar a lei visigothica [ibid.]. Ahi se diz tambem que os bispos são quem abençoa e sagra o rei [lei 9.ª]. Alem disso uma multidão de concilios toledanos estabeleceu doutrinas analogas. Conc. Toled. VIII c. 10. — VI c. 3 — X c. 2. e outros. A lei 2.ª e 4.ª do Titulo 1.º do codigo visigothico prohibia ao rei dividir ou alhear os bens da corôa, e segundo Marina [Ens. Hist. Crit. 71.] era esta lei que especialmente devia jurar o novo monarcha. O costume de ser o rei ungido conservou-se em Leão, e as chronicas e documentos fazem especial menção dessa ceremonia na assumpção ao throno de diversos monarchas leonezes. Ha, pois, grandes probabilidades para imaginar que a acclamação de D. Sancho 1.º fosse pouco mais ou menos como fica descripta.

Pag. 55 — *Formosa cavalgada.* — Na descripção do acompanhamento d'elrei procurámos conservar senão a verdade relativa, porque nenhum monumento especial do facto nos resta, ao menos a verdade geral historica. Pela lei de D. Affonso 3.º, que abaixo transcrevemos, combinada com o baixo relevo da sepultura d'Egas Moniz e varios documentos, que por brevidade não transcrevemos, delineámos esta especie de prestito real, que, alem de mais poetico e icastico que a narração da Monarchia Lusitana, tem a vantagem de ter melhor fundamento. A lei de D. Affonso 3.º extrahida do *Livro das Leis e Posturas antigas*, e que parece feita nas côrtes de 1263, diz o seguinte.

» D. Affonso pela graça de Deus rey de Portugal e do Algarve: Do promettimento do arcebispo de Bragaa e de todolos ricos homeẽs, e d'outros homẽs boõs do reyno de Portugal por boõ paramento e proveyto do reyno de Portugal, fez e estabeleceo aquestes degredos que adeamte som scritos: Primeiramente estabeleceo nosso senhor ElRey aos ricos-homeẽs que nom vaã a cas d'ElRey, senom per duas cousas: a huã é, se ElRey mandar por eles; e a outra é se ouverem que endereensar em cas d'ElRey, e todo homem que tever cinquo mil marevedis, que venha a cas d'ElRey com *cinquo cavalleiros*, e comha com elles en sa pousada. E se ElRey convidar o rico-homeẽ comha com el e os cavalleiros comham en sa pousada, e nom comham com outrem: E semelhavilmente o rico-homeẽ que tever seis mil marevedis venha com *seis cavalleiros*, e o que tever sete mil marevedis venha com *sete cavalleiros*. E se tever até des mil marevedis venha com *des cavalleiros* e comha com elles em sá pousada como dito é, e nom comhã com elles outros cavalleiros nem escudeiros *nem peões, nem outros homeẽs*, senom aqueles que el convidar, *nem os donzees* nom sejam ante os cavalleiros aos manteẽs. O rico-homeẽ nom vaa ao moesteiro nem á eigreja senom assy come os ElRey mandar aa dita sa casa, assy como suso dito é. O infançom nom leve ao moesteiro, nem á eigreja senom buũ cavalleiro e cinquo bestas. E o cavalleiro que for com el nom leve mais que tres bestas, e assy seja *oyto*, e nom leve mais *de doze homeẽs e hũm donzel, que ande no cavallo do infançom.* E o infançom se veer sem cavalleiro, nom leve mais que *oyto homeẽs e huũ donzel.* etc.

Esta lei sendo restrictiva prova que antes della o sequito de um rico-homem ou infanção era mui numeroso, e dá uma idéa da fórma porque era constituido. Quem comparar esta lei com o baixo relevo de Paço de Sousa achará analogias notaveis, que não cabe aqui observar.

Idem. — *Nos bairros dos seus respectivos senhores.* — Os ricos homens e senhores principaes tinham nas cidades e villas bairros, por via de regra coutados, onde costumavam pousar: o estabelecimento d'estalagens foi muito posteriormente determinado em côrtes. Nas mais antigas destas ha repetidos aggravamentos e artigos contra as violencias que os fidalgos e seus cavalleiros commettiam nestes bairros contra a fazenda e até contra a honra dos moradores delles. Por falta d'espaço não transcrevemos alguns desses aggravamentos, que são em verdade curiosos, como a maxima parte dos que constituem as actas das nossas côrtes, onde, por assim dizer, está toda aquella parte da historia portugueza que ainda se não escreveu — a nossa historia social. Veja-se o cap. 90. das Côrtes de Lisboa de 1371, e a Ord. Aff. Liv. 5.º tit. 50. e 100.

Idem. — *Acabada a ceremonia.* — Seriamos demasiado extensos e importunos se quizessemos mostrar que trabalhamos quanto foi possivel para dar ao acto do preito toda a verdade provavel. Quem desejar verificar a fórma, personagens, qualificações destas, objectos do preito e menagem etc. — consulte principalmente a Ord. Aff. Liv. 1.º titt. 56 — 58 — 60 — 62. — Viterbo Eluc. verb. *Maiorino* — *Adiantado* — *Podestade* — Nova Malta Port. *Tom.* 1.º *pag.* 54 e 83 [*nota*] 58 [*nota*] e *Tom.* 2.º *pag.* 207 e 208. — Martinez Marina *Ensayo Hist. Crit.* § 41 *e seg. passim.* J. P. Ribeiro *Dissert. Chr. e Crit. Tom.* 1.º *pag.* 265, e outros.

FACTOS MEMORAVEIS

RELATIVOS

Á ADMINISTRAÇÃO

DO

GRANDE MARQUEZ

DE

POMBAL,

REPRESENTADOS EM ESTAMPAS,

QUE

Á ILLUSTRE, DENODADA, E BRIOSA

NAÇÃO PORTUGUEZA

D. C. e O.

O Editor.

LISBOA

NA IMPRENSA DE CANDIDO ANTONIO DA SILVA CARVALHO,

no fim da calçada do Garcia n.º 43.

1838.

DESCRIPÇÃO DES-TA ALLEGORIA.

Lysia apresenta ás Quatro Partes do Mundo o Retrato do Grande Marquez de Pombal, que [illegible] a Amizade e a Memoria grata aos beneficios, que delle recebeo a Nação Portugueza. A hum lado [illegible] a Historia que [illegible] Publicos de tão Grande Ministro; e a Inveja, precipitando-se furiosa por não poder macular o seu [illegible] do lado opposto se representa a Fama, que voando publica ao universo os Memoraveis Factos que [illegible] a sua [illegible] Administração, que tanto influirão na prosperidade e grandeza de Portugal.

INTRODUCÇÃO.

A Historia de quasi todos os Povos offerece convincentes provas de que aos talentos e virtudes de um homem raro é, muitas vezes, devida a fortaleza do Estado, a sua prosperidade, e o seu renome. A' sabedoria, firmeza, e amor da Patria, que distinguiram a vida publica de Sully, do Cardeal Ximenes, e de Pitt, foram a França, Hespanha, e Inglaterra devedoras do seu esplendor e influencia. Sem injusto desvanecimento se póde associar a esses nomes tão insignes nos Annaes d'aquellas Nações o do Varão illustre, a cuja Memoria offerecemos na presente publicação um devido tributo e homenagem de admiração e respeito, que attrahem acções de tamanho lustre. Sem entrarmos na circumstanciada narração da Vida Publica do 1.° Marquez de Pombal, bastará dizer para gloria sua, que a Capital do Reino, depois de horrivel terremoto e incendio, por assim nos expressarmos, renascêra á sua voz das proprias cinzas; memorar a dilatação do Commercio, e da Navegação; a protecção, que em seu illustrado Governo tiveram as Artes, as Sciencias, e as Letras, (arrancadas do cahos e das tortuosas veredas em que outros as tinham embrenhado); o alento que teve a Agricultura, e a Industria Nacional; as sabias Leis com que espalhou o vigor e manteve a paz no interior do Reino; a dignidade e patriotismo com que soube tão briosamente sustentar a independencia da Nação, e adquirir o respeito dos Soberanos da Europa, elevando Portugal á eminente cathegoria de Potencia mediadora nos debates e contendas politicas, que se suscitaram entre os Gabinetes; a firme e heroica deliberação com que encadeou o monstro da anarquia, e o prostrou para nunca mais se erguer; o tacto fino com que de tudo soube tirar partido, até mesmo das preoccupações populares em favor de seu plano gigantesco; o vigor, em fim, que seu genio creador diffundio em todas as ramificações de seu vasto systema: monumentos perennes de sua gloria, que o acclamam um dos maiores Homens d'Estado, que tem ennobrecido os fastos dos povos cultos! Nacionaes e Estrangeiros, todos concordão neste sentimento, e não é dado a escriptores protervos, que vendem suas pennas aos interesses d'aquellas classes privilegiadas, que o grande Estadista deteriorára destruindo seus abusos em vantagem da Nação, denegrir similhante reputação, deslustrar nome tão famoso.

Não só os Portuguezes, ainda mesmo os que são mediocremente instruidos na Historia, porém geralmente as diversas ordens da Nação, conhecem a transcendencia daquelles successos pasmosos, que existem gravados na memoria dos presentes, e passarão aos vindouros, em caracteres indeleveis. O grande Homem, que deu origem a taes acontecimentos conseguiu, por seu regimen sabio e paternal, arrancar a sua Patria das garras de uma diplomacia ardilosa, que aspirava a supplantar-nos por seu predominio; conseguiu arraigar em todos os ramos administrativos um systema bem combinado, do qual emanou a publica ventura, e, o que é ainda mais extraordinario, estendeu sua poderosa influencia aos outros Gabinetes, tornando-se decisiva alavanca de suas decisões.

Estimulado pelo amor e affecto acrisolado, que á briosa Nação Portugueza consagra o Editor da presente obra, entendeu serem dignas de distincto apreço algumas bem delineadas e primorosas estampas, desenhadas e lythografadas pelo perito Artista Sendim, nas quaes se representam os illustres feitos, que constituiram o Marquez de Pombal credor da estima publica, e da mais sólida celebridade. Ao relevante fim desta empreza correspondeu o desempenho do Artista, e ousamos dizer, que por todos estes motivos servirão estas mesmas estampas de conspicuo ornato nas Sallas, Bibliothecas, e Gabinetes das pessoas dotadas de bom gosto para avaliarem os primores da Arte, e que presam a gloria nacional na recordação das acções insignes de tão grande Varão Portuguez.

Não é, por certo, ao Editor desta obra, que pertence tecer antecipado elogio á sua empreza: sem encarecer, por tanto, o merecimento de uma publicação, que pelo seu proprio objecto tanto se recommenda ao Publico illustrado, e sensivel á Gloria da Nação, affoitamente espera o Editor da presente obra, que o desvelado empenho com que se esmerou nesta patriotica tentativa, que agora começa a realisar, será galardoado por esclarecida protecção, e generoso acolhimento; nobres incentivos, impulsos irresistiveis, que duplicarão seus esforços para merecer a publica acceitação.

N. B. Este 1.° n.° consta de uma Allegoria, servindo de Dedicatoria da obra: nos seguintes, em estampas desenhadas com igual primor, se representam os factos estrondosos de tão preclaro e patriotico Varão, acompanhados da historica narração do facto representado na Estampa, e para mais [illegible] a belleza da Edição, os Srs. Assignantes receberão as estampas com os titulos dourados, formando-se tambem com letras douradas o catálogo dos seus nomes, por serem dignos da honrosa publicidade, pelo amor, que consagram a gloria, e explendor da Nação Portugueza.

Lith. de M.el Luiz, Rua Nova dos M.

DESCRIPÇÃO DESTA ALLEGORIA.

Lysia apresenta ás Quatro Partes do Mundo o Retrato do Grande Marquez de Pombal, que sustentão a Amizade e a Memoria grata aos beneficios que delle recebeo a Nação Portugueza. A hum lado se vê a Justiça mandando á Historia, que escreva os Actos Publicos de tão Grande Ministro, e a Inveja, precipitando-se furiosa por não poder macular o seu insigne merecimento. do lado opposto se representa a Fama, que voando publica ao universo os Memoraveis Factos, que assignalárão a sua sabia e illustrada Administração, e que tanto influirão na prosperidade e grandeza de Portugal.

DESCRIPÇÃO DES TA ALLEGORIA.

[illegible]sua apresenta ás Quatro Partes do Mundo o Retrato do Grande Marquez de Pombal, que sustentão a Amizade e a Memoria grata aos beneficios, que delle recebeo a Nação Portugueza. A hum lado se vê a Justiça mandando á Historia, que escreva os Actos Publicos de tão Grande Ministro, e a Inveja, precipitando-se furiosa por não poder macular o seu insigne merecimento: do lado opposto se representa a Fama, que voando publica ao universo os Memoraveis Factos, que assignalárão a sua sabia e illustrada Administração, e que tanto influirão na prosperidade e gra[illegible] de [illegible]

INSTITUIÇÃO

DA

COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA

DAS

VINHAS DO ALTO DOURO,

DEBAIXO DOS AUSPICIOS

DO

MARQUEZ

DE

POMBAL:

ORIGEM, PROGRESSOS, E VANTAGENS DE TÃO IMPORTANTE ESTABELECIMENTO.

Se o renome e a grandeza, se a denominação de Homem Grande, exclusivamente pertencessem ao Varão benefico e justo, protector das Sciencias e das Artes, amante da Patria, e bemfeitor da humanidade, só os nomes dos que possuissem tão honrosos titulos ao publico reconhecimento, gravaria a Historia com aureos caracteres em seus Annaes, ou transmittiria com merecido applauso ás gerações vindouras. Desgraçadamente muitas vezes dão os homens maior valor aos perigosos talentos do que ás uteis qualidades; mais os fascina o guerreiro louro do que a pacifica oliveira; embora á sombra desta respirem a paz e a ventura, ou seja aquelle ganhado á custa de Reinos abrasados, e do sangue de povos innocentes. Taes são os monumentos, que recordam a funesta celebridade de muitos homens extraordinarios, que á custa do publico socego, grangearam a fama que tiveram; cujos talentos se desenvolveram na sujeição dos povos, nunca na sua ventura; antes em planos de ambição pessoal, do que de publico proveito, antes em provocar a guerra, do que em atalha-la, ou preveni-la. Nem o verdadeiro phylosopho, nem o historiador circumspecto se deixam fascinar por uma gloria tão ephémera, porque entendem, que para ser duradoura, é preciso que tenha mais sólido alicerce, origem mais sublime. No elogio do homem extraordinario, só vemos o bem que praticou, porque só este é digno de sobreviver na memoria dos outros homens, e constitue a corôa do seu verdadeiro merecimento.

Fundados neste sólido principio, fixamos nossa attenção nos beneficios, que o Marquez de Pombal conferiu á nação Portugueza nos projectos realmente uteis, e patrioticos, que concebeu e executou com resultado tão feliz; beneficios que formam a base sobre a qual durará na diuturna serie dos tempos, a Estatua de um Homem tão preclaro.

Justo apreciador dos verdadeiros interesses da Patria, soube sustenta-los com firmeza, soube merecer a confiança do Soberano, nos tempos difficeis em que este lhe confiára a direcção dos negocios do Estado. As mesmas expressões, que El-Rei D. José I lhe dirigiu quando lhe conferiu tão importante cargo, bem provam o alto conceito, que delle formava, dizendo-lhe: « Que tinha pleno conhecimento da applicação, que elle nomeado fizera dos uteis estudos da Arithmetica Politica, e da Economia do Estado; que estas em todas as Côrtes da Europa, estavam desde os principios daquelle seculo, estabelecendo as normas da navegação e commercio, e regendo um e outro sobre principios geometricos, e como taes sólidos e infalliveis por sua natureza: « accrescentando, que o havia de encarregar dos multiplicados negocios, que os oito annos da enfermidade de seu Pai, El-Rei D. João V, tinham suspensos com grave prejuizo do Real Serviço, e do bem commum dos seus vassallos. »

Brevemente se viram as provas do relevante merecimento sobre que recahia a confiança do Monarca. Desde os primeiros dias da sua Administração, começou o Marquez de Pombal a dedicar-se com tal desvelo aos publicos negocios, que parecia que cada um delles fôra o objecto do seu exclusivo estudo « Pôz diante dos olhos o exemplo da Hollanda, cujo clima não sendo favoravel ás Artes, e cujo terreno não suscitando grande espirito de actividade, com tudo tem aquelle paiz tido tal mudança pela industria, que a abundancia veio succeder á carestia geral; e uma nação pobre em si mesma, e em outro tempo tributaria das mais, achou-se em

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

No centro se representa um Monumento que, posto não exista, merecia erguer-se em memoria da Instituição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, debaixo dos auspicios do Marquez de Pombal, cujo busto se vê no cume do Monumento. No mesmo quadro se representão de um lado, as vindimas, do outro, officinas de tanoeiro, e em distancia, o embarque dos vinhos mostrando assim, em resumido ponto de vista, a protecção e alento, que receberão de tão Grande Ministro, a Agricultura, o Commercio e a Navegação

estado de todas as outras contribuirem para o augmento da sua prosperidade e riqueza. Assistir (por assim dizer) ao nascimento e reforma da industria, superar os obstaculos que era precizo vencer, e applicar o cuidado necessario para levar ao cabo tamanha empreza, foram os objectos dignos da sua attenção. E que agradecimentos não são devidos a um Ministro, que procurou estabelecer e animar todas as manufacturas vantajosas ao seu paiz, alliviando o Estado de um tributo, que pagava á industria dos outros! « (*) No entanto, empenhado como estava o Marquez de Pombal em alentar a industria nacional, talvez em nenhuma occasião se fez mais conspicuo o seu nobre desvelo, do que na Instituição da Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro; Instituição a que deu origem uma idéa fecunda e luminosa, que fez levantar de longo abatimento um ramo de commercio, que ainda hoje é o principal esteio da riqueza mercantil do Reino, e um dos generos mais procurados nos principaes mercados da Europa. E cumpre aqui notar, que é, por certo, uma circumstancia bem gloriosa para o Marquez de Pombal, que, mesmo entre os trabalhos e importantes deliberações a que seu animo intelligente e emprehendedor se dedicava em tempos tão proximos á grande catástrophe, que reduzíra a ruinas, e a cinzas a Capital do Reino, mesmo assim, erguendo com um braço a abatida Lisboa, com o outro levantava a prostrada agricultura. A' voz de tão Grande Homem, desappareciam de um lado as ruinas e os estragos, do outro brotavam as fontes da riqueza publica, fertilizando se as campinas, e crescendo robusta e magestosa a arvore da prosperidade nacional

A Instituição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro assignalou o anno de 1756; e para devidamente se apreciar a sua utilidade e importancia, cumpre attender primeiro ao estado de decadencia a que naquella época haviam chegado os vinhos do Alto Douro. Resultava o seu notavel descredito da nociva adulteração, que delles faziam os negociantes Inglezes residentes no Porto, em cujas mãos quasi absolutamente parava o commercio deste genero, exercendo elles de facto um monopolio arbitrario e oppressivo. Com as misturas de vinhos inferiores, e outros ingredientes, que tinham em seus armazens, deterioravam a qualidade em prejuizo do genero, e da saúde dos que delle usavam. Infelizmente um tão pernicioso abuso foi imitado pelos mesmos lavradores, que eram os mais interessados em o evitar, frustrando assim a cega cobiça de cada um o proveito de todos, e o commum interesse! De tão lastimoso estado de abatimento e ruina, veio a Instituição da Companhia levantar o commercio dos vinhos do Alto Douro em Portugal. Para se obter o importante fim de aperfeiçoar a qualidade dos vinhos, e agoas-ardentes destinados para outros paizes, se concederam á Companhia tres privilegios exclusivos. Consistia o 1.° em vender por miudo no Porto, e em 4 legoas da sua circumferencia, e até mesmo dentro do terreno marcado para vinhos de embarque, o que fosse proprio para consumo do povo. Por este meio se procurou evitar a mistura dos vinhos inferiores, ou máus, com os de superior qualidade. O fabrico e venda das agoas-ardentes nas Provincias do Minho, Beira, e Traz-os-Montes, foi o segundo privilegio exclusivo, atalhando-se assim o uso das agoas ardentes más no commercio, dentro e fóra do Reino; porém não era este privilegio tão restricto, que tolhesse aos mesmos lavradores a faculdade de fabricarem a agoa-ardente com vinho de sua propria lavra, em tempo certo, e debaixo de certas condições. Consistia o 3.° privilegio em a navegação dos vinhos, agoas-ardentes e vinagres do Porto para o Brasil, porque se cada um podesse livremente exportar estes generos, seria preciso dar-lhes entrada na Cidade do Porto, e effectuada esta, vinha a ser inevitavel a adulteração daquelle genero.

O Capital da Companhia era primeiramente de um milhão e 200$ cruzados, e 4 annos depois subio a um milhão e 720$ cruzados, em acções de 400$ réis cada uma, metade da qual se podia prefazer em vinhos de boa qualidade com que os Accionistas se quizessem interessar; a outra parte era em dinheiro Pelo dito fundo emprestava a Companhia aos lavradores necessitados, o preciso para o fabrico e amanho das vinhas e colheitas, e tambem para algumas despezas indispensaveis para a sua subsistencia, com o juro de 3 por cento, não excedendo estes emprestimos metade do valor commum dos vinhos, que cada lavrador costumava recolher. Ficavam estes vinhos como hypotheca a favor da Companhia, que nelles tinha a mesma preferencia, que costumam ter os senhorios das casas nos moveis que dentro dellas se acham. Para facilitar as entradas das acções dos lavradores de vinhos do Alto Douro, recebia nellas a Companhia aos Accionistas, os que fossem de melhor qualidade, a 25$ réis por pipa de medida ordinaria, e os que fossem de menor qualidade, a 20$ réis por pipa. Por estes mesmos preços comprava os vinhos nos mais annos, quer houvesse abundancia, quer houvesse falta deste genero, sendo obrigados os lavradores no segundo caso, a vender-lhos por igual preço. Para separar inteiramente para o embarque d'America e paizes estrangeiros, os vinhos das costas do Alto Douro e seu territorio, de todos os outros vinhos dos logares, que só os produzissem capazes de se beberem na terra, se procedeu a um tombo geral das costas septentrional, e meridional do rio Douro, demarcando o territorio que produzisse vinhos d'embarque; das terras que ficavam fóra da dita demarcação, não se podia transportar vinho algum para dentro do territorio dellas, sem cartas de guia passadas por todo o corpo das Camaras das terras, donde os taes vinhos sahissem; as quaes guias deviam declarar o seu destino, e uso a que vinham dirigidos; o nome do lavrador que os enviava, e o da pessoa a quem os dirigia. A infracção destas disposições era punida com o confisco dos vinhos a favor da Companhia. Debaixo de igual pena não podia ninguem embarcar para a Cidade do Porto, vinhos que não trouxessem carta de guia de casa dos lavradores, á Mesa da Administração da Companhia, que, achando os conformes, lhes mandava pôr a marca da sua approvação para embarque para fóra do Reino. Succedendo que a producção dos vinhos fôsse em tal abundancia, que a Companhia lhes não podesse dar sahida nem para a America, nem para a Cidade do Porto, ficava livre aos lavradores poderem vender, e transportar este genero para consumo das terras do Reino, onde não houvesse prohibição, e sahindo a barra deviam levar a competente marca, e a guia da Companhia. Na época da sua creação formava a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, um Corpo Politico, que constava de 1 Provedor, 12 Deputados, e 1 Secretario. Além dos Deputados havia 6 Conselheiros, homens intelligentes deste commercio. Os papeis d'Officio, que della emanavam, eram expedidos em nome do Provedor, e Deputados da mesma Companhia, e sellados com o sello della, que consistia na Imagem de Santa Martha, Protectora das terras do Douro, e por baixo uma parreira com a legenda: *Providentia regitur*. O Provedor e Deputados deviam ser Portuguezes naturaes, ou naturalisados, moradores na Cidade do Porto, ou no territorio do Alto Douro, com 10$ cruzados de acções na Companhia, e dahi para cima. A eleição destes se fazia pela pluralidade de votos dos interessados, que tivessem 3$ cruzados de acções na Companhia, e dahi para cima. O Provedor, Deputados e Conselheiros, eram na primeira fundação nomeados pelo Soberano, por tempo de 3 annos; findos estes apresentavam as contas em Junta Geral, repartindo os lucros entre os interessados Procedia-se a nova eleição de Provedor, Deputados etc., que tinham a seu cargo examinar logo as contas de seus antecessores. O mesmo Provedor e Deputados eram os Thesoureiros. Todos os negocios propostos na Mesa se venciam á pluralidade de votos; a Companhia gosava inteiro crédito, e suas decisões tinham plena execução como se prati-

(*) Cartas impressas em Londres em 1777, sobre o Ministerio do Marquez de Pombal.

cava nos Tribunaes Regios; a seu arbitrio elegia os seus empregados, que conservava ou demittia segundo o pedia o seu bom governo Tinha a Companhia um Juiz Conservador com jurisdicção privativa, estando inhibidos todos os Juizes e Tribunaes de conhecerem de todas as causas contenciosas em que fossem authores, ou réos, o Provedor, Deputados, e mais funccionarios da mesma Companhia, quer as ditas causas fossem crimes, quer civeis. Nas penas pecuniarias por elle impostas, tinha o mesmo Juiz Conservador alçada por si só, até á quantia de 100 cruzados, sem appellação nem aggravo. Nos mais casos, e nos que provados merecessem pena de morte, despachava em Relação em uma só Instancia, com os Adjuntos que lhe nomeasse o Governador, *pro tempore*, da Relação e Casa do Porto. Expedia na mesma fórma as cartas de seguro, nos casos em que deviam ser concedidas. O Juiz Conservador, seu Escrivão e Meirinho, eram nomeados pela Mesa, e confirmada a nomeação por S. M. O mesmo Juiz Conservador por cartas feitas em nome do Soberano passava as ordens, que lhe determinava a Companhia, para tomar carros, e embarcações para a conducção dos vinhos, e para obrigar os operarios a servi la pagando-lhes seus salarios. Para tudo o mais necessario para o bom governo da Companhia, podia emprazar os Ministros de Justiça, que não dessem cumprimento ás suas ordens, para a Relação da Cidade do Porto. Tinha o privilegio de aposentadoria em toda a parte que mais lhe conviesse, para o seu despacho, guarda de seus cofres, residencia de caixeiros e mais empregados, assim como para os armazens para deposito, e guarda de seus vinhos, sem que por isso se alterassem os preços porque as ditas casas, ou armazens andassem alugados. A Companhia devia ter promptos os materiaes necessarios para o fabrico do vasilbame, não só para o anno em que se fizessem as carregações, mas tambem para o seguinte, a fim de que não succedesse, que por esta falta se damnificassem os vinhos, ou se mallograsse o provimento que delles devia fazer no Brasil. Para obviar esta falta, logo no principio estabeleceu a Companhia um fundo de 10$ pipas de vinho bom, a fim de no primeiro anno sustentar o empate, que podesse experimentar nas primeiras carregações, e esperar que em tempo competente lhe viesse o seu producto. Na carregação dos vinhos para o Rio, pagava a razão de 10$ réis por pipa; para a Bahia a 8$; para Pernambuco a 7:200. Os vinhos, agoas-ardentes, e vinagres, que a Companhia carregava para o Brasil, eram embarcados nos navios que nas respectivas esquadras daquella Cidade se pozessem á carga, repartindo-se por cada um delles á proporção das suas lotações, sendo os mesmos navios obrigados a recebe-los sem duvida alguma: não bastando o numero de navios para o necessario provimento, era a Companhia obrigada a preparar os que fossem precisos para esse fim. Nenhuma embarcação obrigada a carregar os vinhos, podia levar a seu bordo sal a granel, mas sim em paióes de madeira, mettendo-se entre os vinhos e o sal, outros generos molhados. Não o praticando assim, ficava o mestre da embarcação sujeito a multas, e a prisão.

Pela administração do Provedor, Deputados, e Feitores, que se empregassem no Brasil, e dos caixeiros que tivesse na Cidade do Porto, só lhes devia pertencer a commissão de 6 por cento: 2 sobre o emprego e despezas que se fizessem nas expedições da Companhia na Cidade do Porto; 2 nas vendas nos referidos portos do Brasil; e 2 no producto dos retornos, e despezas na Cidade do Porto. Nas Capitanias de S. Paulo, Rio, Bahia e Pernambuco, é que a Companhia gosava o commercio exclusivo de todos os vinhos, agoas-ardentes e vinagres, que se carregassem para alli da Cidade do Porto. Os lavradores dos vinhos, que não se accommodassem com os preços da Companhia, e quizessem embarcar os vinhos de sua lavra, para os ditos portos do Brasil, o podiam fazer por mão dos Directores da Companhia, que por conta e risco dos mesmos lavradores, os mandava aos Feitores que tinham no Brasil, para os venderem pelos mesmos preços dos da Companhia, e não por mais, com tanto que a sua qualidade fôsse equivalente aos preços fixados. A mesma Companhia tinha a faculdade de ampliar o seu commercio, fazendo-o extensivo a paizes estrangeiros na Europa, e para isso se sujeitava a pagar os direitos estabelecidos no mesmo commercio, como os da entrada na Alfandega dos generos que trouxesse em retorno. O excessivo numero de taberneiros que havia na Cidade do Porto ficou reduzido a 95, approvados pela Mesa da Companhia.

O dinheiro que se mettesse na Companhia, não se podia tirar durante o tempo della, que era 20 annos; podendo no entanto os Accionistas vender suas acções, no todo, ou em parte, como se fossem Padrões de Juro. Faltando-se ao cumprimento dos seus privilegios, podia cada Accionista pedir logo o capital das suas acções, com os interesses que até áquelle dia lhe tocassem. Os lucros que produzisse a Companhia, deviam repartir-se pela primeira vez, no mez de Julho do 3.° anno, depois da partida da primeira esquadra, em que a Companhia remettesse suas carregações para o Brasil; dahi em diante era o rateio effectuado annual e successivamente. Todas as pessoas que entrassem na Companhia com 6$ cruzados de acções, e dahi para cima, gosavam em quanto ella durasse, do privilegio de homenagem na sua propria casa, nos casos em que se costumava conceder, com outros privilegios que gosavam os Officiaes della. O Provedor e Deputados desta Companhia, o Secretario e Conselheiros della, em quanto servissem os ditos cargos, não podiam ser presos por ordem de Tribunal, Cabo de Guerra, ou Ministro algum de Justiça, por caso civel, ou crime, (excepto em flagrante delicto), sem ordem do seu Juiz Conservador. Os seus Officiaes e Feitores podiam usar d'armas brancas, e de fogo, necessarias para sua segurança, e dos cabedaes que levassem, indo munidos com cartas expedidas pelo Juiz Conservador em nome d'El-Rei. As Inspecções da Junta eram: a das Tabernas do territorio de privilegio exclusivo da mesma Companhia, que pertencia ao Provedor; a da Contadoria; a dos vinhos de embarque; a dos vinhos de ramo, a das agoas-ardentes e vinagres; a da arrecadação dos direitos que pagavam por entrada no Porto os vinhos, agoas-ardentes e vinagres; finalmente a das aulas de Nautica e Desenho. Todo o expediente da Companhia dirigia a Junta na casa do despacho da mesma, em duas Sessões semanaes, que tinham logar nas Terças e Sextas feiras de tarde. Havia outras extraordinarias, se assim o exigia a affluencia dos negocios. A Companhia pagava todos os annos á Corôa 1:226$210 réis, pela decima dos ordenados dos seus empregados, não contando os que eram pagos por commissão.

Taes são as principaes particularidades, que se tornam dignas de attenção a respeito da origem, estabelecimento e governo administrativo da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, cujos Estatutos o Marquez de Pombal levou á Presença do Soberano, de quem obteve confirmação. Não nos são desconhecidos os grandes obstaculos, a forte opposição com que esta Companhia teve que lutar, muito especialmente da parte daquelles que eram mais interessados na extincção della; comtudo, estâmos certos, que estes mesmos não poderiam negar, que do seu estabelecimento provieram uteis e importantes resultados.

E' innegavel, que entre todas as Companhias que tem havido neste Reino, poucas tem sido tão bem administradas como esta, grangeando tão valiosos beneficios á agricultura nas margens do Douro, e ao commercio e navegação com varias partes do globo. Antes da existencia da Companhia, se achava o territorio do Douro pela maior parte inculto e intransitavel; o mesmo rio Douro só era navegavel até pequena distancia da sua foz; os habitantes daquelle paiz, victimas da pobreza, gemiam na dependencia dos negociantes Inglezes, que lhes compravam os vinhos pelo preço que queriam, e com largo prazo para lhes fazerem o pagamento. Não passava então o producto deste genero de 15$ pipas; seu preço havia chegado a descer até a quantia de 6$ réis por pipa; e em tão triste decadencia, não raiava sobre os lavradores das vinhas do Douro nenhuma es-

[illegible] memoria da Instituição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro [illegible] do Marquez de Pombal, cujo busto se vê no cume do Monumento. No mesmo quadro se representão de um lado, as vindimas, do outro, officinas de tanoeiro, e em distancia, o embarque dos vinhos [illegible] ponto de vista, a protecção e alento, que receberão de tão Grande Ministro, a Agricultura, o Commercio e a Navegação

perança de mais prosperos destinos. Estabelece-se a Companhia Geral, e quasi repentinamente muda a sorte daquelle paiz, que tendo apenas 8 legoas de comprido e 1 de largo, tem chegado a produzir 75$ pipas de vinho d'embarque, além do denominado de ramo. O seu preço tem augmentado á proporção, subindo á 180$ réis por pipa. Do importe de pouco mais de 1 milhão e meio de cruzados annuaes, a que subia a exportação dos vinhos do Douro, por calculo medio de 20 annos antes da instituição da Companhia, chegou a final a mais de 11 milhões por anno. O termo medio da exportação annual naquelles 20 annos, era apenas de 17$729 pipas; mas nos 20 annos anteriores ao de 1821, subio aquelle numero de pipas a 38:459 Tem havido annos em que os dous Districtos do Douro, tem produzido 137:867 pipas, engrossando assim notavelmente a riqueza dos particulares e do Estado. A perspectiva do mesmo territorio do Alto Douro mostra o aperfeiçoamento da sua cultura; seus campos se acham roteados; bellos edificios construidos em toda a parte, offerecem o quadro de uma Cidade florescente e ampliada; o rio Douro navegavel até ás fronteiras do Reino, abre larga porta ao commercio interno, para o que não menos contribuem numerosas estradas, construidas em todas as direcções; finalmente, a mesma povoação tem tido o augmento de uma terça parte. A'vista pois da exposição que acabâmos de fazer, é bem evidente: que antes da Administração do Marquez de Pombal, a lavoura e commercio dos vinhos do Alto Douro, tinham chegado ao maior abandono e decadencia; que á Instituição da Companhia, deveram estes 2 ramos a sua prosperidade e progressivo augmento; que os lucros do commercio dos vinhos, tem crescido na mesma proporção, a par da riqueza, e opulencia dos negociantes Portuguezes e estrangeiros, que tem feito esse commercio; que a Companhia promoveu a sua introducção em varias partes da Europa, e particularmente na Russia; que estabeleceu Fabricas uteis, como a de aduella e arcos de ferro; que com a sua gratuita administração e adiantamento de fundos concorreu para o melhoramento da Barra do Porto, para a construcção d'estradas nas margens e visinhanças do Douro, e para as obras destinadas a facilitarem a sua navegação; que foi ella que propôz e conseguio do Soberano, o estabelecimento de uma Academia Real de Commercio e Marinha, de que foi nomeada Inspectora; finalmente, que foi tão conhecida a vantagem da instituição da Companhia, que mesmo depois da sua recente abolição, se julgou, que com certas modificações, se fazia necessario o seu restabelecimento.

De tão importante Instituição continúa pois o Reino a colher precioso fructo, que se torna extensivo a todos os paizes interessados em tão rico e importante commercio. E a quem são devidos beneficios de tamanha transcendencia, senão ao Genio illustrado e patriotico do Marquez de Pombal, que superando todos os obstaculos, executou os projectos que traçára para restabelecer, e engrossar a opulencia do Reino? Resultados são estes tão publicos á face de toda a Europa, que basta ennumera-los para provar a sua importancia e utilidade, e que o Grande Ministro a quem foram devidos, é por isso crédor de applauso e agradecimento. Se não se ergueu nenhum monumento que os commemorasse, foi digno delle; para o verdadeiro bem dos povos, valem mais as Instituições creadoras e proveitosas, do que cem combates ganhados com risco e gloria inutil: para illustre fama do Marquez de Pombal, seria talvez digno Padrão, um monumento qual o descrevemos na estampa que acompanha esta publicação, e que em perpetuo louvor de um Varão tão esclarecido e conspicuo, tivesse gravada a seguinte Inscripção: *Ao Restaurador da Agricultura, Navegação e Commercio, a Nação Portugueza agradecida*!

Na Imprensa Nacional. 1838.

REEDIFICAÇÃO DE LISBOA

DEPOIS DO GRANDE TERREMOTO

DO

1.° DE NOVEMBRO DE 1755,

ILLUSTRADA POLITICA

DO

MARQUEZ

DE

POMBAL

NAQUELLA ÉPOCA MEMORAVEL.

Na exposição dos factos que fizeram insigne a administração de tão raro, e extraordinario Varão, entendemos dever dar justa preferencia áquelles cuja utilidade, ou importancia foi tão notoria, que os proprios émulos da sua fama lhe tributaram, não suspeito louvor, ou desinteressádo elogio. Entre esses factos é, talvez, o troféo mais illustre da sua gloria, a Reedificação da Capital do Reino, depois do calamitoso terremoto e incendio, de que ainda hoje em algumas partes desta Cidade, existem lastimosas ruinas. Quem agora a vê em grande parte construida com todo o primor da architectura, mal póde imaginar qual fôra ha 83 annos o seu misero abatimento; difficilmente concebe os embaraços quasi insuperaveis, com que teve que lutar tão grande Ministro, a fim de erguer de novo a Capital d'entre as prostradas ruinas, com tão feliz desempenho do seu plano, que a poucas Cidades primordiaes da Europa cede em symetria e grandeza, não menos do que na vantajosa situação onde tem magestoso assento. Com tudo, para melhor se apreciar a obra maravilhosa da sua reedificação, cumpre mostrar primeiro, o lastimoso estado a que se vio reduzida, e dar noticia, ainda que succinta, da desastrosa calamidade que a abateu, e consumio, no infausto dia 1.° de Novembro de 1755.

Havia esse dia amanhecido claro e sereno; estava o mar em calma, e em toda a natureza se não observava indicio algum da catastrofe já imminente sobre esta desgraçada Capital. Sendo o 1.° de Novembro consagrado á Festividade de todos os Santos, tinham os moradores de Lisboa, em grande parte acudido aos Templos; outros ainda permaneciam em suas casas quando, pelas 9 horas e 4 minutos da manhã, se sentio um dos mais violentos tremores de terra, de que ha memoria entre os viventes. Súbita consternação se espalhou pela Cidade toda; em um momento foi tudo desolação e ruina. Parecia agonisante a natureza, ameaçando convulsa a propria anniquilação Entre o geral pavôr, apenas sabia cada um de que lado ameaçava maior estrago, ou em que logar se podesse julgar livre delle. Os que se achavam dentro dos Templos, e outros edificios, ficavam esmagados pelas abobadas e paredes, que desabavam com horrivel estrondo; igual sórte esperava os que transitavam pelas ruas, sentindo fugir-lhes a terra debaixo dos pés. Entre nuvens de pó que sahiam dos abatidos Templos, se escutava o lugubre clamor dos que primeiro que a morte achavam a sepultura. Bradavam todos por soccorro, implorando piedade aos Ceos e aos homens. Ao mesmo tempo entrava pela foz do Téjo o embravecido mar, inundando uma e outra margem com tal impeto, que não ha memoria de haverem suas agoas jámais subido a tão grande altura, ameaçando a perdição dos infelizes que fugiam da terra, julgando que teriam mais segura a vida entregues á inconstancia das ondas. Possuidos de novo pavôr retrocedem para o centro da Cidade e seus arredores, bradando que se submergia Lisboa, e tornando por seus clamores, este medonho quadro ainda mais luctuoso.

A estes horrores succederam outros iguaes ou maiores, porque havendo os moradores da Capital abandonado seus lares, de tão funesto desamparo, se originou o grande incendio, que tres horas depois do terremoto começou a lavrar pela Cidade toda, parecendo que para sua total ruina, se combinavam os elementos. Entre as chammas expiravam muitos, a quem o tremor de terra perdoára; nuvens de fumo, vivas labaredas subiam aos Ceos enlutando os animos, e a natureza. Devorou o incendio todo o Bairro mais Baixo da Cidade, e grande parte do Alto; com medonho clarão ardiam os Templos, os Conventos, os Palacios, os publicos Thesouros, a opulencia do Estado, e a particular riqueza; tudo desapparecia, envolto em igual perdição, em infallivel, e irreparavel ruina. Raro foi o Templo, ou Palacio que em tão grande desastre escapasse illezo. Entre os edificios mais sumptuosos que ficaram arruinados, contam-se, o Palacio Real, começado por El Rei D. Manoel, e acabado por Felippe II; a Patriarchal, que a munificencia de El Rei D. João V, tanto adornára e enriquecêra, e cuja opulencia era tanta, que se affirma haverem-se aproveitado depois do incendio 469 arrobas de prata derretida; soffreu grande estrago a magestosa Basilica de Santa Maria; ficou extincta a Bibliotheca Real, assim como a do Marquez de Louriçal, no sitio da Annunciada, que constava de 18$ volumes, e onde as Artes soffreram a perda deploravel de mais de 200 quadros de Corregio, Ticiano e Rubens; ardeu a Alfandega, Casa da India, Sete Casas, Terreiro do Trigo, Desembargo do Paço, Secretaria da Guerra e Marinha, e o Arsenal da Ribeira das Náos com seus armazens, e a Casa da Opera, que era edificio importante e sumptuoso. Assim succumbio Lisboa á simultanea accumulação de tantos males; assim pela violencia do teremoto cujos abalos duraram 7 minutos, e do fogo que, em algumas partes ardeu 4, e em outras 7 dias, ficou uma

O Marquez de Pombal entrega aos Architectos o Plano da reedificação de Lisboa depois do grande terremoto do 1.° de Novembro do anno 1755. De um lado se representão as victimas da nudez e da fome e de quantos infortunios forão consequencia lastimosa daquella memoravel catastrophe, recebendo piedoso auxilio dos distribuidores dos caritativos soccorros com que tão Grande Ministro acudio ás victimas dessa funestissima calamidade e espantozo acontecimento. Em distancia se avistão de uma parte os estragos do terremoto, e da outra a Cidade começando a erguer-se das suas ruinas reedificada conforme o grandioso plano que hoje attrahe a publica admiração

Cidade rica e populosa tão differente do que era, que aos olhos dos que viram tantos estragos, e tantos horrores, ainda parecia duvidosa sua realidade.

Em tão apurado e funesto lance, era chamado o Marquez de Pombal a aconselhar as medidas, que pedia a complicação de tamanhas e tão graves exigencias: e com effeito, se nesta grande e luctuosa crize, mais do que nunca, se carecia de um Ministro, que sobranceiro ao publico infortunio, e dotado de genio vasto, caracter firme, e espirito illustrado, remediasse o mal com deliberado acôrdo, bem se póde dizer, que no meio de tantas desventuras, não faltou a Portugal tão grande bem, porque a tudo acudio o Grande Estadista com tal promptidão, que todas as occorrencias do Estado, o achavam presente. Vejamos que providencias foram devidas á sabedoria das suas deliberações, providencias não só projectadas, mas o que é mais, postas em vigor, e fallem ellas por si mesmas como testemunho mais eloquente do seu raro merecimento, e próva sem réplica de que delle proviera a reparação de similhantes males.

Os mortos que juncavam as ruas, e os que ainda em maior numero jaziam sepultados debaixo das ruinas, davam motivo a receiar que a tão grandes flagellos se seguisse o da peste; e muito mais porque no tempo invernoso poderia o contagio achar elemento na estagnação das agoas impedidas pelos edificios arrasados. Foi por tanto uma das primeiras medidas adoptadas, o cuidar do enterro dos mortos. Ordenou-se ao Duque Regedor das Justiças, que nomeasse Desembargadores, que distribuidos pelos Bairros, tratassem de dar cumprimento a uma disposição tão necessaria e tão piedosa. Expedio-se um aviso ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, para que em todas as Parochias da Côrte mandasse fazer Procissões publicas, e que persuadisse aos mesmos Parochos, que nas suas exhortações, inculcassem ao povo quanto importava á Religião e á Sociedade, o immediato desempenho deste dever; e para segurar o rapido effeito desta medida salutar, se deram ordens á tropa a fim de que prestasse a sua coadjuvação. Procedeu-se nesta parte com tal actividade, que logo na tarde do mesmo dia do terremoto, se expedio um aviso para se tirar das ruinas do seu Palacio, o cadaver do Ministro de S. M. Catholica, que ficára sepultado nas ruinas delle. No edificio denominado do Colleginho, cuja Igreja, á excepção da Capella Mór, caíra por terra, se tiraram 7 mulheres, que escaparam ainda que maltratadas, sahindo quasi milagrosamente da sepultura para a vida! Outro successo de identica natureza occorreu na Igreja do Convento da Penha, de cujas ruinas se tirou dous dias depois do terremoto, um homem ainda vivo. Não é possivel affirmar com certeza o numero dos mortos, que houve em tão grande e geral calamidade, porque a este respeito variam de tal sórte os escriptores, que uns fazem subir o numero dos que pereceram a 15$, outros a 24$, e outros finalmente a 70$!

Não menos urgente era a necessidade de acudir aos vivos, e por isso se mandou logo ao Marquez Presidente do Senado da Camara, que nomeasse Vereadores para ás portas da Cidade assistirem a receber os mantimentos que viessem de fóra, ou se tirassem dos entulhos, e que os fizessem distribuir com imparcialidade. Mandou-se que os preços dos generos não soffressem alteração alguma da que antes tinham; deu-se livre de todos os direitos o pescado; foram varias pessoas mui qualificadas a differentes terras, a fim de tratarem do prompto abastecimento da Capital. Ao mesmo tempo que se procurava fornece-la com o necessario, para a subsistencia dos seus moradores, se providenciou com justo rigor, para que ninguem por meio de escandaloso monopolio, tirasse partido da miseria publica. Surtiram destas medidas tão salutares effeitos, que houve maior cópia de viveres do que se podia esperar, quando tanto se temia a escacez. Os pobres que em tempos de tanta calamidade sempre avultam, e merecem mais prompto soccorro, logo o acharam na providente liberalidade, com que se lhes mandou dar abundantes esmolas, em generos e especie. Entre os particulares influio o exemplo do Governo, a ponto que muitos abriram suas casas e celleiros ás victimas da fome e do desamparo.

Injusto fôra deixar em ingrato esquecimento o generoso auxilio, que de paizes estrangeiros recebeu esta Capital em occasião de tanto apuro. Os Reis de Hespanha e Inglaterra, adquiríram um direito indelevel á gratidão dos Portuguezes, e ao applauso do genero humano, mandando o primeiro pelas raias da Hespanha, grande numero de cavalgaduras carregadas de mantimento, para se repartir pelos desgraçados habitantes de Lisboa; e o segundo enviando a Portugal avultadas remessas de dinheiro, e viveres com o mesmo piedoso destino.

Tão graves eram as urgencias publicas, que difficil era atinar com a que se devia remediar primeiro; mas a tudo acudia o Marquez de Pombal com intelligencia e vigilancia. Para que se não demorasse um só momento o curativo dos feridos se destinaram os celleiros dos Monges Benedictinos, os do Conde de Castello Melhor, e o Palacio de D. Antonio d'Almada, para enfermarias publicas, além das que haviam ficado intactas no Hospital Real, então denominado de Todos os Santos, e cujos enfermos na occasião do terremoto, haviam sido conduzidos para as barracas, que levantadas no Rocio lhes offereciam temporario alojamento. Com tal regularidade se acudio a estes infelizes, que se distribuiram em diverso lugar os sexos, os feridos e os doentes, não se faltando a nenhum com o soccorro de que precisava: os facultativos e enfermeiros ministravam com assiduidade os remedios, havendo-se com tal promptidão, e esmero nos seus respectivos cargos, que parecia haver entre uns e outros, a nobre emulação de desempenharem um dever tão caro á humanidade.

Um dos primeiros objectos que mereceram a attenção do Governo, foi o restabelecimento do culto Divino; e como para os que haviam ficado immunes em tão grande calamidade, era um dever sagrado agradecer ao Supremo Author da Vida tão grande beneficio, se mandou dar solemne acção de graças em todos os Templos, e implorar a protecção Divina: foi nesta occasião, que se fez o solemne voto a Nossa Senhora, como Padroeira de Portugal, empenhando a efficacia da sua intercessão poderosa, a favor da Capital e do Reino. Expedio-se ordem para que servissem de Parochias, os Templos que haviam ficado illezos, e ao mesmo tempo se providenciou sobre o restabelecimento da Santa Igreja Patriarchal, e da Basilica de Santa Maria. A estas e outras obras necessarias para o culto Divino, ajudou o Marquez de Pombal com zelosa e munificente liberalidade.

E como não permittia o decoro da mesma Religião, que andassem as Religiosas dispersas, escreveu o Marquez Cartas Circulares aos Prelados das Religiões, que tinham em sua obediencia Mosteiros de Religiosas, que recolhessem suas subditas a lugar clausurado, ou a casa de seus pais, ou pessoas de louvavel comportamento. Mandou-se que todas as Religiosas dos Conventos de Santa Clara, Santa Anna, e Calvario, que não se houvessem recolhido na fórma especificada, passassem immediatamente para a Cerca do Mosteiro da Esperança, e casas adjacentes. Disto mesmo se deu parte ao Eminentissimo Cardeal Patriarcha, e ao Nuncio Apostolico para onde fôsse necessario intervirem suas jurisdicções. Porém como não era possivel que alli se alojassem todas as Religiosas Franciscanas de tres grandes Conventos da Côrte, se mandou que fôssem distribuidas por outros do Reino, da Ordem de S. Francisco. Fez-se esta trasladação com o decoro devido ao sexo, e ao estado das Religiosas; foram varios Religiosos acompanha-las, além de um Corpo de Cavallaria, que lhes deu escolta, duas legoas fóra da Cidade. Os Ministros das differentes terras, tiveram ordem para lhes darem todo o auxilio necessario para seu bom alojamento, assim como para irem na sua companhia com seus Officiaes, até serem entregues aos Ministros immediatos da outra jurisdicção.

Entre tantos cuidados que occupavam o Marquez de Pombal, não era o menor evitar a despovoação da

Capital, donde parecia, que todos, ou, pelo menos, grande parte de seus moradores, queriam ausentar-se, receosos de que a recente calamidade fôsse precursora de outras ainda maiores. Empenhava-se em atalhar os progressos da emigração, sem deixar progredir o mal a ponto de ser forçoso applicar-lhe tardío, ou inutil remedio. Para que se recolhessem á Cidade, os que della haviam sahido, se expediram Cartas Circulares a todos os Corregedores das Comarcas ordenando-se-lhes, que fizessem guardar com vigilancia as estradas, e barcas de passagem; que ninguem transitasse dentro do Reino, ou sahisse para fóra delle, sem levar *Passe.* Tambem se expedio ordem para mandar reconduzir a Lisboa, os que viviam de servir o povo, e que em levas viessem para a Capital, para serem entregues á ordem do Duque Regedor das Justiças.

Mas entre as medidas de vigor, adoptadas pelo Marquez de Pombal nesta época memoravel, nenhuma se fez mais digna de attenção, como a de conter os roubos praticados por homens de indole tão perversa, que mesmo no meio de tantos flagellos, insensiveis ao remorso e á piedade, roubavam quanto servia de alimento á sua feroz cobiça. Expediram-se Cartas Circulares aos Corregedores das Comarcas do Reino determinando-se-lhes, que investigassem o caracter dos viandantes, fazendo prender aquelles em quem recahisse bem fundada suspeita de violadores do direito de propriedade. Não só nas Provincias, mas tambem na Capital foi grande o numero de ladrões apprehendidos com o auxilio da tropa. Nas mesmas ruinas se acolhiam aquelles malfeitores, não só para as explorarem a seu salvo, mas tambem para dalli repentinamente assaltarem os viandantes. Todos estes prezos foram sem demora autoados em processos verbaes, e punidos em patibulos, onde ficaram seus cadaveres até os consumir o tempo. Como houvesse razão para suppôr, que os authores dos roubos, ou seus complices, tentassem pôr a sua preza a salvo, levando-a para bordo das embarcações, ou para outra parte do Reino, por um Edital se mandou, que os Officiaes Commandantes das Fortalezas obstassem á sahida do rio, nem deixassem passar para a margem opposta, algum navio, ou barco, sob pena de morte para os infractores desta ordem, excepto indo munidos com o competente *Passe*, que só devia valer para o mesmo dia em que fôsse expedido. Igualmente se mandou proceder a rigoroso registro das embarcações surtas no Téjo, a fim de se averiguar, se occultavam a seu bordo algum objecto não designado em seu manifesto. Em apoio de tão sábia medida, se deu ordem para rondarem o rio vazos armados, a cuja vigilancia se deveram os mais saudaveis resultados, recuperando-se muitos objectos que haviam cahido na mão dos roubadores, e que se averbaram em livros competentes, para serem aquelles objectos restituidos a seus legitimos donos. No caso de haver dúvida motivada em reclamação de alguem, se determinou, que as justificações fôssem summariamente julgadas na Relação em uma só Instancia.

O grande numero de vagabundos, e mendigos que tinham saúde bastante para se empregarem no serviço publico, tambem attrahiram a attenção do Marquez de Pombal; e fizeram com que se expedisse o Decreto de 4 de Novembro de 1755, pelo qual se determinava a prisão dos que se achassem comprehendidos naquella classe, para trabalharem com braga no entulho, e mais obras publicas da Cidade, declarando-se, porém, que a circumstancia de se lhes lançar braga, não era para elles pena infamante.

Para conservar a boa ordem em uma Capital onde uma tão horrorosa calamidade publica ameaçava alterar, ou destruir a fôrça das leis, e suspender o regular andamento da administração da Justiça, ordenou-se que das differentes partes do Reino marchassem tropas para a Capital: para esse effeito logo no dia 2 de Novembro, se expedio ordem para vir para Lisboa o Regimento de Dragões da Praça de Evora, ou pelo menos metade delle: outra ordem se mandou ao Marquez Estribeiro Mór, para que os Regimentos de Cascaes, Peniche e Setubal, se pozessem logo em marcha para a Côrte. Assim o fizeram, vindo depois outros de diversas partes do Reino. A assiduidade com que o Marquez de Pombal zelava os outros negocios publicos, empregou tambem neste, fazendo preencher o devido numero de praças, em todos os Corpos do Exercito, e observar nelles a mais rigorosa desciplina; não escapando a seu vigilante cuidado, a necessidade de fazer reparar as ruinas das Fortalezas, e não tolerando este indispensavel trabalho, que por mais tempo se demorasse a sua execução.

O desamparo do povo da Capital, por falta de alojamento excitava commiseração, e pedia prompto remedio. A esta urgencia attendeu o Marquez de Pombal, prohibindo primeiramente as aposentadorias, por não padecerem á violencia dos privilegiados, aquelles cujas habitações tinham escapado ao terremoto, ou ao incendio. Ordenou, que dentro da Cidade, e seus suburbios não se fizesse alteração nos preços dos alugueis antigos, que tinham as casas, lojas, ou armazens; que ninguem aforasse por valor exorbitante propriedade alguma, ou terreno destinado para a sua construcção. Atalhou com severidade todos os monopolios, e contrabandos de madeiras, ficando isentas de quaesquer direitos as que viessem para a Capital, a fim de se empregarem na sua reedificação. Não se poupando o trabalho nem a despeza, em breve se levantaram mais de 9$ barracas, muitas das quaes offereceram a seus moradores não sómente commodo, mas sumptuoso alojamento. Não foi porém só na construcção de novos edificios que se empregaram os operarios; a reparação dos que estavam em ruinas, mas susceptiveis de concerto, proseguio de modo, que gradualmente foi a Cidade apparecendo desaffrontada de tantos estragos, e perdendo o desagradavel, e medonho aspecto que daquelle funestissimo acontecimento se lhe originára.

Omittímos neste lugar as providencias, que se deram para os differentes pontos do Reino, não só por não caberem nesta breve noticia, mas por serem alheias do objecto a que exclusivamente dedicamos este escripto. Cingindo-nos por tanto ao nosso assumpto diremos, que os interesses commerciaes do Reino, e muito particularmente os de Lisboa, muito deverão á sollicitude e sabedoria do Marquez de Pombal, que os zelou de modo nesta occasião, que bem deu a conhecer quanto os avaliava. Via o pernicioso effeito que nos paizes estrangeiros causaría a noticia do terremoto e incendio de Lisboa; receava, e não sem fundamento, que os negociantes do novo hemisferio, e do Oriente abandonassem seus correspondentes nesta Cidade, suspendendo, ou negando-lhes as remessas dos seus generos. Para sustentar pois o crédito desta Praça, mesmo em tão apuradas circumstancias e tempos tão calamitosos, fez sahir do Téjo 13 Náos, com o fim de socegar naquellas partes do Globo os animos vacillantes, ou indispostos para a continuação das operações mercantís com Lisboa; fez, finalmente, dar á vela as costumadas frotas, por cujo meio não só ficou illezo o crédito publico, mas conseguio, que insensivelmente se fôsse de novo engrossando a grande arteria da riqueza nacional, e grangeasse a Nação um gráu tão sublime de fôrça moral, que a tornou respeitada, e famosa entre os outros póvos.

Depois de havermos feito separada enumeração de medidas adoptadas ao mesmo tempo, accrescentaremos algumas, que não devemos deixar em silencio. Ainda na Cidade durava o incendio, e já eram chamados ao Paço, os Presidentes dos Tribunaes, e Vedores da Fazenda Real, ordenando-se-lhes, que com o soccorro das tropas, gente de Troço, artilheiros e instrumentos precisos, fôssem atalhar o progresso das chamas.

Incrivel parece, quanto se fez em momentos de tamanha perturbação. Desentulhou-se, e se cobriram as casas, e armazens dos depositos publicos da Côrte e Cidade; abateram-se as arruinadas paredes de muitos Bairros, particularmente do Rocio; pozeram-se a salvamento os cofres do Erario; muitos que pertenciam aos particulares tiveram igual fortuna, assim como varios archivos, e em particular o do Senado. Restabeleceram-se os Tribunaes, e os logares publicos necessarios, para o povo poder nelles continuar o seu trafico; principiou-

. Marquez de Pombal entrega aos Architectos o Plano da reedificação de Lisboa depois do grande terremoto do 1º de Novembro do anno 755 De um lado se representão as victimas da nudez e da fome e de quantos infortunios forão consequencia lastimosa daquella memora el catastrophe, recebendo piedoso auxilio dos distribuidores dos caritativos soccorros com que [illegible] Ministro acudio ás victimas [illegible] [illegible] calamidade e espantozo acontecimento. Em distancia se avistão de uma parte os estragos do terremoto, e da outra a Cidade começando a erguer-se das suas ruinas reedificada conforme o grandioso plano que hoje attrahe a publica admiração

se a construir a nova casa da Alfandega, o Paço da Madeira, e muitos armazens, que logo se apromptaram para o commercio interno do Reino. Igualmente para alliviar quanto fôsse possivel o commercio, se franquearam livres de direitos tanto os generos molhados, como as fazendas sêccas.

A multiplicidade de tantos negocios não impedia que o Marquez tractasse cada um delles com tal desvelo, que parecia ser aquelle a que dava exclusiva attenção. Mandou proceder á eleição da casa dos 24, o que se não podéra fazer em consequencia do terremoto, e porque um só Juiz do Povo não bastava em tempos de tão urgentes precisões, determinou, que mais dous levantassem vara revestidos de igual authoridade. Tambem fez tirar relações dos artifices de Bandeira, assim como dos que sem serem examinados, tinham seus arruamentos para se destinarem a todos ruas onde tivessem suas officinas, e se lhes guardarem seus antigos privilegios.

Entre tantos e tão graves cuidados que occupavam o animo do Marquez de Pombal, um objecto havia a que incessantemente se dirigiam suas vistas, e seus esforços, e este era a Reedificação de Lisboa Desejava mostrar á sua Patria, e ao mundo, que sabia tirar vantajoso partido de uma grande calamidade, fazendo surgir de suas ruinas, e renascer de suas cinzas, grande e magestosa, a Capital do Imperio Lusitano, cujos destinos lhe estavam confiados, e foi na execução desta maravilhosa empreza, que resplandeceu seu illustrado patriotismo. Fez marcar os bairros, e as praças e ruas, não com a irregularidade antiga, mas com a bella ordem e symetria em que hoje os vemos. Com este fim se expediram varios Decretos, entre os quaes cumpre notar o de 29 de Novembro de 1755, no qual se mandava fazer a medição, e tombo das praças, ruas e casas arruinadas, para se evitarem futuros litigios, na reedificação de uma Cidade, que seus proprios moradores já não conheciam Em beneficio da sua fundação, se passou um Aviso ao Engenheiro Mór, para nomear quem calculasse os declives, que ha desde S. Sebastião, sitio da Annunciada, Convento de *Corpus Christi*, ou rua dos Fanqueiros, Igreja da Magdalena, e Convento da Boa Hora até o Terreiro do Paço e Ribeira, a fim de accommodar os entulhos nos lugares mais baixos, e conseguir a possivel nivelação do terreno. Com o fim de o abalisar, se expedio outra ordem ao mesmo Engenheiro Mór; e em quanto se faziam as medições e demarcações, trabalhava grande numero de operarios em fazer transitaveis as ruas principaes da Cidade; e como a gente continuasse em seu trabalho auxiliada por 300 soldados nos bairros do Rocio, Rua Nova e Remulares, se achou finalmente o terreno apto para nelle se erguerem os edificios. Mas para se construir de novo a Cidade com ordem methodica, se prohibio que do arbitrio, ou capricho dos particulares, dependesse o risco ou plano da construcção dos edificios, porque nesse caso se iriam amontoando sem nexo, ou proporção alguma. Em quanto se não publicou o plano da Reedificação de Lisboa, se prohibio, que se levantasse qualquer propriedade nos sitios arruinados; e tão vigilante se mostrou o Marquez de Pombal na execução desta ordem, que a 10 de Fevereiro de 1756, fez com que se expedisse outra para serem demolidas á custa de seus donos, as casas edificadas com manifesta infracção da precedente determinação. Entre varios planos que se propozeram para reedificar Lisboa, recahio finalmente a escolha naquelle que hoje vemos executado, e para favorecer quanto fôsse possivel, a sua execução se publicou a Lei de 12 de Maio de 1758, em que se estabeleceu a favor da Reedificação da Cidade, assim os seus direitos publicos, e particulares como os beneficios que teriam as pessoas, que para ella concorressem. O illustrado plano que se adoptou, acredita não menos o Monarca debaixo de cujos auspicios se reduzio a prática, do que o grande Ministro que o propoz: vemos os effeitos desse mesmo plano na belleza, symetria e perfeição que se observa na Cidade baixa, e muito particularmente no Terreiro do Paço, em cujo centro attrahe a admiração de nacionaes e estrangeiros, a primorosa Estatua Equestre, obra exclusiva do engenho e talento Portuguez.

Antes de rematarmos esta breve noticia, trancreveremos da obra « *Mémoires de S. J. de Carvalho, Marquis de Pombal* » a seguinte passagem, que por ser de um politico adversario, dá maior pêso á sinceridade do seu elogio. « Esta época do Ministerio de Carvalho, é sem dúvida a que sempre lhe ha de dar maior honra.
« Lisboa Reedificada, é de algum modo um monumento erguido em gloria sua, e que deverá fazer immortal
« o seu nome. Nada menos se precisava, do que a inabalavel constancia que tinha em seus projectos, e o
« illustrado poder de que se achava revestido, para superar as difficuldades inherentes á execução desta gran-
« de empreza, e dar no corto espaço de alguns annos a Portugal, uma nova Capital, que pela belleza das ruas,
« regularidade das habitações, e magnificencia dos edificios publicos, não é hoje inferior a nenhuma das mais
« famosas da Europa. »

Assim o Marquez de Pombal conseguio em tempos tão difficeis, dar á Capital do Reino nova existencia e novo esplendor: onde antes se viam ruinas, em breve se abriram espaçosas Praças, e se ergueram magnificos Templos, sumptuosos Palacios; pela sabedoria da sua politica, ao panico terror, e á licença fez succeder a confiança, o credito publico, o respeito ás Leis. Firmando finalmente a Capital da Monarchia Portugueza, em seus alicerces physicos e moraes, ergueu para si um padrão, que durará em quanto existir Lisboa; monumento digno de um Ministro illustrado, de um Varão fórte, que tanto se empenhou em merecer o nome de homem grande, de Cidadão util á Patria, comparavel aos mais celebres Estadistas, rival da sua gloria e renome, tão famigerado como Sully, Richelieu, e Colbert, e que a todos sobre-sahio por seus designios vastos e proveitosos, e pela rapidez e perfeição com que os realisou.

Na Imprensa Nacional. 1838.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

O Marquez de Pombal entrega aos Architectos o Plano da reedificação de Lisboa depois do grande terremoto do 1.º de Novembro do anno 1755. De um lado se representão as victimas da nudez e da fome e de quantos infortunios forão consequencia lastimosa daquella memora catastrophe, recebendo piedoso auxilio dos distribuidores dos caritativos soccorros com que tão Grande Ministro acudio ás victimas dessa [illegible] idade e espantoso acontecimento. Em distancia se avistão de uma parte os estragos do terremoto, e da outra a Cidade começando a [illegible]

EXTINCÇÃO DOS JEZUITAS

EM

PORTUGAL

PELA LEI DE 3 DE SETEMBRO DE 1759

DURANTE A ADMINISTRAÇÃO

DO

MARQUEZ DE POMBAL.

Ardua tarefa em verdade é a do Escriptor Publico, quando tem de historiar factos transcendentes, que abrangem interesses de corporações e classes, e são considerados sob diversos pontos de vista, conforme o cunho que esses mesmos interesses imprimem nas opiniões; porém não menos honrosas e proficuas são essas fadigas, se, refreando as paixões, e só regulado pelos deveres rigorosos que lhe cumpre tomar por nórma, ao mesmo tempo que serve a causa da justiça levantar um monumento indestructivel que sujeite as preoccupações, e illustre contemporaneos e vindouros, embora se resinta o amor proprio offendido e vulnerado.

Deste genero é o assumpo da presente Memoria, relativa a um dos actos mais energicos da Administração do Grande Marquez de Pombal, traçando igualmente em bosquejo, as causas mais salientes que occasionaram aquella medida, e firmando-a em alguns raciocinios, e ponderações imparciaes que dimanam da phylosophia e da hermeneutica, ácerca de similhante instituição, seu fim, e os abusos, que, como em todas as obras humanas, a fizeram degenerar do que era em sua origem.

Não iremos, pois, adrede, descortinar virtudes, ou apontar vicios; o que só é proprio do assalariado panegyrista ou do protervo calumniador. Nenhuma dessas qualidades são as peculiares de quem, independente, e avaliando em todo o seu rigor as obrigações que contraíra, só leva o fito no desempenho dellas sem que o instiguem, ou dirijam quaesquer outras considerações.

Deveu a Sociedade da Companhia de Jezus a sua fundação, a um mancebo de imaginação ardente, e dotado daquelles predicados que fazem adquirir um nome celebre; e á fôrça de perseverança, vencendo mil obstaculos e contrariedades, que a outro qualquer, menos constante, haveriam dissuadido de seu projecto, conseguiu lançar os fundamentos do edificio, receber a approvação pontificia, e estabelecer mesmo em sua vida, e em differentes Paizes da Europa uma corporação que dilataria sua influencia a todo o Mundo conhecido.

« Santo Ignacio de Loyola (diz um author gravissimo) talvez no logar dos grandes conquistadores, obrasse iguaes façanhas, porque era tão firme e corajoso como elles. » Se quizerdes alcançar grande celebridade (accrescenta n'outro logar e tractando da mesma materia) sede emprehendedor; mas convenha o vosso enthusiasmo ao seculo em que viveis, e amolde-se ás circumstancias que sobrevierem. Haja nelle um certo fundo de razão que possa servir para dirigir ainda mesmo as vossas extravagancias, e desenvolvei a obstinação mais imperturbavel. Póde ser que vos desprezem e maltratem; mas se o não fôr-des talvez vos ergam altares. »

Foram pasmozos os progressos da Sociedade, e mui proficuos e sazonados os fructos colhidos de seu instituto. Conservou por largo tempo intacta a pureza da moral evangelica, e a rigidez das obrigações a que se submettêra; e Varões esclarecidos e clarissimos em virtudes e letras ennobrecem seus annaes. Incançaveis na propagação da fé, desvelados na educação da mocidade, solicitos em formar bons Cidadãos, e devorados pelo nobre ardor de cultivarem com aproveitamento as Sciencias e a Litteratura, podemos affirmar que no cahos e menoscabo em que eram tidas, foi ella que alimentou sempre activo e resplandecente o fulgurante clarão que despedem seus raios. Não existindo, talvez muitos mais seculos de barbaridade e ignorancia, pesassem sobre o genero humano, causando assombro como seus membros, no desempenho destes espinhosos ministerios e transcendentes encargos, e até regulando em missões deplomaticas os negocios politicos das Nações, se houveram de modo tal que abrangeram com igual previdencia e sabedoria tão differentes incumbencias.

O numero avultadissimo desses genios creadores e de suas producções, tornam este nosso juizo sobranceiro a qualquer accusação que nos façam de nimiamente favoraveis áquella corporação, e os testemunhos de gratidão tributados por muitos principes, e por individuos de todas as classes, reconhecendo os relevantes serviços que fizera, fortalecem similhantes asserções O mesmo Grande Ministro que em Portugal a extinguiu, dá uma prova não equivoca de coincidir com este nosso parecer, quando na Lei da extincção da Companhia de Jezus, e por elle referendada, declara "que a Sociedade entrára em Portugal dando exemplos, que havia si-
« do protegida pelos Senhores Reis, e que se achava deploravelmente alienada do seu santo instituto. »

Aquelles de seus inimigos mais famigerados por sua celebridade, e dotados de boa fé, são os que mais altamente proclamam esses serviços, e sublimam os grandes engenhos que a immortalizaram. A correspondencia entre Frederico 3.°, Rei de Prussia (e que alguns infundadamente denominam 2.°) D'Alembert e Voltaire, comprovam isso mesmo, e a carta deste ultimo ao padre Tournemine, é clara demonstração desta verdade. Entre as passagens mais notaveis, transcreverei uma das que contém a que escreveu aquelle Soberano, mais conhecido pelo nome de Phylosopho de Sans Souci, ao seu amigo Voltaire (o Phylosopho, o Patriarcha de Ferney) em data de 18 de Fevereiro de 1777, e inserta na edição completa das obras de Voltaire, feita em Pariz em 1833 *(4.° Vol. Correspondencia etc.)* « Quereis saber noticias dos Jezuitas, e eu vos digo que apesar

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

O Marquez de Pombal recebe a participação de que se achavão cumpridas as suas ordens, todos os jezuitas embarcados [illegible] varias lanchas que os conduzem a bordo de algumas embarcações ancoradas.

« de herege e incredulo conservei essa ordem; e eis aqui as razões. Não se encontra nestes Paizes nenhum
« Catholico letrado senão entre os Jezuitas, e cumpria que subsistisse a ordem para fornecer professores á pro-
« porção que faltassem. Todas estas e muitas outras razões, me fizeram o paladino da ordem. Lembrai-vos do
« padre Tournemine, de quem recebestes o doce leite das Muzas, e reconciliai-vos com uma corporação que
« tem produzido homens do mais reconhecido merito. Sei muito bem que elles conspiraram, e se intromette-
« ram nos negocios; mas a culpa é do governo. Não accuso o padre Letellier; porém Luiz 14.° »

Se consultarmos muitas outras passagens da correspondencia entre o mesmo Phylosopho, e seus amigos Ci-
deville, Condorcet, o Marquez d'Argens, Maupertins, as respostas destes, bem como as cartas que prece-
deram a desavença que o obrigou a sahir de França, e procurar refugio na Hollanda, e outras vezes em In-
glaterra, Prussia e diversos Paizes da Alemanha, fica demonstrado sem replica, e por authoridades que a cri-
tica mais severa não rejeita, que os homens conspicuos então por suas luzes e saber, posto que divergissem
das opiniões religiosas da Sociedade, não podéram negar-lhe o tributo da sua gratidão pelos serviços relevantes
feitos ás Letras e ás Sciencias, e que esse testimunho é exuberante, e victorioso, pois dimana de pessoas que
eram consideradas como seus inimigos declarados e figadaes; porém que dotadas de verdadeira e sólida illus-
tração, não podem affastar-se do systema de uma rigorosa imparcialidade. E com effeito, não seremos taxados
de hyperbolicos se affirmarmos que o seculo de Luiz 14.°, com tão justa razão denominado de ouro, e que com-
petiu com o de Augusto, dos Medicis, e de Leão 10.°, deve em grande parte o seu lustre á Sociedade, e
que o realce que lhe veio da mesma, e o impulso vivificante que lhe communicou se transmittiram á posteri-
dade.

E', comtudo, triste condição dos estabelecimentos e instituições humanas, desviarem-se dos fins com
que haviam sido fundadas, e pervertido o espirito que as dictára, tornar-se mui damnoso o que era essencial-
mente util em sua origem.

Por isso para examinarmos o quadro debaixo de outro ponto de vista, e abstrahindo de novas citações,
que não precisamos accumular, bastará enumerar em esboço as causas primárias da decadencia da Sociedade,
e que finalmente occasionaram a sua abolição.

Desde a época memoravel da Reforma suscitada por Martim Luthero, Calvino, Zuinglio, e outros
innovadores, que se havia aplanado o caminho para o golpe decisivo; e este espirito sustentado por muitos
principes, membros da Confedação Germanica, e do Norte, teve em seu apoio bastantes escriptores da maior
celebridade, como Pascal, author das famosas *Cartas Provinciaes*, Arnauld, Nicole, quasi todos os associa-
dos de Port Royal, e muitos Phylosophos fundadores dos chamados *Encyclopedistas*. Assim foi lavrando o fo-
go, o qual ainda que parecia algumas vezes extincto, estava amortecido debaixo das cinzas, e ameaçava ge-
ral explosão apenas se apresentasse o ensejo. Prenúncios destes successos, foram as medidas legislativas to-
madas em tempo de Henrique 4.°, Luiz 13°, e Luiz 14.°; porém nenhuma mais terminante do que a promul-
gada no Reinado do Sr. D. José 1.°

Algumas considerações analyticas elucidarão a materia, e restringindo-nos ao assumpto pendente offe-
rece-lo-hão em toda a sua evidencia.

Em circumstancias mui arduas, tinha aquelle Principe subido ao Throno, e quasi invenciveis obsta-
culos estiveram a ponto de destruir a grande obra da prosperidade Nacional, devida aos talentos e ao patrio-
tismo do Ministro que tão extraordinarios feitos obrára, e que muito mais puzera em acção se a morte do So-
berano não viera atalhar seus planos regeneradores. Eram entre estes obstaculos os demais perigosa e difficil
remoção, os que provinham da preponderancia do Clero e da Nobreza, e que o Marquez de Pombal cortou
empregando mais a espada de Alexandre, do que as delongas e formalidades da Jurisprudencia.

Estava o terreno disposto para receber a cultura que aprouvesse dar-lhe aquelle Grande Homem, e ás
causas que nos Paizes Estrangeiros tinham sua fonte, outras se juntaram que vieram accelerar a queda da So-
ciedade. Os acontecimentos no Paraguay, a intervenção armada dos dois Exercitos Portuguez e Hespanhol
naquellas regiões, e mais que tudo as relações de intima alliança, e amizade entre alguns de seus membros e
as principaes familias do Reino, anteciparam um desenlace esperado desde muito tempo, e que o attentado
succedido em a noite de 3 de Setembro de 1758 apressou.

Accusada a Sociedade de ser complice naquellas insurreições trans-atlanticas, do acontecimento em Lis-
boa, e de muitas outras irregularidades, foi finalmente abolida pela seguinte Lei.

" Dom José Por Graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, daquem e dalém mar, em Africa
Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc.
Faço saber que havendo sido infatigaveis a constantissima benignidade, e a Religiosissima Clemencia, com
que desde o tempo em que as operações, que se praticaram para a execução do Tractado de Limites das Con-
quistas; sobre as informações, e provas, mais puras, e authenticas; e sobre a evidencia dos factos mais no-
torios, não menos do que a tres Exercitos; procurei applicar todos quantos meios a Prudencia, e a Modera-
ção podiam suggerir, para que o governo dos Regulares da Companhia denominada de Jesu, das Provincias
destes Reinos, e seus Dominios, se apartasse do temerario, e façanhoso projecto, com que havia intentado,
e clandestinamente proseguido a usurpação de todo o Estado do Brasil; com um tão artificioso, e tão violento
progresso, que, não sendo prompta, e efficazmente atalhado, se faria dentro no espaço de menos de dez annos
inaccessivel, e insuperavel a todas as fôrças da Europa unidas: Havendo (em ordem a um fim de tão indespen-
savel necessidade) exhaurido todos os meios, que podiam caber na união das Supremas Jurisdicção, Pontifi-
cia, e Regia; por uma parte reduzindo os sobreditos Regulares á observancia do seu Santo Instituto por um
proprio, e natural effeito de Reforma á minha Instancia ordenada pelo Santo Padre Benedicto XIV. de feliz
recordação; e pela outra parte apartando-os da ingerencia nos negocios temporaes; como eram, a administra-
ção secular das Aldêas; e o dominio das Pessoas, Bens, e Commercio dos Indios daquelle continente; por ou-
tro igualmente proprio, e natural effeito das saudaveis Leis, que estabeleci, e excitei a estes urgentissimos
respeitos, Havendo por todos estes modos procurado que os sobreditos Regulares, livres da contagiosa corru-
pção, com que os tinhà contaminado a hydropica sede dos governos profanos, das aquisições de terras, e es-
tados, e dos interesses mercantis, servissem a Deos, e aproveitassem ao Proximo, como bons, e verdadeiros
Religiosos, e Ministros da Igreja de Deos; antes que pela total depravação dos seus costumes, viesse a aca-
bar necessariamente nos mesmos Reinos, e seus Dominios, uma Sociedade, que nelles entrára dando exem-
plos, e que havia sempre sido tão distinctamente protegida pelos Senhores Reis Meus Gloriosissimos Predeces-
sores, e pela Minha Real, e successiva Piedade: E havendo todas as Minhas sobreditas diligencias ordenadas

á conservação da mesma Sociedade sido por ella contestadas, e invalidados os seus pios, e naturaes effeitos por tantos, tão estranhos, e tão inauditos attentados, como foram por exemplo; ó com que á vista, e face de todo o Universo declararam, e proseguiram contra Mim nos meus mesmos Dominios Ultramarinos, a dura, e alleivosa guerra, que tem causado um tão geral escandalo; o com que dentro no meu mesmo Reino suscitaram tambem contra Mim as sedições intestinas, com que armaram para a ultima ruina da Minha Real Pessoa os meus mesmos Vassallos, em quem acharam disposições para os corromperem, até os precipitarem no horroroso insulto perpetrado na noute de tres de Setembro do anno proximo precedente, com abominação nunca imaginada entre os Portuguezes; e o com que depois que erraram o fim daquelle exacrando golpe contra a Minha Real Vida, que a Divina Providencia preservou com tantos, e tão decisivos milagres, passaram a attentar contra a Minha Fama á cara descoberta, maquinando, e diffundindo por toda a Europa em causa commum com os seus socios das outras Regiões, os infames aggregados de disformes, e manifestas imposturas, que contra os mesmos Regulares tem retorquido a universal, e prudente indignação da mesma Europa: Nesta urgente, e indispensavel necessidade de sustentar a Minha Real Reputação, em que consiste a Alma vivificante de toda a Monarchia, que a Divina Providencia me devolveu, para conservar indemne, e illesa a authoridade, que é inseparavel da sua independente soberania; de manter a paz publica dos meus Reinos, e Dominios; e de conservar a tranquillidade, e interesses dos meus fieis, e louvaveis Vassallos; fazendo cessar nelles tantos, e tão extraordinarios escandalos; e protegendo-os, e defendendo-os contra as intoleraveis lezões de todos os sobreditos insultos, e de todas as funestas consequencias, que a impunidade delles não poderia deixar de trazer a poz de si: Depois de ter ouvido os Pareceres de muitos Ministros doutos, religiosos, e cheios de zêlo da honra de Deos, do Meu Real serviço, e decóro, e do bem commum dos Meus Reinos, e Vassallos, que houve por bem consultar, e com os quaes Fui servido conformar-Me: Declaro os sobreditos Regulares na referida fórma corrompidos; deploravelmente alianados do seu Santo Instituto; e manifestamente indispostos com tantos, tão abominaveis, tão inveterados, e tão incorregiveis vicios para voltarem á observancia delle; por Notorios Rebeldes, Traidores, Adversarios, e Aggressores, que tem sido, e são actualmente, contra a Minha Real Pessoa, e Estados, contra a paz publica dos meus Reinos, e Dominios, e contra o Bem-commum dos Meus fieis Vassallos: Ordenando, que como taes sejam tidos, havidos, e reputados: E os hei desde logo em effeito desta presente Lei por desnaturalisados, proscriptos, e exterminados: Mandando que effectivamente sejam expulsos de todos os Meus Reinos, e Dominios, para nelles mais não poderem entrar: E estabelecendo debaixo de pena de morte natural, e irremissivel, e de confiscação de todos os bens para o Meu Fisco, e Camara Real, que nenhuma pessoa de qualquer estado, e condição que seja, dê nos mesmos Reinos, e Dominios entrada aos sobreditos Regulares ou qualquer delles, ou que com elles junta, ou separadamente, tenha qualquer correspondencia, verbal, ou por escripto, ainda que hajam sahido da referida Sociedade, e que sejam recebidos, ou Professos em quaesquer outras Provincias, de fóra dos Meus Reinos, e Dominios; a menos que as pessoas que os admittirem, ou praticarem; não tenham para isso immediata, e especial licença Minha. Attendendo porém a que aquella deploravel corrupção dos ditos Regulares (com differença de todas as outras Ordens Religiosas, cujos communs se conservaram sempre em louvavel, e exemplar observancia) se acha infelizmente no Corpo, que constitue o Governo, e o commum da sobredita Sociedade: E havendo respeito a ser muito verosimil que nella possa haver alguns particulares individuos daquelles, que ainda não haviam sido admittidos á Profissão solemne, os quaes sejam innocentes; por não terem ainda feito as provas necessarias para se lhes confiarem os horriveis segredos de tão abominaveis conjurações, e infames delictos: Nesta consideração, não obstantes os Direitos communs da Guerra, e da Represalia, universalmente recebidos, e quotidianamente observados na praxe de todas as Nações civilisadas; segundo os quaes Direitos, todos os individuos da sabredita Sociedade, sem excepção de algum delles, se acham sujeitos aos mesmos procedimentos, pelos insultos contra Mim, e contra os Meus Reinos, e Vassallos, e comettidos pelo seu prevertido governo: Comtudo reflectindo a minha benignissima Clemencia, na grande afflicção, que hão de sentir aquelles dos referidos *Particulares*, que, havendo ignorado as machinações dos seus Superiores, se virem proscriptos, e expulsos, como partes daquelle Corpo infecto, e corrupto: Permitto que todos aquelles dos ditos *Particulares* que houverem nascido nestes Reinos, e seus Dominios, ainda não solemnemente Professos, os quaes apresentarem Dimissorias do Cardeal Patriarca Visitador, e Reformador Geral da mesma Sociedade, porque lhes relaxe os Votos Simplices que nella houverem feito; possam ficar conservados nos mesmos Reinos, e seus Dominios, como Vassallos delles, não tendo aliàs culpa pessoal provada, que os inhabilite. E para que esta Minha Lei tenha toda a sua cumprida, e inviolavel observancia, e se não possa nunca relaxar pelo lapso do tempo em commum prejuizo uma tão memoravel, e necessaria disposição: Estabeleço que as transgressões della, fiquem sendo casos de Devassa para dellas inquirirem presentemente todos os Ministros Civís, e Criminaes nas suas diversas jurisdicções: Conservando sempre abertas as mesmas Devassas, à que agora procederem, sem limitação de tempo, e sem determinado numero de testemunhas: Perguntando depois de seis em seis mezes pelo menos o numero de dez testemunhas: E dando conta de assim o haverem observado, e do que resultar das suas inquirições, ao Ministro Juiz da Inconfidencia, sem que aos sobreditos Magistrados se possam dar por correntes as suas residencias, em quanto não apresentarem certidão do referido Juiz da Inconfidencia. "

„ Esta se cumprirá como nella se contém. Pelo que: Mando á Mesa do Desembargo do Paço, Regedor da Casa da Supplicação; ou quem seu cargo servir; Conselheiros da Minha Real Fazenda, e dos Meus Dominios Ultramarinos; Mesa da Consciencia, e Ordens; Senado da Camara; Junta do Commercio destes Reinos, e seus Dominios; Junta do Deposito Publico; Capitães Generaes; Governadores; Desembargadores; Corregedores; Juizes, e mais Officiaes de Justiça, e Guerra, a quem o conhecimento desta pertencer, que o cumpram, e guardem, e façam cumprir, e guardar tão inteiramente, como nella se contém, sem duvida, ou embargo algum, e não obstantes quaesquer Leis, Regimentos, Alvarás, Disposições, ou Estilos contrarios, que todas, e todos Hei por derogados, como se delles fizesse individual, e expressa menção, para este effeito sómente; ficando aliàs sempre em seu vigor: E ao Doutor Manoel Gomes de Carvalho, Desembargador do Paço, do Meu Conselho, e Chanceller Mór destes Meus Reinos Mando que a faça publicar na Chancellaria, e que della se remettam Copias a todos os Tribunaes, Cabeças de Comarças, e Villas destes Reinos: Registando-se em todos os logares, onde se costumam registrar similhantes Leis: E mandando-se o Original para a Torre do Tombo. Dada no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, aos tres de Setembro de mil setecentos cincoenta e nove. = REI. = *Conde de Oeyras.* "

A combinação, o segredo, e a previdente politica com que o Marquez de Pombal, levou a effei-

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

O Marquez de Pombal recebe a participação de que se achavão cumpridas as suas ordens, e todos os Jezuitas embarcados. Avista ...

to esta memoravel determinação, respiram aquella energia, e talento que todos nelle reconhecem, e é ainda hoje objecto de admiração entre os mais consumados Estadistas.

Não tolheram estas graves occupações que o Ministro se descuidasse de proseguir em seu systema de Administração illustrada e paternal; e é objecto da maior surpreza, que estando a braços com tão formidaveis adversarios, e encontrando a cada passo estorvos que pareciam insuperaveis, attendesse ao serviço do estado, e aos pontos mais graves e essenciaes de regeneração Nacional, com tanto sangue frio e vastidão de idéas como se governasse em tempos bonançosos.

Abrangem estas medidas legislativas objectos de summo interesse em varios ramos, e todas se referem á utilidade publica, em que deve sempre ter a mira aquelle que dirige o leme da Nau do estado, e que cioso do seu bom nome, quer transmitti-lo á posteridade, sem mancha nem dezar.

Dificil posto que gloriosa é porém a tarefa de remediar abusos de seculos, e curar as féridas abertas por governantes imprevidentes ou traidores, cabendo quasi sempre em partilha ao Cidadão egregio que traça e ultíma a empreza, a ingratidão do povo que felicitára. Tal foi a sórte do Grande Ministro, que tambem póde por esta recompensa ser comparado aos maiores homens que effectuaram vantajosas mudanças no regimen das Nações. Detestados, perseguidos, calumniados em quanto vivos; pranteados, e objectos dos maiores encomios depois de mortos, e por aquelles mesmos que os diffamavam! E' este de certo um dos capitulos mais extraordinarios do grande volume das contradicções humanas!

Comtudo, não é tão injusta retribuição que dissuade de seu nobre proposito, os bons patriotas, os genios beneficos destinados a defender e salvar as Nações. Pelo contrario, seu ardor salutar, sua proficua tendencia para quanto é proprio a regenerar um povo, em vez de entibiar-se á vista de embaraços e tramas, augmenta e se fortalece, destruindo uns, e desfazendo outras.

As providencias a que alludimos protegem umas a industria, o commercio e as artes, outras tem por fim policiar e instruir os povos, e duas dellas referem-se á phylosophica restituição dos imprescriptiveis direitos naturaes, que não podem ser postergados sem escandalosa e grave offensa da Divindade.

Antes de fazermos a enumeração de todas, não será alheio do assumpto destruir uma das principaes accusações feitas ao Marquez, e com o fito de irrogar o odio ao seu nome. Attribuem-lhe uma indole sanguinaria e tyrannica, e sustentam que todos os seus actos de justiça eram por elle praticados, não porque a suprema Lei da salvação do Estado o exigisse, mas sim para satisfazer essa mesma indole, e accrescentam que defensor acerrimo do poder absoluto, tinha em menoscabo os direitos do homem Para confutar a primeira parte da asserção basta reflectir (sem querermos justificar a sua excessiva severidade) que sómente por esses actos legaes podia debellar a liga formidavel que esteve a ponto de anniquillar a Monarchia, e tão claramente se apresentou para levar á execução seus projectos; e em quanto á segunda é raciocinio de grande fôrça, ponderar que homem de tal merito, e subida illustração, não desconheceria direitos inalienaveis que derivam da mesma natureza. Quem arrancou os Indios da condição abjecta de escravos, não era de certo seguidor de tão errada doutrina, e sectario de principios anti-sociaes.

Classificando-as essas Leis melhor entrará o leitor na intelligencia do espirito illustrado que as dictou, e que parece abrangia com incançavel e sábia solicitude, os differentes ramos da Administração.

Das Leis de 6 de Julho de 1754 creando a Companhia do Grã Pará e Maranhão; de 30 de Julho de 1759, dando Estatutos á de Pernambuco e Paraiba, e de 3 de Março de 1774 promovendo as Pescarias do Algarve; resultaram as mais incalculaveis vantagens, sendo as duas primeiras preciosos vehiculos de riqueza, e exportação dos generos em que tanto abundam aquelles Paizes; productos até então quasi estagnados; e a terceira um padrão indestructivel ao zêlo incançavel, e paternal sollicitude de tão Grande Homem, que tirou deste fecundissimo manancial recursos inexhauriveis para o Estado, e para as fortunas particulares; emendando, assim como em outros pontos vitaes, o desleixo e impericia de alguns de seus antecessores ineptos ou desleaes.

Em harmonia com as precedentes se acha a que foi Decretada em Junho de 1774, a favor dos Lavradores do Além-Tejo, e pela qual a classe agricola, que entre os póvos degenerados é tida em pouca conta, ao mesmo tempo que é sobremaneira honrada entre os civilisados, foi arrancada do lastimoso estado de abandono em que jazia.

As que tem as datas de 3 de Julho de 1769, estabelecendo a organisação e condições para as Fabricas das Cartas de Jogar, e outra de Novembro de 1770 creando a da Louça; protegeram sobremodo estes ramos; porém a de 1757 em que deu estatutos á Fabrica das Sedas, é a que das tres fez colher mais preciosos resultados, que estenderam sua vivificante influencia até muito tempo depois dessa época.

Das que tem referencia á instrucção e politica dos povos, avultam a de 28 de Março de 1758 contendo os estatutos para a Aula do Commercio, a de 7 de Março de 1761 publicando os do Collegio dos Nobres, a de 24 de Dezembro de 1769 creando a Imprensa Regia, e a de Julho de 1771 estabelecendo a Sociedade para a creação dos Theatros Publicos.

A um espirito tão vasto não podiam ser alheios os sentimentos de humanidade, que ennobrecem os corações bem formados, e que escrupulosa e devidamente avaliam os direitos que o homem recebeu da Natureza e do seu Author. Desse espirito emanaram as duas Leis de 7 de Junho de 1754, e Maio de 58 dando pela primeira liberdade ás pessoas e bens dos Indios no Maranhão, e pela segunda estendendo providencia tão salutar e justa a todos os do Brasil.

Estas e outras providencias que por menos salientes omittimos, bem como as que memoramos nas quatro Memorias já publicadas, que precedem esta, manifestam de um modo incontestavel e victorioso que basta um só homem dotado de firmesa, e saber para mudar a face politica das Nações, e até mesmo imprimir nellas o typo de novos costumes, e que um desses Entes prodigiosos, foi sem duvida o Grande Marquez de Pombal, abalisado e egregio Varão apesar de seus detractores, e cujo nome e feitos são um legado fecundissimo e valioso que nos foi transmittido por suas eximias e preclaras acções.

Na Imprensa Nacional, 1839.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

REFORMA

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DEBAIXO DOS AUSPICIOS, E ESPECIAL DIRECÇÃO

DO

MARQUEZ DE POMBAL.

DA illustração publica depende a ventura dos povos, a força do Estado, de que é gloria e esteio quando se funda nos principios da virtude. Essencialmente ligada com a felicidade dos homens, parece que essa illustração devêra ser o alvo constante de suas vistas, e adquiri-lo o objecto da sua maior diligencia e empenho: desgraçadamente para assolarem o mundo tem sido com esmero e rapidez applicada á prática, mas para o fazerem feliz tem caminhado com vagaroso passo. Daqui provém, que desde a infancia da sociedade, em muitas partes do globo, apenas tem raiado com debil clarão a luz da sabedoria, e que na dilatada serie das idades incultas, se distinguem os seculos em que floreceram as sciencias como em tenebrosa noute mal se divisam os planetas que resplandecem no firmamento. A Historia, fiel depositaria dos acontecimentos que tem influido na decadencia e ruina dos Reinos e dos Imperios, com bem clara evidencia comprova tão lastimosa verdade: a cada passo vê o phylosopho as calamidades, vê os crimes, que na continuada successão dos tempos tem enlutado a terra; em quasi toda a parte a inveja, a ambição de possuir e dominar, o odio, a vingança, as guerras de conquista, e talvez peior ainda do que estas, a discordia civil, o furor dos partidos, tem chegado a dividir e assolar os povos que se denominam cultos, e os maiores horrores avultam em seus annaes com letras de sangue. O vulgo insano ergue arcos triunfaes a seus vencedores, e applaude a sua cruel victoria — mas para o amante da humanidade, para o verdadeiro adorador de um Deos de humildade e mansidão, que não gravou suas leis com o ferro no coração dos homens, poucos encantos tem uma gloria tão funesta, porque entre o estrondo de guerreiras lidas, escuta o clamor dos infelizes, a quem atroz ambição e não legitima causa arrebatou para sempre do numero dos viventes, ou reduzio á desgraça de chorar em misera orfandade perdas tão custosas como a da propria vida.

Desviando a sua attenção de tão medonho quadro, o homem sensivel respira em fim contemplando objectos que mais sympathisam com o coração humano: vê os primores do engenho, as maravilhas da arte, os progressos das letras e das sciencias, as obras portentosas, que deram fama a seus authores, e esplendor ao seculo em que appareceram: monumentos de illustração e saber, que no meio da corrupção do homem attestam a nobreza de seu ser, a grandeza de seus destinos.

Fixando pois preliminarmente a nossa attenção nos primeiros progressos das sciencias neste Reino, vemos que, longe de occupar um lugar pouco distincto nos annaes da illustração humana, conseguio Portugal uma distincção gloriosa, que talvez nenhuma outra nação mereceu. Ainda nos tempos da idade média se achavam os povos em barbara ignorancia, quando na parte mais Occidental da Europa se escutou o brado que deu signal de ser em fim chegado o tempo em que se ía rasgar o véo, que então cobria parte do mundo; em que a natureza ía patentear ao phylosopho novos arcanos; e em que os habitadores da terra íam mutuamente conhecer-se por meio dos assignalados descobrimentos, que farão este Reino para sempre insigne nos annaes das sciencias. Ao Infante D. Henrique estava destinada esta gloria; Principe de quem se póde dizer sem encarecimento, que, se não cingio o Regio Diadema, lhe teceram seus talentos e virtudes mais gloriosa Corôa. Dotado de um espirito emprehendedor e illustrado, empenhava-se na causa da civilisação humana, e em breve mostrou quão digno era de uma empreza tão sublime. Pelos esforços de um Varão tão conspicuo se dilatou largamente a esphera dos conhecimentos scientificos em Portugal; então começou o espirito humano a fazer rapidos progressos na sciencia da navegação, do systema planetario, da comosgraphia, e dos tres Reinos da Historia Natural. Lá no Promontorio Sacro, qual Genio dos Descobrimentos, ergueu o Phylosopho de Sagres com mão robusta o facho, que ía guiar os Portuguezes na exploração dos mares, e entregar-lhes o dominio do Oriente. Tão importantes resultados foram devidos ao engenho sublime de um homem extraordinario, que por si só fez época em Portugal, e talvez no mundo.

Era na verdade difficil que os seus raros dotes tivessem iguaes imitadores, porque não costuma a natureza ser pródiga de tão prodigiosos talentos: comtudo, póde dizer-se, que o amor das sciencias não se extinguio entre nós com tão grande Principe: a historia litteraria e scientifica deste Reino attesta, que entre os Portuguezes appareceram em differentes épocas Varões dotados de generoso ardor para cultivar as sciencias, e de feliz engenho para as cultivar com proveito. Entre estes se fizeram conspicuos os mesmos Soberanos, levados de nobre ambição de manejarem com igual valentia a penna e a espada, e fazendo-se dignos de que seus nomes se transmittissem com applauso á posteridade, já pela cultura das letras, já pela protecção que lhes deram. O amor da sabedoria é o mais precioso diamante, que resplandece no Diadema dos Reis, e nunca fulgura tanto como quando ao preceito juntam o exemplo. Talvez não seja exaggerado dizer-se, que El-Rei D. Diniz com especialidade se fez digno deste elogio: Monarcha por muitos titulos venerando na Historia Portugueza; verdadeiro Pai da Patria, amante dos povos que a Providencia confiára ao seu Governo, protector da agricultura e das artes que tem intima ligação com ella; illustrado apreciador das sciencias, e generoso remunerador dos talentos e das virtudes. Glorioso Fundador do berço das sciencias neste Reino, primeiramente instituio a Universidade em Lisboa no anno de 1290, afim de se espalharem daquelle fóco em toda a circumferencia da Monarchia os raios da illustração. Dezeseis annos depois foi transferida a Universidade para Coimbra, e segunda vez para Lisboa onde permaneceu até 1527, quando debaixo dos auspicios de El-Rei D. João III se effectuou novamente para Coimbra a sua trasladação, onde teve em fim permanente o seu estabelecimento.

Os que se comprazem em olhar com vaidoso e estulto desprezo para as nossas Instituições nacionaes, e muito especialmente os que nada encontram na Historia das sciencias em Portugal em tão remotos tempos, que seja digno do seu respeito e acatamento, talvez menosprezem demasiado, induzidos e fascinados por espirito indouto, os progressos que se faziam na Universidade de Coimbra em annos ainda tão pouco apartados da sua primeira fundação; sem se lembrarem que em outras Universidades da Europa talvez não se houvesse então alongado muito o horisonte de seus conhecimentos

Não negamos porém que em Coimbra estes se achassem circumscriptos em um circulo a que só a experiencia, e os successivos progressos dos tempos podiam dar a devida ampliação; nem tão pouco desconhecemos, que no decurso dos annos afrouxasse a antiga disciplina; decadencia que finalmente deu lugar á impor-

Representa a Grande Salla da Universidade de Coimbra, onde se acha reunido o Corpo Academico, e os Condes da Ponte e Sampaio [illegible] Estadista sobresahe no quadro. Está sentado debaixo do docel, e perto do tabuno o Secretario que lê o Diploma R[illegible] que confere ao Marquez de Pombal [illegible] poderes em tudo que fosse relativo á reforma da Universidade

tante reforma promovida e executada por um homem grande e extraordinario, que entre o tumulto dos negocios do Estado, se dedicou ao bem das artes e das sciencias, de que foi constante Protector. Já nos previnem os nossos leitores: fallâmos do Grande Ministro, a cuja memoria consagrâmos este escripto, e a quem folgamos de pagar o tributo de desinteressado louvor, toda a vez que entendemos, que esse louvor lhe é devido. Se a El-Rei D. José pertenceu a gloria de honrar as sciencias, ao Marquez de Pombal coube a de alentar nelle tão nobre empenho; se o primeiro foi digno de applauso premiando o saber, o segundo o foi porque aconselhou o premio; aquelle protegeu o merecimento; este o soube descobrir e apreciar, collocando-o onde melhor podesse ser util á Patria, e espalhar em maior circumferencia os beneficios da civilisação.

Deliberado a reformar a Universidade de Coimbra, dedicou-se o Marquez de Pombal a este importante objecto com o desvelo proprio de quem não costumava deixar imperfeita qualquer empreza que concebia; e não desejando entregar ao cuidado alheio o desempenho de negocio tão grave, seguido de numerosa comitiva se dirigio em pessoa a Coimbra, onde, pelas 5 horas da tarde do dia 22 de Setembro de 1772, fez a sua entrada. Alli o esperava uma recepção digna da Universidade, e da pessoa a quem era tributada. Reinavá na Cidade toda alegria e alvoroço, as ruas e os edificios se vestiram de galas em testemunho de contentamento e regosijo. As milicias, então denominadas auxiliares, se postaram no Campo de Santa Clara; luzindo em toda a tropa bellicoso garbo e disciplina. Sahiram ao encontro do Marquez os Ministros, Mestres e Cavalleiros da Universidade que tinham carruagem; em breve se ouvio o alegre estrondo dos sinos, que repicando deram signal de haver já chegado ao Campo de Santa Clara o Grande Ministro em cujo obsequio se davam demonstrações de tão profundo respeito. As tropas o saudaram com tres descargas de fuzilaria; o povo com repetidas acclamações. Precedia ao Marquez a Justiça da terra a cavallo, logo um Piquete de 20 cavallos seguia o Conservador e depois o Reitor. Vestido com pompa e apparato de que se revestem os Grandes como incentivos ao respeito, vinha o Marquez na sua berlinda, puchada a 4 cavallos. Marchava a sua Guarda em seu seguimento e finalmente fechavam o préstito todos os que haviam sahido ao seu encontro.

Chegando ao Palacio do Bispo foram recebe-lo os Doutores, Conegos e Nobres que alli o esperavam, e que descendo ao pateo, o conduziram até á entrada da segunda sala, onde parou, recebendo as ceremoniosas saudações dos que desejavam comprimenta-lo. A' noute se illuminou a Cidade, distinguindo-se os estudantes Brasileiros na vistosa illuminação que fizeram á propria custa na frente do Palacio de S. João do Bispo, em cujo remate se via representada a sciencia baqueando, mas sustentada por um braço, que sahindo de uma nuvem lhe dava a mão. No meio de tão festivas demonstrações se ouvia um concerto de primorosos instrumentos: applauso este que se repetio nas duas seguintes noutes.

No dia 23 foram todas as pessoas conspicuas pelo cargo e pela distincção congratular o Marquez na sua feliz chegada, e manifestar os sentimentos de que se achavam animadas para cooperarem na grande obra, que debaixo das suas vistas ía ter principio e as esperanças de que longos annos houvessem de prosperar as Artes e as Sciencias tendo nelle tão seguro esteio. Mostrou-se o Marquez agradecido a tão obsequiosas expressões, já de viva voz fallando a alguns dos Lentes, já desculpando-se com outros de que as suas importantes occupações, lhe não permittissem, como desejava, fallar a todos.

Na manhã do dia 24 se reunio o Corpo da Magistratura no Collegio de S. Pedro e S. Paulo, donde sahiram todos em Préstito a comprimentar o novo Reformador, que a todos acolheu com urbanidade e agrado, dizendo: « Graças a Deos, que já vejo estes Collegios cheios de meus escolhidos! »

Estava o dia 26 aprasado para um acto ainda mais solemne; e havendo-se juntado todos os Doutores na Universidade, sahiram em Préstito a buscar ao Paço da sua residencia, o Marquez que os acompanhou, vestido de Côrte, precedido pelos Musicos tocando harmoniosos instrumentos, e marchando em seu seguimento, além da sua propria Guarda, um Corpo de Infanteria.

Na grande sala da Universidade se haviam feito os preparativos, que pedia a occasião, e a pessoa em cujo obsequio era celebrado o acto. No lugar da cadeira da Universidade se havia collocado um Docel de veludo encarnado, com uma cadeira debaixo, que assentava sobre um taburno de tres degráos. Entrando na sala o Marquez, depois de dirigir a todos affavel saudação, tomou assento debaixo do Docel, e depois de seguirem seu exemplo o Reitor, Vice-Reitor, e mais Corpo Academico em seus respectivos lugares, leu o Secretario as seguintes:

Cartas Regias ao Marquez de Pombal.

« Honrado Marquez, Tenente Rei, e meu muito presado amigo. Faço saber a essa Universidade, que como Protector que sou della, sou servido reforma-la, e por isso em Meu Nome fareis tudo, concedendo-vos todos os Privilegios que são concedidos aos Vice-Reis, e ainda aquelles que Eu reservo para Mim. A mesma Universidade o tenha assim entendido, e vos preste todas as honras, que vos são devidas, pois sois do meu Real Agrado e Protecção. Palacio de Nossa Senhora de Ajuda, em 13 de Agosto de 1772.

« *Rei* »

« Para o Honrado Marquez de Pombal. Amigo: Eu El-Rei vos envio muito saudar como aquelle que Préso. Havendo-Me sido presente por Consulta da Junta da Providencia Litteraria de 28 de Agosto do anno proximo passado, e pelo Compendio Historico da Universidade de Coimbra, a total ruina em que se achavam as letras na mesma Universidade por effeito da destruição dos bons e louvaveis Estatutos antigos, e da cavilosa e sinistra Legislação com que depois delles foram regulados os Estudos publicos da mesma Universidade: Houve por bem ordenar á sobredita Junta, que, proseguindo as suas sessões, passasse a formar, (na conformidade da referida Consulta, e do Compendio que com ella subio) uma nova e depurada Legislação, a qual não só arrancasse e extirpasse as raizes de tantos defeitos, vicios, e maquinações de ignorancia artificial, quantas eram as que na antiga Legislação se continham, mas tambem que por meio das regras, e methodos uteis e luminosos segurasse para sempre, e perpetuasse na mesma Universidade em estado florecente as Artes e as Sciencias: ao que dando inteiro cumprimento a mesma Junta, tendo na Minha Real Presença os novos Estatutos para os cursos das Faculdades Theológica e Juridica, e para os das Sciencias Naturaes e Filosóficas: Fui Servido pela Carta de Roboração da mesma data desta dar-lhes authoridade e força de lei, mandando, que fossem publicados na mesma Universidade de Coimbra, para que nella e em todas as partes a que pertencer, fossem dados á sua inteira e devida execução: E porque na prática do estabelecimento dos mesmos Estatutos, e no mais concernente ás regulações e boa ordem da mesma Universidade, poderiam occorrer alguns incidentes, que não deveriam esperar pelas decisões dos recursos dirigidos á Minha Real Pessoa, sem demoras prejudiciaes ao prompto estabelecimento que requer a urgencia de uma tão util e necessaria Fundação: Confiando no zêlo, prestimo, e fidelidade com que vos empregais no Meu Real Serviço, dirigindo debaixo das Minhas Reaes Ordens o trabalho da Junta da Providencia Litteraria, animando-o com infatigavel desvelo, e guiando-o com os vossos claros conhecimentos, e com a vossa experimentada prudencia: E tendo Eu por certo, que nos casos occorrentes dareis todas as providencias que necessarias forem para os ditos importantissimos fins, removendo todos e quaesquer impedimentos, que de algum modo possam embaraçar, ou retardar a prompta, e indispensavel execução das Minhas ditas Ordens, e das mais em que vos tenho verbalmente declarado as Minhas Reaes Intenções ao dito respeito: Hei por bem ordenar-vos (como por esta vos ordeno) que, passando logo á sobredita Universidade façais nella restituir e restabelecer as Artes e as Sciencias d'entre as ruinas em que se acham sepultadas, fazendo publicar os novos Estatutos, removendo todos os impedimentos, e incidentes que occorrerem contra a prompta e fiel execução delles. A estes fins usareis não só de

todos os poderes, que foram concedidos ao vosso quinto Avó, Balthazar de Faria, Primeiro Reformador da dita Universidade, pelo Alvará da sua Commissão expedido em 11 de Outubro de 1555, que servio de norma aos outros Reformadores, e Visitadores, que depois foram mandados á mesma Universidade pelos Senhores Reis Meus Predecessores, mas tambem de todos os mais poderes que os ditos Senhores Reis costumavam reservar para si, delegando-vos os que para os ditos fins Me pertencem como Protector da mesma Universidade, e como Rei e Senhor Soberano, e concedendo-vos, (como concedo sem reserva) todos aquelles que considerardes necessarios, segundo a occorrencia dos casos, assim em beneficio do dito estabelecimento como a respeito do governo litterario e económico na mesma Universidade, e em todas as suas partes, obrando em tudo como meu Lugar Tenente, com jurisdicção privativa, exclusiva, e illimitada para todos os sobreditos effeitos. E mando ao Reitor, Lentes, Deputados, Conselheiros, Officiaes, e mais pessoas da Universidade, e a quaesquer a quem o conhecimento desta pertencer, a todos em geral, e a cada um em particular, que cumpram e guardem o que por vós lhes for ordenado aos ditos respeitos, sem dúvida alguma, porque Eu assim o Quero, Me praz, e é Minha vontade na fundação da nova Universidade, que estabeleço, derogando como já Tenho derogado na sobredita Carta de Roboração tudo o que até agora se poderia considerar em contrario. E para constar a todo o tempo Ordeno, que esta se registe na sobredita Universidade no lugar a quē tocar entre os Livros que de novo se devem estabelecer para nelles se registar esta, e as mais resoluções que Eu daqui em diante lhes mandar expedir. Escripta no Palacio de Nossa Senhora de Ajuda, em 28 de Agosto de 1772. = *Rubrica de Sua Magestade.* = Para o Honrado Marquez Visitador. »

Concluida a leitura do Regio Diploma se cobrio o Marquez com o chapeo de plumas, mandando ao mesmo tempo cobrir todo o Corpo Academico, assim como os Condes da Ponte e Sam-Paio, que estavam sentados nos Doutoraes, entre o Reitor e Vice-Reitor. Erguendo-se então o Reitor dirigio ao Marquez um appropriado e eloquente discurso em nome da Universidade, depois do que se levantaram todos, e conduziram o Marquez em préstito para a Capella, onde foi recebido debaixo do Pallio, em cujas varas pegaram os Lentes mais antigos, e alli com religiosa pompa, e com escolhida musica instrumental, se entoou o *Te Deum Laudamus*, em acção de Graças ao Supremo Author da Sabedoria. Depois deste Religioso acto foi o Marquez acompanhado por todo o Corpo Academico até o seu Palacio; as ruas por onde transitou se achavam guarnecidas de damasco, e á noute resplandeceu em toda a Cidade vistosa illuminação.

Na tarde do dia 29, com a mesma apparatosa formalidade com que fôra recebido no primeiro dia, entregou o Marquez ao Reitor o Livro Original manuscripto dos Estatutos, em um saco de veludo, para se guardar no Cartorio da mesma Universidade. No dia 30, reunido todo o Corpo Academico na Sala Grande, se deu posse aos Lentes das respectivas Cadeiras na presença do Marquez que assistio na Tribuna com grande numero de pessoas distinctas O juramento que os mesmos Lentes já haviam prestado ao Marquez em seu Palacio, o renovaram mais solemnemente, no 1.° de Outubro nas proprias mãos do mesmo na Capella Real, onde se cantou Missa solemne ao Espirito Santo, e na mesma tarde se recitou uma eloquente Oração *De aperiendis Studiis.* No dia seguinte se abrio com a devida formalidade o curso de Theologia; e no dia 3 se occupou o Marquez de Pombal em delinear varias obras na Universidade, como foram, a nova Capella, e a ante sala para a Livraria. Depois de se haver aberto com a solemnidade costumada, o curso de Direito Canonico no dia 6, e no dia 7 o de Direito Civil, passou o Marquez de Pombal no dia immediato a vêr todo o Collegio da Companhia, determinando que nos dormitorios da parte da Couraça se construisse o novo Hospital para os Medicos, dando aos Conegos a Igreja e alguns edificios que lhe ficavam adjacentes, a fim de transferirem para alli a Sé Aproveitando o tempo que lhe permittiam suas graves occupações, foi o Marquez depois vêr o Castello com intento de alli estabelecer o Observatorio Astronómico, passando na tarde do mesmo dia á Quinta de Santa Cruz, onde estabeleceu o Jardim Botanico.

Na manhã do dia 9, reunido o Corpo Academico, deu o mesmo Marquez o Gráu de Doutor a tres Lentes novos de Medicina, tres de Mathematica, e dous de Phylosophia, que logo tomaram posse das suas respectivas Cadeiras. Nessa occasião se determinou, que houvesse um Préstito annual no dia do Patrocinio de S. José, por El-Rei, Restaurador da Universidade, com Missa e Sermão na Capella Real da mesma: de tarde se fez a solemne abertura do curso de Medicina, e na manhã do dia 12, depois de haver o Marquez dado o Gráu de Doutor a um Lente de Anatomía etc. se abrio o curso de Mathematica.

Executando assim os planos que concebêra para a grande Reforma com que pertendia assignalar o tempo da sua Administração, que por tantas outras e utilissimas emprezas já era famosa, deu o Marquez de Pombal uma direcção totalmente nova aos estudos, imprimindo-lhes caracter tão profundo que exerceu a mais decisiva influencia nos destinos da primeira corporação scientifica do Reino.

Para bem se avaliarem as importantes consequencias que provieram de tão ampla reforma cumpre notar, que antes desta época memoravel só se ensinavam em Coimbra a Theologia, a Jurisprudencia Canonica e Civil, e a Medicina: a estas Faculdades reunio o Marquez as de Mathematica e Phylosophia, indispensaveis para os progressos e aperfeiçoamento dos conhecimentos humanos. Regulou segundo o adiantamento das sciencias nos modernos tempos, as bases do ensino das antigas Faculdades, reformou o Real Collegio das Artes, e instituio magnificas escolas, e Gabinetes de Historia Natural, Physica e Chymica; edificios que se construiram com tão apurado gosto, que fazem honra ao Grande Ministro que os mandou erguer, e ao Architecto que executou tão magestosa obra: além do Observatorio temporario mandou o Marquez edificar outro permanente.

No entanto inutil sería tão grande Reforma, e necessariamente haviam de ficar incompletos os resultados que della se antecipavam, se a par do aperfeiçoamento dos estudos não caminhasse a observancia de rigorosa disciplina. Tratou pois o Marquez de corrigir severamente o desleixo que se notava em muitos Estudantes, que apenas se matriculavam na Universidade; mas cuja presença se dispensava com grave prejuizo e descredito das letras. Era depois de um curso tão incompleto e defeituoso, que muitos, passado certo tempo, conseguiam ser admittidos aos Gráus Academicos. Isto dizemos com a devida restricção; pois não é nosso intento attribuir a todos uma negligencia que só era parcial; antes é um dever nosso fazer justiça áquelles que nas respectivas carreiras que seguiam se faziam conspicuos pelos talentos, e pela assidua applicação com que os cultivavam.

Fez, por tanto, o Marquez reviver as antigas Leis, que achou boas; pois o Reformador judicioso não entende que para melhorar seja preciso destruir; abate alguns ramos da arvore e não arranca pela raiz; promulgou novas Leis, seguindo o exemplo que lhe offereciam as primeiras Universidades de Inglaterra, França e Alemanha; regulou o tempo que cada Estudante seria obrigado a residir na Universidade: sem esta indispensavel residencia não podia ser admittido aos seus Gráus, nem a estes sem preceder exame publico: nomeou, como temos visto, Professores na maior parte das Sciencias, escolhendo os que se faziam dignos de preferencia pelo seu merecimento; finalmente pela instituição das duas novas Faculdades de Phylosophia e Mathematica rematou a grande missão de que o encarregára o Soberano, e satisfeito com o exito de seus esforços, e esperando que a seu devido tempo se colheria de tão cabal reforma o sazonado fructo, tratou de regressar á Côrte; a fim de dar conta ao Monarcha do desempenho das Regias Instrucções que lhe déra.

Antes da sua partida, na presença de todo o Corpo Academico, reunido na Sala da Universidade no dia 22 de Outubro, orou do seguinte modo:

« A Benignidade e Magnanimidade de El-Rei, meu Senhor, nunca se manifestaram mais poderosamente do que quando se serviram de um instrumento tão debil como eu para consumarem a magnifica obra desta Illustre Universidade. Ella tinha feito, já ha mais de 22 annos, um dos primeiros dous grandes e contínuos objectos daquella Paternal e Augusta Providencia com que foi necessario profligar e debellar com

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

[illegible] Salla da Universidade de Coimbra, onde se acha reunido o Corpo Academico, e os Condes da Ponte e Sam [illegible] Estadista sobresahe no quadro. Está sentado debaixo do docel, e perto do taburno o Secretario que lê o Diploma Re[illegible] que conferindo ao Marquez de Pombal os mais amplos poderes em tudo que fosse relativo [illegible] da Universidade

as forças do seu potente braço tantos monstros domesticos, e tantos inimigos estranhos antes de poder chegar á metade da sua gloriosissima carreira. »

« E ella constituirá agora um dos mais dignos motivos com que no Regio espirito de Sua Magestade se ha de fazer completa a satisfação que tem dos seus fieis vassallos; vendo authenticamente justificado pelas contas da minha honrosa Commissão, que neste louvavel Corpo Academico se haviam já principiado a fundar os bons e depurados estudos desde a promulgação das sacro-santas leis que dissiparam as trevas com que os inimigos da luz tinham insuperavelmente coberto os felizes engenhos Portuguezes. »

« Este fiel testemunho de que em Coimbra achei muito que louvar, e nada que advertir, será na altamente de Sua Magestade uma segurá caução das bem fundadas esperanças que ha de conceber dos progressos litterarios de uns dignos Academicos, que de tal fórma preveniram as novas leis dos Estatutos com fervor e aproveitamento dos seus bem logrados estudos, depois de se acharem soccorridos desde a eminencia do Throno com as sabias direcções, e com os regulares methodos, que em Portugal jaziam sepultados debaixo das ruinas de dous seculos de funestissimos estragos. »

« No meu particular tenho por certo, que os successos hão de corresponder em tudo á expectação Regia. E esta plausivel certeza é que só me póde suavisar de algum modo o justo sentimento com que a urgencia das minhas obrigações na Côrte, faz indispensavel que eu me despeça desta Preclara Academia, augurando-lhe felicidades iguaes aos consumados adiantamentos litterarios com que tenho previsto que ha de resuscitar em toda a sua anterior integridade e esplendor da Igreja Lusitana a gloria da Corôa de El-Rei meu Senhor, e a fama dos mais assignalados Varões que com as suas memorias honraram os Fastos Portuguezes. »

« Com estes faustissimos fins deu o dito Senhor á Universidade quem até ao presente a governou como Reitor com tão feliz successo, e que do dia da minha partida em diante a ha de dirigir como Reformador: Confiando justamente das suas bem cultivadas letras, e das suas exemplares virtudes, que não só conservará com a sua perspicaz attenção a exacta observancia dos sabios Estatutos de cuja execução fica encarregado; mas tambem que ao mesmo tempo a ha-de edificar com a sua costumada prudencia, e ha-de animar com as suas fructuosas applicações a tudo o que fôr do maior adiantamento, e da maior honra de todas as Faculdades Academicas!! »

Tendo-se assim expressado o Marquez, despedio-se da Universidade, e depois de receber de todos não vulgares demonstrações de estima e veneração, se pôz a caminho para a Côrte, onde não tardou em pôr na Augusta Presença do Soberano tudo quanto acabava de executar em beneficio do berço da illustração Portugueza. Foi acolhido com distincto apreço por El-Rei, que se dignou dirigir-lhe a seguinte:

Carta Regia.

« Honrado Marquez de Pombal, do Meu Conselho d'Estado, e Meu Lugar Tenente na Fundação da Universidade de Coimbra. Amigo: Eu El-Rei vos envio muito saudar, como aquelle que Préso. Tendo visto, assim pelas contas que enviastes, á Minha Real Presença desde Coimbra, como pelas que depois da vossa restituição a esta Côrte me tendes feito verbalmente presentes, o zêlo, fidelidade e acerto com que déstes á execução as Minhas Reaes Ordens para a Fundação e estabelecimento da Universidade, usando com modestia e exemplar circumspecção das amplas faculdades e poderes plenos, com que Houve por bem authorisar a vossa pessoa pelas Cartas de 28 de Agosto, e 11 de Outubro deste presente anno, e dando em tudo plena satisfação á justa confiança que de vós fiz para vos encarregar uma tão grande, e tão importante empreza, como era e é a da dita Fundação: E tendo outrosim visto, que segundo o estado das cousas para o progresso e complemento da mesma Fundação hão de ser ainda necessarias muitas e successivas providencias, que até farão indispensavel, que volteis á dita Universidade: Sou Servido prorogar-vos as faculdades e plenos poderes, que por Mim vos foram concedidos nas ditas Cartas Regias de 28 de Agosto, e 11 de Outubro, para que em quanto Eu não houver por bem, que volteis á dita Universidade, por vós, como Meu Lugar Tenente, corra o expediente dos Negocios della, assim e da mesma sorte, que tem até agora corrido, em virtude das ditas Cartas, e no tempo da vossa assistencia na mesma Universidade, sem outra differença que não seja a de Me fazerdes presentes os casos occorrentes em consultas verbaes, e de expedirdes as providencias, na conformidade das Resoluções tambem verbaes, que sobre ellas Fôr servido tomar, como estais praticando com os da Mordomia Mór, que exercitais. Escripta no Palacio de Nossa Senhora de Ajuda, em 6 de Novembro de 1772.

» *Rei.* «

« *Para o Honrado Marquez de Pombal.* »

Durante a sua longa Administração, continuou este Grande Ministro pela protecção que deu ás letras a merecer a confiança que nelle depositára o Soberano, promovendo com o seu costumado zêlo o adiantamento das Artes e das Sciencias, a cuja gloria associou o seu nome. A tão sabio Ministro é devido o scientifico engrandecimento da Universidade, que desde então sempre tem sido o objecto da benefica sollicitude dos Soberanos de Portugal, que tão subido conceito merece entre as da Europa, e que a tenacidade e ignorancia não tem conseguido deturpar.

Assim subio a Universidade de Coimbra áquelle gráu de elevação, que, pelo numero das Faculdades que nella se ensinam, pela sciencia dos Professores, e applicação e grande concorrencia dos Estudantes que a frequentam, a constitue digna de occupar um lugar distincto entre as Corporações Scientificas e Litterarias. Do seu seio tem sahido Varões preclaros em todas as Sciencias: seus nomes honram a Universidade onde as cultivaram, e a Nação que illustraram com seus talentos, e seus escriptos.

A memoravel administração do Marquez de Pombal formará, pois, uma época para sempre illustre nos annaes da Nação Portugueza. Se Athenas, assombrando o mundo com os progressos que a fizeram insigne entre os povos da antiguidade, marcou com o nome de Pericles o seculo em que alcançou tanta fama; e honra igual, e com igual direito, recebeu Augusto na antiga Roma, e Leão X na moderna; se Luiz XIV, digno émulo de Cesar, imprimio no seculo um cunho de grandeza, que será perpetuamente lembrado pelos amantes das Sciencias e das Artes; se o Governo da Rainha Anna foi célebre na Grã-Bretanha pela multidão de sabios e guerreiros que tanto o distinguiram, e immortalisaram a época em que viveu; se tem sempre existido perenne na memoria de gerações inteiras, administrações paternaes e luminosas; o Reinado de El-Rei D. José tambem será para sempre insigne nos Fastos de Portugal pelo grande numero de homens doutos, cujos nomes, e cujos escriptos vivem na lembrança de todos. De tão importantes resultados é preclara origem o Grande Ministro, que julgou incompleto seu renome, em quanto não se distinguiu na qualidade de Protector das Artes e das Sciencias: — brioso empenho este, que o constitue credor de não vulgar panegyrico, e que, por certo, merecia, que lho tecesse mais culta penna. Seu nobre desvelo a bem da Instrucção publica neste Reino, existirá indelevel nos Fastos da Universidade, viverá na lembrança dos sabios, e se tornará digno de applauso na posteridade. — Oxalá que seus futuros successores protegendo da mesma sórte a solida instrucção publica possam dizer com verdade, que foram imitadores do seu exemplo!

Na Imprensa Nacional. 1838.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

INAUGURAÇÃO

DA

ESTATUA EQUESTRE

D'EL-REI O SENHOR

DOM JOSÉ I.

DEBAIXO DA DIRECÇÃO

DO

MARQUEZ DE POMBAL.

(ESTA MEMORIA FINALISA A OBRA).

Memorar os grandes feitos daquelles homens celebres, que são os salvadores das Nações, é de certo empreza, posto que de inquestionavel transcendencia da maior utilidade, e serviço mui relevante fazem os escritores, que transmittindo á posteridade as façanhas de renome desses Varões egregios, offerecem nellas um nobre incentivo que desenvolve o genio de outros cidadãos, e os estimúla a grangearem fama não menos gloriosa imitando actos tão sublimes de heroicidade.

Como portuguezes, e dando o peso a esta fortissima razão; como homens que tomamos a peito o aperfeiçoamento moral dos povos, e desejando levantar um padrão indestructivel ao nosso bom nome, que apesar de haver sido deprimido, sempre triumphou da protervia e malevolencia de seus adversarios, nos abalançámos a traçar e pôr por obra a empreza de celebrar os actos mais salientes da Administração paternal, e illustrada de um dos mais famigerados Estadistas que ennobrecem os fastos das Nações.

E de facto seria muito para lastimar, e até desairoso ao nome portuguez, que havendo os nossos descobrimentos e conquistas, os nossos eximios escritores e inclitos guerreiros, desafiado a inveja de emulos inconsequentes e ineptos, não houvesse um só brado soltado em prol da patria, uma defeza cabal do que tanto lhe é sublime e proveitoso!

Eis o fito que nos induziu a conceber e realisar a empreza de publicar — *Os Factos Memoraveis relativos á Administração do Marquez de Pombal,* — completando a collecção esta Memoria.

Não é uma historia chronologica desse periodo extraordinario que quizemos escrever: outro foi nosso plano. Sem nos entregarmos á sua analyse methodica e deduzida, escolhemos aquelles successos que maior influencia exerceram nos destinos nacionaes, e que até a dilataram entre estranhos, acompanhando cada um dos escritos de raciocinios phylosophicos.

Todo o homem erudito, e bom hermeneutico conhece a fundo os embaraços com que tem de luctar o individuo que mette hombros a similhante projecto. Verdade é que remota a época dos successos podemos dignamente desempenhar as obrigações de author; por quanto nos achamos fóra do alcance da preponderancia governativa daquelles que, com despotica deliberação, pretendem sujeitar as vontades a seus caprichos, e a penna do escritor á tyrannia de seu alvedrio para sanctificar seus attentados. Comtudo, inconvenientes de grande monta quazi inutilisam estas vantagens. Tanto mais distantes são os successos tanto maior esmero deve haver em os expôr, e particularisar com imparcialidade e criterio, e os presentes, que tem podido consultar documentos, e recolher dados, acham-se habilitados a discernir o verdadeiro do falso, e offerecer os objectos em seu verdadeiro ponto de vista; além de que, o tempo decorrido, as noticias impressas, e os esclarecimentos individuaes, formam um concurso de circumstancias qual dellas mais poderosa para fazer devidamente julgar do merito da exposição, e dos raciocinios.

Tendo sempre a mira em tamanha empreza, e não nos affastando das ballizas marcadas por um sem numero de considerações qual dellas mais terminante, levamos ao cabo com a presente Memoria a obra — *Factos Memoraveis relativos á Administração do Marquez de Pombal* — lisongeando-nos de haver cumprido nossas promessas, e satisfeito para com a Nação o que annunciamos.

O successo que nesta ultima é memorado celebra a Inauguração do Monumento que por seu objecto, e pelo primor de seu plano e execução constitue materia fecunda em encomios, tanto de nacionaes como de estrangeiros.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

O Escultor Joaquim Machado de Castro apresenta ao Marquez de Pombal o modelo da Estatua Equestre merece os elogios de tão distincto Ministro, e a sua obra a approvação do Soberano. Encarregado o Artista de executar o famoso Monumento, em cinco mezes o completa em Lisboa fundida de um só jacto pelo celebre Bartholomeu da Costa. Nem um só Artista estrangeiro concorreo para que, [illegible]

Quanto elucide ácerca de um facto que não ficou circumscripto a este paiz, será decerto bem acceito por todas as pessoas que apreciam o progresso das Bellas-Artes; e muito mais tendo por alvo assumpto de tal consideração (*).

Lisboa reedificada depois da assombrosa catástrophe que ameaçou de subverter a Monarchia, e acabar em poucas horas com a obra de bastantes seculos; um regimen luminoso, que não só applicou balsamo salutar a estas feridas, mas tambem fez surgir a prosperidade e a ordem do seio da penuria e do transtorno; obra tão grandiosa de estupenda e regeneradora politica, merecia um testimunho solemne de gratidão nacional, e foi esse sentimento que deu origem ao plano e Inauguração da Estatua Equestre do Grande Rei o Senhor D. José I, com justa razão denominado Pai da Patria e Augusto Restaurador da Metrópole, e de cuja gloria é inseparavel a do seu Primeiro Ministro, Marquez de Pombal.

E' sem dúvida incontroverso que a maior e mais solida vantagem que resulta aos povos de um Governo sabio e previdente, serve de Monumento o mais perduravel aos genios beneficos que regulam seus destinos. Os immensos bens que a Nação Portugueza derivou de um systema governativo tão bem calculado, e posto em prática com sabedoria e firmeza, serviria de insigne Monumento para firmar a gloria de quem tanto havia obrado; porém os portuguezes, naturalmente gratos a taes beneficios, não se limitaram a estereis demonstrações de regosijo, e quizeram altamente manifestar os sentimentos de gratidão que os animavam, erguendo um magestoso padrão, que não sómente fôsse digno de tão excelso Principe e seu famoso Ministro, mas que tambem patenteasse os energicos testimunhos de agradecimento de um povo eminentemente patriotico, e sobranceiro ás maiores façanhas.

Feliz o Principe que tanto é capaz de levar a effeito! Venturosos os subditos que são merecedores de tamanhos desvelos!

Dois genios raros foram os designados para realisar tamanha obra: Joaquim Machado de Castro, o Estatuario, e Bartholomeu da Costa, incumbido da parte Fusoria, tendo por collaboradores pessoas intelligentes, e estimulados pelos mais louvaveis desejos de sobresahir, sendo o anniversario d'El-Rei o Senhor D. José I (1775) consagrado para a elevação desse soberbo e magnifico Monumento, collocado na Praça do Commercio no meio de applausos geraes, e não interrompidos *vivas* de innumeraveis espectadores que manifestavam o seu regosijo por quantos meios os habilitavam a patentea lo, reinando em tão grande multidão a mais completa conformidade de sentimentos entre gentes de differentes classes e condições (**).

Esta grandiosa Estatua tem excitado os gabos, não dizemos só dos nacionaes, mas tambem dos estrangeiros; e mui graves escritores, apesar de impellidos pelo desejo de nos deprimirem, não podem privar-nos do tributo que delles reclamam nossos fastos historicos.

Se pretendessemos enumerar quantos se offereceram como campiões da gloria portugueza, fôra tarefa, além de tediosa, de difficil execução, e omittindo abundante catalogo de authores esclarecidos, que são justos para comnosco, bastará citar, entre aquelles de melhor nota, e que mais famigerados se tornaram por sua imparcialidade, e por todos os predicados que formam o verdadeiro homem de letras, o celebre Murphy, nas suas viagens de Portugal.

E' certamente este Monumento um dos mais notaveis por sua grandeza e magnificencia, e ainda relativamente ao conhecimento da arte, tanto os professores em escultura como os curiosos neste genero encontram nelle a parte mais essencial e difficil, o objecto de louvores, que constitue a perfeição; isto é, a illusão do movimento. Em similhante obra muito ha a ponderar, e sem que nos taxem de parciaes, nem o amor da patria nos cegue e fascine, faremos avultar as circumstancias que mais o merecem.

Foi em 21 de Março de 1771, que o eximio Estatuario recebeu ordem do Marquez de Pombal de apresentar no Paço os modêlos e desenhos, e depois de serem vistos e examinados pelo Ministro, e apresentados a El-Rei, este se dignou approva-los, ordenando difinitiva e terminantemente ao Escultor em 22 do mesmo mez e anno, que fizesse o modêlo em grande.

Além de quanto fica exposto, e que exalta plano tão sublime, outra particularidade não menos transcendente realçou seu merito; o pouco tempo em que foi traçado e posto em execução; pois tendo-lhe dado prin-

---

(*) Coordenando estas Memorias compilámos documentos tanto impressos (nacionaes e estrangeiros) como manuscritos, para estabelecer um juizo seguro ácerca de acontecimentos assás controvertidos, e que cumpre expôr e desenvolver com a necessaria miudeza, analyse e imparcialidade. Nesta ultima de grande soccorro nos serviu a — Descripção analytica da execução da Estatua Equestre, etc. — escripta pelo mesmo Joaquim Machado de Castro. Edição de Lisboa: 1810.

(**) Por ser materia mui intima com o objecto pendente dar a explicação da Estatua, e suas allegorias, offerecemos em esboço a seguinte descripção. Escolheu o artista o manejo do cavallo a *Piaffer* (quando não avança terreno, mas não pára) por ser o mais brioso, mostrar mais fogo, e adaptado á Magestade do assumpto, symbolisando, por esta bem imaginada Allegoria, os Estados ou Reino do Heroe, e que o Senhor D. José I sem sahir delle, nem mandar os seus vassallos a novas conquistas os pôz em continuo movimento util e brioso, nas muitas reformas que fez em beneficio publico, nas Sciencias, nas Artes, na Milicia, no Commercio, etc.; e como isto não se consegue sem vencer muitos e grandes obstaculos e difficuldades, estas se representam no silvado espargido pelo montuoso terreno que o bruto calca, ao qual é muito mais proprio aquelle e qualquer outro arbusto do que seria uma lagem; assim como as cobras que alludem aos abusos que o Soberano pizou para restabelecer a sua Metrópole, não só no material, mas até mesmo no civil e politico em todo o Estado.

Relativamente ao cavalleiro, foi intenção do Escultor vesti-lo á Romana por ser mais magestoso esse trage; porém contrariado neste seu designio, o revestiu com o Manto da Ordem de Christo, por ser roupagem grandiosa, e em quanto a faltarem luvas ao Heroe, allega o Artista que mui de proposito o fizera, pois embuçado em ferro dos pés até á cabeça, em nenhuma parte mostrava-o nu; principal belleza nas Artes da Escultura e Pintura.

O desenho do Baixo-relevo, representa em sua invenção poetica a *Generosidade Regia* com que o Soberano acudiu ao seu povo na occasião do Terremoto, imaginada a scena em uma especie de Peristyllo, em que se visse o Throno, e aquella virtude personalisada em uma Real Donzella sobre o mesmo sólio. A Corôa daquella figura designa a maior preeminencia, e a seu lado está um Leão que a symbolisa. Lisboa cahida como em deliquio se distingue por um escudo com as Armas da Cidade. *O Governo da Republica* mostra cooperar em acudir-lhe; porém como não póde sem authoridade superior á sua, *o amor da virtude* o conduz á presença da *Generosidade Regia* que benigna e promptamente lhe facilita os meios, dando-lhe nos cofres do Commercio o recurso para as despezas, e na *Providencia Humana* e *Architectura* as direcções para o seu bom exito. A Cidade é personalisada em uma veneravel Matrona, adornada com vestes magnificas e com o referido escudo; o *Governo da Republica* em um Varão vestido de couraça armado com capacete e lança, e além disto um ramo de oliveira; e o *amor da virtude* em um Menino alado, coroado de louro e uma estrella, tendo na mão esquerda tres corôas do mesmo louro, e com a direita pegando, como conductor, pelo braço ao *Governo da Republica. O Commercio* é representado em um Varão vestido ao antigo uso dos portuguezes, abrindo um cofre, e offerecendo as riquezas, que nelle se patenteam, a *Generosidade Regia*; e junto a si tem uma cegonha e duas mós, que são seus symbolos, e a *Providencia Humana* e a *Architectura* se personalisam com duas Matronas; a primeira coroada de espigas de trigo com um leme e duas chaves na mão esquerda, e a segunda com um papel em que se vê a planta da nova reedificação, dintinguindo-se-lhe tambem na mão direita um esquadro e um compasso que são os seus distinctivos.

cipio em 7 de Abril daquelle anno, exigindo-se-lhe que o désse por acabado com toda a rapidez e brevidade, o verificou em pouco mais de cinco mezes, o que basta, combinado com o que se empregou em obras de menos valia, a evidenciar os extraordinarios talentos dos famosos artistas della encarregados; e se de muitos exemplos que poderamos escolher para firmar nossa asserção, algum mais saliente nos decidimos a apontar, limitamo-nos a citar de passagem o acontecido com a Estatua de Luiz XV em París, que principiada em 1748 finalisaram o modêlo em 1756, decorrendo oito annos; como tambem o facto de haver Mr. Sally empregado mais de 5 annos na execução da Estatua Equestre de Frederico V, Rei de Dinamarca, differença extraordinaria, se considerarmos que ao artista portuguez em tão pequeno espaço de tempo, foi exigido não só que apresentasse os primeiros modêlos dos grupos e estatua em cera, e depois em barro, como tambem que completasse dentro delle obra tão maravilhosa.

Duas Estatuas foram feitas de Luiz XIV, uma Pedestre, e outra Equestre de um só jacto; comtudo, em quanto á primeira é claro que a fundição nesse genero não é tão difficil. Representava aquelle Soberano e a Victoria com outras peças mais que tudo fazia um grupo formidavel de 13 pez de altura. A nossa Estatua tem a mesma até á mais elevada extremidade que a do Monarcha francez.

O Projecto da nossa Estatua tinha sido concebido desde a época memoravel do Terremoto de 1755, de cujos desastres resultaram pela mudança de Administração portentosas vantagens, de tal modo que daquelle espantoso phenomeno colheu Portugal innumeraveis bens.

Data este disignio do tempo em que se principiou a reedificação da Cidade, e ao Architecto civil e militar, o Capitão Eugenio dos Santos, foi commettido; mas delle, porque não foi levado a effeito, só nos restam os desenhos da Estatua e seu Pedestal com os dous grupos de figuras que o adornam, e que presumimos ainda se conservam na *Casa* chamada *do Risco.*

Correu o tempo, e avivou-se a idéa de realisar um plano a que estava ligada a gloria da Nação, e copiados os desenhos com a maior exacção, se titaram os contornos em papel applicado sobre os mesmos originaes, e em cima de um vidro á luz

Desgraçadamente o espirito de intriga e patronato que sempre se mette de permeio nas emprezas mais uteis, e que arranca ao verdadeiro merecimento não só os justos louvores, mas tambem a recompensa de uteis fadigas, esteve a ponto de supplantar o homem benemerito, fazendo triumphar a impostura, e ignorancia apadrinhada e protegida pelo alto valimento de conspicuas personagens; por quanto dous estrangeiros, (um dos quaes abandonou o campo, e foi excluido da concorrencia) se apresentaram, ainda que sem os predicados necessarios para desempenhar tal assumpto, sendo o que fôra mais tenaz por confiar na protecção, o que conseguíra ser delle encarregado, e só uma casualidade fez com que o habilissimo Escultor Machado fôsse o outro competidor e por fim o escolhido, não obstante os manejos e intrigas do Maltez seu adversario. Tribute-se honra ao Soberano que sabe desfazer os ardis e traças inventadas para desanimar os benemeritos! Exaltem-se os talentos que sem um vivificante auxilio definham e morrem!

E' por conseguinte ao animo verdadeiramente Real do Senhor Rei D. José I, e aos conselhos do seu primeiro Ministro que foi devido este triumpho, e d'onde dimanou a eleição feita na pessoa de Machado, preferido ao seu contendor; preferencia esta conferida a um homem que tão dignamente desempenhou o assumpto, e que dado ás Musas tambem o cantou (*), celebrando o magestoso simulacro digno do Soberano Prototypo que representa.

Quando o celebre Bouchardon finalisou o modêlo da Estatua de Luiz XV, foi nomeado o mais perfeito modelador de París para lhe tirar a fôrma, nem foi Mr. Gor, seu Fundidor, o encarregado desta operação. O contrario aconteceu em Lisboa, onde os raros talentos do nosso Bartholomeu da Costa preencheram ambos os fins.

Houve quem aconselhasse que de Carrara, em Italia, fôssem trazidos a este Reino os marmores para o Monumento, allegando como razão ponderosa que são mui famosos, e os mais proprios para serem empregados em objecto tal; porém o illustrado espirito nacional que ennobrecia o Soberano e seu Ministro, e o patriotismo que presidia ás deliberações de seus conselhos rejeitaram como indecorosa similhante proposta, e salvaram os portuguezes de tamanho dezar, e das merecidas censuras que lhes fariam seus emulos.

Determinados a que a obra fôsse exclusivamente portugueza, como tantas e tão fórtes razões altamente reclamavam, e sabendo que Portugal possuia excellentes marmores de Leoz Perpinheiro, que a nenhuns outros cediam em perfeição, o Escultor Machado, e o Fundidor Bartholomeu da Costa (homens celebres que só apparecem de seculos a seculos, que o sólo patrio viu nascer, e que nada deveram aos estrangeiros, porque até nunca sahiram de Portugal) não consentiram que a materia de que a formassem fôsse estranha, nem que Artistas estrangeiros pozessem mão nella ou em seus accessorios.

Foi o mesmo Escultor Machado encarregado da invenção e composição do Painel esculpido em Baixo-relevo no reverso do Pedestal, e obrigado a da lo prompto em tempo marcado, e por ordem superior, para que a Inauguração tivesse effeito no anniversario do Soberano.

Em 15 de Outubro de 1774 viu Portugal pela primeira vez fundir-se uma Estatua Equestre colossal de um só jacto, sahindo da fundição a mais completa que se podia desejar, muito limpa, muito exacta, e especialmente sem fenda alguma. Foram deitados no forno 656 quintaes e meio de bronze, e tirados os gitos, e todos os sobejos, depois de pesados se verificou terem ficado na Estatua 500 quintaes: a armação de ferro, que ficou interna pesou 100, e por este cálculo conclue-se que o seu peso total entre ferro e bronze é de 600 quintaes

Além da intelligencia e precauções com que desde principio devem ser dirigidos tão difficeis trabalhos, cumpre que o chefe que preside á fundição seja dotado de animo resoluto e presença de espirito para soccorrer prompto a quaesquer repentinas contrariedades que se offereçam, e que não é raro sobrevirem. O temeroso e repentino obstaculo de que Mr. Gor se viu acommettido na fundição da Estatua Equestre de Luiz XV lhe deu uma assignalada victoria, como se lê na — *Description des travaux, etc.*, pag. 109; porém o fundidor portuguez nos dous que venceu de diversa natureza, e ambos de igual perigo, obteve em realce ao francez duplicado triumpho, de maneira que mesmo abstrahindo de que os bons Escultores carecem de maior somma de conhecimentos, e estudos methodicos do que quem cultiva a Fusoria, sustentaremos que se Machado teve maior trabalho, tambem grangeou maior gloria na formação do Monumento, cabendo ao encarregado de a fundir quasi tanta honra como ao Estatuario.

(*) Em uma excellente ode.

[illegible] modello da Estatua Equestre, merece os elogios de [illegible]
[illegible] sua obra a approvação do Soberano. Encarregado o Artista de executar o famoso Monumento em cinco mezes o completou [illegible]
[illegible] fundida de um só jacto pelo célebre Bartholomeu da Costa. Nem um só Artista estrangeiro concorreo para que [illegible]

No seu transporte, em que se empregaram tres dias e meio (sendo igual o espaço de tempo gasto com a de Luiz XV, conduzida de não maior distancia (*) houve circumstancias mui dignas de attenção.

Em 15 de Maio de 1775 foi El-Rei, sua Augusta Esposa, e toda a Côrte vêr a obra de todo acabada, e no dia seguinte foi facultada a entrada a pessoas das diversas ordens do Estado, sendo grande a multidão, e o enthusiasmo manifestado por motivo de tamanho jubilo, continuando sempre o mesmo concurso até o dia 20 em que se suspendeu da cova onde foi fundida e retocada, sahindo no immediato da casa da fundição, e posta no carro de transporte, e em 22 principiando a marcha para a praça onde havia de ser collocada.

Esta apparatosa conducção, por ser feita por mãos de homens, ainda de maior lustre foi revestida, porque logo ao sahir, não obstante pegarem nos cordões muitos trabalhadores asseadamente vestidos, toda a corporação da casa dos *vinte e quatro* precedidos do seu Juiz do Povo tambem pegou nelles, assim como as pessoas mais condecoradas da corporação das Obras Publicas precedidas pelo Conselheiro Fiscal da mesma Repartição Joaquim Ignacio da Cruz Sobral. Finalmente no dia 6 de Junho proximo teve logar a Inauguração, magnifica e solemne festividade nacional, ácerca da qual daremos em epilogo a relação acompanhada de algumas reflexões.

Parece que todas as classes concorreram a torna-la esplendida, tanto pela concorrencia como pela riqueza de equipagens, trages, bailes, e assembléas, causando pasmo que em toda a povoação de uma das mais populosas capitaes da Europa, reinasse tão completa harmonia entre individuos de varias condições e costumes que mais se assemelhavam a membros de uma mesma familia, do que a pessoas separadas pelo tracto e pelos habitos. Não se contentaram a corporação da casa dos *vinte e quatro*, e o Juiz do Povo com a prova não equivoca que haviam dado da sua fidelidade ao Soberano e do prazer que os animava. Na collocação da Estatua distribuiram dinheiro aos soldados, e pipas de vinho e carradas de comestiveis aos trabalhadores, tendo nos dias das festas da Inauguração, e nas casas em que se fazem suas sessões, assembléa publica, e mezas abundantes e delicadas, fazendo extraordinarias despezas em ornamentos de casas, comidas e serviço de prata, e pondo espontaneamente aos olhos do publico, e á sua propria custa, sete carros triumphantes allegoricos tão bem imaginados e dispostos como despendiosos; competindo tambem o Senado da Camara com a mesma corporação pelo luxo e profusão observado por este motivo em suas custosas assembléas, em salão rico e amplo, primorosamente guarnecido, dando uma cêa magnifica em outro salão soberbo e decorado com gosto e extraordinario custo, sendo a mesa servida com grande exactidão e delicadeza de pratos para quatrocentas pessoas com copiosissima baixella nacional, sem entrar nella uma só peça estrangeira.

Não foi menos solicita a Junta do Commercio em patentear o seu regosijo, mandando ornar preciosamente o seu edificio, offerecendo em suas salas, como objecto digno de admiração, outra abundante baixella de prata, e mandando illumina las com grande numero de castiçaes e serpentinas do mesmo precioso metal; não sendo inferior tão grande riqueza nos bailes que deram os outros Tribunaes, em todas as casas de Negociantes portuguezes, e até nas dos habitantes das ruas da passagem.

Nas pessoas de ambos os sexos apparecia o mesmo explendor nos ornatos e vestidos desde as da primeira nobreza até as da ultima plebe conforme suas condições, e sem que a riqueza excluisse o bom gosto; e em todas as varandas e janellas das mais qualificadas abundavam custosissimas gallas, e importantissimos diamantes e pedras preciosas, que muito mais fulguravam pelas brilhantes, e bem delineadas illuminações, e em quanto ao numero de carruagens novas e de bom gosto era tão extraordinario, que as ruas da Cidade sendo tão amplas não poderam conter em si, fazendo-se preciso manda-las accommodar em distancias remotas.

Convencidos de que não fomos demasiado extensos na composição destas Memorias, não manifestando em nossa tarefa má vontade contra classe ou pessoas, nem desenvolvendo parcialidade, pomos termo a ella, lisongeando-nos de que não foi inutil á patria, porque é serviço transcendente dar base sólida a seu renome e credito Nesta ultima, cujo assumpto sublime póde considerar-se a pedra angular do edificio que levantámos, é exaltada a gloria do nome portuguez inseparavel da de seus Monarchas, e a Inauguração do famoso Monumento que perpetúa a memoria do sabio Governo de tão inclito Soberano, e a Administração verdadeiramente phylosophica do seu Ministro, cuja imagem, além da magestade do objecto, ennobrece o Monumento, e é um mudo pregoeiro daquellas inclitas acções, apparecendo, assim como o fôra em vida, depois de extincto, invencivel Alcides que sustentára sobre seus hombros o enormissimo pêso dos destinos nacionaes, e mostrando-se sempre activo, vigilante, illustrado e patriota no meio dos maiores perigos, sendo um exemplo incontestavel de quanto póde influir um só homem na ventura dos povos, quando tem por unico alvo o bem publico, não vai apoz chimeras e vizões, applica um systema governativo bem combinado, nega-se a adoptar como principios salutares theorias vãs, e quasi sempre perniciosas, de que resulta a decadencia e ruina dos Estados mais florecentes, e além de crear, se concebe e effectua reformas, consulta os verdadeiros interesses da sociedade, em vez de satisfazer vinganças, caprichos e ambição.

(**) A nossa Estatua tem 34 palmos no seu total, e o seu Pedestal 47½, e a de París, sem tractar do Pedestal, 24 sómente

Na Imprensa Nacional. 1839.